

SHONA MACLEAN



A REDENÇÃO DE ALEXANDER SEATON

Romance



"Uma provocante recriação histórica."
THE GUARDIAN





Shona MacLean

A REDENÇÃO DE
ALEXANDER
SEATON

Tradução de
VERA WHATELY



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

Shona MacLean
A redenção de Alexander Seaton
Tradução de Vera Whately
Editora Record — Rio de Janeiro • São Paulo
2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

MacLean, Shona, 1966-

M145r A redenção de Alexander Seaton / Shona MacLean; tradução de Vera Whately. -
Rio de Janeiro: Record, 2012.

Tradução de: *The redemption of Alexander Seaton*

ISBN 978-85-01-08359-3

1. Escócia - História - James VI, 1567-1625. 2. Professores - Escócia. 3. Romance inglês. I.
Whately, Vera. II. Título.

11-5135

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Título original em inglês: *The redemption of Alexander Seaton*

Copyright © Shona MacLean, 2008

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica: Abreus System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ • 20921-380 • Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-08359-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

À memória dos meus pais
Gilleasbuig MacLean
e Margaret Jane Farquharson MacLean

Prólogo

Banff, 26 de março de 1626. 10 horas

A mais jovem das duas prostitutas vasculhou os bolsos do homem com dedos hábeis e praguejou em voz baixa. Nada.

— Deixe-o então — disse sua irmã. — O delegado chegará a qualquer momento.

Mary Dawson virou o homem, colocando-o novamente de bruços. Ele gemeu e vomitou; ela xingou-o mais uma vez quando ele vomitou bile em seu sapato.

— Porco! — disse, chutando-o. O vento fez um barril passar rolando por elas, rua abaixo, e bater contra um muro. Em algum lugar, um cachorro começou a uivar loucamente.

— Deixe-o! — insistiu a irmã.

Mary afastou-se do corpo caído na sarjeta enlameada. Janet tinha razão: não ganhariam nada naquela noite e em 15 minutos poderiam estar longe daquela tempestade. Deu o braço à irmã, pronta para voltar para casa, quando tomou um susto. Uma mão erguida do chão segurou-a pelo tornozelo e ela ouviu uma voz moribunda.

— Me ajude — disse ele.

Sem conseguir se livrar, Mary olhou para a irmã em silêncio, apavorada. Janet levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio, e aproximou-se do homem. Esquecendo-se das suas roupas, já imundas, ajoelhou-se na sarjeta e falou ao ouvido dele.

— O que disse?

As palavras saíram com mais dificuldade.

— Me ajude! — ele repetiu. Outra convulsão dominou seu corpo e ele soltou o tornozelo de Mary enquanto seu rosto afundava na lama.

Janet Dawson olhou para a irmã, que balançava a cabeça.

— Ah, não, não podemos! Há algo errado com ele, não é apenas um bêbado. Não sabemos quem pode ser... O delegado deve estar chegando e nos levará.

— Não podemos deixá-lo assim... — disse Janet.

— Por favor! — pediu a irmã. — Eles nos levarão presas. É melhor irmos embora...

— Ele morrerá durante a noite se o deixarmos aqui.

Mary olhou para aquele corpo ainda em convulsão aos seus pés.

— Ele já parece morto. — O sino da Câmara,¹ acima do relógio, começou a bater as horas e ela se apressou: — São 22h, a polícia... Vamos embora! — Mas sabia que não adiantaria dizer nada.

Janet Dawson, ajoelhada no chão, colocou o braço esquerdo do homem em volta do pescoço e olhou para a irmã.

— Então? Terei de fazer isso sozinha?

Aos poucos as duas o levantaram, mas ele não tinha forças; seu corpo estava quase que totalmente paralisado. Elas carregaram e arrastaram aquela carga pelo calçamento de pedra do Water Path em direção à antiga escola. O vento jogava seus cabelos nos rostos e a chuva penetrava nas suas roupas finas. A cabeça do homem alternava-se, caindo para um lado e para o outro. Ele se forçou a falar, mas as palavras, que saíram com dificuldade, perderam-se na escuridão enquanto a tempestade dominava a noite.

Foi fácil abrir o trinco do portão que dá no quintal aos fundos da escola e elas entraram, arrastando o homem pelos últimos metros da jornada. Uma rajada de vento fechou o portão e bloqueou a luz que vinha da rua. A escola estava absolutamente escura; nenhuma luz, de lampião ou de vela, era vista pelas frestas das cortinas que se

elevavam até três andares acima da rua estreita. Não se ouviam sons nos fundos da escola, nem ruídos de animais assustados, nem batidas na porta.

Minutos depois, elas saíram por onde entraram, deixando o homem para trás.

— Você acha que o encontrarão? — perguntou Mary.

— Sim, eles o encontrarão.

— A tempo?

Janet estava exausta, ansiosa para descansar e sair daquela tempestade.

— Isso não posso dizer, mas fizemos o que podíamos. Agora ele está nas mãos de Deus. — Trancaram o portão e andaram rapidamente pelo Water Path. Ao virarem à esquerda, Janet olhou para trás. Ela não se enganara: estavam sendo observadas. Uma figura encarou-a por um instante e desapareceu na escuridão. Janet não contaria a Mary o que vira até que estivessem seguras em casa; talvez fosse melhor nem contar.

¹ Câmara: prédio reservado para a administração do burgo, pagamentos de impostos e reuniões da assembleia. Os andares superiores constituem uma torre que funciona como a cadeia do burgo. (N. da T)

1

A tempestade

Banff, duas horas antes

A velha levantou a vela para me observar melhor.

— Não está pensando em sair hoje, está?

— Estou sim, minha senhora.

Ela me encarou com um olhar que eu conhecia bem.

— Em uma noite como essa, nenhum homem honesto sai de perto da lareira.

— Certamente, minha senhora — eu falei. — Mas como a senhora sempre diz, não sou um homem honesto. — Peguei o chapéu e, sem me despedir, saí na terrível tempestade.

O vento, que no meu quarto, no sótão na velha escola, uivava pelas frestas e fendas como uma legião de harpias, transformou-se, do lado de fora, na ira implacável de Deus. Sequer era possível manter um lampião na mão e todas as janelas estavam fechadas contra as rajadas de vento. O mar batia enfurecido na murada do porto e fiquei ensopado com os respingos de água. Não havia uma única luz no burgo de Banff para iluminar o caminho de um homem decente. Quanto a mim, conhecia muito bem o meu caminho. Puxei minha grande capa de pele para mais junto do corpo, apertando-a. Todos os tipos de imundície passavam por mim nas sarjetas abertas que desciam para o mar. Muita sujeira podia ser eliminada em uma noite como essa e, no dia seguinte, as ruas estariam limpas. Fiquei contente por estar tão escuro.

Um pouco adiante, apenas a 10 metros, fica a igreja de St. Mary e a hospedaria do mercado — uma oferecia redenção e a outra, condenação. Houve um tempo em que acreditei saber diferenciá-las. Agora, não mais. No jardim da igreja, virei à direita e abri a porta da hospedaria.

Jaffray estava lá, é claro. Charles Thom estava sentado do outro lado da mesa, mas não levantou a cabeça quando eu entrei, apesar da violenta rajada de vento que passou pela porta junto comigo, fazendo com que as cortinas balançassem e as janelas tremessem. Os estivadores, ao lado da lareira, levantaram os olhos, mas não vendo ninguém interessante voltaram sem comentários aos dados. Em um canto escuro, longe do fogo, estava James Cardno, um dos principais membros da assembleia paroquial do burgo. Minha chegada mereceu apenas um pequeno sorriso de satisfação dele. Cardno era os olhos e ouvidos do delegado Buchan que, por algum descuido de Belzebu, não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Imaginei que alma infeliz ele estaria visitando naquela noite infernal.

Jaffray me cumprimentou quando me aproximei da mesa.

— Que noite horrível, Alexander!

— Realmente, doutor — respondi sentando-me ao seu lado, como de hábito.

Charles Thom nada disse; continuou de cabeça baixa olhando seu copo de cerveja. É melhor não mexer com tal infelicidade, mas Jaffray estava decidido a tirá-lo dessa condição. Virou-se para mim e disse:

— Charles não está de bom humor hoje, Alexander. Sofri para tentar tirar duas palavras dele na última hora. — Levou o cachimbo à boca. — Já foi mais fácil!

O jovem professor da escola de música do burgo¹ levantou os olhos.

— O que quer que eu diga? Que é uma noite terrível? Que a cerveja está boa? Que meus alunos cantaram bem hoje? Que a igreja estava fria ontem e provavelmente também estará amanhã? Pode escolher, doutor, por favor. — Baixou os olhos e voltou a contemplar a cerveja.

Olhei para Jaffray, intrigado.

— Marion Arbuthnott — ele respondeu não tão baixo e, depois, um pouco mais alto — e o sobrinho do nosso bom intendente,² um rapaz interessante.

Isso bastou para tirar Charles de sua apatia.

— E o que, precisamente, ele tem de tão interessante? Ter viajado? O senhor também viajou, doutor.

Jaffray levantou a sobrancelha, bondoso.

— E não acha que isso me torna mais interessante? Posso garantir que eu era mais idiota do que Cardno antes de sair em minhas *peregrinatio*.

Ao ouvir isso, Charles sorriu e controlei-me para não rir alto, consciente do olhar severo de Cardno, que queimava minhas costas. O vento continuava a uivar através das cortinas e a descer pela grande chaminé da hospedaria, abafando as conversas no salão da Sra. Johnston. Entre discussões ocasionais sobre os jogos, os estivadores ponderavam, desanimados, sobre a probabilidade de a tempestade diminuir até o final da semana. Nenhum navio ancoraria num clima como aquele ou conseguiria sair. Sem trabalho, não haveria pagamento. A situação era a mesma ao longo de toda a costa.

— O bolso deles estará vazio antes do final da semana — disse Jaffray, fazendo um sinal para Anne Johnston servir mais uma rodada de cerveja.

— Ficarão com pouco dinheiro — disse Charles sem levantar a cabeça da caneca.

— É? Com quem você andou falando?

— Com John Barclay — respondeu Charles. — O garoto canta como um anjo, mas não tem um par de sapatos para calçar. Em outra época e em outro lugar, teria uma vaga no coro de uma catedral, cantaria nas missas fúnebres dos nobres, mas aqui, neste nosso bendito burgo...

— Ele está livre dos tentáculos dos idólatras e pode contar com a caridade cristã do povo de Deus e da igreja para ter comida na sua barriga e um casaco sobre os ombros.

Charles olhou para o médico sem entender, mas ele apertou os lábios e dirigiu o olhar de Charles até Cardno.

— Amém! — disse Charles compreendendo no mesmo instante e substituindo sua máscara de aceitação pelo rosto subversivo e divertido que reservava para mim, Jaffray e poucos outros. Como professor da escola de música, não recebia salário algum, apenas as mensalidades dos alunos que podiam lhe pagar. Mas, como gratificação por seu trabalho, o que lhe permitia se sustentar, foi compelido a liderar o coral da igreja, cantando os Salmos, tudo para a grande edificação dos moradores locais. Eu sabia que seu olhar de infelicidade completa enquanto cumpria essa tarefa se originava de uma profunda falta de interesse pelos sentimentos que era pago para entoar e por sua aversão intensa ao frio. Mas, para os participantes do conselho de magistrados do burgo e da assembleia paroquial com tendências presbiterianas, a conduta de Charles era tão condizente com a deles que o próprio John Knox não os teria agradado tanto.

As ambições do meu amigo eram simples: ser deixado em paz com sua música. Sua despreocupação com a sua alma me angustiara muito antes da minha própria queda. Porém, ao longo daquele ano, Jaffray e eu observamos nele uma alteração de espírito, daquelas que ocorrem quando um homem percebe que não deseja mais estar sozinho. Edward Arbuthnott, o boticário de Banff, em cuja casa Charles alugava um quarto, tinha uma filha por quem, segundo

Jaffray, Charles se apaixonara. Mas ele, assim como eu, não tinha grandes perspectivas de melhorar de vida e, apesar de Edward Arbuthnott não ser um homem ambicioso, estava tão disposto a aprovar o casamento da sua filha com Charles quanto James Cardno a me oferecer uma cerveja.

Engoli um pouco do vinho que Anne Johnston me serviu e perguntei casualmente:

— Então você acha que Marion está entusiasmada com o recém-chegado?

Charles olhou-me com raiva.

— A mãe dela decerto está! Para aquela velha magricela, Patrick Davidson é uma bênção dos céus. O velho Arbuthnott ainda tem muitos anos pela frente, mas sua esposa não consegue vê-lo sem imaginar os sete palmos da terra do cemitério da igreja empilhados sobre ele e ela e a filha morando na rua. A velha casará Marion com Patrick assim que ele terminar seu aprendizado e Arbuthnott pode cair morto no dia seguinte que ela não se importará.

Não era difícil acreditar nisso e não adiantaria discutir com Charles; até Jaffray percebia isso. A ideia de Marion Arbuthnott casar-se com o aprendiz do pai e manter o negócio da família era evidente. Ela não tinha irmãos e sua mãe não seria capaz de conduzir o estabelecimento.

— E Marion? O que ela pensa?

Ele hesitou.

— Quem pode saber? Creio que ela não seria contra...

— Ah, Charles!

Charles olhou para Jaffray.

— Não, doutor, creio que estou certo. Desde que Patrick Davidson veio morar com os Arbuthnott, eu mal a vejo e falo com ela ainda menos. Durante as refeições, ele nos conta histórias das suas viagens. Fala da França, dos Alpes e do que restou do Império Romano. Ele é um bom contador de histórias, devo admitir. E fala

sobre a guerra — disse em voz baixa —, conta-nos os horrores do conflito.

O aprendiz de boticário não foi o primeiro a voltar àquela esquina da Escócia com relatos da brutalidade, da fome, dos saques e das doenças que devastavam todo o Sacro Império Romano. Filhos, irmãos e amigos deixaram nossa costa para lutar a favor ou contra o Império e nunca voltaram. Os pedidos frequentes da igreja para ajudarmos nossos irmãos que sofriam lá fora mantinham viva a situação em mentes que talvez preferissem esquecer. Eu sabia que era o que acontecia com Charles e que as histórias de sofrimento que ouvia de Patrick Davidson, com quem agora dividia o sótão da casa do boticário, gravaram imagens na sua cabeça sobre as quais ele não falaria ou sequer reconheceria. Procurou mudar de assunto.

— Então, à noite, ele é o grande herói enquanto eu posso apenas tocar minhas músicas... metade delas proibidas pelo ministro e pela sua divina irmandade. E, durante o dia, enquanto uso meu talento para arrancar melodias dos meninos do burgo ou morro de frio naquela igreja, ele passeia com Marion pelos campos, colhendo frutinhas, plantas e Deus sabe o que mais para os xaropes e unguentos do boticário.

Jaffray pôs a mão no seu braço em sinal de alerta.

— Cuidado com o que diz, Charles... Isso já foi comentado na assembleia e os ouvidos de Cardno estão atentos a todas as suas palavras.

O outro se tornou sério.

— O que o senhor ouviu?

— Há quem suspeite da virtude de todas as mulheres solteiras — o médico acrescentou em voz baixa —, para não falar nos caçadores de bruxas.

Vi as brasas de um medo antigo brilharem nos olhos de Charles Thom e ele teve o bom senso de calar-se. Sabia que Jaffray não era fofoqueiro, mas a cama dos doentes era o lugar ideal para se saber

de tudo. Ao médico, nada escapava. O aviso fora dado e seria ouvido. No barulho da tempestade, o sino da Câmara tocou quando o relógio da cidade chegou às 21h; Charles tomou o resto da sua cerveja.

— Agora, cavalheiros, preciso ir. Essa não é uma noite para corações que sofrem. — Pegou seu chapéu e sua capa e saiu, sério, sem responder ao boa-noite pouco audível de Cardno.

A porta se fechou atrás de Charles, e pude observar o médico em um dos seus raros momentos de descanso. Os cabelos grisalhos e curtos mostravam seus 50 anos, mas as sobrancelhas ainda eram escuras e os olhos, alertas; para mim, ele tinha a força e o vigor de um homem com metade da sua idade. Talvez eu visse apenas o que queria ver. Conscientes do interesse de Cardno na nossa conversa, bebemos o vinho em silêncio até que uma discussão acalorada junto à lareira, sobre uma jogada de dados suspeita, permitiu que voltássemos a falar, baixo.

— Eles realmente falam em bruxaria?

— Estão sempre vigilantes. O novo rei mostra menos interesse no assunto do que seu pai, mas ainda assim é um mal e duvido que seja cortado um dia.

Eu sabia que Jaffray falava da avidez pela caça às bruxas mais do que dos antigos feitiços e poções pagãos. Para muitos dos meus concidadãos, não havia infortúnio que não pudesse ser atribuído ao agenciamento diabólico de outro. Quando as consequências da ignorância, do descuido, da loucura e da preguiça não podiam ser imputadas a um estranho, era possível culpar algum vizinho sem amigos. As pessoas vulneráveis e solitárias eram alertadas a não chamar atenção em tempos difíceis.

— E a assembleia não vê que a filha do boticário e o aprendiz têm uma boa razão para colher plantas? — Algo na expressão do médico me fez hesitar. — Ou há algo mais?

Jaffray suspirou profundamente.

— Nas mentes podres da assembleia, há sempre algo mais. Se Marion Arbuthnott for descoberta como qualquer coisa abaixo de pura e virtuosa, há pessoas o bastante nesse burgo para certificarem-se de que ela pague por isso. Que um jovem saudável e uma moça bonita passem sozinhos sem se render a desejos carnis é mais do que nosso delegado e seus comparsas podem conceber.

Olhei, por algum tempo, os restos de vinho no fundo da taça de estanho.

— Talvez tenham razão, não sei dizer.

Jaffray não concordou comigo.

— Não é assim que um jovem deve viver, Alexander. Você deve desistir dessas lembranças.

— Não consigo, doutor, elas não me largam.

— Então fuja, ou elas o envenenarão. Conheci outros homens, bons homens, que não se desfaziam dessa amargura; hoje estão velhos, suas almas estão mortas. Fuja dessas lembranças, Alexander.

— Não posso, não tenho para onde ir.

Havíamos falado o que queríamos, então nos mantivemos em silêncio por algum tempo. Mas, longe da sua lareira, o médico não se sentia confortável com silêncios. Pediu mais vinho à dona da estalagem e voltou à nossa conversa anterior como se não tivesse havido pausa.

— Além do mais, não creio que Marion esteja completamente perdida para nosso jovem professor de música. Quanto mais sua mãe a empurrar para Davidson, mais ela se interessará por Charles

— disse, dando de ombros. — É assim com as mulheres. Minha própria esposa querida, que Deus a tenha, somente concordou em se casar comigo porque sua mãe não tolerava sequer a menção do meu nome.

Eu sabia que essa era uma das mentiras mais autodepreciativas e convenientes de Jaffray. Quando ele voltou de Basileia para seu burgo natal há quase trinta anos, com um diploma de medicina na

mão, o *summa cum laude* da sua láurea estava nos ouvidos de todos, e todas as mães de Banff punham as filhas no seu caminho. Ele pôde escolher à vontade, e escolheu, como sempre me dizia, a mais linda e delicada flor. Durante 13 anos, ele viveu com seu grande amor, apesar de sofrerem com repetidos abortos, até o último filho perdido levá-la embora junto. Jaffray não tentou se casar novamente, e eu sabia que nunca o faria.

— A mãe de Marion é uma mulher formidável, de qualquer forma; não será fácil para Charles. Eu ainda não conheci o aprendiz: ele não vem beber aqui à noite — falei.

— Há atrações melhores do que você e os estivadores?

— Talvez! Ele não precisa sair de lá e eu não tive motivo para recorrer ao boticário desde que você partiu para o sul, então não nos conhecemos — eu disse rindo.

— E ainda não foi convidado para participar dos jantares do intendente?

A pergunta era uma brincadeira. Eu duvidava que o intendente desejasse encorajar uma amizade entre mim e seu sobrinho, Patrick Davidson, e o médico sabia muito bem que não. E que eu não me importaria com isso.

— Não posso acreditar que ainda não o tenha conhecido, doutor! Você já retornou de Edimburgo há quase dois dias.

— Sim, e deveria ter voltado antes. Aquele lugar é cheio de ministros e nenhum deles sorri. Eles espalham sua infelicidade como uma praga silenciosa; espero em Deus que não ponham os pés aqui. O reverendo Guild faz todo o alarde que deseja aqui em Banff, mas ao menos sabemos que ninguém lhe dá ouvidos. — Cardno mexeu-se na cadeira e Jaffray sorriu, malicioso. — Tão cedo não me aventurarei por lá outra vez. Quanto ao aprendiz do boticário, eu esperava conhecê-lo na noite passada na casa do intendente, mas ele não apareceu. Uma pena, pois teríamos muito para conversar. — Ficou em silêncio por um instante e depois voltou do seu devaneio

quando uma ideia lhe veio à cabeça. — Mas é claro: eu o convidarei para jantar amanhã à noite e você virá também, Alexander. Como ele chegou recentemente do continente, poderá nos dizer como estão as coisas. Sofro quando penso no que você nunca viu, no que talvez nunca veja: as grandes catedrais e as cidades destruídas por essa guerra insana. Abismos que seus professores divinos de Aberdeen não conseguiram preencher. — Depois acenou com a cabeça. — Mas Patrick Davidson e eu os preencheremos para você, dissecaremos o continente até os ossos. E tenho uma carne de cervo muito boa guardada para a ocasião.

— Está tratando do senhor de Banff novamente? — Eu sabia que Jaffray o atendia frequentemente, pois ele não conseguia, como seus pares, manter-se longe de disputas e de lutas de espada.

O médico se aproximou de mim com um sorriso conspirador e um olhar cauteloso na direção de Cardno.

— Na verdade, não, mas um dos seus funcionários ficou muito grato pela minha assistência quando expeliu uma pedra há pouco tempo. — Sentou-se, satisfeito com a noite que criava na sua cabeça.

— Sim, tenho de buscar alguns unguentos com Arbuthnott amanhã e conseguirei me apresentar ao jovem Davidson, que estará sentado à sua frente, na minha mesa, às 19h de amanhã. Terá terminado suas tarefas a essa hora?

— Sim. — Nos meses de verão, agradava ao conselho do burgo e a quase todos os moradores de Banff que meus alunos e eu ficássemos na escola das 7 às 18h. No inverno, quando as noites começaram a chegar mais cedo, nossos bons magistrados eram tomados de alguma piedade e bom senso e permitiam que as crianças chegassem à escola às 8 e saíssem às 17h. Ainda assim, eu sabia que nos meses mais frios muitos deles tinham de fazer parte do seu percurso na escuridão, sem uma capa sobre suas costas ou sapatos apropriados. Se não fosse por Jaffray e por outros poucos como ele, haveria muito mais crianças nessa situação. Meu amigo

praticava o que outros pregavam. Sua riqueza, dizia, era gasta em ações beneficentes e, na vida, ele devolvia a Deus o que era de Deus. Uma vez disse-me que como o Senhor havia levado todos os filhos que lhe concedera, ele se propôs a cuidar dos que eram abandonados. Muitos órfãos e filhos de pessoas pobres de Banff deviam sua educação à imensa piedade de James Jaffray. Um deles era Charles Thom.

— Charles também jantará conosco?

Jaffray olhou-me, desanimado.

— Alexander, juro que nunca vi um homem tão inteligente ter tão pouco bom senso como você. Por que eu retiraria Patrick Davidson da mesa de Arbuthnott amanhã à noite se não fosse para dar a Charles uma chance? Pararei na escola de música amanhã, quando voltar da botica, e darei a boa notícia ao nosso amigo, para que ele possa se preparar. Talvez até lhe dê alguns conselhos.

— Você deve começar aconselhando-o a deixar de lado a cara amarrada que tinha hoje à noite.

Jaffray concordou vigorosamente.

— Tem razão, em alguns momentos dava mais prazer olhar para Cardno do que para ele.

Antes que parássemos de rir, ou que Cardno demonstrasse sua fúria evidente, a porta da estalagem se abriu e o cavaleiro de Jaffray entrou, devidamente ensopado. A urgência no seu rosto eliminou nossos risos.

— Doutor, o senhor precisa vir! *Lady* Deskford entrou em trabalho de parto em Findlater e lorde Deskford pede que o senhor vá urgentemente.

Jaffray bebeu o último gole de vinho enquanto se enrolava na capa.

— Pelo amor de Deus, logo numa noite como essa!

Eu tentei detê-lo.

— James, isso é uma loucura! Você não chegará em Findlater hoje à noite. — O castelo de Findlater era de difícil acesso, incrustado numa rocha a 25 metros de altura, e ficava a 15 quilômetros de Banff; de lá se avistava Sutherland, Caithness e além. Um local tão isolado que era praticamente inabitável. Lorde Deskford construiu para a família uma bela casa em Cullen, mas sua mãe se recusou a sair do castelo e insistiu que a nora ficasse com ela.

O médico tirou minha mão do seu ombro enquanto o criado lhe passava seu chapéu ainda molhado.

— Se eu não conseguir, Alexander, ela também não conseguirá. Seu último parto quase a matou. Está na hora do lorde Deskford arranjar uma amante e deixar essa moça em paz. — Partiu sem olhar para trás, deixando-me em um silêncio surpreendente, salvo pelo ruído inconfundível de James Cardno engasgando com sua cerveja aguada.

Fiquei ali por meia hora e ninguém me incomodou. Com pouco o que lhe interessasse, Cardno partiu pouco depois, deixando-me em paz com meus pensamentos. O que gastei bebendo na hospedaria teria sido mais bem aplicado comprando lenha para acender minha lareira sempre apagada. A Sra. Youngson desistiu de repetir isso: eu era uma causa perdida. Nove meses atrás, eu não pensaria em passar minhas noites bebendo. Talvez fosse aceitável para James Jaffray ou Charles Thom, mas não para o ministro da Igreja da Escócia que eu pretendia ser. Agora, dava no mesmo beber aqui ou ficar sentado junto à minha lareira, pois eu não tinha mais propósitos. E como viver assim? Pedi outro copo de vinho e o bebi rapidamente. Se a tempestade ainda estivesse forte, eu mal sentiria.

Fora da hospedaria, fiquei feliz, como sempre, por o percurso até a escola ser curto. Apesar da hora e da severidade implacável do vento e da chuva, havia outras pessoas na High Shore. Mesmo numa

noite como essa, algumas mulheres procuravam ganhar a vida. O conselho e a assembleia afirmavam não tolerar prostituição em sua jurisdição, mas Mary Dawson e sua irmã Janet sabiam muito sobre muitos deles para sofrer qualquer pena. Discricção era o que os guardiães da estabilidade e da moral do nosso burgo pediam em troca. Sob a marquise do jardim da igreja, elas me chamaram.

— Sr. Seaton, não gostaria de algo para aquecer-se nessa noite terrível? Sua cama deve estar muito fria!

O justificável estado de choque da Sra. Youngson, caso ela descobrisse uma das prostitutas da cidade ou qualquer outra mulher na minha cama, quase me fez considerar o convite. Quase.

— Como sempre, senhoritas, não consigo me decidir por uma de vocês e não lhes seria rude por nada desse mundo.

Janet replicou com sua voz sedutora.

— Ninguém está lhe pedindo para escolher, Sr. Seaton. — E as duas começaram a rir.

Esse convite me fora feito mais de uma vez e eu não tinha intenção alguma de aceitar.

— Vocês me deixariam falido — eu disse, jogando para elas a última moeda que me restava no bolso.

— O senhor é o único homem decente em Banff, Sr. Seaton... — O resto das suas palavras perdeu-se no vento quando apertei o passo e o calor do vinho e da hospedaria me guiaram para casa.

Ao me aproximar da escola, notei um estranho do outro lado da rua, ao lado do Water Path. Ele levantou a mão, como que para me cumprimentar, mas perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos. Disse algo quando tentou erguer o corpo, mas não esperei para ouvir. A lembrança do Bom Samaritano pesou na minha consciência, mas eu já chegara em casa, mais de uma vez, em situação pior do que a dele e em noites piores do que aquela. Chegar à minha cama era uma preocupação maior do que ajudar um estranho. As boas irmãs de certo o roubariam se ele não tivesse gastado todo o seu dinheiro em

bebidas naquela noite, mas ao menos o abrigariam. Andei pela lateral da escola, entrei, fechei o portão e deixei o sujeito entregue ao seu destino.

Como sempre a essa hora, a escola estava entregue à escuridão. Meus olhos tinham prática em ver através do brilho da noite. Olhei minha sala de aula quando passei por ela. Os bancos velhos e desgastados ecoavam, para mim, as encarnações dos fantasmas de alunos que passaram por ali, inclusive eu. *Amo, amas, amat... amo; amo; amo*. Tudo estava vazio e quieto. O fogareiro estava frio, mas eu sabia que John Durno se lembraria da sua obrigação de zelador e o acenderia antes que eu descesse, em algumas horas, para meus serviços.

Trinta e sete degraus na escuridão até o alto da casa e o meu quarto pequeno e pouco mobiliado. Encontrei a cama sem ajuda de um lampião ou vela, como fiz muitas vezes desde aquela noite, no verão passado, quando finalmente voltei da reunião do presbitério em Fordyce, depois de muito vagar pela região. Não seria um ministro então, jamais seria, eternamente condenado aos meus serviços como professor. O jantar comemorativo da Sra. Youngson ficara intacto e frio sobre a mesa e foram os ratos que o comeram. Agora não havia necessidade de estudar grego, hebraico e siríaco até tarde. Não era preciso gastar óleo para manter meu lampião aceso, então ele permanecia apagado. Porém, todas as noites eu rezava, tentando encontrar Deus, tentando encontrar a fé. Mas, como sempre, esse lugar estava vazio. E eu não sabia aonde mais ir. O afastamento de Deus me impedia de justificar meu lugar no mundo, a não ser recomeçando do zero. E esse recomeço era sempre deixado para o dia seguinte.

Meu sono era profundo e sem sonhos, e eu raramente percebia a passagem da noite para o dia. Naquela noite, porém, o movimento intermitente das cortinas permeou minha consciência e eu puxei as cobertas para mais perto do meu corpo. Quando os primeiros raios

de luz atravessaram a janela do sótão, a batida tornou-se mais insistente e, aos poucos, reconheci meu nome ser chamado com urgência cada vez maior. Era a minha senhoria.

— Sr. Seaton, Sr. Seaton, pelo amor de Deus, acorde! Patrick Davidson está morto na sua sala de aula! Sr. Seaton...

¹ Burgo: vila ou aldeia dependente de uma cidade maior, no caso, Aberdeen. (N. da T.)

² Intendente: cargo de maior projeção em um burgo, correspondente ao atual prefeito. (N. da T.)

2

O rosto do morto

E era verdade. O odor chegou às minhas narinas antes dos meus pés tocarem a base da escada. A Sra. Youngson esperou-me pegar minha capa e jogá-la por cima dos ombros e guiou-me pela escada, à luz da sua vela; quando chegamos à porta da minha sala de aula, parou como se não quisesse chamar a atenção da Morte. Passei por ela e entrei na sala mal iluminada. As janelas que davam para o oeste e que ofereciam alguma luz aos meus alunos na maior parte do dia se mantinham fechadas. A única vela encontrava-se do outro lado da sala, na mão do seu marido, Gilbert Grant, meu amigo e mestre de gramática em Banff. Ele foi professor de todos os alunos que aportaram na cidade nos últimos quarenta anos, mas atualmente eu assumia cada vez mais suas funções conforme a velhice o alcançava. Levantou os olhos para mim e disse, triste:

— O rapaz está morto, Alexander, está morto.

Sua esposa, ainda na porta, acrescentou:

— Mande chamar o Dr. Jaffray.

Sacudi a cabeça lentamente.

— Jaffray não está aqui. Teve um chamado na noite passada para ir a Findlater... — Não adiantaria continuar... Pude ver que há horas ele não poderia fazer mais nada por Davidson. Seu corpo sem vida estava debruçado sobre a minha mesa; a cabeça virada de lado, sobre seu próprio vômito, indicava uma estranha fatalidade. O braço esquerdo estava esticado para frente, com a palma da mão para cima, num último esforço inútil para apoiar a cabeça; o direito estava

pendurado de lado, com algumas folhas pequenas da grama, vista no vômito à sua frente, ainda agarradas entre seus dedos. Não cheguei a conhecer o aprendiz do boticário, mas sabia que aquele corpo, a menos de oito metros de mim, era o mesmo que o do homem que eu abandonara à sarjeta na noite anterior.

Soube desde o momento em que saí da cama. Deus começara um novo jogo comigo.

Grant e eu ficamos em uma vigília triste enquanto esperávamos a chegada daqueles que precisavam ser informados dos acontecimentos. O menino incumbido de buscar Jaffray foi mandado ao delegado e aos dois policiais da cidade. Uma criada foi encarregada de chamar o reverendo Guild. O médico e o ministro: um impotente para ajudar neste mundo e o outro, impotente para ajudar no próximo. Os pecados de Patrick Davidson lhe seriam imputados independentemente do que o Sr. Guild fizesse.

— Ele era um rapaz bom — disse Grant sorrindo para mim. — Um rapaz bom e brilhante. Como você. E estava sempre sozinho, como você estaria se não fosse a companhia do Sr. Hay. — Ele não dizia isso por mal, era a verdade. Gilbert Grant me conhecia há mais tempo do que qualquer pessoa e não precisávamos de hipocrisias entre nós. — Mas minha memória está falhando, Alexander. Vocês estudaram juntos quando eram meninos?

— Creio que não, eu provavelmente estava entrando na faculdade quando ele terminava suas aulas na escola de música. Minha mãe pode ter mencionado o seu nome, porém, nas minhas férias, eu ficava mais em Delgatie do que aqui. E, quando vinha para casa, achava-me muito superior e não dava atenção para os meninos mais novos.

Os olhos de Grant brilharam com um sorriso triste.

— É sempre assim: o jovem universitário retorna ao seu burgo natal importante demais para ver de onde veio. Você não foi o primeiro a sair sem intenção de retornar.

Ele tinha razão: outros como eu foram embora antes de mim e somente retornaram vários anos depois. Mas a minha volta foi diferente. Nove meses atrás, eu voltei. Era um acadêmico laureado, a aprovação do meu professor de teologia brilhava no papel à minha mão. Fui considerado conhecedor das línguas bíblicas, proficiente nas polêmicas e na história eclesiástica e sólido nos assuntos de fé e doutrina. Faltava apenas uma sexta e última prova diante da irmandade e dos ministros do presbitério; ela constava de um sermão para eles e para os fiéis, que fosse aprovado por ambos. Fiz o sermão na igreja de Boyndie, que me queria como ministro, tendo como texto Miqueias, capítulo 7, versículo 9:

“Devo carregar a ira de Javé, porque pequei contra ele, até que ele julgue a minha causa e restabeleça o meu direito; e me fará sair à luz, e eu contemplarei a sua justiça.”

Como o meu sermão sobre esse texto poderia ser aprovado? Ainda assim, foi. Eu, que havia vivido uma vida abençoada, que ainda não conhecia a indignação do Senhor, que ocultava meu pecado até de mim. As palavras deveriam ter ficado presas na minha garganta pela vergonha, mas não ficaram. Meu sermão foi bem recebido pelos fiéis e pela irmandade. É verdade que o reverendo Guild de Banff fez uma ou duas objeções, sem maiores consequências e consideradas irrelevantes. Mais tarde, no presbitério, as palavras que teriam me permitido abrir a boca para pregar como ministro da Igreja da Escócia estavam nos lábios do moderador quando a entrada súbita na igreja de Alexander Hay, senhor de Delgatie, pai de Archie e benfeitor dos meus estudos no colégio e na faculdade, fez com que todos se calassem. Diante de toda a irmandade, ele declarou sua oposição fervorosa à minha

aceitação como ministro e denunciou-me como um homem devasso e imoral, inadequado para uma função tão religiosa. Declarou também que meu pecado não podia ser apoiado por homens honestos e implorou que o presbitério não me considerasse para a função de ministro. Naquela tarde brilhante e clara de junho, em Fordyce, naquele lugar antigo e sagrado, meu mundo começou a ruir. O moderador, Sr. Robert Dun, ministro de Deskford, um homem justo e bom, recusou-se a me condenar em razão das palavras de um homem; ainda me lembro dos seus olhos amáveis quando se virou para mim e ofereceu o púlpito para que eu me defendesse. Paralisado ao finalmente perceber que o senhor de Delgatie tinha razão, não me defendi e saí da igreja cambaleando como um cego que deixa um prédio em chamas. Esse foi o glorioso regresso de Alexander Seaton. Agora, diante de mim, estava Patrick Davidson. Não pude acreditar que ele merecesse tal condenação como eu mereci a minha.

— O que aconteceu, Gilbert? — perguntei.

Ele olhou para o corpo, uma corrupção da obra de Deus em uma coisa repugnante. Não era algo que pudesse ser compreendido no universo daquela sala de aula.

— Não sei — disse ele. — Realmente não sei. Talvez o médico possa nos dizer, ou o delegado, sem dúvida. Mas isso não poderia ter acontecido. Eu imaginava outra vida para ele, nunca uma morte como essa.

— Como era a vida dele, Gilbert? — perguntei.

O velho desviou os olhos do corpo e tentou se lembrar.

— Uma vida de amor — disse finalmente. — Sua vida era de amor. Seu pai, um advogado de Aberdeen, morreu quando Patrick era um bebê e sua mãe o levou para viver com a irmã dela em Banff. A irmã era Helen, a primeira esposa de Walter Watt, que ainda não era intendente, mas um comerciante próspero. Walter e Helen não tinham filhos; ela engravidava, mas não conseguia levar a termo os

nove meses de gravidez. Jaffray fez tudo o que pôde por ela, mas nenhum dos bebês sobreviveu. Creio que ela... — ele hesitou — ... creio que ela teria dado tudo para que ao menos um deles sobrevivesse. Mas não foi abençoada e isso a destruiu. Não tinha 30 anos quando morreu. Mas o menino, Patrick Davidson, filho da sua irmã, era a luz da sua vida. O casal amava Patrick como se fosse um filho verdadeiro. Ele vivia junto de Helen, quando ela ia ao mercado ou à igreja, e nos ombros de Walter quando ele supervisionava suas cargas no porto ou caminhava nos penhascos nos seus raros momentos de lazer. Porém, a mãe do menino casou-se novamente e levou-o quando seu marido, um ministro, foi chamado para cuidar de uma paróquia em Fife. Helen ficou arrasada, e morreu logo depois. Quando Patrick tinha 14 anos, matriculou-se na universidade de St. Andrews. Creio que não tenha vindo a Banff antes de se tornar aprendiz de Arbuthnott. É uma pena você não o ter conhecido, ele era um ótimo rapaz.

Tocou a testa fria do morto e silenciou. Pensava evidentemente na criança que Patrick fora e eu, no estranho cambaleante que me pedira ajuda, no moribundo ignorado como um bêbado. A vergonha crescente nas minhas entranhas talvez fosse demais para alguém que não vivia diariamente com esse sentimento. Como não encontrei palavras para confortar meu velho amigo, nada disse. Não sei por quanto tempo ficamos sentados até sermos interrompidos pela chegada da Sra. Youngson com uma tigela de mingau e leite morno para mim.

— Leve isso para seu quarto e vista-se, Alexander. O delegado e seus homens em breve estarão aqui e haverá pouco tempo para comer ou beber. — Fazia nove meses que ela não pronunciava meu primeiro nome e fiquei tão surpreso com aquela ternura inusitada que me esqueci de lhe agradecer. Subi a escada em silêncio.

Voltei à sala de aula quinze minutos depois e encontrei os oficiais do burgo e da paróquia reunidos. Na sala, fora Gilbert Grant, havia cinco pessoas: o delegado William Buchan, que se aut nomeava árbitro de todos os assuntos morais e outros problemas do burgo; os dois policiais da cidade; James Cardno, cujo relato das minhas atividades na noite anterior ainda estaria, sem dúvida, nos ouvidos do delegado; e Robert Guild, ministro de Banff e irmão de Geleis, a jovem esposa do intendente Walter Watt. Guild não era meu amigo: não o fora nove meses atrás em Fordyce e não o era agora. Mas fiquei feliz ao vê-lo ali; sua conhecida antipatia por William Buchan indicava que o delegado não teria tudo a seu jeito.

Como sempre, o delegado vestia preto, com exceção do colarinho branco. Os ombros ligeiramente caídos e os olhos sempre vigilantes lhe davam o aspecto de um corvo observando sua presa. Dirigiu-se a mim sem virar a cabeça.

— O senhor finalmente apareceu, Sr. Seaton. O mal esteve por aqui — disse olhando rapidamente na minha direção. — Esteve na rua até tarde?

— Tarde, bem tarde — respondi andando até a minha mesa de trabalho.

O delegado estava sempre atento à possibilidade — ou à probabilidade — da existência do mal em seus conterrâneos, mas eu soube, quando olhei novamente para o rosto do morto, que ao menos naquela ocasião ele tinha razão. Os olhos de Patrick Davidson estavam congelados em uma grotesca compreensão do que ocorria com ele. Não havia dúvida de que sua morte não fora natural, nem uma consequência de bebida em excesso. Alguma ação humana externa fora empregada para dar fim à sua existência terrena. Dei minha opinião:

— Veneno.

— Há pouca dúvida sobre isso — falou o delegado e os outros concordaram em um murmúrio.

O ministro, em silêncio durante algum tempo, procurou falar.

— Jaffray...? — Mas não terminou a pergunta; Gilbert Grant sacudiu a cabeça.

— Minha esposa mandou chamá-lo quando o rapaz, John Durno, encontrou o corpo, mas Jaffray não estava em casa. Foi a Findlater durante a noite, a Sra. Deskford... — Deixou cair a voz. — Teria feito pouca diferença. — Tirou com cuidado um fio de cabelo da testa do morto. — Ele já estava morto há muito tempo.

Não, Jaffray não poderia ter feito nada. Patrick Davidson pedira ajuda horas antes enquanto cambaleava nas sombras da morte, mas o homem que poderia tê-lo salvado ignorou-o. Não disse mais nada e fui ignorado por algum tempo. Cardno murmurou algo para o delegado, inaudível para nós, e ele concordou com a cabeça antes de se virar para dar instruções aos policiais, que se mantinham em silêncio junto à lareira ainda apagada. Cardno foi até a porta, seguido pelos policiais. Cumprimentou a Sra. Youngson ao passar, tendo as mãos na chave do seu cinto.

— Vamos tratar do enterro, minha senhora. Mande sua criada limpar o corpo.

A velha senhora olhou intimidada para o funcionário.

— Isso não é trabalho para uma menina, James Cardno. Se você e seus homens são muito importantes para isso, eu o farei. — E, com isso, a esposa do diretor da escola andou devagar até o quintal onde ficava o poço, mais encurvada e frágil do que nunca.

O ministro falou novamente.

— Use os melhores tecidos no caixão. Trata-se do sobrinho do intendente.

Cardno olhou para o delegado e somente prosseguiu depois que recebeu seu assentimento. O desagrado de Guild era tão impotente quanto evidente. Desde o dia e a hora em que fora nomeado para a paróquia de Banff, Buchan tornou-se seu oponente, uma sombra que o seguia por todos os lados. Eu sabia que Guild era um homem de

intelecto inferior, mais formal do que crente e com grande ambição terrena. Parecia parte do castigo justo de Deus que tal homem estivesse entre aqueles que me julgaram e me consideraram inadequado para a função de ministro. Para Buchan, foi a falta de entusiasmo de Guild ao pregar, sua indiferença no que diz respeito à disciplina da Igreja e sua ânsia para subir na vida que geraram tamanha inimizade e desconfiança. A ascendência de Buchan no conselho e sua presença constante na assembleia deram-lhe um grau de influência entre os moradores da cidade que o ministro nunca conseguiria ter. Quando Cardno e os policiais saíram, o delegado virou-se para o ministro e falou diretamente com ele.

— Não deve haver qualquer engano aqui, Sr. Guild, antes que o senhor resolva alegar parentesco com o morto. Como o senhor sabe, trata-se do sobrinho da primeira esposa do intendente, enterrada em um cemitério distante há mais de oito anos. — Dito isso, virou as costas para nós e nada mais falou.

Cerca de meia hora depois, juntei-me à pequena procissão austera, que passou por um grupo inusitadamente sombrio de moradores quando saía da escola para a casa do intendente em Castlegate. Embora fosse cedo, os rumores do que acontecera à noite corriam pela cidade e, conforme nosso cortejo seguia, no despontar do dia, ouvíamos os murmúrios da pequena multidão aglomerada em frente à escola.

— Uma grande perda para o intendente.

— Sim, e para Arbuthnott também.

— É bom ficarmos fora disso...

— Um escândalo na cidade!

— Que a vontade de Deus seja feita.

A tempestade da noite anterior se extinguiu completamente, deixando poucos vestígios além das ruas alagadas, o que tornava o

caminhar dos homens que carregavam o caixão necessariamente lento. O usual interesse mórbido causado pela passagem de um cortejo fúnebre se multiplicou quando se espalhou a notícia da identidade do homem assassinado. Olhei para o burgo: ao longo da morada do lorde Airlie, junto do antigo mosteiro carmelita, abandonado há setenta anos, e do grande muro do palácio do senhor de Banff, mais e mais conterrâneos paravam seus trabalhos matutinos. Muitos, porém, viram falecimentos acontecerem com frequência e logo seguiam em seus caminhos, para o mercado a fim de armar suas barracas, para suas oficinas ou para suas casas. Edward Arbuthnott juntara-se ao nosso grupo; achei que veria Charles Thom ao seu lado, mas ele não estava ali.

Não havia sinal de vida perto do mercado e pouco movimento no jardim da igreja, em frente. Janet e Mary Dawson não tinham muito contato com os moradores de Banff durante as horas do dia; na verdade, não tinham muito contato com as horas do dia, em si. Eu não podia acreditar que na noite passada ri com as duas prostitutas enquanto Patrick Davidson agonizava. Meu desconforto aumentava à medida que subíamos pelo Water Path e fiquei satisfeito com a distração de oferecer o braço a um colega idoso. Ele aceitou e agradeceu com um movimento de cabeça. A força da chuva na noite anterior deixara as ruas limpas. Não havia qualquer marca no lugar onde eu vira Davidson cambalear, cair, cambalear novamente e tentar se levantar. Havia um eco, no entanto, das palavras que eu não ouvira na violência do vento, mas que sabia que foram ditas. Palavras que eu ignorei: “Ajude-me.”

Quase no fim do Water Path, próximo à entrada do palácio, passamos pelo local da futura residência do ministro, a qual ele finalmente conseguira persuadir o conselho a construir. O terreno, para a surpresa geral dos moradores do burgo, fora cedido pelo intendente; era o local da sua antiga casa, da casa onde vivera antes de enriquecer, da casa que dividiu com Helen. Agora seria erguida

ali a residência do seu cunhado e sua nova esposa era considerada a responsável por essa mudança. À frente do cortejo, Guild permitiu-se um sorriso complacente enquanto Buchan se mantinha sério.

As grandes portas de carvalho da mansão do intendente estavam abertas, esperando por nós. Walter Watt e sua esposa, Geleis Guild, a irmã mais jovem do ministro, encontravam-se um pouco afastados, no fim do grande hall, ao lado da lareira apagada. O acabamento primoroso era evidente em cada aspecto da sala, desde o teto esculpido em carvalho até os ladrilhos do chão, onde em geral se utilizava madeira ou pedra. Uma grande mesa lateral holandesa estava encostada em uma parede e, em outra, um armário esculpido pelo mesmo artesão que trabalhara o teto. Os castiçais sobre a lareira, outros presos às paredes e os que desciam do teto, denotavam um trabalho minucioso e fino. Ainda assim era um lugar sombrio; apenas as cortinas necessárias, nenhum tapete ou painel para acrescentar relevo e cor, somente um quadro solitário na parede. Watt, com um ar grave, cumprimentou o delegado que, como todos nós, tirou o chapéu ao passar pela porta e disse-lhe algo que eu não consegui ouvir. O intendente concordou e aproximou-se dos que carregavam o caixão. Com um sinal de Buchan, Cardno retirou a parte de cima da mortalha, mostrando o rosto do rapaz, branco como cera, mas em paz. A esposa do intendente gemeu e caiu em um pranto inconsolável.

— É ele — disse o intendente após um longo tempo, olhando por mais um instante o rosto do sobrinho antes de confortar a esposa. Eu também gostaria de confortá-la. Conhecia Geleis desde que éramos crianças; ela sempre fora boa, além de ser bonita. Era mais querida no burgo do que o marido e o irmão.

— Foi a vontade de Deus, minha senhora — disse o delegado. — Devemos investigar quem cometeu essa maldade, mas não devemos questionar Sua vontade.

Trazendo a jovem esposa para mais perto de si, o intendente respondeu: — O senhor deve perdoar minha esposa, delegado. Ela é jovem e ainda muito sensível. Recebeu o rapaz na nossa casa e afeiçoou-se a ele, em meu nome e em nome da minha falecida esposa, e foi uma morte terrível. Uma morte terrível — repetiu, mais para si mesmo do que para nós. O delegado manteve o olhar no intendente por um instante, mas não disse nada sobre a vontade de Deus. Geleis Guild desvencilhou-se aos poucos dos braços do marido e procurou no bolso o lenço de renda com o qual secara os olhos. O intendente soltou-a e disse:

— Fique com as crianças, não deixe que elas se perturbem com isso. Talvez a filha de Arbuthnott venha ajudá-la. Agora vá. — Sem o compreender totalmente, ela concordou e saiu da sala sem falar uma palavra.

O intendente virou-se para nós e ficou claro que seu tom suave havia saído junto com a sua esposa. Era um homem grande e imponente, com mais de 1,80 metro, cabelos escuros e bastos até os ombros e olhos vivos sob sobrelanceiras grossas. Suas roupas pareciam simples, mas eram bem cortadas e feitas com tecidos de alta qualidade; a fina renda holandesa nos punhos passava a ideia da riqueza que suas mãos fortes acumularam. Senti a força da sua personalidade quando ele atravessou o salão e aproximou-se do corpo. Retirou a mortalha e tocou o rosto frio do sobrinho. Ouvi-o murmurar baixinho: “Oh, Helen, chegamos até esse ponto...”

— Que Deus nos livre de tal destino — disse o ministro.

— O senhor deveria ir apoiar a irmã — disse o intendente demonstrando um evidente desprezo pelo cunhado. O ministro saiu relutante, para a grande satisfação do delegado, o próximo a sentir a ira do intendente. — E você acredita que é a vontade de Deus, William Buchan, que um rapaz como esse morra na sarjeta, asfixiado no próprio vômito, como um vagabundo qualquer? — Quando o delegado abriu a boca para responder, Walter Watt levantou a mão.

— Poupe-me do seu sermão, homem; temos ministros o suficiente. Agora me diga o que sabe. As informações que me deram são verdadeiras? Ele foi encontrado na sala de aula, coberto de sujeiras e vômito?

Foi Gilbert Grant quem respondeu.

— É verdade, infelizmente é verdade. John Durno encontrou-o por volta de 5h45, quando acenderia a lareira da sala de aula do Sr. Seaton.

O intendente olhou-me desconfiado. Era raro que alguém percebesse minha existência, e isso me deixou satisfeito.

— O senhor esteve com ele na noite passada? Bebendo? Quando esteve com ele?

— Não estive com ele. Eu nunca... não nos conhecíamos.

— E como ele foi parar na sua sala de aula, nessa condição e nesse horário? Como isso aconteceu, Sr. Seaton?

— Não sei dizer. — A meia mentira quase ficou presa na minha garganta; eu suspeitava de algum envolvimento das irmãs Dawson, mas não tinha ideia de qual nem de como. — Voltei da hospedaria pouco antes das 22h e tranquei o portão da escola; a Sra. Youngson é muito exigente quanto a isso. — Ao ouvir isso, Grant concordou num murmúrio; tinha me visto ouvir discursos altos e longos sobre deixar o portão de trás aberto durante a noite. Para a Sra. Youngson, isso era como um convite para o Diabo vir buscar tudo o que quisesse. — A casa estava silenciosa e escura. O diretor e a sua esposa sempre se recolhem antes das 21h, no inverno, e a criada raramente o faz muito mais tarde do que isso. Não havia ninguém na sala de aula quando passei. — E o que me fez olhar para lá? Não saberia dizer.

— E o senhor não viu o meu sobrinho na casa àquela hora? Não sabe se ele estava lá?

— Ele não estava lá — disse com a voz vaga.

— E o senhor não teve qualquer contato com ele à noite? — O intendente parecia determinado a acreditar que eu era a companhia de Davidson na sua última noite na terra.

— Nenhum — respondi enfaticamente. Senti um vago frio na espinha ao perceber que algumas pessoas começariam a suspeitar que eu estivesse envolvido na morte de Patrick Davidson. O intendente, graças a Deus, não insistiu mais; ficou andando na sala, de um lado para o outro.

— E o médico? Onde ele está? O que tem a dizer? Meu sobrinho morreu muito antes de ser encontrado? O que Jaffray disse sobre a causa da morte? O rapaz estava bêbado?

Foi contada novamente a história de que *lady* Deskford havia mandado chamar o médico em Findlater. Arbuthnott ainda não sabia disso.

— O quê? Jaffray é louco de sair numa noite como a de ontem!

— Jaffray sempre age como um louco quando se trata de partos, como se salvando uma mulher ou um bebê expiasse os sofrimentos de sua esposa — disse o intendente com a convicção de quem sofreu o mesmo que Jaffray com relação à perda de filhos. Eu raramente percebia o homem que existia sob aquela aparência impenetrável, mas o fazia agora. Cardno e Buchan, porém, olharam-no duramente. Essa conversa, aos seus ouvidos, beirava o pecado da bruxaria e eu pensei se demoraria muito para que o nome do intendente fosse citado na assembleia junto a outras manifestações do mal.

Gilbert Grant retornou ao assunto em questão.

— Eu diria que o rapaz morreu muito antes de ser encontrado. E acredito que tenha morrido na sala de aula — acrescentou respirando fundo.

Arbuthnott concordou.

— Sim, pois mortos não vomitam — falou olhando para mim. — Se o rapaz foi encontrado no estado que me contaram, ele morreu na sua mesa de trabalho. — É claro que não poderia ter sido de outra

forma, mas eu daria tudo para acreditar que Patrick Davidson não teve uma morte terrível na minha mesa enquanto eu dormia a apenas 37 degraus acima dele.

— Davidson estava em casa na noite passada? — A pergunta foi dirigida a Arbuthnott. Entendeu-se que, ao falar “em casa”, o delegado referia-se à casa do boticário, não à do intendente. Todo aprendiz mora na casa do seu mestre, independentemente de quem fosse sua família e de onde vivesse.

— Por algum tempo. — Arbuthnott tentava lembrar-se da noite anterior. — Jantou conosco, mas comeu pouco e a minha esposa o censurou por isso. Deixei-os por volta das 19h, pois tinha trabalho a fazer. O rapaz geralmente me ajudava à noite, mas não precisei dele ontem. Ele parecia diferente; em geral era tão bem-humorado quanto Charles Thom é deprimido. Sua companhia era revigorante para minha esposa e minha filha nas longas noites em que eu trabalhava.

— O delegado olhou para Edward Arbuthnott com os olhos apertados e, mais uma vez, a expressão de Cardno era de satisfação. O boticário não se deixou intimidar. — O pecado está na sua cabeça, James Cardno; não há mácula no nome da minha filha.

— Cuidado para que não haja.

O intendente não tinha interesse nessas insinuações.

— Isso não vem ao caso, James Cardno. Guarde suas especulações para a assembleia. Continue, Arbuthnott. Você o viu sair?

— Não, fiquei na botica até depois das 21h e não ouvi a movimentação da casa. Não ouvi nada além do vento uivando e do mar batendo na murada.

O delegado olhou-o desconfiado.

— Certamente veria se alguém deixasse a casa, certo? — A botica de Arbuthnott dava diretamente para a rua do mercado e ali ficava a porta principal da casa.

— Minha família sabe que não deve me incomodar quando trabalho à noite. Se alguém saiu, usou a escada externa, no quintal.

Cardno falou cheio de antecipação.

— E que trabalho o senhor faz que exige tanta privacidade, boticário?

Arbuthnott não escondeu seu desprezo.

— Acalme-se, Cardno, você não entende nada do meu ofício. Trabalho em silêncio, não em segredo. Você terá de achar em outro lugar a magia negra que procura.

James Cardno agitou-se, mas não conseguiu responder, antes que o intendente interviesse mais uma vez.

— E sua esposa e sua filha? O que elas sabem sobre os hábitos dele?

— Minha esposa e minha filha? — perguntou o boticário, baixando a voz. — Há tanto pranto em minha casa hoje, senhor, que não pude entender uma palavra do que disseram desde que o meu vizinho nos acordou com a terrível notícia.

Houve um instante de silêncio antes de Cardno falar novamente:

— E onde está Charles Thom? — A pergunta súbita de Cardno atingiu-me em cheio. Toda a conversa ontem com Charles e com o médico voltou à minha mente. E James Cardno ouvira tudo.

Arbuthnott hesitou e respondeu lentamente:

— Não sei...

— Como não sabe, homem?

— Digo a verdade, não sei onde se encontra desde o jantar de ontem. Ele estava taciturno, como nos últimos tempos. Suponho que tenha se recolhido cedo. — Ao ouvir isso, Cardno bufou, mas Arbuthnott não lhe deu atenção. — Meu vizinho apareceu com a notícia no horário em que normalmente acordamos. Charles sempre deixa o quarto mais tarde e não estranhei não o ter visto. — Sorri para mim mesmo ao lembrar do meu amigo passando rápido pela minha janela para chegar à escola de música, muito depois dos meus

alunos terem chegado. — Não sei por que ainda não veio nos ver, talvez esteja confortando as mulheres... — Sua voz falhou e nem mesmo eu, provavelmente o maior defensor de Charles Thom naquela sala, acreditei no que ele dizia.

Cardno murmurou algo no ouvido do delegado e ele concordou. Não tive dúvidas de que ele estava a par da conversa e do comportamento de Charles Thom na hospedaria ontem, e do horário em que partiu. Buchan virou-se para os dois policiais que esperavam na porta.

— Procurem Charles Thom e tragam-no até aqui. Olhem primeiro na casa do boticário e, se ele não estiver, vão à escola de música, embora duvido que esteja lá. Havia meninos demais na rua quando viemos para cá. — Virou seus olhos acusadores para mim. — Haverá muita desordem nas ruas de Banff hoje, sem aulas de música ou na escola.

Olhei para o corpo de Patrick Davidson, ainda sobre a grande mesa no hall do intendente.

— Já houve desordem demais nas ruas de Banff — falei baixo. Mesmo numa ocasião como essa, quando um jovem de boa família e com grandes perspectivas é assassinado, as autoridades do burgo pensam em primeiro lugar na ordem pública.

Quando os policiais saíram, o intendente sentou-se junto à lareira, exausto. Chamou um criado e pediu que acendesse o fogo e trouxesse algo para bebermos. Notei pela primeira vez como estava cansado; círculos escuros debaixo dos olhos mostravam sua noite tumultuada e o esforço de digerir as más notícias deixou-o exausto. Normalmente, a sua postura era de força e determinação. Filho de um comerciante bem-sucedido de Banff, sua origem não era humilde, mas ninguém duvidava de que pretendia morrer mais rico do que nascera. Foi o primeiro da família a chegar ao cargo de

intendente, o posto mais alto da cidade. Na verdade, foi o primeiro intendente, em várias gerações, a não vir da família Ogilvie, proprietária de terras em Banff e nas redondezas. Walter Watt era um homem promissor; quem tinha visão percebia isso. Franco, pouco caloroso e com pouco senso de humor, ele não me agradava muito e duvido que, ainda que eu não tivesse caído em desgraça, pudéssemos ser amigos.

Acima da grande lareira de pedra, via-se o retrato pintado por George Jamesone, de quem eu ouvira falar, mas nunca conhecera. Eu sabia pouco sobre pintura, e creio que o intendente também, mas compreendi que o retrato de Walter Watt com sua primeira esposa, Helen, tinha um desígnio. Fora pintado pouco antes da morte de Helen e muito antes do marido ter chegado ao cargo de intendente. Walter Watt seria alguém. Não havia, nas paredes, pinturas de Walter Watt com a esposa atual ou com os quatro filhos, os descendentes da sua dinastia. Era óbvio que ele amava Geleis Guild. Talvez, porém, não importasse quantos filhos fortes e sadios ela tivesse lhe dado, Geleis nunca tomaria o lugar da jovem pálida que víamos ao lado dele, acima de nós, com um buquê de flores delicadas, algumas caídas no chão.

O delegado posicionou-se em frente ao intendente, de costas para mim. O intendente ofereceu-lhe uma cadeira e, para minha surpresa, ele aceitou. Quando em atividades públicas — e eu nunca o vira em outra situação —, era seu costume ficar acima de todos aqueles com quem tinha de lidar. Além de seu porte — que comprovava seu ascetismo —, William Buchan era alto e usava sua estatura para dar força às suas palavras. Era sabido que ele e o intendente — embora fossem obrigados a se ver diariamente em razão dos problemas do burgo — tinham pouco a dizer um ao outro. Não era uma antipatia como a que existia entre Buchan e Robert Guild, o ministro, na qual um desejava destronar o outro; eles apenas se evitavam discretamente. Independentemente do que o delegado Buchan

pensasse sobre a vida do intendente, sabia muito bem que jamais conseguiria destroná-lo — eu duvido até que desejasse fazê-lo. E o intendente, por sua vez, sabia que nunca seria destronado por William Buchan. Porém, havia entre os dois uma aversão palpável e mutuamente reconhecida. Como se isso fosse o que lhes permitisse continuar a trabalhar juntos. Sentando-se, tão confortável quanto seus princípios permitiam, o delegado continuou seu interrogatório.

— Quando o senhor viu o rapaz pela última vez?

O intendente considerou um instante.

— No domingo à noite, depois do culto. Ele esteve aqui, pouco depois das 18h, para jantar comigo e com Jaffray. O médico está sempre ansioso por notícias do continente e da guerra.

Gilbert Brant confirmou; falara pouco desde que chegara à casa do intendente.

— Sim, pobre Jaffray... Às vezes penso que deixou para trás parte do seu coração quando retornou a Banff. Está aqui conosco, mas creio que a sua cabeça ainda esteja em Helmstedt, Basileia ou Montpellier, com os amigos queridos da juventude, agora dispersos.

— Eu sabia que isso era verdade. O maior divertimento de Jaffray era ler e reler as cartas dos amigos dos seus dias de estudante.

Alguns já haviam morrido, mas não muitos. Agora, porém, ele mal sabia quem estava vivo e quem morrera, devido às violências da guerra infernal que retalha o continente nos últimos oito anos, danificando as antigas linhas de comunicação e até extinguindo algumas delas.

O delegado não tinha interesse nessa divagação.

— O senhor disse “para jantar”. Então ele jantou?

— Não, Patrick bebeu um pouco de vinho comigo, mas não ficou para o jantar. Disse que tinha trabalho a fazer na casa de Arbuthnott... imaginei que fosse a preparação de medicamentos ou algo assim. Saiu depois de meia hora, se não me engano, antes de Jaffray chegar. O médico ficou muito desapontado.

Arbuthnott, que pensou que nada mais teria a dizer, falou:

— Ele não tinha trabalho para fazer àquela hora. Qualquer que fosse seu compromisso, não era comigo.

— Talvez, então — sugeriu Cardno, que não deixava passar uma oportunidade de ser malicioso —, tivesse um encontro com outra pessoa da sua família “àquela hora”.

Fui eu quem precisou afastar o boticário do pescoço de Cardno. Gilbert Grant estava velho e infeliz demais, o intendente estava entregue às suas preocupações e o delegado observava tudo como um garoto vê um gato brincar com um rato, com uma curiosidade mórbida sobre o que aconteceria.

A uma distância de cinco metros do boticário, Cardno continuou a atacá-lo.

— O senhor não pode negar que sua filha estava sempre na companhia do Sr. Davidson desde que ele voltou ao burgo. Isso é sabido e comentado por toda a cidade.

O boticário controlou sua raiva e soltei-o.

— A cidade pode falar o que quiser. Ela é minha filha e ele, era meu aprendiz; ele morava na minha casa e comia conosco à mesa. Como não estariam na companhia um do outro? Nesse caso, o senhor pode também suspeitar da minha esposa.

Partilhei um sorriso velado com Gilbert Grant. O encanto da esposa do boticário era, no mínimo, limitado.

— A questão se mantém. Marion estava sempre na companhia de Davidson, fora da casa e da botica. Eles foram vistos juntos em Greenbanks, em Hill of Doune e em Elf Kirk. Não é apropriado para uma moça solteira ir a lugares assim com um homem. O senhor deve ficar atento, Arbuthnott. Isso não é certo. — Dito pelo delegado, o comentário foi mais moderado do que eu imaginaria.

Apesar da fúria anterior, o boticário reconheceu que ele tinha razão.

— Sim, o senhor está certo, mas não via mal algum nisso. E a mãe dela também não. Dizia que Marion poderia mostrar-lhe onde encontrar as melhores plantas, sementes, ervas e tudo o que eu precisava no meu trabalho, pois ela conhece isso quase tanto quanto eu. E... bem... — Ele hesitou.

— Bem? — insistiu o delegado.

— Pensei que Marion e Charles Thom, o professor de música...

O delegado concordou lentamente e Cardno não pôde conter seu prazer.

— Outro rapaz que mora com você, Arbuthnott, e cujo interesse não está longe de casa.

— Não há desonra no que Charles sente pela moça. Se há algo do que se envergonhar, é um mero produto da sua cabeça, James Cardno. — O espanto dele com as minhas palavras não pode ter sido maior do que o meu, mas senti os primeiros sinais de uma liberdade há tempos esquecida.

O delegado Buchan respondeu antes do seu auxiliar se recobrar do susto.

— Não é de sentimentos que tratamos aqui, mas de ações, Sr. Seaton. E quanto a vergonha e honra, não são assuntos que o senhor possa julgar.

Ao ouvir isso, Gilbert Grant levantou-se e virou-se para o delegado.

— Se há algo que suje o nome do Sr. Seaton, diga logo o que é, William Buchan. Ele já pagou por seus erros. Aguentou nove meses de murmúrios contra sua conduta. Não o fará mais. Grave o que eu digo, isso não continuará!

O delegado fez um sinal com a cabeça e, em tom conciliatório, falou:

— Simplesmente quis dizer que esses assuntos devem ser julgados pela assembleia paroquial, não por um indivíduo.

O intendente virou-se para o delegado.

— Devo lembrar-lhe, William Buchan, que não estamos em uma assembleia paroquial. Sou o intendente desse burgo e você, o delegado. Atenha-se às suas funções. Interessa-me o meu sobrinho, não o comportamento do professor aqui presente. — Virando-se para o boticário, continuou. — Arbuthnott, como era o relacionamento entre meu sobrinho e o professor de música? Havia alguma inimizade entre eles por causa da sua filha?

O boticário pensou antes de responder.

— Não posso dizer que eu notaria se houvesse. Charles andava um pouco mais taciturno do que de costume, mas nunca foi um rapaz muito animado. Os dois pareciam amigos, mas viviam muito ocupados com seus trabalhos. Eu não diria que eram bons companheiros, mas não eram inimigos. Quanto à minha filha, o senhor não saberá de qualquer escândalo, por mais que procure. — Baixou a voz e continuou. — Acredito que seu coração está partido.

O delegado Buchan ouvira mais do que precisava a respeito do professor de música. Esse assunto poderia esperar; estava interessado em Patrick Davidson.

— Diga-me, intendente — ele falou —, com todo o respeito a Arbuthnott, e ao seu trabalho, concedido por Deus e honrado, como um rapaz com a família e a educação do seu sobrinho decidiu ser aprendiz de boticário?

O intendente, mais do que o boticário, ficou desconcertado com a pergunta. Depois de se formar na universidade de St. Andrews, Patrick Davidson aventurou-se pelos mares até os Países Baixos e os grandes centros universitários da França e da Suíça. Eu soube disso por Jaffray, embora tivesse prestado pouca atenção à sua história na época. A jornada acadêmica de Patrick Davidson deveria tê-lo levado a um diploma superior, talvez em medicina, e não a aprendiz em uma botica num pequeno burgo ao norte da Escócia.

Walter Watt mexeu-se na cadeira, mas, não conseguindo uma posição confortável, levantou-se e deu-nos as costas, encostando-se

na borda da lareira acesa. Para um homem cuja vida era uma incansável busca por superação, a opção de seu sobrinho somente poderia lhe trazer pouca satisfação.

— Quem pode dizer o que passa pela cabeça de um jovem? Ele era, como o Sr. Grant sem dúvida lhes dirá, um rapaz muito promissor. Seu raciocínio era rápido e ágil. Desde menino, minha falecida esposa pensava que seria advogado, embora sua mãe quisesse que fosse ministro. — Falou a última palavra num tom desdenhoso, sem dúvida se referindo ao reverendo Guild, que acabara de retornar à sala.

“No ano em que Patrick se formou em St. Andrews, veio visitar-me e conheceu Geleis. É uma lembrança que guardo com carinho, sempre guardarei. Eu não o via desde o ano da morte de Helen e fiquei orgulhoso do rapaz que ele se tornou. Sua intenção era seguir para a universidade de Leiden e continuar seus estudos de Direito. Providenciei sua passagem num navio saindo de Aberdeen, que levava uma carga minha, mas ele não permaneceu muito tempo em Leiden... achou as aulas entediantes e seu professor ainda pior. O lugar era cheio de médicos e ele conheceu alguns estudantes de medicina de Edimburgo, que seguiriam para Basileia e para Montpellier. Ouvira falar muito das duas cidades através do Dr. Cargill.”

O nome de James Cargill me era muito familiar, embora eu nunca o tivesse conhecido. Era um curandeiro de Aberdeen que fora, ainda pobre, estudar medicina em Basileia. Lá, fascinou-se por botânica e, ao voltar para Aberdeen, manteve ativa correspondência com os maiores especialistas da época sobre o assunto. Cargill era um dos antigos companheiros preferidos de Jaffray, e seu sobrinho, William, fora um dos meus colegas mais próximos nos tempos de estudante. O intendente fez uma pausa remissiva antes de voltar ao assunto em questão.

— Bem, Patrick foi para Basileia com esses colegas e, embora estivesse matriculado na faculdade de medicina, pensava somente em botânica. Pelas suas cartas, ficava cada vez mais claro que ele não se formaria. Quando a guerra se agravou, escrevi mais de uma vez pedindo-lhe para voltar à Escócia e continuar seus estudos aqui. Prometi arranjar-lhe um trabalho com Arbuthnott, pois sabia que ele adorava a vida no campo e que encontraria recursos abundantes para seus estudos. — O intendente virou-se e apontou para o esquite. — E vejam o que aconteceu!

Gilbert Grant atravessou a sala e pôs a mão no seu ombro.

— Acalme-se, meu amigo, você não pode desfazer o que foi feito. É a vontade de Deus.

A esposa do intendente retornou, seguida por uma criada que trazia uma bandeja com tâmaras, nozes, pães e queijos, e outra com vinho e taças. Geleis Guild pegou o vinho e serviu porções generosas para os que quiseram beber. Depois tirou as bandejas da mão da criada, colocou-as junto da lareira e pediu que nos servissemos. Era cedo para beber vinho, mas imaginei que o intendente teria uma bela adega e aceitei a taça com prazer. Não me decepcionei. Todos comeram e beberam com parcimônia, a não ser o ministro, cujo apetite insaciável era constrangedor. Estávamos comendo quando ouvimos uma comoção vinda da rua. Virei-me a tempo de ver meu amigo ensopado e enlameado, o professor da escola de música, carregado por policiais, que fecharam rapidamente a porta, separando-nos da multidão raivosa. Embora sólida, a porta não conteve os gritos de “assassino” e o som agudo de uma voz que gritava: “Você será enforcado, Charles Thom, será enforcado.”

3

A cadeia da torre

Jaffray ficou em silêncio por um tempo. Deixou-se cair na sua poltrona e apertou os olhos; estava além da exaustão. O menino que se ajoelhara para lhe tirar as botas esperou, sem saber o que fazer, e olhou para mim pedindo ajuda. Fiz um sinal na direção da porta e ele levantou-se e saiu em silêncio.

— Não posso acreditar, Alexander. A loucura deles, meu Deus, que loucura!

Abaixei-me diante dele e comecei a tirar suas botas. O rosto familiar estava sulcado das rugas de desespero que ele geralmente escondia quando em presença do pior dos sofrimentos humanos. Fosse pelo desgaste da viagem na noite anterior e nessa manhã, ou pelo seu amor pelo rapaz que agora estava preso na cadeia da torre, ele não conseguia escondê-las mais. Convenci-o a tomar um pouco do vinho que a criada trouxera, mas ele não quis comer. Havia dormido e comido pouco desde a noite passada na hospedaria, e somente a proibição veemente dos policiais de visitar Charles na cadeia fez com que voltasse para casa.

— E você também acha que foi envenenado?

— Estou quase certo, mas apenas amanhã poderei saber. A autópsia deve revelar o tipo de composto ou como foi ministrado. Gostaria, do fundo do coração, de ter maiores conhecimentos sobre o assunto, Alexander, mas minha habilidade é com os vivos, não com os mortos. — Tomou um pouco de vinho e olhou-me determinado.

— Mas preciso descobrir a verdade, e Arbuthnott irá me auxiliar,

pois não há ninguém que possa fazer isso pelo rapaz. — Eu não sabia se ele falava de Charles Thom ou de Patrick Davidson, mas pouco importava. Ninguém em Banff tinha maiores conhecimentos sobre remédios do que James Jaffray e, sobre compostos, do que Edward Arbuthnott; a não ser, talvez, Patrick Davidson, que agora precisava confiar nos dois homens para chegarem à verdade.

O exame inicial do corpo fora obrigatoriamente apressado. O vigia da entrada a oeste do burgo fora avisado para mandar Jaffray diretamente à casa do intendente quando retornasse de Findlater. Ele sabia de tudo — ou do que todos sabiam — quando chegou, exausto, em Castlegate. Charles, em um estado de absoluta apatia, havia sido levado para a cadeia da torre pelo delegado e pelos dois policiais. O corpo ainda estava no hall da casa do intendente, e a descoloração da boca, da língua e dos dedos foi o suficiente para que Jaffray soubesse que o rapaz fora envenenado. Por fim, o intendente e o ministro concordaram, relutantes, que o corpo de Patrick Davidson fosse levado à casa do médico, onde ele, com a assistência do boticário e um dos barbeiros do burgo, faria a autópsia. Enquanto falávamos, eu podia ouvir um ajudante preparando os instrumentos que seriam usados naquele procedimento. O barbeiro traria seu material. Dentro de duas horas, os três homens começariam a macabra tarefa.

Jaffray levantou-se, agitado.

— Malditos sejam, Alexander! Malditos sejam! O que os fez pensar que Charles pudesse ter feito algo assim? O que esses idiotas estão pensando? Mantêm preso um homem inocente enquanto o assassino ri nas sombras. Se eu estivesse aqui...

— Você não poderia ter feito nada, estando aqui ou não. Tentei fazer todo o possível, mas de nada adiantou.

— Sim, mas você... — Jaffray parou e um silêncio pairou na sala; ele já estava arrependido do que iria dizer. Não era necessário, eu sabia que era verdade. Eu não era um homem cuja palavra pudesse

salvar alguém. O pedido de alguém como eu era inútil. Jaffray era respeitado e querido. Se alguém pudesse escolher entre nós dois para defendê-lo, não seria eu o escolhido. No entanto, nem James Jaffray poderia ter evitado que Charles Thom fosse preso na cadeia da torre de Banff. E lá ele ficaria, esperando a decisão da corte e, depois, o julgamento pelo assassinato de Patrick Davidson.

— Nem você poderia tê-lo ajudado, James. Eles o condenaram antes que ele pudesse abrir a boca. A acusação contra Charles é forte e ele não diz nada em sua defesa. E ontem mesmo você e eu brincávamos com ele a respeito disso. Cardno, como você sabe, ouviu todas as nossas palavras. A cidade toda sabe que Charles é apaixonado por Marion e que ela estava interessada em outro.

Jaffray conhecia muito bem as fofocas do burgo para negar o que seu amigo dizia.

— Tenho certeza de que estão errados! Charles não pode ser injustiçado assim! Precisamos fazer de tudo para que ele seja libertado.

Eu não esperava menos de Jaffray, mas sua opinião teria de ser amenizada tendo em vista a péssima situação na qual Charles se encontrava.

— Há muito contra ele, James. E Charles não fala nada em sua defesa. Quando a notícia foi dada a Arbuthnott, pela manhã, ele não foi encontrado em casa nem na escola de música, mas na igreja. Rezando.

Percebi que essa informação surpreendeu Jaffray tanto quanto havia surpreendido a mim. A prática religiosa de Charles Thom já foi um grande motivo de discussão entre mim e ele. Eu sabia que, para ele, os cânticos que lhe pagavam para apresentar na igreja eram sons vazios; sua fé era pouca. Na época, isso me preocupava, mas já não falávamos no assunto, pois atualmente sei muito bem como um homem pode viver num estado em que é irrelevante a ideia de felicidade. Devo admitir que Charles nunca se regozijou com minha

mudança de pensamento, mas sei que sentia pena de mim por ter perdido algo que ele nunca teve. O fato de Charles Thom ter sido encontrado na igreja, rezando desesperadamente, na manhã do assassinato de Patrick Davidson, deixou-me mais preocupado do que todos os fatos das últimas doze horas. Jaffray era o único homem em Banff que compreenderia isso.

— Então ele está desesperado...

— Sim, James, creio que está.

Ele se sentou novamente e voltou a analisar os fatos. Por fim, levantou os olhos e disse:

— E não se defende? Não dá nenhuma explicação?

Sacudi a cabeça.

— Nenhuma! Apenas disse ao delegado que fora diretamente a casa de Arbuthnott depois de deixar a hospedaria na noite passada. O boticário pareceu surpreso e devo dizer que eu também não acreditei. Alega que acordou cedo para resolver alguns problemas na escola, o que também duvido — como os outros.

— E quanto às orações?

— Eles não o conhecem como nós, James. Guild, Buchan, Watt e Cardno não o conhecem bem. Nenhum deles lhe perguntou sobre as orações.

— E ele não disse nada a você, Alexander?

Sacudi a cabeça.

— Não tivemos a oportunidade de conversar em particular. Ficou na casa do intendente por pouco tempo, antes de ser escoltado até a cadeia. — Baixei o tom de voz. — Não me permitiram acompanhá-lo. — Mas fui com ele, em pensamento, em espírito. Quando o arrastaram pelas grandes portas de carvalho da casa do intendente, ele me chamou, como o moribundo fez na noite passada. Chamou-me por cima do ombro enquanto o empurravam, com os olhos desesperados: “Alexander, me ajude! Pelo amor de Deus, me ajude!” Dessa vez eu não ignoraria o apelo.

— Mas você vai ajudá-lo, Alexander. E eu também! Prometi à mãe dele em seu leito de morte que cuidaria do rapaz, e minha promessa será cumprida.

Eu nunca imaginara, nunca pensara nisso antes. James Jaffray sustentara e cuidara de Charles Thom, desde a infância até a juventude, simplesmente porque uma mulher, diante da morte, lhe pedira esse favor. De todas as pessoas que conheci nos meus 27 anos de vida, poucas se comparavam a James Jaffray.

Quando a criada entrou com mais lenha para o fogo, Jaffray mandou-a preparar uma cesta com comida — pães, queijos, um pouco da sopa que tivessem na cozinha e cerveja — para que eu levasse quando saísse. Eu deveria levá-la para Charles na cadeia e insistir em falar com ele. De um armário na sua sala de trabalho, Jaffray tirou um xarope de bálsamo.

— Diga-lhe para tomar isso; esse xarope melhorará seu estado de espírito e afastará a melancolia. — Prometi que somente sairia da torre depois de Charles tomar um pouco do remédio. Quando me preparava para sair, a criada trouxe-me uma manta grossa.

— Você é uma boa menina, Ishbel — disse Jaffray. — Eu não havia pensado no frio.

Ela respondeu em voz baixa.

— Ele está sempre se queixando do frio, doutor.

— Direi a Charles que você mandou a manta, Ishbel. — Talvez ela tenha dito algo mais enquanto se virava e saía da sala.

— Diga a ele, Alexander, que você e eu moveremos céus e terra para tirá-lo daquele lugar.

Munido de provisões e instruções, fiz menção de sair, mas, quando estava na porta, lembrei-me de algo que me preocupara o dia todo.

— Doutor, como foi seu trabalho em Findlater? Chegou atrasado?

— Apenas por dois dias.

— Dois dias? Não compreendo.

— Nem eu, meu rapaz, nem eu. Mas foi uma ação do demônio, e não de *lady* Deskford. Não havia ninguém da família lá. O guarda do portão disse-me que se mudaram para Cullen dois dias antes. Não fui até Cullen porque sei que se tratam com Reid quando estão lá; sua idade não lhe permite viajar até Findlater. Era do interesse de alguém que eu não estivesse em Banff na noite passada.

— Quem lhe deu o recado? — perguntei.

Jaffray suspirou.

— Não sei; voltei de Findlater enfurecido, prometendo descobrir quem está por trás disso. — Foi até a porta que dava no corredor para a cozinha e chamou o cavaleiro. Ele pareceu assustado ao ser interrogado, com medo que o culpassem pela viagem inútil do médico. — Quem trouxe a mensagem de Findlater na noite passada, rapaz? Alguém do castelo?

O rapaz gaguejou.

— Não sei, meu senhor. Nunca fui até lá, não conheço as pessoas do castelo.

— Mas era alguém do burgo? Pense bem...

O rapaz estava à beira das lágrimas. Suas palavras saíram num jato.

— Sinto muito, doutor, pude ver somente alguém na escuridão; com uma capa esvoaçante e um capuz cobrindo o rosto contra a tempestade. Ouvi gritarem, do outro lado do quintal, que precisavam do senhor em Findlater imediatamente, pois *lady* Deskford estava em trabalho de parto. Isso foi tudo, não sei quem era. — O rapaz me olhou, suplicante. — Mas o lugar era Findlater, senhor, tenho certeza, pois pedi que repetissem o nome duas vezes.

— Você fez certo, Adam, mas não reconheceu a voz? Era mulher ou homem?

Mais uma vez o rapaz entrou em pânico.

— Não sei, um menino, creio, mas ninguém que eu conheça.

Dei-lhe uma moeda.

— Pode ir agora, você não fez nada de errado. — Ele voltou, aliviado, para o quintal.

— Quem pode ter sido, James? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Não sei, um criado? Um vagabundo qualquer pago para dar o recado e esquecer? Faz pouca diferença. O efeito foi o mesmo: alguém conseguiu que eu não estivesse aqui e o rapaz fosse assassinado. — Ele não se conformava, mas disfarçava seus sentimentos. — Precisamos procurar esse mensageiro e descobrir quem o mandou aqui.

Havia vigilância, dia e noite, em todas as entradas do burgo, pois diziam que uma peste assolava o sul do país. Todos os que entrassem no burgo deveriam declarar sua identidade, seu lugar de origem e seu propósito. Eu mesmo fiz a vigilância do portão de Sandyhills duas noites atrás. Prometi a Jaffray que indagaria em todos os portões se algum mensageiro viera com um recado para ele na noite passada.

Não fui diretamente à cadeia, pois o delegado me alertara que ninguém teria permissão para visitar Charles antes que o conselho se reunisse, o que ainda demoraria mais de uma hora. Era um dia claro e fresco de primavera. O mar batia na murada com menos força do que na noite anterior. Tudo parecia limpo e novo, em contraste com a corrupção absurda que se estabelecia no coração da cidade. Tive vontade de afastar-me dali por algum tempo, de ficar sozinho.

Deixei os embrulhos na escola e caminhei pela costa para o oeste. Afundei o chapéu na cabeça e ignorei os cumprimentos e as perguntas dos moradores do burgo e de alguns conhecidos enquanto caminhava pela Low Shore até Rose Craig, e pelas obras do novo porto. Pensei em parar para observar os pássaros em Meavie Point, nos seus últimos momentos em terra antes de se

entregarem ao mar irresistível, mas eu ainda não me distanciara muito da cidade, então continuei. Passei pelas cabanas dos pescadores em Seatoun, que tentaram evitar-me. Ao menos com eles eu sabia que a aversão não era a mim, mas à posição de ministro que nunca atingi. Significa má sorte, eles dizem, cruzar com um ministro ou com uma mulher quando seguem para seus barcos. O mar implacável levava muitos deles para que esses conselhos fossem questionados. Não me tornei ministro — falhei no último obstáculo, quase no último momento —, mas cheguei perto o suficiente para que os pescadores me evitassem quando planejavam colocar seus barcos no mar.

Ao passar pelas suas cabanas miseráveis, olhei para o alto, para o grande penhasco rochoso, conhecido desde os tempos antigos como Elf Kirk. Era um lugar altamente suspeito segundo a assembleia paroquial, e as mães proibiam seus filhos de andarem por lá. Alguns, sem dúvida, respeitavam a opinião da assembleia; outros tinham mais medo da vala profunda e das rochas recortadas que se projetavam sobre o mar revolto. Quaisquer que fossem suas razões, poucos moradores do burgo se aventuravam a ir até lá. Era um local de grande beleza, porém, quando a primavera dava lugar ao verão e as rochas recobriam-se de um veludo verde em cascata, com primulas amarelas e suaves flores cor-de-rosa. Mas hoje não havia flores; o que me chamou a atenção foi uma capa branca esvoaçando no vento. Ao ver a cabeça descoberta e os cabelos ruivos compridos, geralmente presos em uma grossa trança, soltos nas costas, reconheci Marion Arbuthnott. Eu a teria chamado, porém ela não me ouviria. Observei-a e, em certo momento, ela desviou o olhar do desfiladeiro para a praia. Levantei o braço e ela me viu, mas não retribuiu meu cumprimento. Olhou-me por algum tempo e, depois, puxou o capuz sobre a cabeça e virou-se em direção à cidade. Parecia estar mais distante dos vivos que dos mortos; tive o pressentimento de que fora

ali com a intenção de atentar contra a própria vida e agradeci a Deus por Ele ter permitido que eu evitasse ao menos isso.

Continuei minha caminhada e passei por Seatoun e pela baía de Boyndie. Eu costumava levar meus alunos ali, mas hoje o lugar estava deserto. Sentei-me numa pedra grande e achatada na base de uma duna e observei o horizonte, rememorando o passado. Lembrei-me da época de colégio e da alegria quando nosso professor anunciava, no final da manhã, se tivéssemos aprendido bem o que ele ensinara, que iríamos à baía de Boyndie. Naquela época eu não andava, mas sim corria até a praia. Todos corríamos, rindo e gritando, como o vento. E quem sempre liderava o grupo era Archie — Archibald Hay, senhor de Delgatie e herdeiro do palácio e das terras ao redor. Archie, meu companheiro de infância, o amigo da minha vida; mais próximo do que um irmão e muito mais amado. Eu daria tudo, em todos os dias da minha vida, para ter Archie ao meu lado agora.

As aventuras de Archibald Hay já eram uma lenda no norte antes de terminarmos o colégio. Nossos colegas respeitavam-no demais para questionar qualquer um dos seus planos, mas eu, que o conhecia no fundo do seu coração, era o único capaz de convencê-lo a deixar de lado suas loucuras. Os pais de Archie sabiam disso e muitas vezes diante de mim, um menino, agradeciam a Deus pela nossa amizade. O filho era toda a esperança deles, a luz das suas vidas, e até Katharine vivia à sua sombra.

Katharine, a irmã mais nova de Archie, uma menina quieta e observadora, tornou-se uma moça com as mesmas características. Enquanto seu irmão se atirava no mundo, ela tentava antes compreender esse mundo. Era muito delicada, pálida e esguia, como um salgueiro. Não sei quando percebi, pela primeira vez, que a amava, decerto em algum ponto entre deixar para trás minhas brincadeiras de criança e entrar no mundo dos homens.

Durante os anos em que Archie e eu estudávamos no King's College, na Velha Aberdeen, seus pais passavam longos períodos em sua residência na cidade, e Katharine estava sempre presente. Inicialmente, como era de se esperar de um menino, eu lhe dava pouca atenção, mas, à medida que o tempo passava e Archie buscava aventuras cada vez mais estranhas, comecei a reparar nela. A certa altura, começamos a falar de outras coisas além das trivialidades da nossa infância, do seu irmão, de Banff, de Delgatie e das pessoas que faziam parte do seu círculo social e do meu. Começamos a falar sobre a situação do reino, os paradoxos da religião, do mundo e de suas belezas e seus perigos. Seus conhecimentos sobre línguas, filosofia, poesia e história eram muito superiores aos do seu irmão e, com o tempo, passei a frequentar a residência dos Hay na cidade mesmo na ausência de Archie. Seus pais não viam problema nisso, até gostavam. Não davam muita atenção a Katharine apesar de a amarem. Archie era toda a esperança deles e Katharine que cuidasse de sua vida. Saber que ela sentia por mim o mesmo que eu sentia por ela foi o momento mais maravilhoso da minha vida.

Mas agora eu não tinha Katharine ou Archie ao meu lado, nunca os teria. Não haveria discussão na cadeia, nem escárnio dos ultrajes dos magistrados do burgo e da Igreja. Eu teria de ajudar Charles sozinho e torcer para conseguir salvá-lo. Levantei-me do assento improvisado e andei de volta para o burgo, enquanto nuvens se aproximavam vindas do oeste.

Chegando à escola, peguei a cesta que deveria levar para Charles. Não me surpreendi ao perceber que esquentaram a sopa e que a cesta estava bem mais pesada. Olhei para a Sra. Youngson, procurando uma nova forma de lhe falar — palavras de gentileza não eram muito comuns entre nós —, mas não consegui nada.

— A mãe dele era uma boa cristã — disse ela. — E sempre gostei do menino.

Não diminuí o passo para falar com ninguém quando atravessei o mercado e o velho convento carmelita até chegar à torre, no fim do Strait Path. O guarda do portão principal deixou-me passar sem nenhum comentário ou pergunta: o que eu faria ali não era mistério para ninguém no burgo. Eu raramente ia à Câmara, a não ser para pagar algum novo imposto que a coroa ou o burgo inventavam. Não sendo dia de pagamento de impostos, o lugar estava silencioso e deserto. Outro guarda, depois de perguntar o que eu fazia ali, abriu uma pequena porta à direita para a escada que me levaria à torre onde ficava a cadeia. Passei por aquela porta apenas uma vez, quando o conselho do burgo achou apropriado que Gilbert Grant visitasse a cadeia com seus alunos para que, conhecendo o destino dos que fazem o mal, nos desencorajássemos a seguir tal caminho no futuro. Nós, meninos da cidade, estávamos habituados a todos os tipos de odor, fossem de umidade, comida, carvão, turfa, animais ou dejetos humanos. Estávamos acostumados ao fedor dos oficinas dos curtidores de couro, dos lugares onde se fazia sabão e velas baratas de sebo e de cera, da levedura e da fermentação do malte, das ripas de peixe, da gordura de focas e das algas marinhas. Mas o mau cheiro da torre era diferente: poucos dos meus colegas já deveriam ter sentido o fedor que chegou até nós quando subíamos as escadas para a cadeia do burgo. Todos os odores corporais que conhecíamos estavam comprimidos e ampliados dentro das grossas paredes de pedra, com pouquíssimas janelas. Sentimos a umidade e o frio e vimos os presos enjaulados naquela caverna fedorenta e desesperadora abandonada por Deus. Eu e muitos outros tivemos pesadelos durante semanas após essa visita e prometia a mim mesmo nunca mais pôr os pés naquele lugar.

Subi a escada em caracol, estreita e desigual, com cautela, pois a luminosidade era precária. Quase no alto da escada, ouvi os passos de alguém que descia. Parei por um instante e logo vi surgir, na semiescuridão, o delegado Buchan.

— Sr. Seaton, pensei que o veria aqui antes. — Se a ambiguidade daquelas palavras o agradava, ele não demonstrou.

— Eu teria vindo antes, se não tivessem me barrado na porta por ordens suas.

— A proibição não se aplicava apenas ao senhor, mas deve refletir sobre isso. Não são assuntos nos quais deve se intrometer.

— Não é intromissão socorrer um amigo ou desejar que a justiça seja feita.

— Rogo a Deus que seja feita, Sr. Seaton, e logo. Os magistrados submeterão o professor de música a um inquérito diante do promotor, e ele será julgado pelo assassinato de Patrick Davidson.

Tão rápido! Minha garganta secou. Minhas palavras eram pouco audíveis.

— Pelo amor de Deus, homem...

— Todos fazemos nosso trabalho em amor a Deus.

Sacudi a cabeça lentamente.

— Isso não é um trabalho para Deus. Quais são os fundamentos da acusação?

Buchan me encarou.

— Eu não o acusei, Sr. Seaton; todo o corpo de magistrados do conselho o acusou. Todos sabem, e o senhor não poderá negar, pois conversou com Jaffray sobre isso ontem, que ele está apaixonado pela filha de Arbuthnott. Ela, como toda a cidade sabe, vagou despudoradamente pelo país afora com o aprendiz de seu pai. Charles Thom não ofereceu explicações sobre o que fez ontem depois que saiu da hospedaria, ao menos nada que tenha um grama de verdade. Ele não dormiu na casa do boticário — a esposa de Arbuthnott confirmará isso — e não pense que não percebi o fato de ter sido encontrado rezando na igreja. O senhor me considera um hipócrita incapaz de reconhecer alguém sem fé? Seu amigo está perdido, Sr. Seaton, não importa o que o inquérito judicial conclua. Cuidado para não ser o próximo! — Com essa observação, passou

por mim e desceu a escada enquanto suas palavras se repetiam na minha cabeça.

O guarda na porta no alto da escada revistou minha cesta.

— Não há armas aqui — disse eu. Ele desconsiderou minhas palavras e continuou sua busca; sua mão fechou-se em um pequeno pacote de frutas secas que a Sra. Youngson colocara na cesta. — Deixe isso, senão o delegado saberá e será você quem estará preso — avisei a ele. O homem devolveu o pacote, resmungando, e abriu caminho para que eu passasse pela porta estreita até as celas.

O lugar — não posso chamar aquilo de cela — era iluminado apenas pelo fraco brilho de uma luz amarela que atravessava a pequena grade de ferro da porta. Conforme meus olhos se acostumaram à semiescuridão, distingi a silhueta do meu amigo, encostado na parede, com a cabeça apoiada nos braços cruzados sobre os joelhos. Uma barra de ferro cruzava a cela, onde são acorrentados os pés dos presos. Ele ergueu os olhos quando cheguei mais perto e, esquecendo-se das correntes, tentou levantar-se para pegar meu braço. A corrente que o prendia fez com que ele caísse duramente no chão, mas ele sorriu.

— Alexander, você está aqui!

— Teria vindo antes se tivessem permitido. Quanto a Jaffray, não foi com pouca dificuldade que o impediram de destruir essas paredes. Estará aqui amanhã de manhã, no máximo, se ficar ocupado com a autópsia até tarde. — Eu não queria falar sobre a morte de Patrick Davidson tão cedo, mas talvez não fosse o lugar para conversas informais.

— Disseram-me que ele foi envenenado — Charles falou baixo, sem olhar para mim.

Movi um pouco da palha e sentei-me ao seu lado no chão de madeira apodrecida.

— Jaffray saberá mais sobre a substância ingerida e a forma como foi administrada. Arbuthnott vai ajudá-lo na autópsia. Devemos

rezar para que tenham sucesso.

Charles sorriu triste.

— Faz muito tempo que não me pede para rezar, meu amigo, mas rezei hoje.

— Soube que você foi encontrado na igreja. O que o levou até lá, Charles?

Ele sacudiu a cabeça e deixou os ombros caírem um pouco. Falou devagar, sem confiança.

— Creio que buscava perdão. — Eu esperei e ele continuou: — Não gostava de Patrick Davidson, Alexander. Eu não queria lhe fazer mal algum, mas não gostava dele. Desejava que tivesse pouco sucesso aqui e então deixasse Banff.

— Por causa de Marion?

— Por que mais? Somente por Marion. Na verdade, não havia outra razão para eu não gostar de Patrick Davidson. Ele trouxe vida à mesa e à casa do boticário, criou um interesse que não existia ali, ofereceu novos pontos de vista, introduziu novas conversas. Falava de ervas e compostos tão bem quanto Arbuthnott e creio que era por mera diplomacia que evitava mostrar que sabia muito mais do que seu mestre. Mas falava sobre outros assuntos: lugares e pessoas que conhecera no continente, nossas universidades e seus méritos variados. E conhecia música também. Não profundamente, mas tinha um bom ouvido e mais conhecimento do que a maioria dos moradores do nosso burgo. Eu teria sacrificado tudo para ter visitado os lugares que ele visitou e ouvido o que ele ouviu.

— Como assim, Charles?

— Falo da música, das missas nas grandes catedrais da França e dos Países Baixos, que não se resumem aos cânticos vazios das nossas igrejas.

— Fala da música dos papistas? — Apenas Charles falaria aqui tão livremente e com tanto desprezo da nossa Igreja. Tive medo por ele.

— Se quiser chamar assim, isso, a música dos papistas.
Alexander, você não imagina o que perdemos.

— As grandes vaidades humanas das cerimônias católicas? A formalidade e o esplendor que não atentam para o homem comum? Não considero isso uma perda.

Ele sorriu.

— Você está enganado, Alexander. Enquanto nossos pobres salmos são para a edificação do homem, essas missas aspiram aos ouvidos de Deus. Em minha imaginação, vi as músicas saírem dos fragmentos dos poucos livros de coro que escaparam das tochas dos nossos iconoclastas, mas o que eu não teria dado para ouvi-las serem cantadas em lugares apropriados, como Patrick Davidson ouviu! — Comecei a compreender que a formalidade do meu amigo em suas obrigações religiosas não se devia à falta de fé, como sempre acreditei, mas a uma compreensão particular dela; mesmo achando que ele estava errado, amei-o mais.

— Patrick Davidson era papista, Charles? — perguntei.

Ele pareceu surpreso.

— Não sei, nunca conversamos a esse respeito. Ele falava, quando estávamos recolhidos, sobre a música e a beleza das igrejas. E eu tocava para ele. Na verdade, comecei a considerá-lo um amigo. E como você sabe, isso não é algo que faço com frequência. — Respirou fundo e continuou. — Todavia, é claro, quando percebi que perdi Marion, recusei-me a alimentar essa amizade e perdi a esperança de tê-la. Duvido que ela tenha notado, mas ele... notou. E me arrependo disso, Alexander, por isso eu estava rezando hoje de manhã.

Soube que ele dizia a verdade. Gostaria de poder fazer algo para o confortar, mas não encontrei palavras.

— Contou isso ao delegado?

— A quem? A William Buchan? Nosso irrepreensível delegado não está interessado em sentimentos e arrependimentos. Pecados,

crimes, punições e a ira de Deus sobre pessoas como eu são os assuntos com os quais ele se preocupa. Não, não lhe disse nada. As informações de James Cardno sobre minha conversa e conduta na hospedaria ontem foram tudo o que ele precisou saber sobre meus sentimentos. O que o delegado me perguntou foi onde eu estava na noite passada e nas primeiras horas de hoje. — Charles olhou para mim e esperei, sem querer agir como o inquisidor.

— E onde estava, Charles?

Ele suspirou profundamente e olhou-me nos olhos.

— Eu estava com Marion Arbuthnott.

— Não entendo...

Ele baixou a voz ainda mais e ela era quase inaudível.

— Você não pode dizer isso a ninguém, Alexander, a ninguém.

— Mas...

— Dê-me a sua palavra ou não falaremos mais sobre isso.

Com grande relutância, dei-lhe a minha palavra. Gostaria de não ter dado: outro assassinato poderia ter sido evitado.

Confiante na minha promessa, ele continuou:

— Quando saí da hospedaria, cumpri meus planos: fui direto para a casa de Arbuthnott. Não desejei ficar nem mais um minuto naquela tempestade. Dei a volta até o quintal dos fundos e, ao subir o primeiro degrau da escada, ouvi a porta, no alto, abrir-se. Pensei que fosse Davidson, pois Arbuthnott e a sua esposa não se aventuravam a sair à noite e se Marion saísse seria um escândalo. Mas era Marion. Ela estava assustada, mas, ao ver que era eu, desceu a escada e me fez prometer que não contaria a ninguém que a vira. Para estar fora de casa naquela tempestade terrível, apenas pude concluir que se encontraria com Patrick Davidson e, embriagado como estava, acusei-a disso.

— E ela negou?

Charles me olhou com um ar cansado.

— Não, Alexander, não negou. Não havia um encontro marcado, mas ela estava saindo para procurá-lo. Não me disse o motivo, nem aonde ele fora, apenas que temia por ele e que não sossegaria enquanto não o encontrasse. Ela não ouvia meus protestos sobre a tempestade, a escuridão e o escândalo de ser vista vagando pelas ruas numa noite assim. Quando insisti que não a deixaria ir sozinha, ela pediu que eu entrasse em casa e não a seguisse.

— Ela queria estar sozinha quando o encontrasse?

— Não, afirmou que não era isso. Não queria que eu fosse com ela porque eu correria um risco terrível; não em razão da tempestade, mas de algum mal que a amedrontava mais.

— E o que você fez?

— Subi a escada e entrei em casa, como ela pediu. Esperei um pouco, não muito, mas o suficiente, e fui atrás dela. Não sou o grande covarde que a maioria me considera ser.

— Sei que não é... Aonde ela foi?

— Seguiu em direção ao jardim da igreja, mas creio que viu Janet e Mary Dawson, pois se virou de repente e continuou na direção de Rose Craig. Subiu o caminho íngreme até os fundos do palácio e a perdi de vista por alguns minutos. Estava muito escuro, mas mesmo assim tive medo de ser descoberto, pois ela me veria facilmente se simplesmente olhasse para trás. Quando considerei seguro, comecei a subir o caminho. Não conseguia vê-la e me afastara por tempo demais para saber em que direção ela poderia ter ido. Um portão no muro do palácio estava batendo. A princípio, pensei que fosse o vento, mas notei uma pequena tira de tecido xadrez presa numa lasca da madeira. Atravessei o portão, mas não a vi; resolvi, então, procurá-la ali.

“Devo ter procurado por meia hora, ou mais, atrás de cada muro e sob cada árvore. Por fim percebi que era inútil continuar; se ela esteve ali, já partira. Resolvi não me aventurar a descer por Rose Craig — não sabia como subir com o vento e a chuva. Andei até o

portão do muro que leva ao Water Path. Antes de o alcançar, ele se abriu e vi Marion atravessá-lo na minha direção. Estava encharcada até os ossos, com os cabelos voando ao seu redor, e parecia desnorteada. Chamou o nome de Davidson quando percebeu que havia alguém ali; quando a fiz entender que não era ele, mas eu, ela entrou em desespero e disse: ‘Não consigo encontrá-lo, ele nunca será encontrado!’ Andei com ela, quase a carregando, do Water Path até a High Shore. Graças a Deus não fomos vistos, a não ser pelas irmãs Dawson. Consegui enfim levar Marion para a casa do seu pai. Sua mãe toma um remédio para dormir e como fizemos pouco barulho creio que ninguém nos ouviu.

— A que horas vocês chegaram à casa do boticário?

Ele pensou um instante.

— Pouco depois das 22h, creio. Não mais do que isso.

Meu coração afundou: não viram Patrick por questão de poucos minutos. Se houvessem passado por Water Path cinco minutos ou menos mais cedo, eles o teriam encontrado e não o abandonariam ao seu destino e à sarjeta como eu fiz. Achei que seria capaz de adivinhar o resto.

— E você voltou a procurá-lo hoje cedo quando viu que ele não voltara, certo?

Ele negou.

— Não, recomencei a procurá-lo na noite passada. Marion estava em tal estado que foi a única forma de ela não sair novamente.

Contou-me que andou pelas fronteiras do burgo, evitando os portões da cidade a pedido de Marion. Ela estava quase tão preocupada que alguém soubesse que Charles procurava Patrick Davidson quanto com encontrar Davidson. Ele andou por todas as ruas e vielas em busca do aprendiz do boticário. Procurou a noite toda sem cessar, até que, exausto e febril, retornou cambaleando para casa nas primeiras horas da manhã, quando soube que Patrick

Davidson estava morto na minha sala de aula. E, durante todo esse tempo, eu dormira.

Uma pergunta se formava na minha cabeça.

— Charles, por que acha que Marion teve tanto medo que soubessem que você procurava Patrick Davidson?

Ele refletiu por um instante.

— Creio que pensava que quem soubesse que Patrick Davidson estava em perigo correria os mesmos riscos. Ela teve uma premonição de que ele estava em perigo na noite passada e provavelmente sabia quem o ameaçava e por que, mas não quis me dizer. Tenho certeza de que sua premonição a coloca em risco de vida, Alexander. Se alguém souber que Marion está ligada à história, não será por mim.

Pude ver sentido no que ele dizia e soube que não adiantaria persuadi-lo a mudar de ideia.

— Então o que você disse ao delegado?

Ele riu baixinho.

— Nada no que ele acredite. Disse que voltei para a minha cama na casa do boticário, mas, tendo bebido muita cerveja, precisei levantar-me e sair para tomar um pouco de ar fresco aproximadamente duas horas depois, para não vomitar. Disse que andei até Greenbanks, em direção ao banco de areia na foz do rio, para que a tempestade afastasse minha náusea, com a esperança de que isso me deixasse sóbrio. Lá, percebi minha loucura em sair naquela tempestade e procurei abrigo na cabana do barqueiro, pois os barcos estavam encalhados do outro lado do rio. Então adormeci e somente acordei no raiar do dia — sorriu. — Sempre achei bom dar ao delegado Buchan, a James Cardno e a seus comparsas um pouco do que querem. Eles têm tanta certeza dos pecados dos outros que quase não os questionam quando se veem diante de uma confissão. Certamente Cardno se deliciou com a minha explicação.

— Mas não o delegado.

Ele suspirou.

— Não o delegado. Creio que William Buchan sabe mais sobre o homem do que pensam, e não é tolo. Suas perguntas vão e voltam a Marion. Ele suspeita que ela está de alguma forma envolvida nos acontecimentos da noite passada e pretende interrogá-la assim que obtiver os resultados da autópsia. Temo que ela se complique se for deixada a sós com ele.

Pensei na moça perdida que vi naquela manhã em Elf Kirk, encarando o abismo, e prometi-lhe que faria todo o possível por ela, mas não imaginava por onde começar. Eu não era indiferente ao destino de Marion Arbuthnott, mas não tinha tanta certeza quanto Charles Thom de que ela era inocente em toda essa triste história. Marion era uma pessoa de segredos e agora ele se via enredado em um deles. Era por ele que eu temia. Fiz uma última tentativa.

— E quanto a você? Deve fazer algo para se ajudar.

— Não há nada que eu possa fazer, Alexander — disse ele, pegando minha mão. — Preciso contar com meus amigos e com a misericórdia de Deus.

Como as coisas mudaram conosco: eu, que fui abandonado pela fé na primeira prova verdadeira, e ele, que apenas teve fé quando problemas alheios dominaram. Enfim me levantei, exasperado com sua teimosia e minha impotência.

— Mas você não pode ficar aqui, esse lugar mal serve para animais. Jaffray e eu faremos tudo ao nosso alcance para tirá-lo daqui. E mais... — parei e respirei fundo, sabendo que a promessa que faria me envolveria em situações desconhecidas — ... vou fazer tudo para descobrir quem matou Patrick Davidson, pois sei que não foi você.

Ele fechou os olhos e abriu-os novamente, encostando a cabeça na parede.

- Não, eu não o matei. Pensava que Marion era tudo para mim, mas ela fez sua escolha. Na vida ou na morte, sei que era ele o

escolhido. Matá-lo não me adiantaria de nada. E de qualquer forma — disse com um brilho raro nos olhos —, se eu fosse capaz de matar, muitos outros nomes de Banff estariam na minha lista antes de Patrick Davidson.

Enquanto descia os degraus da torre, pude ouvir os sons claros e lamentosos em uma língua pouco conhecida. Nunca tentei estudar gaélico, como Charles, mas as palavras que penetravam a minha alma falavam de perda, de uma perda irremediável cuja dor estava além do poder de expressão da língua escocesa.

De volta à luminosidade úmida da tarde, não tive vontade de voltar para a escola. Decidi, então, descobrir a verdade por trás do recado para que Jaffray fosse a Findlater. A barca grande e a pequena foram amarradas na noite anterior para não se perderem no mar tempestuoso, mas um estranho poderia ter entrado em Banff por terra. Fui a todos os portões do burgo, começando em Sandyhill, passando por Gallowhill e Boyndie Street até Caldhome e Seatoun, mas minhas indagações foram inúteis. Ninguém vira qualquer estranho — ou morador local — tentar entrar no burgo na noite anterior; somente Jaffray e seu criado saíram de Banff. Não fui o primeiro a fazer essas perguntas; o delegado esteve nos portões antes de mim. E agora ele tinha certeza, como eu, de que o assassino de Patrick Davidson não era um estranho em Banff, mas um morador do burgo.

Voltei pelo caminho mais longo, através de Gallowhill. Em certo momento, deparei-me com a árvore onde eram realizados os enforcamentos. Fiquei debaixo da forca e prometi a mim mesmo que Charles não balançaria ali. Se nada conquistei em minha atual existência sem Deus, isso eu conquistaria. Olhei a cidade lá embaixo, e o mar além, e perguntei-me se a verdade seria encontrada ali ou se fora lavada pelas águas, como o rio Deveron que corre

incessantemente para o mar. Lembrei-me dos versos de Alexander Craig, o poeta que construíra sua casa em Rose Craig, para ver, imperiosamente, o burgo de cima. Charles Thom, Marion Arbuthnott e, talvez, Patrick Davidson encerraram juntos seu último ato trágico sob essas paredes na noite passada. As palavras de Craig assumiram, para mim, um significado que duvido que tenha sido o original.

*Venha, meu amor, e viva comigo e veremos os rios correrem
Com um ruído delicado e delicioso.
E como meu Dovert, noite e dia, desliza em doces meandros para
pagar suas dívidas no mar.*

Creio que fiquei um bom tempo abaixo da forca, meditando sobre esses versos, mas não sei dizer o quanto. Percebi que sentira mais frio conforme a névoa vinha do mar e cobria parte do burgo. Lentamente o som de um tambor tirou-me do meu devaneio. O tambor que precedia um enforcamento. Esperei, com os olhos fechados, enquanto o som se aproximava. Uma mão tocou meu pescoço. Por um instante, por um breve momento, meu coração parou de bater.

— Ah, Sr. Seaton, misericórdia, Sr. Seaton, pelo amor de Deus! — Antes que eu abrisse os olhos e reconhecesse aquela voz, outra mão, mais forte, retirou a primeira e ouvi a voz grosseira de um dos policiais gritar.

— Janet Dawson, não toque com seus dedos imundos em qualquer cidadão do burgo! Você foi avisada da sentença dos magistrados, não finja ignorância!

Então, o outro policial começou a falar, com evidente prazer.

— Você será banida desses domínios por ser uma mulher obscena e depravada, uma prostituta, frequentadora de casas de cortiços. Você e sua irmã serão escoraçadas pelo carrasco e jamais poderão voltar a este burgo, sob pena de morte. — Virou-se para o carrasco do burgo, a mão forte que tirara os dedos de Janet Dawson, seu toque suave, do meu pescoço. — Tire a roupa dela até a cintura.

Virei o rosto, incapaz de assistir Janet Dawson, que teve sua dignidade como prostituta, ser privada da sua dignidade como mulher. Ouvi o carrasco levantar seu chicote e o som do couro cortando a carne nua. Era a punição, aplicada com muita presteza, infligida pelos magistrados do burgo a qualquer mulher cuja honra fosse questionada e que não pudesse provar estar acima das suspeitas. Mas a prostituição das irmãs Dawson era algo tão estabelecido quanto notório. Eu não podia compreender por que Janet estava, agora, sendo expulsa do burgo sob pena de morte caso retornasse. Mais uma vez ouvi a chicotada alucinada do carrasco. E ouvi uma voz gritar, a minha voz.

— Não! — O chicote desceu sobre as costas da mulher, mas não foi levantado uma terceira vez. O policial olhou para mim.

— Não sinto prazer algum nisso, Sr. Seaton.

— Então vista-a e deixe-a sair deste lugar sem ser machucada. Você já cumpriu a ordem dos magistrados. — Olhei para Janet enquanto ela, agachada, vestia o corpete rasgado e engatinhava pelo chão à procura de seu xale. — Eu darei testemunho disso.

O policial ordenou, num tom áspero, que o carrasco largasse a mulher, deixando-o desapontado. Janet correu para mim, repentinamente, e agarrou-me pelo colarinho. O policial tentou segurá-la, mas eu o afastei. Ela falou comigo, desesperada.

— Uma palavra, uma palavra bondosa, Sr. Seaton! Uma moeda, qualquer moeda... Para ajudar uma pobre mulher, uma palavra bondosa, Sr. Seaton! — Mexi nos meus bolsos e tirei dois centavos, de pouco uso para ela naquela situação. Ela pegou as moedas e

levantou o rosto, como se fosse me beijar, mas não fez isso. Sussurrou apressadamente no meu ouvido quando vieram tirá-la de perto de mim. — “James e as flores”, Sr. Seaton, foram as últimas palavras que ele disse.

Observei enquanto eles recomeçavam as chibatadas e levavam-na para além dos limites do burgo ao som das batidas do tambor.

4

Os mapas

A escola retomou suas atividades no dia seguinte, depois do evento macabro. Da sala de aula de Gilbert Grant, vinham sons animados e altos, mas os meus alunos estavam mais contidos do que eu esperava. Pouco antes do meio-dia, um dos alunos de Gilbert Grant irrompeu na minha sala, ofegante, atropelando-se na fala.

— Sr. Seaton, Sr. Seaton, o senhor deve ir imediatamente à Câmara! Precisam do senhor e do meu professor lá e não há tempo a perder!

Na sala ao lado, Gilbert Grant já trocara seu jaleco por uma capa grossa e confirmou, sem ar, que fôramos chamados. A apreensão que se instalara em mim desde ontem cresceu. Peguei o chapéu e a capa e saímos, deixando recado para a Sra. Youngson de que não haveria aula naquela tarde.

Na Câmara, deixaram-nos passar sem qualquer questionamento e logo atravessamos, quase sem cerimônia, a grande porta de madeira que levava à sala de reunião do conselho. Eu estive naquela sala uma única vez, na mesma ocasião em que Gilbert Grant nos levava para conhecer a cadeia da torre, dois andares acima. Ainda me lembro das palavras do antigo intendente, cujo nome esqueci — outro Ogilvie, sem dúvida — enquanto olhávamos deslumbrados a sala de carvalho esculpido, a enorme mesa muito bem encerada e as cadeiras esculpidas.

— Vocês devem sempre evitar os andares de cima, meninos. Isso, isso — repetiu fazendo um gesto com a mão — é o que devem

almejar. — Eu nunca almejei.

Esperavam por nós não apenas o intendente e o delegado, mas Edward Arbuthnott e Thomas Stewart, o notário de Banff. Para ele, ao contrário do delegado Buchan e de James Cardno, o mundo não começava e terminava na igreja. Ele não era ateu, mas era um homem do mundo; alguém que entendia as necessidades e as falhas dos seres humanos sem procurar o pecado na raiz de tudo. Não sei onde ele esteve ontem, mas fiquei satisfeito ao vê-lo. Stewart não levantou os olhos quando Grant e eu entramos na sala, concentrado em retirar alguns papéis de uma arca aberta no final da sala. O boticário parecia um tanto abalado, pouco à vontade, mas foi o comportamento do intendente que me chamou a atenção. Seu rosto apresentava uma palidez incomparável e sua mão tremia tanto que precisou apoiar-se nas costas de uma cadeira. Não tirou os olhos de Thomas Stewart e dos papéis.

Gilbert foi o primeiro a falar.

— Estamos aqui, intendente, conforme solicitado. O que devemos fazer?

Walter Watt — creio que mal nos ouvia — não respondeu. Foi o delegado quem falou.

— Precisamos da sua ajuda e da do Sr. Seaton — fez um sinal com a cabeça na minha direção — para examinar esses papéis. — Indicou a arca sobre a qual Thomas Stewart estava debruçado. — O notário e eu fomos à casa de Arbuthnott pela manhã para examinar os pertences de Charles Thom, na esperança de encontrar alguma prova do mal cometido contra Patrick Davidson, uma vez que ele nega seu envolvimento no crime. Tenho o prazer de dizer, e espero que o senhor grave isso, Sr. Seaton, que não encontramos nada entre seus pertences que sugerisse que sua vida não fosse irrepreensível. — O relaxamento involuntário dos meus ombros e das minhas mãos deve ter sido notado, pois ele continuou, enfatizando as suas

palavras. — Contudo, a ausência de provas não garante sua inocência, o que não encontramos.

— Nem encontrarão — repliquei —, a menos que Patrick Davidson se levante do túmulo e nos diga quem o matou.

O delegado examinou-me com o seu olhar firme.

— Charles Thom é livre para se defender, mas prefere não o fazer. Se o senhor conhece as suas razões, faria bem em revelá-las. Seria melhor para vocês dois. — Seus olhos buscaram os meus por um instante, mas logo ele retornou ao assunto em questão. — Mas não é quanto a Charles Thom que pedimos a sua ajuda e a do Sr. Grant. Os papéis a serem examinados pertencem ao Sr. Patrick Davidson.

Compreendi, então, a palidez do intendente.

— Que papéis são esses? — perguntei.

Stewart pegou a primeira pilha e passou-a por cima da mesa.

— É isso o que gostaríamos que nos dissessem, embora saibamos, grosso modo, do que se trata. Queremos saber o que significam.

Puxei uma cadeira para Gilbert Grant e continuei em pé. Buchan colocou uma vela acesa junto do velho diretor da escola. Minha visão era muito melhor que a do meu amigo e, ao passar os olhos, vi que tipo de papéis eram aqueles. Teria de escolher minhas palavras com cuidado.

— São mapas — falei.

— Certamente — concordou Buchan —, mas o senhor já viu tais mapas, Sr. Seaton?

Olhei novamente e neguei com a cabeça. Era verdade. Vi plantas de cidades e mapas nos meus tempos de faculdade, mas nunca um trabalho como aquele. Os mapas, cerca de uma dúzia ao todo, não eram cópias, mas desenhos originais feitos à mão, mostrando acidentes naturais da costa, como baías, rios, bancos de areia e rochas — todos anotados e nomeados. Collie Rocks, Meavie Point, Maiden Craig, Bow Fiddle Rock e muitos outros pontos. As colinas e

penhascos que se elevavam acima desses acidentes também estavam marcados. E havia as construções — as obras do novo porto de Banff, o porto de Sandend, o forte de Findlater acima da baía de Darkwater. Os mapas mostravam estradas, pontes, igrejas, divisões administrativas, fortalezas. Toda a costa, de Gamrie e Troup Head a Findlater e Cullen, estava desenhada de uma forma que, para quem conhecia os locais, não poderia ser confundida. Na borda de cada desenho, via-se uma seta, ao lado do que somente poderia ser uma estrada, com as informações “para Elgin”, “para Turriff”, “para Strathbogie”. Essa última deu-me a pista, se é que ela era necessária, do possível significado da descoberta desses documentos e da inquietação que eles causavam na sala e, muito mais, no intendente. Gilbert Grant passou-me um papel atrás do outro.

— São fantásticos. Nunca vi um trabalho assim — disse, olhando para Thomas Stewart. — Nunca pensei que nossa costa estivesse mapeada.

— Não está... ou melhor, não estava — replicou o notário. — Os pescadores têm seus rascunhos, é claro, mas são rudimentares, obscuros e compreendidos apenas pelos que têm grande conhecimento marítimo.

Grant sacudiu a cabeça, maravilhado.

— Então onde ele conseguiu isso? Quem desenhou esses mapas?

— Ele mesmo — respondeu o delegado com uma voz seca e decidida.

— Você não pode ter certeza. — Mais uma vez o intendente tremia; o delegado perdeu a paciência.

— Arbuthnott confirma isso — falou, passando um mapa para o intendente. — O senhor nega que essa seja a caligrafia dele? — Depois passou mais dois mapas. — E esse? Ou esse? — O intendente balançou a cabeça lentamente e depois se sentou, com a cabeça entre as mãos. Peguei os papéis que ele deixara cair no chão. Não eram mapas, mas anotações e símbolos com seus significados. Símbolos

para pontes, poços, moinhos, fazendas, barcas, um baixio. Notas sobre fortalezas e os seus proprietários: Findlater, Inchgower, Carnousie, Delgatie, Rothiemay, Frendraucht, estavam todas ali. Para minha surpresa, Buchan pareceu dirigir-se a mim e não a Gilbert Grant. — O que o senhor acha desses documentos?

Escolhi minhas palavras com cuidado.

— Tenho algum conhecimento de mapas, mas não me considero um especialista.

— E isso não é ensinado em nenhuma das faculdades de Aberdeen?

Considerarei a pergunta.

— Não; fala-se de uma disciplina de matemática no Marischal College, mas ainda não foi encontrado alguém para o cargo de professor.

O delegado concordou, satisfeito.

— Sr. Grant?

Meu colega suspirou.

— Não posso acrescentar muito ao que Alexander disse. O trabalho é da melhor qualidade, mas tenho pouco conhecimento de cartografia.

— E por que teria? — perguntou o delegado. — Mapas estão longe de ser trabalho para um homem honesto.

O notário pigarreou e o intendente se levantou.

— Cuidado, Buchan, você pode não ofender os mortos, mas corre um grande risco de ofender os vivos. Robert Gordon, de Straloch, é conhecido por se interessar por mapas.

Buchan não se contentou.

— Um Gordon não está acima de qualquer suspeita, podem até estar envolvidos nisso. O rapaz falava de algum pagamento, algum patrocinador?

Arbuthnott, a quem a pergunta foi dirigida, respondeu com alguma veemência que Davidson nunca lhe falara sobre esse

trabalho. O intendente também negou saber que o seu sobrinho estivesse ligado a esse tipo de empreendimento.

O delegado se virou para mim. Sua ideia de que mapas não são o trabalho de homens honestos parecia não impedir a sua convicção de que eu sabia tudo sobre o assunto.

— Qual é o propósito desses mapas, a seu ver, Sr. Seaton?

— Não posso afirmar, delegado. Apenas Patrick Davidson e quem o patrocinou podem saber.

— O senhor sabe mais do que admite, Sr. Seaton, ou não quer falar sobre “patrocinadores”.

O delegado tinha razão, por mais difícil que seja admitir isso. Eu sabia mais sobre mapas e mapeamentos, as suas causas e os seus usos, do que desejava dizer, pois Archie Hay me escrevera sobre o assunto. Archie — que nunca vira um mapa, que nunca precisou deles pois todo o norte estava impresso na sua alma — descobrira seu grande dom de Deus quando deixou a costa da Escócia para participar das guerras no continente. Ele percebeu o valor e a necessidade de mapas para soldados e exércitos estrangeiros. Foi com grande dificuldade, e confiando quase exclusivamente em mim e na minha capacidade de dissuasão, que os pais de Archie impediram que ele largasse seus estudos em Aberdeen e partisse para a Boêmia assim que soube da derrota das forças boêmias em White Mountain. Frederick, o recém-escolhido rei da Boêmia, defensor do protestantismo contra os papistas Habsburgo, sofrerá uma derrota vergonhosa. Como Archie me dissera, indiscretamente e em mais de uma ocasião, ele não se importava com os boêmios ou com a causa protestante, mas morreria em defesa da rainha Elizabeth Stewart, filha do rei Jaime e irmã do nosso atual rei Carlos. Em 1622, há quatro anos, Archie deixou sua casa, sua família e seu país para lutar até a morte, como disse, em defesa da rainha.

Quando podia, Archie escrevia para mim; uma pequena quantidade de cartas que guardo até hoje. Escreveu sobre as batalhas, a imundície, as privações, a brutalidade dos Habsburgo e o sofrimento dos camponeses. E escreveu sobre mapas. Archie, que mal assistia a uma aula na época da faculdade, apaixonou-se por cartografia. Aprendeu a arte e os seus usos com estudantes das novas escolas militares francesas e germânicas. Usou espões e algumas vezes ele próprio se disfarçava, para mapear e aprender a configuração dos territórios inimigos. Na época, me maravilhei com as cartas, com o entusiasmo de Archie e com esse novo tipo de conhecimento. E sabia o que os papéis que o delegado Buchan me mostrava significavam. O delegado também sabia, mas queria ouvir de mim.

— Por que acha que Patrick Davidson desenhou esses mapas, Sr. Seaton?

A sala ficou em silêncio; somente uma resposta faria sentido. O que Davidson desenhara era um plano para uma invasão que desembarcaria na costa de Moray e marcharia para o sul, rumo a Aberdeen, Edimburgo e Londres, mas primeiro para Strathbogie. Esse é o centro do poder dos Gordon, o lar dos marqueses de Huntly, donos do nordeste e da Escócia, sempre prontos a lutar, a favor de seu soberano ou contra ele, em nome de Roma. Privações, banimentos, mortes em campos de batalha e execuções não aplacaram a sede dos Gordon de ter a Escócia servindo novamente ao papado. E Strathbogie fica a não mais do que 30 quilômetros de onde estávamos. Eu, porém, não acusaria alguém que não conheci, a quem causara um mal e que não poderia defender-se.

Não importou muito: as palavras presas na minha garganta logo foram ditas pelo delegado.

— Creio que é evidente que Patrick Davidson era um espião papista, não é, Sr. Seaton?

Soltou essas palavras em uma sala silenciosa e abriu a porta para uma tempestade. Enquanto eu tentava pensar em uma resposta, Gilbert Grant levantou-se enraivecido e chocado.

— É um ultraje, Buchan, que o rapaz seja acusado de algo assim! Por ele ter sede de conhecimento o senhor acusa-o de papista e espião? — Virou para mim seus olhos suplicantes. — Alexander, diga a eles, diga que isso é absurdo... — Mas a voz do meu colega se enfraqueceu, sugada pelo silêncio da certeza que reinava na sala.

O notário foi o primeiro a falar.

— Esses papéis devem ser guardados em lugar seguro. Proponho, intendente, que depois de examinarmos melhor os documentos, a arca seja trancada na sala de arquivos da Câmara.

O intendente concordou, tendo melhorado um pouco. Thomas Stewart e eu levantamos a arca até a mesa, longe do fogo que Walter Watt mandara acender. O delegado disse ao boticário que ele poderia partir, com a estrita recomendação de que não revelasse nada do que fora dito ali. Falou também, surpreendentemente educado, com Gilbert Grant, explicando que ele não precisava ficar conosco se não desejasse. Meu colega levantou-se depressa.

— Saio com prazer, pois não tenho estômago para isso. Ele era um bom rapaz, um bom rapaz!

O intendente apertou sua mão com firmeza.

— Obrigado, Gilbert. Você faz justiça a ele.

Quando Grant e Arbuthnott saíram, o policial recebeu a ordem de buscar o ministro. A sugestão foi de Thomas Stewart e, ainda que o delegado e o intendente desajassem o contrário, todos concordamos que o ministro deveria ser informado sobre o que fora descoberto. O intendente então se sentou na sua cadeira, à cabeceira da mesa, e convidou-nos a sentar.

O ministro logo apareceu. Enquanto tirava o chapéu e a capa, arfando, o notário relatou resumidamente o que fora encontrado no quarto de Patrick Davidson.

O ministro pareceu verdadeiramente assombrado.

— Um espião? Um papista? Não posso acreditar! — Thomas Stewart não havia falado em papistas, mas não era necessário. Que outro inimigo nosso país teria? O ministro olhou para o seu cunhado. — Intendente, isso não pode ser verdade, homem; ele era seu sobrinho.

O intendente, que se manteve em silêncio durante a narrativa de Thomas Stewart, manteve a compostura.

— Prefiro morrer a acreditar nisso; nunca minha família foi denegrida. Nunca. Nenhum indício de catolicismo ou de deslealdade à nossa Igreja ou à coroa foi alguma vez atribuído a mim ou aos meus. Peço a Deus que não seja verdade, em nome do rapaz e pela memória da sua falecida tia, que amava aquela criança loucamente, e ele a ela.

Para minha surpresa, o delegado, que não era muito dado a sentimentalismos, concordou.

— Todos reconhecem e lembram-se disso. Nunca uma criança teve um exemplo mais cristão diante de seus olhos. Se for comprovado que o rapaz se desviou para o mundo romano, a memória dela deverá ser preservada.

O ministro, sempre pronto a discordar de Buchan, não gostou das suas palavras.

— E a do intendente, delegado Buchan. E a da sua família.

Nisso, como em tudo, a preocupação do reverendo Guild era consigo mesmo. Ele nunca deixava de lembrar a todos que a sua irmã era agora a esposa do intendente, porém qualquer indício de ligação da família com Roma poderia manchá-lo. Para Walter Watt o risco talvez fosse maior. Ele trabalhou toda a vida para conquistar uma boa posição, influência, riqueza e poder, e aspirava a algo maior do que a intendência de Banff. O que lhe restaria das conquistas de uma vida de trabalho se o nome de sua família fosse maculado com tamanha traição? Não podia sequer comparar-se aos marqueses de

Huntly, perdoados várias vezes por monarcas indulgentes. O rei não distinguia Walter Watt, intendente de Banff, das outras criaturas do seu reino. Para Watt e seu cunhado, o ministro, a revelação de que Patrick Davidson era um papista significaria um desastre pessoal.

O delegado não parecia convencido ou interessado na declaração do ministro em defesa do intendente.

— Ainda não se sabe se foi maculada a reputação do intendente, da sua família ou de qualquer morador deste burgo, Sr. Guild. Quando nossa comunidade é ameaçada pelo pior dos males, como está sendo, a vigilância no Senhor é tudo.

O intendente inclinou-se para a frente com um olhar frio e duro.

— Não há ninguém mais vigilante pela boa reputação deste burgo do que eu, delegado, como deve saber.

Buchan não se perturbou.

— E pelo bem da alma do burgo, intendente? Pois não se engane, trata-se aqui do bem da alma do burgo.

O notário, habituado às disputas intermináveis entre delegado e intendente, esperou em silêncio enquanto eles falavam. Em uma pausa natural, como ele sabia que haveria, retornou ao problema original.

— Espero que seja compreendido e acordado entre nós que precisamos ter grande cuidado ao lidar com esse assunto. Qualquer suspeita de que habitantes do burgo tiveram contato com inimigos estrangeiros causará divisões venenosas. Surgirão acusações e a suspeita crescerá como um fungo no coração dos moradores. O comércio e a segurança do burgo estarão corrompidos. — Com que rapidez Stewart chegara ao âmago da questão! Enquanto alguns, como o ministro e o intendente, temiam acima de tudo por seus cargos, e outros, como o delegado, talvez tivessem um temor genuíno pelas almas imortais dos habitantes de Banff, a verdadeira preocupação não era com a Igreja ou com o reino, mas com o

comércio e a segurança da cidade. — Esse problema deve ser mantido em sigilo absoluto.

— Como? — perguntou o ministro. — Se alguma autoridade maior souber disso pela boca de outros, poderemos ser acusados de apostasia e de traição.

Thomas Stewart procurou aliviar as preocupações do reverendo Guild.

— Teremos muito cuidado com a segurança desses papéis, ministro, e, assim que tivermos maior conhecimento do seu verdadeiro significado, eles serão entregues ao promotor. Dou minha palavra quanto a isso.

O ministro não se mostrou satisfeito.

— Não estou certo de que esse segredo possa ser mantido. Eu poria em questão, por exemplo, a presença nessa sala do Sr. Alexander Seaton. Nem por posição ou por reputação convém que ele divida conosco esse conhecimento.

Para minha surpresa, o delegado Buchan me defendeu.

— O Sr. Seaton está aqui como conhecedor do assunto do qual estamos tratando. Tenho certeza de que o senhor sabe da grande amizade que existiu, desde pequenos, entre ele e o herdeiro de Hay.

— O ministro ansiava por interrompê-lo, mas Buchan não permitiu.

— *Sir* Archibald Hay morreu pela nossa fé e defendendo nossa Igreja contra as forças idólatras de Roma. Ao longo dessa luta, como devem se recordar pelo discurso fúnebre feito pelo conde Marischal, ele se tornou especialista na confecção e no uso de mapas. Ao longo dessa luta, escreveu também muitas cartas, da Alemanha e dos Países Baixos, para seu amigo de infância, o Sr. Seaton. — Olhou para mim como se esperasse algum protesto. — Isso é sabido, Sr. Seaton. Poucas cartas entram nesta cidade sem meu conhecimento. O que sei de seus conteúdos depende da gravidade dos tempos. Creio que é provável que o Sr. Archibald tenha lhe revelado ao menos alguns dos seus conhecimentos e práticas. — Eu sabia, como

todos, quais eram os principais poderes na nossa comunidade, porém não havia compreendido, até aquele instante, a verdadeira extensão do controle de Buchan sobre as informações da cidade e nunca teria previsto tamanha franqueza da parte dele. Não adiantaria protestar pelo direito de privacidade; tal coisa seria vista como pouco menos do que a admissão de cumplicidade em algum ato de traição ou imoralidade. Simplesmente admiti que sua suposição estava correta e que Archie escrevera várias vezes a respeito de sua nova paixão pela arte da cartografia. Buchan aquiesceu satisfeito. — Imaginei que sim. E felizmente ele lhe escreveu, pois não posso pensar em ninguém na cidade capaz de nos orientar com algum conhecimento verdadeiro do assunto.

Isso não foi o bastante para o Sr. Guild.

— Citar a antiga amizade do Sr. Seaton com o senhor de Hay como forma de apoiá-lo é inaceitável, pois se sabe, no país inteiro, que o Sr. Seaton não é bem-vindo em Delgatie e que foi o senhor de Hay quem barrou a entrada dele na Igreja. — O ministro mal podia conter a sua raiva. — O senhor deveria ter consultado uma autoridade superior antes de dar esse passo.

— Ele consultou — interrompeu o intendente. — O cargo do Sr. Seaton no burgo pode ser baixo, mas ele é reconhecido como um homem de grandes conhecimentos e não sei de mais ninguém que entenda de mapas. Quanto à sua reputação... sei pouco sobre ela e as bisbilhotices me importam menos ainda... sei que nunca houve qualquer sugestão de heresia ou de conluio com as forças idólatras na sua vida pública ou privada.

— Mas a mãe dele, a irlandesa...

— Ela está morta — disse eu. — Minha mãe faleceu há muito tempo.

O ministro, acuado, calou-se sobre eu não merecer tal confiança, mas se enfureceu em silêncio pela dupla afronta à sua dignidade e à sua pessoa.

Há muitos meses, ninguém, a não ser os amigos mais íntimos no burgo, tratava-me com algo além de desconfiança ou desprezo. Havia, é claro, os estivadores do porto, as irmãs Dawson e os trabalhadores comuns — aqueles que viviam à margem da nossa comunidade —, pessoas que não se impressionavam muito com meus conhecimentos de nível superior e com a possibilidade de eu vir a ser ministro, e, portanto, não ficaram chocadas com minha desgraça. Quase todos os outros tentavam me evitar. Todos, salvo meus amigos mais íntimos. Nunca esperei que conhecidos se comportassem como amigos e, nos primeiros meses após ser rejeitado pelo presbitério de Fordyce, evitei até mesmo a companhia dos verdadeiros amigos — Jaffray, Charles Thom e Gilbert Grant em Banff, e dois ou três companheiros dos tempos de estudante que viviam em Aberdeen. Admiro-me de terem me apoiado nos meus piores momentos de autodepreciação.

Minha surpresa ao compreender, finalmente, que eu não deveria ser um ministro deixou-me, por algum tempo, fora da realidade. Meus dias vagando a esmo pelos penhascos e pelo litoral, para leste e para oeste, mal sabendo onde estava, terminaram não com a minha morte nas rochas, como se poderia esperar, mas com um colapso devido à exaustão numa praia perto de Findlater. Fui encontrado por uma sábia mulher do local que muitos consideravam uma bruxa, embora eu não acreditasse nisso. Ela me arrastou — Deus sabe como — por toda a praia até a caverna onde mora, no verão e no inverno, e cuidou de mim. Quando meus delírios finalmente terminaram, ela mandou um recado a Jaffray dizendo onde eu podia ser encontrado. O fato de eu estar vivo foi motivo de alegria para ele, para Gilbert Grant e até mesmo para a Sra. Youngson, mas não para mim. Passei a beber, nadar em autopiedade, lamentar amargamente meu destino, beber mais e ter raiva de todos que se aproximavam de mim; dormia

com mulheres cujos nomes eu mal sabia. Três vezes fui levado à frente da assembleia paroquial e três vezes fui forçado a me sentar diante de toda a igreja e declarar um arrependimento que eu não sentia.

Essa fase durou quase seis meses, até restarem apenas James Jaffray, Gilbert Grant e Charles Thom. Ninguém decente e respeitado me olhava nos olhos, e meus alunos pouco me respeitavam. A Sra. Youngson, que não teve filhos, que me levara para a sua casa e me amava como se eu fosse filho do seu marido, mal conseguia me olhar. Passaram-se seis meses até que eu me visse num precipício entre a existência e a morte. Não estava morto e ainda que não vivesse, eu existia. Inicialmente apoiei-me quase que totalmente em Jaffray: ele permaneceu a meu lado, irredutível, embora eu afirmasse que não precisava dele. Charles Thom, com seu jeito rabugento e passivo, fez o mesmo. Gilbert Grant apenas esperou, pacientemente, até que eu descobrisse alguma civilidade em mim, como sabia que ocorreria. Senti-me profundamente envergonhado por meu comportamento com ele quando consegui, enfim, sair daquela onda de melancolia e agressividade. Seu perdão foi silencioso e completo, mas sua esposa nunca pôde perdoar a dor que causei ao marido — e a ela — e declarou-me que conhecera o pior lado da minha alma. Naquela sala, sendo defendido pelo intendente, uma porta se abria ligeiramente e oferecia o retorno ao mundo dos homens. E haveria respeito nesse mundo, pois a mão que abria a porta não fora a de um amigo.

Balancei a cabeça num gesto de agradecimento ao intendente.

— Darei toda a assistência possível. Não posso oferecer grande conhecimento sobre a arte da cartografia, mas saberão tudo o que aprendi com Archie. Quanto à minha descrição, o Sr. Guild não precisa se preocupar: o que for falado aqui não será divulgado por mim. — Forçado a se retratar, o ministro olhou-me com certo desprezo.

O delegado, sem lhe dar atenção, foi até a arca.

— Então comecemos a trabalhar, já perdemos tempo demais.

Nas três horas seguintes, até a luz começar a esmaecer e surgirem outras obrigações para o notário, o delegado, o intendente e o ministro, estudamos cuidadosamente os mapas. À medida que o exame progredia, a questão principal era a de qual seria o uso militar de todo esse mapeamento. Uma ou duas sugestões foram fantásticas: o ministro alegou temer que hordas de idólatras queimassem e profanassem as igrejas marcadas. Eu achava mais provável que as igrejas tivessem sido marcadas como pontos de referência e que uma força invasora aportando a muitos quilômetros dos centros de poder dificilmente marcharia até os presbitérios de Fordyce ou de Turriff para queimar igrejas. Mais preocupante eram as longas descrições de Davidson sobre as produções abundantes dos jardins e dos pomares do senhor de Banff e sobre a movimentação do mercado do burgo e sobre a localização dos grandes terrenos de Delgatie e de Rothiemay — produtores de milho e cevada. Uma força invasora que chegasse por mar e tivesse à frente uma longa marcha poderia ser bem-sucedida tendo essas informações. Havia pouca dúvida, de nossa parte, de que o inimigo fosse papista; a questão era saber onde viria. O ministro e o delegado, unidos pela primeira vez, suspeitavam dos franceses. Thomas Stewart e eu acreditávamos que ele viesse da Espanha.

O delegado estava convencido da sua teoria.

— Os franceses são um povo há muito sem Deus e eternos inimigos da Escócia. A França nos tem na mira há sessenta anos, desde que nos libertamos da servidão à Roma. Maria Stuart, mãe do falecido rei, nada mais era que um fantoche dos planos romanos. É uma grande pena que o seu neto, Carlos I, tenha se ligado novamente à França através de um casamento com Henrietta Maria,

pois nada de bom sairá disso. — O rei Carlos I subira ao trono no ano anterior e, em dois meses, casara-se com uma francesa. Essa “aproximação com Roma” deixara muitos escoceses insatisfeitos, inclusive eu.

O intendente se virou para Thomas Stewart.

— Por que acha que a Espanha é um inimigo mais provável?

O notário passou-lhe os mapas que estavam sobre a mesa.

— O senhor concorda que uma força invasora pode desembarcar aqui ou aqui? — O intendente concordou e o notário traçou uma linha com o dedo a nordeste da costa de Banff. — Qualquer invasor tenderia a vir por aqui. Uma jornada pelo oeste da Escócia e em torno de Cape Wrath ou até mesmo das ilhas Orkney implicaria uma navegação perigosa e perderia o elemento surpresa, pois em algum momento seriam detectados por nós. Essa seria a única rota dos franceses, pois eles não poderiam atravessar o Canal da Mancha e subir pela costa leste da Inglaterra sem serem notados. Pense, porém, nos espanhóis, pense nos Países Baixos. — O que ele disse fazia sentido: desde a revolta dos holandeses, vinte anos atrás, a Espanha não domina o norte dos Países Baixos, que passou a formar uma república sob comando próprio, mas ainda domina o sul e, de Madri, jorram-se soldados e ouro para Antuérpia e Bruxelas, mantendo-se uma rede de espionagem espanhola sustentada pelo aparentemente ilimitado suprimento de ouro vindo das Américas. Talvez Patrick Davidson tenha sido simplesmente uma peça a mais na grande engrenagem espanhola que expande o poder dos Habsburgo por toda a Europa e além.

O intendente balançava a cabeça devagar, analisando a situação.

— Uma frota... eles chamam de armada, não é?... poderia sair de Flandres e seguir para o norte sem ser detectada. Um vento favorável os traria à nossa costa em pouquíssimo tempo. Mas por que aqui? Por que tão ao norte?

O ministro não pôde manter-se calado.

— Em nome de Deus, por que todos tememos dizer que suspeitamos do envolvimento dos Huntly nisso?

Walter Watt o interrompeu.

— Tenha cuidado... — Mas, pela primeira vez, o ministro não se deixou intimidar pelo cunhado.

— Não, intendente, não terei cuidado. Quanto tempo mais viveremos com medo dos papistas Gordon, que venderiam nossa nação aos idólatras romanos pelo preço de uma missa? — O que ele dizia era verdade. Todos sabiam que os Gordon nunca aceitaram a reforma religiosa no nosso país e que estavam sempre na esperança de um retorno ao catolicismo. Para isso, trairiam o país e arriscariam uma guerra civil. Com o rei da Inglaterra e toda a Europa em guerra, não entrariam em conluio com a Espanha, como fizeram antes? O intendente dirigiu-se a mim.

— O senhor tem algo a acrescentar, Sr. Seaton? O que pensa da possibilidade de um ataque espanhol?

Respondi com grande cuidado.

— Acredito que se nosso país sofrer um ataque dos espanhóis, será porque nosso rei os levou a isso. — Eram palavras perigosas, eu sabia, para serem usadas entre homens que não tinham qualquer razão para me querer bem. O intendente, de quem eu não gostava, mas em quem começava a confiar, foi o primeiro a falar.

— Em que baseia a sua opinião?

— Como é conhecido por todos depois da sua ascensão, o rei Carlos não perdeu tempo em abandonar a política do pai e mostrar-se inimigo da Espanha. A Inglaterra sempre será o objetivo da Espanha, mas talvez os espanhóis concluam, com razão, que muito pode ser conquistado atacando primeiro o reino escocês. E onde mais encontrariam um amigo tão firme e bem posicionado quanto o marquês de Huntly?

Thomas Stewart pareceu um pouco desconfortável.

— Sinto que concordamos num ponto: se nossa nação está ameaçada por uma força estrangeira, ela virá da Espanha; se Patrick Davidson espionava para alguém, era para Madri. Porém...

— Porém — interrompeu o intendente —, não há provas de que meu sobrinho estivesse envolvido nisso; esses mapas podem ser fruto de uma pesquisa inocente.

Senti-me como uma mosca presa em uma teia de aranha. O intendente permitira que nos enredássemos cada vez mais em especulações e, agora, tinha uma posição privilegiada para defender o falecido sobrinho. Senti-me tão responsável quanto os outros por não o ter defendido quando Gilbert Grant pediu.

— Não sou especialista nesses mapas, intendente, e não tenho interesse em caluniar um homem inocente.

O delegado foi ágil:

— Nem para salvar seu amigo?

— Nem para isso.

Ele concordou com a cabeça.

— Ótimo, era o que eu pensava.

Não entendi exatamente o que quis dizer, mas tive pouco tempo para pensar, pois Thomas Stewart se virou para mim e disse:

— O que quer que façamos não lhe trará consequências, Alexander. Você não fez mais do que pedimos, e o fez bem, mas acredito que não devemos prosseguir sem nos aconselharmos com um especialista.

O ministro estava cansado de ouvir as opiniões dos outros quando a sua era tão clara.

— E com qual pecador nos aconselharemos agora, antes de prosseguirmos como um grupo de magistrados honestos e crentes em Deus?

O insulto a mim foi ignorado enquanto o notário respondeu calmamente:

— Robert Gordon de Straloch.

O ministro bufou com um ar de escárnio e o delegado se levantou, alarmado.

— É arriscado demais!

— O senhor de Straloch não é papista — afirmou o notário.

O reverendo Guild resmungou novamente.

— Não é papista? Ele é um Gordon! Incenso é como leite materno para eles!

O notário repetiu com crescente impaciência e a voz ríspida!

— Robert Gordon de Straloch não é papista, é um dos homens mais respeitados do reino. O próprio rei se aconselha com ele.

— Sim, mas os Huntly não assoam o nariz antes de consultá-lo — acrescentou o ministro.

— Talvez, mas muitas vezes foram a ajuda e os conselhos moderados de Straloch que contiveram o marquês quando sua natureza impetuosa teria nos levado a um desastre.

Quando o delegado falou, suas palavras foram lentas e determinadas.

— E qual é sua opinião, intendente? Devemos consultar Robert Gordon de Straloch sobre os mapas? — Observava atentamente o intendente, como que esperando que sua reação revelasse cumplicidade ou inocência nas ações do sobrinho.

Walter Watt demorou a responder, mas, enquanto falava, compreendi o que o distinguia dos outros homens. Quando queria, falava e discutia com uma autoridade capaz de silenciar os demais.

— Também tenho dúvidas quanto a nos aproximarmos tanto dos Gordon para tratar de um assunto tão potencialmente perigoso. Entretanto, não podemos continuar a investigar esses mapas sem a opinião de um especialista e é sabido que não há um homem, em toda a Escócia, que compreenda melhor a arte da cartografia. Não se pode negar que é um Gordon e que é confidente do marquês de Huntly, mas o notário tem razão. Ele é tão respeitado quanto qualquer outro homem e mais de uma vez foi sua voz que evitou

uma catástrofe. Devemos consultar o senhor de Straloch. Pediremos sua opinião sobre um mapa, apenas um. Se ficar comprovado que meu sobrinho se envolveu em tamanha traição, estou decidido a que esses papéis devem ser queimados sem que ninguém saiba deles.

O ministro, o delegado e o notário enfim concordaram, em graus diferentes, com o intendente quanto à forma de proceder. Faltava saber como o mapa selecionado seria levado com segurança a Straloch. Nas atuais circunstâncias, com um assassino andando pelo burgo ou jogado no cárcere ainda sem julgamento, o notário e o delegado não poderiam sair dali. O ministro declarou que não desejava ter qualquer contato com os idólatras Gordon e que o intendente não era um mensageiro. O olhar do delegado caiu sobre mim. Ele devia saber o que eu, no redemoinho dos acontecimentos dos últimos dois dias, esqueci: que me comprometi a ir a Aberdeen no dia seguinte. Ele mesmo teria assinado uma autorização me dispensando das minhas obrigações por alguns dias.

Seu olhar começou a pesar em mim e eu pigarreei.

— Viajarei até a cidade amanhã. Há duas vagas para estudos com o Dr. Liddell no Marischal College e um dos meus alunos mais promissores quer candidatar-se a uma delas. Preciso ir a Aberdeen acertar o que for possível sobre o que será exigido do menino e comprar alguns livros necessários para a escola. Estarei a três quilômetros de Straloch.

Depois de muitos protestos do ministro, silenciados pelo intendente, e nenhum comentário meu, decidiu-se que seria eu o encarregado de levar o mapa a Robert Gordon. Diria a ele o suficiente sobre o assunto e pediria a sua opinião quanto à natureza e ao significado do mapa. Nunca vira o senhor de Straloch, mas ele tinha a reputação de ser um homem de grande cultura e vasta experiência. Eu não temia, como o reverendo Guild, ser contaminado pelo papismo apenas por me sentar à mesa com um Gordon. Eu estava distante, muito distante, de Deus, mas tinha certeza de que o

meu Deus ainda era o de Calvino e de Knox, independentemente do que o reverendo Guild temia que eu tivesse aprendido com minha mãe. A luz estava fraca e o mar trazia nuvens do oeste quando o arauto da cidade avisou que eram 17h. Ficou combinado que eu estaria ali às 7h da manhã seguinte e que o intendente me encontraria e me daria um — e somente um — dos mapas desenhados pelo sobrinho.

Não caminhei em direção à escola e ao jantar simples, porém saudável, da Sra. Youngson, mas para a casa de Jaffray. Com todos os elos quebrados na minha vida nos últimos meses, o médico se tornara meu único tônico.

5

Post-mortem

Os olhos dela estavam cheios de dúvidas.

— Se você me deixar entrar, eu lhe explico, Ishbel.

A criada de Jaffray, ainda confusa, abriu a porta e ajudou-me a tirar a capa.

— O doutor está no escritório, Sr. Seaton. Vou buscar seu jantar.

— Não vim para jantar.

Ela não se moveu.

— O doutor disse que o senhor viria quando terminasse seu trabalho na Câmara e que jantaria aqui. — Virou as costas e seguiu para a cozinha. Qualquer protesto da minha parte seria inútil, então atravessei o longo corredor até o escritório de Jaffray nos fundos da casa. Em outros tempos, James Jaffray observava, através da pequena janela do escritório, sua esposa trabalhar no jardim. Creio que ainda faz o mesmo. Mais de uma vez o vi olhando para a escuridão, com a mão sobre a página de um livro aberto cujo título nem saberia dizer. Bati suavemente na porta e logo ouvi a cordial voz familiar.

— Sim, Ishbel, tudo bem, pode entrar.

Eu entrei.

— Não é Ishbel, sinto dizer... Está esperando seu jantar?

Ele levou um susto e riu abertamente.

— Você poderia ser um ministro tendo esse seu andar silencioso e batendo na porta como uma mulher. — Mostrou-se arrependido, mas foi uma brincadeira sem malícia. — Soube que andou muito

ocupado hoje, Alexander. Passei a manhã vasculhando as prateleiras do boticário, checando se ele guardava apenas os venenos permitidos. Quando terminei, soube por Arbuthnott que você estava na Câmara. Por um instante, temi que tivesse sofrido o mesmo destino de Charles Thom. E o policial levou algum tempo para me convencer de que você estava no conselho da Câmara e não na cadeia da torre.

— Se algum dia eu sofrer esse infortúnio, duvido que consiga manter uma atitude tão estoica quanto a de Charles.

Os olhos do médico se iluminaram.

— Eles não o dobraram, então. Graças a Deus! Ele é melhor do que tudo o que possam fazer contra ele, mas seu corpo não é forte.

— Não, e aquele lugar é verdadeiramente infernal.

— Eu sei, fui chamado diversas vezes para tratar as feridas das pobres almas que apodrecem lá.

— E permitiram sua entrada hoje?

Jaffray bufou com raiva.

— O delegado deixou instruções de que eu não poderia visitar Charles. Seu pensamento limitado o convenceu de que meu único objetivo ao visitar o rapaz seria lhe contar sobre o resultado da autópsia para que pudesse negar melhor sua culpa. — Depois perguntou em voz baixa: — Você o viu, Alexander, o que ele está escondendo? É claro que não é culpado, mas está guardando algum segredo, não está?

Eu hesitei. Charles me fizera prometer que eu nãoalaria a ninguém sobre sua noite à procura de Patrick Davidson com Marion Arbuthnott, mas Jaffray fora o responsável pelo vínculo de honra e pela amizade que ligava nós três. Os segredos que Charles não contaria a Jaffray são aqueles que um filho não contaria ao pai, mas seu silêncio diante do delegado Buchan era de outra natureza: ele tinha medo de pôr em risco a vida de Marion Arbuthnott. Portanto

contei a Jaffray tudo o que sabia. Ele ouviu com atenção e, quando cheguei ao final do meu curto monólogo, balançou a cabeça.

— Era o que eu suspeitava... Charles não dirá nada, com medo de comprometer Marion. — Atiçou o fogo, distraído. — Então você e eu teremos que provar sua inocência, Alexander. Já teve a oportunidade de falar com Marion?

Neguei com a cabeça.

— Ninguém teve, ao que parece. O delegado tentou, mas ouviu menos de seus lábios do que ouvira de Charles. Não sei se ela falaria mais abertamente comigo do que com Buchan. É uma pena, pois gostaria de conversar com ela sobre outros assuntos.

— Quais assuntos?

Enchi meu copo com o vinho que Ishbel deixara para nós e contei dos mapas. Ele ouviu com grande interesse e, para minha surpresa, com algum conhecimento; interrompia-me a toda hora para que eu esclarecesse algum ponto ou para perguntar sobre as reações dos que também examinaram os desenhos e as anotações. Antes que eu chegasse ao meio da narrativa, ele me aconselhou a consultar o senhor de Straloch. Depois levantou a possibilidade de espionagem e, como eu, suspeitou da Espanha e, é claro, de Huntly.

— Como o intendente recebeu a notícia? Ele defendeu o sobrinho?

Eu refleti.

— Quando Gilbert Grant e eu chegamos à Câmara, o intendente estava abalado, muito abalado. Parecia mal ser capaz de acompanhar os acontecimentos, muito menos de controlá-los. Nunca o vi assim.

Jaffray lembrou-se de algo.

— Eu sim, uma vez — disse.

Esperei que ele se explicasse, mas Jaffray fez um gesto com a mão.

— Mas isso não importa, continue.

— Com o tempo, ele se controlou. Sua defesa do sobrinho tornou-se mais... racional. Se sua autoridade não tivesse sido acompanhada pela prudência e pelo bom senso de Thomas Stewart, estaríamos lá até agora.

Jaffray sorriu.

— Vendo o ministro armar uma pira para os hereges e conseguir se pôr no alto dela...

— Gostaria de ter sua facilidade com as palavras, doutor, pois seria exatamente o que teria ocorrido. — Quem então estaria a salvo em Banff? Eu poderia citar os nomes de vinte papistas que não ostentam sua fé, mas não a ocultam suficientemente. Se Patrick Davidson fosse descoberto como um espião papista, Deus sabe o que aconteceria na nossa cidade. Jaffray seguia o mesmo raciocínio.

— Eles perguntaram ao intendente sobre as atividades do sobrinho no exterior, se tinha estado com papistas ou ido a Douai ou até mesmo a Paris?

— Acha que ele pode ter ido a um dos seminários escoceses lá?

— Bem, alguém já ouviu falar de um padre recém-formado retornando da França e declarando seu cargo? Eles vêm por vias clandestinas, disfarçados de estudantes, professores, até de médicos.

— Não creio que ele fosse padre. Esse assunto não foi levantado, nem se mencionou Douai ou Paris. Porém...

— Porém? — Jaffray repetiu.

— Quando conversei com Charles, ele me falou do amor de Davidson pela música, pelas missas, pelas grandes catedrais que vira nas suas viagens. Creio que tinha ao menos tendências papistas. — Se fosse o caso, poderia ter se ligado a muitas pessoas nas redondezas de Banff, inclusive, os proeminentes Gordon.

— Se Davidson se encontrava clandestinamente com papistas, isso, assim como a confecção dos mapas, devia acontecer nas suas expedições para coletar material.

— Com Marion — eu disse.

— Sim, voltamos outra vez a Marion e eu ficaria mais do que surpreso se o delegado não tiver chegado à mesma conclusão. Ele a interrogará se suspeitar que ela sabe de algo que lhe possa ser útil. Marion pode ter resistido até agora, mas duvido que tenha força de vontade o suficiente para se manter assim indefinidamente.

Pensei nela no dia anterior, quando a vi encarando as profundezas e olhando através de mim quando acenei para ela em Elf Kirk. Eu não estava certo, como Jaffray, de que o delegado conseguiria arrancar o que ela sabia.

— Precisamos saber o que ela esconde se quisermos ajudar Charles. — Fechou os olhos para concentrar-se melhor no problema.

— Verei Marion amanhã. — Chamou Ishbel e escreveu às pressas um bilhete endereçado a Arbuthnott. — Mande o menino entregar isso nas mãos do boticário e garantir que ele leia o bilhete imediatamente. Não podemos perder tempo. — Ishbel, que já recebera ordens mais estranhas que essa, saiu imediatamente, sem fazer perguntas. Olhei para meu amigo esperando uma explicação. — Escrevi-lhe que Buchan procurará sua filha hoje à noite e que ele deve dar a ela um remédio para dormir. Disse também que irei vê-la pela manhã e que ninguém mais deve falar com ela antes de mim.

— E ele fará isso?

— Sim, Arbuthnott está aterrorizado... um assassinato e talvez uma traição vindos da sua casa. Se o delegado Buchan procurar Marion, Arbuthnott saberá que não será bom para ela ou para a sua família. Ele deve saber tão bem quanto nós que Marion está envolvida até o pescoço.

Dadas as circunstâncias, essa era uma avaliação terrível sobre a situação de Marion Arbuthnott. Seu gracioso pescoço poderia realmente acabar envolto pela corda de uma forca, uma vez que sua origem não era nobre o suficiente para merecer a guilhotina. Saber que o destino de Charles dependia do dela aumentava ainda mais minha apreensão. Nos becos e nas vielas, nos quintais e nos pátios

de Banff, o mal estava à espreita. E ela não seria eterna. Faltavam apenas dez dias até o retorno do promotor e o início dos julgamentos; dez dias para salvar nosso amigo.

— E Marion falará com você?

— Sim, eu a conheço desde que nasceu. Ela saberá diferenciar seus amigos daqueles nos quais não pode confiar e que não podem ajudá-la.

— Com a morte de Davidson e Charles na cadeia, que amigos lhe restam?

— Você e eu, Alexander. Você e eu, e ela deve saber disso logo. Estou certo de que qualquer que seja seu fardo, ela não poderá carregá-lo sozinha por muito tempo.

Então me lembrei de algo no que Jaffray não pensara.

— A irmã do ministro, Geleis Guild; a esposa do intendente. Ela e Marion são amigas, não são? E Marion ajuda-a a cuidar das crianças. Será que não se abriria com ela?

Jaffray refletiu.

— Não pensei nisso. Sim, talvez ela se abra com Geleis quando melhorar um pouco, mas serão coisas de mulher... Não podemos fazer nada por um coração partido, mas talvez possamos ajudá-la a se livrar dos seus medos mais imediatos. Falarei com ela amanhã — repetiu Jaffray, e não achei necessário fazer mais perguntas.

As velas sobre a lareira queimavam lentamente. O sino da igreja batera sete badaladas, mas o dia ainda estava claro. Aos costumeiros grasnidos das gaivotas tentando sua sorte na costa juntaram-se os cantos crepusculares dos passarinhos na primavera. Enfim, conforme abril se aproximava, nos arrastávamos pelos últimos dias do inverno rumo à luminosidade e à liberdade da primavera e do verão. Era como se a tempestade de dois dias atrás tivesse carregado

a escuridão para os mares do norte. Jaffray foi à sua mesa e entregou-me um papel.

— Isso foi o que descobri na autópsia de Patrick Davidson. — Eu esperei. — Ele foi envenenado. — Disso todos sabiam. Ele tirou o papel da minha mão, amassou-o e jogou-o no fogo. — O corpo de Patrick Davidson foi um dos mais saudáveis que examinei em toda a minha vida e ainda assim ele está morto, porque alguém pegou a raiz de uma linda e pequena flor e deu-lhe para comer. Um veneno tão letal que começou a matá-lo antes de chegar ao estômago, onde havia poucos vestígios. Seu destino foi selado assim que a engoliu.

Eu não compreendi.

— Uma flor? Mas... se não havia vestígios, como você sabe...

— Sei porque Arbuthnott e eu encontramos vestígios no vômito dele, antes do barbeiro nos ajudar a abrir o corpo. Encontramos elementos da raiz, mastigados, e dois pedaços inteiros, no vômito congelado nos seus cabelos e nas suas roupas. A Sra. Youngson é uma mulher experiente e sábia, entende o que deve limpar e o que deve deixar. Foi o boticário quem viu os vestígios; ele tem olhos de lince e um conhecimento de botânica muito maior do que o meu. Quando me mostrou os pedaços da raiz e disse o que pensava, soube que ele estava certo.

— O que é?

— *Colchicum mortis*, a colquicina da morte.

Uma flor. “James e as flores.” As palavras de Janet Dawson, sussurradas tão rapidamente ao meu ouvido ontem, vieram-me à cabeça, mas Jaffray estava interessado nas suas revelações e não notou minha abstração.

— Você decerto nunca ouviu falar disso. Na verdade, por que ouviria? Eu mesmo nunca vi um caso de envenenamento como esse. Mas há outras variedades da colquicina usadas em remédios e na culinária.

— Na culinária? — Eu sabia que venenos eram muito usados na preparação de remédios, mas seu uso na cozinha era uma novidade para mim. — E não é perigoso?

Jaffray riu.

— O açafrão, Alexander, que muitas mulheres usam para colorir e dar gosto à comida, é obtido do estame da colquicina, e Arbuthnott tem isso aos montes nas suas prateleiras. Eu já prescrevi esse remédio para casos de gota e artrite, mas uma dose alta pode ser perigosa, causando paralisia e convulsões. Arbuthnott, como qualquer bom boticário, mede suas doses com grande cuidado.

— Então alguém tem armazenado esse veneno com intenções criminosas?

Jaffray sacudiu a cabeça.

— Não, o que encontramos foram pedaços da raiz, que parece uma pequena cebola descolorida, e ele deve tê-la comido num ensopado. Há muitas variedades da colquicina que, mal utilizadas, poderão fazer mal a um homem, mas apenas uma é fatal e rápida: a *colchicum mortis*. A julgar pelo rosto de Patrick Davidson e pela posição do seu corpo quando foi encontrado, ele sofreu convulsões e paralisias antes de morrer.

Lembrei-me da feição contorcida e da posição grotesca do corpo sobre a minha mesa e não questionei Jaffray. Ele continuou:

— Essa planta é cultivada e suas propriedades são muito conhecidas nos Alpes, onde, apesar da sua beleza, ninguém a toca. Vi essa flor uma única vez, e a distância, durante uma aula em Montpellier há quase trinta anos. Não posso dizer que me lembro claramente ou que seria capaz de descrevê-la com precisão. Anos mais tarde, vi desenhos da planta.

Eu era tão ignorante em botânica quanto se poderia esperar de um aluno de teologia. Sempre vivi tão envolvido no mundo interior do homem que o mundo exterior, com todas as suas belezas sazonais, manteve-se um mistério para mim. Porém tive dúvidas.

— E com esse conhecimento você pôde identificar a raiz de uma pequena planta?

Jaffray pegou seu cachimbo.

— Nem sei se teria pensado nisso se Arbuthnott não tivesse chamado minha atenção para os resíduos nos cabelos. A raiz — na verdade, um bulbo — poderia pertencer a diversas plantas, mas nenhuma com um efeito tão letal quanto a *colchicum mortis*. — Ele parou e pensou com ar sombrio. — O envenenamento é um ato de covardia velada e desprezível, nascido da parte mais negra do coração humano, e não admite a possibilidade de reação da vítima. Todavia... — Ele hesitou.

— Todavia o quê?

— Não creio que, no final, o assassino pôde ocultar seu crime em relação à vítima. A colquicina não tem sabor, mas acho que nos seus últimos momentos Patrick Davidson soube que fora envenenado. A morte não chegou rápido o suficiente para nenhum dos dois.

Lembrei novamente do homem me chamando, caindo, tentando se levantar, pedindo ajuda. Senti uma onda de náusea. Fui a segunda pessoa naquela noite a condená-lo à morte. Não queria acreditar nisso.

— Por que diz isso, James?

— A grama. Os cachorros comem grama para vomitar. As briônias não dão flores nessa época do ano, e elas poderiam ter funcionado, então, nos seus últimos momentos de consciência, Patrick Davidson comeu grama para tentar salvar a própria vida. Tentou provocar o vômito porque soube que fora envenenado.

— Quanto tempo ele sofreu? — Mal consegui perguntar.

— Mais do que deveria, de 15 a 20 minutos.

E em que momento eu o vi, nesses 15 a 20 minutos? Quão perto da morte ou da possibilidade de ser salvo Patrick Davidson estaria quando me fez aquele apelo desesperado e ignorado?

— E Arbuthnott concorda?

— Não discuti esse ponto com o boticário. Confio nele inteiramente quanto a plantas e compostos, mas a alma humana está além de seus conhecimentos — disse ele, com um sorriso irônico. — Ou não teria se casado com aquela mulher.

Não pude deixar de sorrir, por mais sério que fosse o assunto. Jaffray vira grandes tragédias e males ainda maiores, sem dúvida, e era apenas o seu humor que lhe permitia seguir em frente. Ele dizia que seu humor era um dom de Deus, uma graça. Um dom muito mal compreendido pelos pobres de espírito da nossa comunidade, aqueles cujo grande prazer é lançar olhares intimidadores e palavras de reprovação. Pessoas como o delegado Buchan, James Cardno e, algumas vezes, minha senhoria, a Sra. Youngson.

— O que Arbuthnott disse sobre a proveniência da raiz? Foi tirada da sua botica?

Jaffray negou com a cabeça.

— Ele nunca a teve ou terá. Diz que não há uso medicinal ou higiênico para essa raiz e eu acredito nele, pois também não conheço nenhum. Examinei todas as prateleiras e as gavetas da botica e não há nenhum veneno que não esteja na lista de produtos permitidos.

— Então a planta foi cultivada aqui? — Eu sabia que muitas plantas nativas dos Alpes eram cultivadas nos jardins de alguns homens que retornavam à nossa costa depois de estudar no exterior. Alguns as plantavam para estudá-las, mas outros, eu sabia, o faziam apenas pelo prazer de admirá-las.

Jaffray ficou em dúvida novamente.

— Era nisso que eu pensava. Sei pouco sobre o cultivo de flores, é Ishbel quem cuida do jardim de Elizabeth, então fui perguntar a Gilbert Jack. — Como sempre, o doutor fora a fundo em sua investigação: se algum homem em Banff conhecia a flor, era o jardineiro do senhor de Banff. Os jardins do palácio eram paralelos ao da igreja e desciam rumo a Greenbanks, ocupando muito do que antes pertencera aos carmelitas do burgo. Três gerações de

jardineiros, o pai, o avô e o próprio Gilbert Jack, resgataram o que havia de melhor naqueles jardins — o herbário, a horta, o pomar com diversos tipos de maçã, ameixa e pera — e criaram um jardim que era a glória do norte. Se Gilbert Jack não conseguisse cultivar algo em Banff, ninguém conseguiria.

— E?

— A planta não pode ser cultivada aqui, os ventos e o ar salino são muito fortes. Ele sabe porque plantou, há muitos anos, os bulbos que o senhor do castelo trouxera do continente e eles não vingaram. E isso deveria ter posto um fim na questão.

— Mas não pôs...

Ele foi acender outra vela.

— Não, creio que a autópsia foi quase inútil. Não nos ajudou em nada a descobrir a identidade do assassino de Patrick Davidson e portanto não ajudará a tirar Charles da cadeia. — Dito isso, deixou-se cair na sua cadeira.

— Talvez ainda ajude.

— Não vejo como.

— James e as flores — murmurei baixo e depois repeti para ele de forma mais clara. — James e as flores.

Jaffray tentava entender.

— Foram as últimas palavras de Patrick Davidson: “James e as flores.” Ele olhou para mim ainda sem compreender.

— Como você sabe, Alexander?

Eu esqueci completamente de lhe falar sobre meu encontro com as irmãs Dawson na noite do crime e com Janet Dawson ontem. E reconheci, com um peso no coração, que não lhe contara ter visto Patrick Davidson na noite de sua morte. Então contei tudo. Ele se manteve em silêncio durante a narrativa, mas, quando falei que abandonei um homem em necessidade, seus olhos entregaram o que seu coração sentia. Vi nele uma tristeza grande e sincera e uma decepção evidente — primeiro por Patrick Davidson e depois por

mim. Não apresentei desculpas, pois sabia que elas não existiam. Terminei de falar e ele se manteve pensativo. Depois de um tempo, disse:

— E isso ocorreu pouco antes das 22h? Para onde ele ia ou de onde vinha?

Sacudi a cabeça.

— Não sei dizer, ele estava... — limpei a garganta — ... apoiado no muro do castelo antes de cair. Talvez tenha caído antes disso, não sei. Eu não... — baixei a voz. — Eu não me demorei o suficiente para ver se conseguiria se levantar ou aonde tentaria ir.

— E nos 10 a 15 minutos nos quais Patrick se afastou do assassino talvez tenha ido longe — disse ele, com um suspiro profundo. — Não podemos saber. — Fez uma pausa e depois levantou-se outra vez. — Mas o que acha que significa “James e as flores”?

Confessei que não tinha ideia: aquilo havia passado longe da minha cabeça depois da descoberta dos mapas e não gostava do que essas palavras me sugeriam.

Jaffray pegou o cachimbo mais uma vez e tirou um graveto do fogo para acendê-lo.

— Evidentemente as flores se referem à colquicina: o rapaz sabia exatamente o que o envenenou. Quanto ao nome “James”, creio que há apenas uma explicação.

Eu hesitei, evitando pensar nisso.

— O assassino?

— Sim, o que mais seria?

— Isso não ajuda muito... De cada dez homens em Banff, dois se chamam James.

Jaffray sorriu.

— E um deles sou eu.

Olhei para aquele rosto querido e envelhecido.

— Você, meu amigo, está fora dessa lista. Quanto aos demais... como podemos saber quem tinha e quem não tinha contato com

Patrick Davidson?

— Perguntaremos a todos os que o conheciam. Ao mesmo tempo devemos procurar outras evidências e se alguma se relacionar ao nome James, tanto melhor. — Jaffray estava animado por ter um plano. Ele não era um homem que gostasse de esperar as coisas acontecerem.

Comecei a analisar a situação. O assassino de Patrick Davidson devia ter um mínimo de conhecimento sobre plantas e suas propriedades — mais do que o de um médico e tão bom quanto o de um boticário. Não apenas de plantas nativas, mas de espécies alpinas exóticas que não podem ser encontradas naquele lugar árido e ventoso. E, para conhecer a *colchicum mortis*, deve ter viajado ou ser próximo de alguém que o faz. Enquanto Jaffray olhava triste para o fogo, pensei nas pessoas do burgo, em quem poderia ser o assassino. Havia o boticário, Edward Arbuthnott; somente sua palavra provava que ele não tinha acesso a um estoque de raízes de colquicina. Porém, por que as teria mencionado para Jaffray e por que mataria seu aprendiz? Pensei em Jaffray, mas ele estava fora de cogitação. E havia Marion Arbuthnott: poderia ter conseguido a planta sem que o pai soubesse. Todavia eu não encontrava uma razão plausível para que Marion quisesse ver Davidson morto; tudo indicava que ela o amava. E sua mãe? Não. Segundo Charles, o casamento de Marion com Patrick Davidson era seu objetivo. E se tivesse havido algum escândalo? Então um noivado, e não um assassinato, teria sido a solução, ao menos para Marion e Davidson. Quanto a Charles, tenho certeza de que ele não sabe nada sobre botânica ou se interessa pelo assunto. É verdade que tinha acesso à botica de Arbuthnott, mas se não havia esse veneno no estoque... Percebi que meu pensamento era cíclico, voltando para onde começara. Estava cansado e minha cabeça doía.

— Preciso ir, James. Está escurecendo e devo acordar cedo.
— Amanhã?
— Sim, esqueci de lhe dizer que preciso ir a Aberdeen resolver o problema das bolsas de estudo.

Jaffray estava interessado.

— É mesmo? Bolsas de estudo? Agora me lembro... E vai se hospedar na faculdade ou na cidade?

— Na cidade, ficarei com meu velho amigo William Cargill...

— O sobrinho de James Cargill? — interrompeu ele.

— Sim, William está casado e tem uma casa em Green. Está crescendo como advogado desde que voltou de Leiden e logo trabalhará em Edimburgo.

Jaffray não se impressionou.

— Uma pena ele não ter seguido a medicina como o tio. Os jovens... — Começaria mais um dos seus velhos discursos sobre a preguiça e a ingratidão da minha geração quando parou subitamente. — É claro, James Cargill! Foi nos cadernos de Cargill que vi o desenho da flor! Se alguém no norte da Escócia conhecia essa flor, era James Cargill.

— Mas ele morreu há dez anos ou mais — protestei.

Jaffray replicou:

— Isso não importa, seus cadernos eram os mais precisos que já vi. Era um excelente médico, mas seu grande prazer, sua paixão, era a botânica. Um dia me disse que nunca tinha sido tão feliz quanto no verão que passou em Montbéliard com Jean Bauhin, colhendo e estudando flores. Essas conturbações no continente cortariam seu coração se estivesse vivo. Sim, preciso ver as anotações de James Cargill! Sei que você conseguirá persuadir o sobrinho dele a nos emprestar os cadernos, se estiverem em sua posse.

— Não tenho dúvida, mas como isso pode nos ajudar?

Jaffray se irritou com a lentidão do meu pensamento.

— Lá está desenhada a flor! Arbuthnott tem uma vaga lembrança do seu aspecto e eu, nenhuma. Poderemos descobrir algo se tivermos noção da aparência dessa planta com bulbos tão venenosos. Gilbert Jack pode estar errado, talvez a flor tenha sido cultivada aqui; mas nunca saberemos se não conhecermos sua aparência. — Senti que Jaffray e eu nos envolvíamos cada vez mais na mesma busca insana, mas não sabíamos de que forma ajudar o nosso amigo. Assegurei a Jaffray que faria tudo para trazer os cadernos de James Cargill.

— Ótimo, ótimo — disse ele. — Mas sobre os mapas, Alexander, duvido que serão de alguma serventia para Charles Thom. Mesmo que Davidson espionasse para todos os papistas daqui até Madri, como isso ajudaria Charles?

A mesma pergunta que me fazia enquanto caminhava da Câmara para a casa de Jaffray.

— Se Davidson era um espião papista, haveria outra razão para ser assassinado além dessa bobagem de ciúme por causa de uma mulher. Se suas atividades foram descobertas, talvez tenha sido assassinado para que os mapas não caíssem nas mãos de seus patrocinadores. Se esse fosse o caso, por que não acusá-lo e julgá-lo abertamente?

— Porque isso causaria pânico, meu rapaz! E poderia expor pessoas que as autoridades não gostariam que fossem expostas.

Minha cabeça latejava sem parar. Os rostos de Patrick Davidson, do intendente, de Marion Arbuthnott, do delegado Buchan, de Charles Thom e do que eu imaginava ser a face de Gordon de Straloch me perseguiram.

Enquanto eu estivesse fora, Jaffray investigaria os contatos de Patrick Davidson no burgo e no campo — fossem eles Gordon, papistas ou simplesmente “James”. Minha dor de cabeça melhorou um pouco com as gotas de láudano que Jaffray me ofereceu de sua própria botica, e então conversamos sobre outras coisas até muito

mais tarde do que eu pretendia. Finalmente, depois de prometer que levaria provisões frescas de Ishbel para Charles antes de deixar Banff na manhã seguinte, despedi-me dizendo que logo voltaria de Aberdeen.

6

A viagem

Havia muita movimentação na costa quando passei por lá no caminho para a cadeia da torre logo pela manhã. Depois da grande tempestade de segunda-feira, os primeiros barcos chegavam ao porto e liberavam suas cargas, para dar lugar aos salmões, grãos e peles de carneiro destinados ao entreposto de Aberdeen. Os estivadores, que passaram a noite de segunda-feira jogando dados na hospedaria, estavam agora ocupados com seus devidos trabalhos. Comerciantes e carregadores transportavam mercadorias do porto para o mercado em pequenas carretas ou nas costas. As gaivotas circulavam no ar e grasnavam em volta do local onde as mulheres limpavam os peixes recém-chegados para serem salgados. Tudo transcorria normalmente, como se o assassinato nada mais fosse do que uma lenda. A suave brisa marinha trazia um cheiro de algas do qual eu nunca gostei. Estava satisfeito que grande parte da viagem de hoje me manteria a quilômetros da costa.

O intendente ainda não estava na Câmara quando cheguei e me mandaram ir à sua casa em Castlegate. Eu quis ver Charles antes de partir, mas o policial tinha ordens estritas de não deixar ninguém subir — e algo no seu comportamento parecia dizer que a ordem se referia especificamente a mim. Estava claro que Charles deveria ficar sem qualquer comunicação com os amigos.

Quando cheguei à residência do intendente, ele me esperava na porta. Saudou-me a distância e disse:

— Sr. Seaton, fico feliz que comece cedo seu dia. Pretende chegar a Aberdeen ainda sob a luz do dia? — Não houve um pedido de desculpas pelo seu atraso e eu mesmo não esperava por isso.

— Facilmente. Estou com o cavalo de Gilbert Grant e trocarei de montaria em Turriff.

Ele olhou rapidamente para o cavalo. Não era um puro-sangue, mas era um animal forte e confiável.

— Fique sempre atento: há muitos vagabundos nas estradas que não teriam escrúpulos de atacar um professor. O mapa não pode cair em mãos erradas.

— Posso me cuidar muito bem. — Não havia nada que Walter Watt pudesse me ensinar sobre vagabundos nas estradas. Três das quatro vezes em que Archie e eu fomos da faculdade para o castelo de seu pai, em Delgatie, fomos atacados. Mas Archie aprendeu a manejar a espada antes de aprender a escrever e, desde o início da nossa amizade, percebeu que eu era um cavaleiro sofrível e que ele teria de me ensinar o que sabia. Ao final de cada assalto, saímos com nossos pertences e nossos orgulhos intactos.

O intendente pareceu satisfeito com minha resposta. Passou-me uma bolsa de couro com o mapa escolhido dentro.

— O senhor sabe o que deve perguntar a Straloch. E lembre-se: você faz as perguntas. Os problemas do nosso burgo não lhe dizem respeito.

— Sei pouco sobre os problemas do burgo, intendente, com exceção desse.

— Aposto como sabe mais do que isso... Eu não disse exatamente a verdade, quando declarei ao ministro que sabia pouco de sua reputação. Sei de tudo, Sr. Seaton: das bebedeiras, das visitas aos prostíbulos, das suas tentativas de suicídio. O senhor teve seis meses ou mais bem conturbados.

— Isso ficou no passado.

— Talvez. O delegado acredita que sim, e isso é algo a seu favor. Preocupo-me pouco com a censura da religião, mas já o vi declarar, ao menos duas vezes, seu arrependimento por seus atos diante de toda a igreja. Não conheço a situação da sua alma ou a extensão do seu arrependimento, mas sei da sua humilhação diante de toda a cidade. Homens melhores foram banidos daqui por menos.

— Sei, como qualquer um, o que fui e o que sou, intendente. Pela situação da minha alma, não posso responder, mas meu arrependimento é absoluto. Se eu pudesse escolher, não estaria em Banff. no entanto, não tenho outro lugar nesse mundo.

Ele me olhou, mas não disse nada. Além do mapa e de uma carta particular a ser entregue em Aberdeen, deu-me uma autorização por escrito para que o senhor de Straloch me tratasse como representante do burgo de Banff. Entregou-me tudo com uma recomendação final.

— O senhor não deve falar com ninguém o propósito de sua visita a Straloch. Haverá derramamento de sangue e dissidência nesta cidade se o medo de um plano papista se tornar conhecido. O senhor foi encarregado de uma tarefa de grande importância. Não desgrace este burgo ou a si mesmo.

Virou-se e entrou em casa e dei meu adeus para suas costas. Ao sair, ainda muito cedo, ouvi uma criança chorando por trás do muro do jardim. Andei até o portão e vi uma menina, talvez a filha do intendente, de 3 ou 4 anos, caída no chão de pedra com o braço gordinho sangrando. Eu a teria ajudado, mas Marion Arbuthnott, que eu ainda não notara, veio socorrê-la. Levantou-a com carinho e examinou o ferimento. Murmurando palavras carinhosas, beijou a cabecinha cacheada e levou-a para a mãe. Ao passar pela porta, virou-se para mim e acenou brevemente. Então ela não tomara o remédio para dormir nem se escondera. Parecia estar tudo bem com a moça com a qual eu me preocupara tanto dois dias atrás em Elf Kirk.

Quando cheguei ao banco de areia da foz do Deveron, o barco maior esperava os passageiros. A maré estava alta, ao contrário do dia em que Archie e eu cavalgamos até Delgatie, doze anos atrás ou mais. Ele insistiu em que a água estava suficientemente baixa e que o banco de areia estava suficientemente largo para nossos cavalos atravessarem o rio com facilidade. Os cavalos até conseguiram atravessar, mas apenas a perícia de Paul Black, o barqueiro, salvou os dois cavaleiros de se afogarem. A bronca que nos deu, depois que nos tirou da água com o gancho do barco e estávamos a salvo, não foi nada diante da fúria do cavaliário do castelo por termos posto em risco os cavalos. Oito anos depois, o mesmo cavaliário mandou seu único filho para servir ao filho do senhor de Hay na guerra da Boêmia, e os dois pais, amo e servo, choraram juntos ao receber a notícia de que ambos não retornariam. Mas eu ainda estava ali: num cavalo emprestado, um mero mensageiro de pouco valor para aqueles que se consideravam meus amigos e de nenhum para mim.

Paul Black ainda cuidava da barca. Acenou para mim a distância, com um gancho idêntico na mão.

— Entre por aqui, Sr. Seaton — disse ajudando-me a amarrar o animal. Depois de cuidar dos outros passageiros, não me evitou; veio falar comigo. — Sinto muito, Sr. Seaton, mas será incomodado hoje, a barca menor não está disponível.

— Não preciso da barca menor — disse sem compreender.

— Eu sei, mas teremos de esperar Sarah Forbes. — Olhou na direção da cidade e seguiu seu olhar. O nome me era um tanto familiar, mas eu não lembrava por quê. Subitamente recordei e fui tomado por uma tristeza. Um grupo de pessoas atravessava Greenbanks e encaminhava-se para a plataforma das barcas, tendo à frente o tocador de tambor e sua batida incessante. A imagem na minha cabeça era a de George Burnett, o mestre de obras, que se sentara, no domingo anterior, diante de toda a igreja, como eu

mesmo fizera algumas vezes. Sua humilhação pública foi por ter sido considerado culpado do pecado de fornicação e de adultério com uma das suas criadas, fato que negara até a barriga de seis meses de Sarah Forbes denunciá-lo. Seria obrigado a se sentar diante da igreja por mais dois domingos, para o bem de sua alma e edificação dos vizinhos, e a pagar uma multa de seis xelins ao tesoureiro do presbitério, como eu tive de fazer. Sarah Forbes, que poderia receber sua penitência, mas não teria como pagar a multa, foi expulsa do burgo, grávida, sob pena de morte. Essa era a justiça da nossa piedosa comunidade.

Ao som do tambor, pensei imediatamente em Mary Dawson. Eu não a via desde a noite de segunda-feira e não ouvira falar dela desde a expulsão de Janet. Eu me perguntei o que lhe teria acontecido.

Quando o povo parou, o policial leu mais uma vez os termos da expulsão de Sarah Forbes. Uma mulher cuspiu; outra jogou uma pedra que não atingiu a moça, mas a bochecha do tocador de tambor.

Foram ditos alguns palavrões e o evento chegou ao fim. Paul Black ajudou a moça a entrar no barco com seus parques pertences e o povo se afastou preocupado com seus outros afazeres do dia. A bordo, a moça pegou uma bolsinha de couro e tirou uma moeda para Paul Black. Ele sacudiu a cabeça e fechou os dedos dela sobre a moeda. Ela se sentou na outra extremidade do banco em que eu estava e observou o mar. Não falou com ninguém e ninguém falou com ela na curta travessia até a outra margem do Deveron. Ao descermos na margem leste do rio, tive de esperar Paul Black me ajudar a tirar o cavalo, pois primeiro ele se ocupou dos pertences da moça e em ajudá-la a desembarcar com calma.

— Você é um bom homem, Paul — disse eu enquanto ele desamarrava o cavalo de Gilbert Grant.

— “Aquele que receber uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim.” — Como não havia passageiros esperando para voltar a Banff, ele reuniu seus três filhos e logo estava atravessando para o outro lado do rio.

Sarah Forbes caminhava na direção da paróquia de King Edward e eu precisava ir até lá entregar os pacotes da Sra. Youngson para a esposa do ministro, sua irmã. Ela tinha dado a entender que se eu não entregasse os pacotes nas mãos de sua irmã estaria pondo em sério risco minha moradia na escola, independentemente dos protestos do marido. Ainda a pé, puxando o cavalo, alcancei Sarah em menos de um minuto. Não poderia montar e simplesmente passar por ela sem dizer nada.

— Seu nome é Sarah, não é?

Ela me olhou e depois seus olhos se fixaram no vazio à frente.

— Sim. Acho que todos sabem disso, ao menos hoje. — E continuou a caminhar.

— Você é amiga de Ishbel, Ishbel MacGillivray?

Seu rosto se iluminou um pouco quando ela me olhou novamente.

— Sim, Ishbel é minha amiga, mas duvido que voltarei a vê-la. O doutor também foi bom comigo, ele tentou... — Parou, sem saber se devia prosseguir.

— Você deve saber que Jaffray é meu amigo. Você pode confiar em mim, meu nome é Alexander Seaton.

Finalmente ela riu, um riso que avivou seu rosto e tirou um pouco do medo dos seus olhos.

— Eu sei quem o senhor é... Seu nome também é conhecido. — Olhou para baixo arrependida de ter falado tão abertamente, mas continuou. — Mas Ishbel diz que o senhor é um bom homem e o doutor gosta de você.

— Jaffray gosta mais de mim do que mereço. Ele tentou ajudar você, então?

Ela confirmou.

— Percebeu que eu estava grávida dois meses atrás e falou a meu favor na assembleia paroquial e no conselho do burgo, mas não os convenceu. Por que eles se convenceriam? Sou uma mulher perdida.

— Aonde você vai?

— O único lugar que tenho para ir é a casa do meu tio, do outro lado de King Edward. Se ele me acolher.

— Tem medo de que ele não o faça?

Ela sorriu de forma dúbia e olhou para a barriga.

— Ele não me tinha em alta conta quando me mandou trabalhar em Banff e agora terá menos ainda. Bem, preciso ir, a brisa do mar está vindo. Adeus, Sr. Seaton.

Permaneci imóvel ao lado do meu obediente cavalo enquanto ela se afastava.

— Espere! — disse. — Por favor, espere.

Ela se virou e abaixou a cabeça.

— Sarah...

— O que quer de mim?

— Eu... — Não soube o que responder. — É uma caminhada longa até King Edward, quase 10 quilômetros.

— Não tão longa, duas horas ou um pouco mais. Além disso, não estou com pressa.

Nisso eu podia acreditar. Ela mal teria começado a esquecer a condenação dos cidadãos de Banff quando começasse a ouvir a censura dos tios.

— Ficaré quente quando a brisa passar e muito do percurso será íngreme. Também vou para King Edward. — Indiquei a sela, larga e gasta por muitos anos de uso pelo diretor da escola. — Se eu afastar um pouco a bagagem e dobrar o cobertor, sobrá espaço...

Ela me olhou, perplexa, e riu alto, uma risada verdadeiramente alegre.

— Sr. Seaton, onde estão os seus olhos? Já viu o tamanho da minha barriga? O pobre animal não me aguentaria e o senhor teria que se sentar no pescoço dele para sobrar espaço para mim.

Dei um passo na sua direção e falei:

— Você não entendeu, Sarah. Se conseguir se acomodar no cavalo, eu caminho.

Ela entreabriu os lábios e respirou fundo, como se fosse dizer algo. Olhou para mim por um instante e desviou o olhar quando seus olhos verdes e pálidos, que pareceriam vazios observando o mar, ameaçaram entregar seus sentimentos. Pegou a minha mão estendida e deixou-me ajudá-la a subir no cavalo.

Passamos por apenas duas pessoas na estrada, que mal nos olharam. Pensei no ex-patrão dela, George Burnett, o pai da criança. Nunca gostei dele, nem meu pai gostava. Lembro-me dele voltando das reuniões dos artesãos do burgo e falando da arrogância e da rudeza de George Burnett. Mas os construtores formavam um grupo poderoso em Banff e Burnett era o mais habilidoso entre eles.

— George Burnett reconhecerá o filho? — Não era raro um pai criar outro filho junto com os do seu casamento.

Mais uma vez ela riu, porém um riso diferente.

— Reconhecer o filho? George Burnett é ocupado demais para se preocupar com algo tão pouco lucrativo. As últimas tempestades lhe custaram muitos dias de trabalho e a multa que a assembleia lhe cobrou já é mais do que ele acha que o bebê e eu valem. A construção da nova residência do ministro deveria estar muito adiantada, mas o clima o atrasou tanto que ele ainda precisa preparar grande parte do jardim para completar as fundações. Quanto maior for a demora, mais tempo terá que esperar pelo pagamento. Meu destino não significa nada para ele desde que a sua esposa não me veja e eu não lhe cause inconveniências. Ele não reconhecerá o filho e, de qualquer forma, eu não aceitaria. — Esperei que ela continuasse. — Quando cheguei a Banff, eu era uma moça,

não uma prostituta. Deixei Banff não mais uma moça, mas não sou uma prostituta. Enquanto eu viver, ele não tocará no meu filho. — Colocou a mão na barriga e, naquele momento, percebi que ela morreria para proteger o filho se fosse necessário. Comecei a me preocupar um pouco menos com Sarah Forbes.

O restante do percurso foi silencioso, e chegamos a King Edward sem incidentes. O tio de Sarah morava no outro lado dessa paróquia, onde a estrada descia e depois subia novamente em direção a Turriff. A irmã da Sra. Youngson morava, naturalmente, na residência paroquial atrás da igreja. Quando nos aproximamos do quintal da igreja, senti-a inquieta no alto do cavalo.

— Algum problema?

Ela sorriu.

— Eu estou bem, obrigada, muito bem. Mas talvez seja melhor eu andar até a casa do meu tio. Não seria bom para sua reputação ser visto comigo e o senhor não merece ser caluniado por sua bondade.

— Nem você pelo seu estado. Creio que... — Hesitei, mas ela me olhava determinada. — Creio que não foi por sua vontade que George Burnett... — Isso não me dizia respeito, mas eu falara demais e não poderia voltar atrás.

Ela olhou para o lado.

— Não, não foi por minha vontade.

— Sinto muito — disse.

Ajudei-a a descer do cavalo e, quando a coloquei no chão, minha mão se manteve na sua cintura por um instante, sem que eu notasse. Do calor sob meus dedos, senti um pequeno chute, o toque de um outro mundo. Tirei a mão rápido, como se estivesse queimando, e depois a coloquei de volta, maravilhado. Ela sorriu um pouco confusa, como eu. Eu não conhecia tal intensidade do toque humano, diferente e ainda maior do que a que sentia na minha paixão por Katharine Hay. Eu poderia ficar ali pelo resto da minha vida. O som do portão se abrindo tirou-me do devaneio e pude me

afastar um pouco de Sarah Forbes antes que a irmã da Sra. Youngson aparecesse com um balde de leite fresco.

Esther Youngson, esposa do ministro de King Edward, reconheceu-me imediatamente. Carregando o balde com cuidado, veio na nossa direção sorrindo, como sua irmã raramente fazia.

— É o Sr. Seaton, não é? — Olhou adiante e pôs o balde no chão.
— E Sarah Forbes? Ah, Sarah, minha querida, então é verdade! — Sarah, que mantivera a sua cabeça erguida diante dos xingamentos e da violência do povo de Banff, não aguentou a ternura de uma senhora idosa que a conhecia desde criança; baixou a cabeça e chorou. A Sra. Youngson passou por mim e abraçou-a até que parasse de chorar e disse que ela não iria para a casa do tio agora. Carregando o leite e os pacotes que eu trouxera, segui as duas mulheres até a casa.

Hamish MacLennan, formidável pregador e fervoroso defensor da disciplina da Igreja, não estava em casa. Sua esposa insistiu que Sarah se deitasse na cama da criada atrás da cozinha. Apesar dos seus protestos de não estar cansada, em menos de dez minutos sua respiração nos indicava que ela adormecera. Dormindo, parecia mais jovem do que os seus 18 ou 19 anos, quase como uma criança. A Sra. Youngson colocou outro cobertor sobre ela e sentou-se junto a mim na janela.

O aroma do pão assando no forno encheu o ambiente e o calor da cozinha me envolveu tanto que achei que também dormiria. Quando criança, eu sempre procurava a cozinha e o banco perto da janela, de onde eu podia observar minha mãe trabalhando e ouvir as histórias da sua terra natal, Ulster. Havia muitas lendas sobre reis, príncipes e gigantes, e os contos de fadas — histórias que, se soubessem que ela contava, seria levada para se penitenciar na igreja. Para mim, a história mais triste não era de princesas, fadas ou marinheiros, mas a

da filha de um rico comerciante de Carrickfergus. A jovem se apaixonara por um soldado escocês que voltava, através da Irlanda, de um exílio na França com seu amo. O pai da jovem opôs-se a qualquer ligação entre eles: sua filha não fora criada para ser a esposa de um mero soldado, de um ferreiro, mas, sim, de um advogado, de um funcionário público ou de um comerciante rico. Três semanas depois, o senhor de Delgatie partiu, durante a noite, com seus homens em direção a Belfast Lough. Na manhã seguinte, quando a governanta foi acordar a jovem, soube-se que ela partira para a Escócia com o senhor de Delgatie e o seu ferreiro, Andrew Seaton, meu pai.

Nunca me cansei de ouvir essa história, sentado em silêncio junto à janela, vendo minha mãe sovar o pão, depenar aves ou limpar peixes. Terminado o trabalho, ela esfregava os unguentos que Jaffray prescrevera nas mãos feridas e calosas, originalmente preparadas para costurar, desenhar e tocar alaúde. Ali eu estudava latim e grego até escurecer ou até meu pai me chamar para ajudá-lo na oficina, onde ele e seu aprendiz trabalhavam em frente à fornalha, fazendo machados, arpões de caça e todo tipo de espadas.

— Ela está exausta. — Era a voz da Sra. Youngson tirando-me do meu devaneio. — Veio a cavalo desde Banff ou você a encontrou na estrada?

— Eu a vi na barca e precisei ser bem persuasivo até convencê-la a vir no meu cavalo. Sua ideia era caminhar até aqui. — Com a pergunta da Sra. Youngson, algo passou pela minha cabeça. — O filho não é meu. Eu nunca falei com ela, eu...

A velha senhora sorriu.

— Acalme-se, rapaz, eu sei de quem é o filho. Ela nunca deveria ter sido mandada para a casa daquele homem. Minha irmã, a esposa do seu mestre, disse-me que tipo de homem ele era e eu avisei aos tios dela que não a mandassem a Banff.

— E eles a mandaram assim mesmo?

Ela confirmou.

Imaginei o tipo de casa para a qual ela estava voltando e onde criaria seu filho.

— Eles a receberão?

— Sim, mas ela terá uma vida difícil. — Foi até o fogo e mexeu em uma panela, impregnando no ar um cheiro de ensopado de carneiro. Lembrei-me dos pacotes que a irmã lhe mandara, esquecidos na nossa preocupação com Sarah.

Os olhos da Sra. Youngson se iluminaram; ela adorava ganhar presentes. O primeiro pacote era evidente: quatro arenques frescos comprados na costa de Banff antes de clarear o dia. O segundo pacote continha um pote de mel extraído das colmeias do grande jardim do senhor de Banff e uma carta, que a velha senhora colocou em cima da lareira para ser lida quando houvesse tempo e estivesse sozinha. O último pacote era macio e volumoso, enrolado em tecido e amarrado com uma fita de cânhamo. Um bilhete estava preso no tecido; tive oportunidade de lê-lo enquanto a esposa do ministro desenrolava um xale de tricô, cor de aveia, com um lacinho de seda preso no canto: “Para o bebê de Sarah Forbes.” Como pude chegar ao ponto de perder a afeição e o respeito de uma mulher de atitude tão séria, mas repleta de bondade?

A esposa do ministro insistiu em que eu comesse um pouco do ensopado que preparou para o jantar do marido.

— O Sr. MacLennan nem perceberá o ensopado de carneiro quando vir esses arenques. — Entregou-me uma tigela grande do ensopado e pegou um pouco de aveia no armário para cobrir os peixes.

Quando terminei minha refeição, Sarah Forbes ainda dormia profundamente. Não havia motivo para eu esperar que ela acordasse, mas eu estava relutante em partir. A Sra. Youngson garantiu-me que iria com Sarah à casa do tio depois que ela se servisse de uma boa refeição e que deixaria claro que ela e o marido

estariam atentos à forma como Sarah seria tratada. Mas pude ver que ela ainda temia pelo bem-estar de Sarah e do bebê. Ao deixar a casa, virei-me para a Sra. Youngson e pus as minhas moedas na sua mão. Cinco libras escocesas, com as quais eu pretendia comprar alguns livros em Aberdeen.

— Dê isso aos tios dela, e diga que foi enviado pelos amigos de Sarah em Banff. É para sua alimentação e ela não deverá ser forçada a trabalhar depois do meio-dia. Diga que, quando o bebê nascer, eles enviarão mais dinheiro se souberem que ela está sendo bem tratada.

A Sra. Youngson pegou as moedas com lágrimas nos olhos.

— Você é um bom homem, mesmo com... com tudo o que aconteceu. — Não eram necessárias maiores explicações. Agradei sua gentileza e parti.

A estrada ficou mais movimentada perto de Turriff, onde os camponeses retornavam do mercado da cidade. Talvez alguns me conhecessem, mas abaixei o chapéu e evitei seus olhares, encarando o caminho à minha frente. Não virei à esquerda onde a estrada se ramificava para Delgatie. Podia contar nos dedos de uma das mãos quantas vezes cheguei a essa encruzilhada e continuei em frente em vez de virar para o grande castelo. Eu tinha pouco mais de 5 anos quando fiz esse percurso pela primeira vez com meu pai. Cada trote do cavalo me aproximava desse mundo estranho e inimaginável e, em certo momento, vi o castelo. Somente um ogro, pensei, um gigante como os que povoavam as histórias da minha mãe, poderia viver num lugar assim. Por mais que tentasse, meu pai não conseguia me convencer que o senhor do castelo era o homem jovial que chegava na sua oficina com um grande séquito e encomendava armas de guerra e de caça. Ele brincava com meu pai sobre meus dedos finos e minhas mãos brancas e um dia pediu-me para lhe mostrar meus músculos de ferreiro. Nesse momento, minha mãe

havia entrado na oficina. Ela olhou para o senhor de Delgatie, com o que eu sabia ser o seu olhar mais enfurecido, e disse: “Esse menino não será um ferreiro.” Depois puxou meu braço das suas mãos e levou-me para a cozinha. Meu pai ficou tão envergonhado que se passaram dias antes que ele voltasse a falar com ela. O senhor de Delgatie, porém, nunca mais fez essa brincadeira.

Mas isso foi há mais de vinte anos; a primeira de muitas visitas quando conheci Archie, o turbulento filho do senhor de Delgatie, que, aos cinco anos, impressionou-me com o seu espírito afiado. Também conheci Katharine, a séria menina de três anos que, mesmo naquela época, observava o irmão com uma cautela muito além de sua idade. Agora Archie estava morto e Katharine se mudara para longe, muito longe, da família e do lar, por minha causa. Seria mais fácil o pai me escorraçar do castelo do que me acolher sob aquele teto mais uma vez.

O cavalo continuou em sua marcha firme e logo eu estava em Turriff. Não precisava parar muito tempo na cidade, só o suficiente para trocar de montaria e entregar uma carta de Jaffray a um dos médicos de lá. Recusei o convite do médico para comer com ele e segui para Aberdeen.

A primeira vez em que Archie e eu percorremos essa estrada juntos tínhamos pouco mais do que 15 anos, éramos ainda garotos indo estudar no King's College de Aberdeen. Deixamos os portões de Delgatie, enquanto sua mãe e sua irmã nos olhavam de uma janela; minha cabeça ia repleta de grego e latim e a de Archie, de lutas e mulheres. À nossa frente ia o senhor do castelo.

Meu pai não cavalgava mais com ele, era agora um morador de Banff e devia lealdade primeiro ao burgo, depois ao rei. Lorde Hay teria me dado um cavalo quase igual ao de Archie, mas meu pai não permitiu — era a primeira vez que discordava dele. O lorde, compreendendo meu pai melhor do que eu, mandou o chefe de sua estrebaria trazer-me um belo cavalo tordilho — uma montaria

respeitável para alguém da minha posição. Meu pai, a essa altura, desistira da ideia de fazer de mim um ferreiro. Eu era alto, forte e hábil, como o filho que ele desejara, mas o meu interesse era por outros assuntos e eu não me impressionava com a arte na qual ele era exímio. Creio que meu pai teria tido prazer em queimar, na sua fornalha mais quente, os livros que minha mãe me dera se achasse que ela o perdoaria, mas ele sabia muito bem que ela jamais o faria. Na véspera da minha partida para a faculdade, porém, houve palavras amargas entre eles.

A noite já havia caído. Gilbert Grant estava lá e Jaffray apareceu com o jovem Charles Thom para tocar violino para nós. O médico trouxe também uma garrafa do uísque destilado pelos montanheses de Glenlivet, onde ele passava todos os verões. O uísque era proibido e atacado em todos os púlpitos, mas Jaffray pouco ligava para isso quando estava entre amigos. Minha mãe protestou um pouco antes de buscar os copos para os homens e, enquanto não voltava, meu pai deixou o médico pôr um pouco da bebida na minha taça.

— Apenas sinta, rapaz. Uma prova, não precisa engolir. — Eu nunca provara nada como aquilo. Meus lábios adormeceram e a minha língua ardeu antes que a bebida se derretesse, mais doce e mais suave que mel, no céu da minha boca.

À medida que as horas passavam, meu pai ficava mais e mais calado. Finalmente se levantou e pediu que Charles Thom parasse de tocar. Afastou a comida e a bebida da sua frente e dirigiu-se a mim. Se alguém esperava palavras de amor ou conselhos paternos, decepcionou-se. Diante da minha mãe e dos meus amigos, meu pai lembrou-me que eu estava indo para o King's College com a única finalidade de servir ao senhor de Hay. Quaisquer que fossem as vaidades que eu alimentasse e as tolices que os outros enfiassem na minha cabeça, devia lembrar que era tudo da família de Delgatie, de quem eu era um servo. Depois do pequeno discurso, chamou o

cachorro que estava junto à lareira e saiu de casa. No silêncio súbito, olhei para o rosto da minha mãe e vi uma expressão mórbida.

Durante anos ela alimentou a minha mente em silêncio — e, eu pensava, em segredo. Deu-me livros, conversou comigo sobre tudo o que sabia do mundo, sobre filosofia, poesia e religião. Transformou-me no filho que ela queria, independentemente do que a Providência pusesse em seu caminho, e, na sua luta para me educar, passou por cima do homem que era seu marido e deu-lhe um filho diferente do que ele sonhava ter. Ao se apossar completamente de mim, tirou-me dele; e eu só percebera isso naquela noite. Não sei se minha mãe dirigiu alguma palavra ao meu pai depois dessa ocasião.

Mas ele tinha razão. Meu latim e meu grego não valeriam nada sem minha ligação com Archie. Das poucas bolsas disponíveis para alunos pobres no King's College, eu não me qualificava para nenhuma. E todos os recursos da nossa igreja se destinavam a ajudar um aluno de teologia do presbitério a estudar sem que morresse de fome ou de frio. Meu pai não era pobre, mas não teria como me manter durante quatro anos na faculdade e ainda treinar um aprendiz, o que não seria necessário se eu trabalhasse com ele. Então, como inúmeros outros jovens de sorte, cursei meus estudos com mensalidades pagas e pensão completa na faculdade, como servo de um amigo nobre: Archie. Eu precisava acordá-lo duas vezes pela manhã, depois que o bedel passava com o sino; precisava passar com ele pelo porteiro depois do toque de recolher, quando os portões eram fechados, amparando-o para esconder a sua embriaguez; mais de uma vez precisei ajudá-lo a levar para o quarto alguma garota, escondida entre nossas duas capas, que deveria estar dormindo na casa do pai há muito tempo; e precisava levá-lo à igreja para o culto, tentando mantê-lo acordado. Em suma, fiz o que pude para mantê-lo longe de problemas e, principalmente, de brigas. Não importava onde era a briga, o motivo ou quem estava envolvido: se ele soubesse da possibilidade de uma briga, estaria lá em minutos

ou, com certa frequência, começaria uma briga onde estava. “Cuide bem dele, Alexander, e, pelo amor de Deus, mantenha-o em segurança”, disse sua mãe ao se despedir de mim.

Eu o mantive em segurança tanto quanto pude, mas chegou a hora de ele seguir seu caminho e eu, o meu. E agora ele estava morto e eu não. Sua morte teve um sentido, minha vida não. Turriff logo ficou para trás e depois Old Meldrum. Passei perto de Straloch no meio da tarde e, instintivamente, levei a mão ao alforje onde o mapa estava escondido. Atravessei as terras áridas rumo ao noroeste de Aberdeen, tendo meu cavalo como única companhia naquele isolamento completo. Então segui o curso do rio Don nos seus últimos quilômetros antes de chegar ao mar e finalmente vi as duas cruzes da catedral de St. Machar sobre as poderosas torres, desafiando os hereges a aproximarem-se de Aberdeen. Herege ou não, meu coração aqueceu-se ao ver as torres. A morada do santo irlandês — elevando-se acima do grande rio onde ele se curva na forma de um báculo de bispo — sempre foi para mim a entrada de um lugar que eu considerava meu lar. Logo os cascos do cavalo pisavam nas pedras de Brig O'Balgownie e eu cumprimentava os carroceiros e os camponeses que voltavam para casa, a cavalo ou a pé, depois dos seus compromissos nas duas cidades. A estrada passava por Bishops Ward, pelos pântanos que davam no mar da costa leste e por pontos onde se via a Noruega e a Dinamarca ao longe e se imaginava o Báltico com suas inúmeras possibilidades. Passei pelo porto até Bishops Green e Chaplairs Court, ficando para trás a igreja de Machar. Pela primeira vez depois de quase um ano eu estava de volta a Old Aberdeen.

Descia a Don Street até o mercado, onde o Chanonry encontra a High Street. Eu não podia ver além das fachadas, mas sabia que por trás das casas estavam os pomares e os jardins da universidade. O

mercado estava fechado e os vendedores já haviam desmontado as barracas e voltado para casa. Cães e gaivotas ocupavam-se comendo os restos caídos no chão; os pombos do velho pombal do bispo sempre se alimentavam bem nos dias de feira. Quando passei pela torre majestosa em formato de coroa da capela da faculdade, meu coração quase parou. Eu era parte daquelas pedras seculares, eu pertencia àquele lugar como todos os outros que estudaram ali antes de mim e os que ainda viriam. Porém, naquele momento, naquela hora e naquele dia da minha vida, eu não tinha lugar ali.

Ultrapassei os limites da universidade e subi a colina em Spittal, vendo as ruínas da igreja de Snow à esquerda e a igreja de Spittal à direita. Como as igrejas foram profanadas nos últimos sessenta anos, tudo em nome de Deus! Mais abaixo, conforme a estrada descia para New Aberdeen, passei em frente ao antigo leprosário. Indesejados como eram seus moradores dentro do burgo, havia naquele lugar alguma compaixão e uma oportunidade para descansarem. Uma brisa moveu as pás de um moinho em Windmill Hill, onde se espalhavam os campos de milho na fronteira da cidade. Em pouco tempo cheguei a Calsey Port enaltecido com o armamento real que dava peso à sua autoridade; onde tive que declarar meu nome, local de nascimento, negócios a tratar no burgo e local de hospedagem. E então passei por Gallowgate rumo ao centro de New Aberdeen.

As casas se elevavam dos dois lados da rua, com três ou quatro andares. Algumas eram divididas em dois apartamentos, sendo os superiores acessados por escadas de madeira externas. Havia moradias maiores, como as casas de comerciantes ricos, profissionais liberais e proprietários de terra com negócios na cidade. Virei para Upperkirkgate. As casas não eram tão belas quanto as de Gallowgate e os aluguéis eram mais baratos, mas era um bom lugar, onde muitos aspiravam a uma vida melhor e as casas tinham portais coloridos até a rua. Na metade do caminho, parei o cavalo em frente a uma casa modesta, de dois andares, com a inscrição “E.P. 1624.

W.C.” gravada em elegantes letras douradas acima do portal. Elizabeth Philip e William Cargill. Amarrei o animal em um poste da rua e bati na porta. Tive a impressão de ouvir uma grande comoção e o farfalhar de saias antes de abrirem a porta. A esposa do meu amigo apareceu, com olhos iluminados e bochechas coradas, cheia, *mirabile dictu*, de felicidade por me ver ali.

— Alexander, ah, Alexander, como sentimos a sua falta! — Estendeu a mão para mim; dei um passo à frente e tirei o chapéu. Ela olhou novamente o meu rosto e os meus olhos, deixando seu braço cair. — Em nome de Deus, Alexander, o que aconteceu com você?

7

O encontro

Acordei, na manhã seguinte, em um dia claro como os que eu somente conheci em Aberdeen. Ainda deitado, com as mãos sob a cabeça, olhando para o teto, ouvi o sino da igreja de St. Nicholas bater as horas: uma, duas, três... nove batidas. Nove horas. Não me lembro da última vez em que dormi até tão tarde. Se estivesse em Banff, teria começado as aulas há duas horas e estaria pronto para liberar os meninos para o café da manhã. Uma jarra com água fresca e uma vasilha de louça foram colocadas no meu quarto nas últimas horas, mas não ouvi nada.

Meu corpo estava cansado depois do longo percurso a cavalo e desse estranho encontro, mas eu não via William há quase um ano e lhe revelei algo que pode ter deixado a minha mente e o meu coração mais leves. Assim que entrei em Aberdeen, com as suas ruas estreitas e frescas de casas altas e cheias de pessoas, cachorros e cavalos, a sensação sufocante que me oprimia em Banff começou a diluir. Depois, quando Elizabeth finalmente se convenceu de que eu não estava doente, ela nos serviu um belo jantar, com frango assado e torta de presunto e nos deixou sozinhos para falarmos como homens e amigos. Então contei minha história a William.

Ao final, ele hesitou.

— Imaginei algo parecido, mas não pude entender os detalhes. E você não soube de Katharine desde então?

— Não desde o último encontro na estrada de Fordyce, do qual mal pude me lembrar durante bons meses. Agora, porém, as

palavras estão gravadas na minha alma, as minhas e as dela.

— Não deve ficar pensando nisso, Alexander.

— É o que Jaffray diz nas diferentes formas que ele considera sutis.

William sorriu.

— As emoções do médico vivem à flor da pele; apesar de toda a sua experiência de vida, ele não consegue escondê-las. Mas acho que é um bom conselho.

Encolhi os ombros.

— Sim, é bom; mas é mais fácil dar conselhos do que seguir. Tentei com todas as minhas forças não pensar nisso. Bebi para expulsar tudo da minha cabeça, do meu corpo. Nos piores dias, envolvi-me com todo tipo de mulher; mas, no fim, isso de nada adiantou, e ainda sei de tudo que se passou.

Eu lhe contara tudo; até a última parte, sem a qual eu ainda teria algum autorrespeito.

William previra, muito antes de Archie, meus sentimentos em relação a Katharine. Archie e eu falamos sobre isso uma única vez, na véspera de sua partida para a guerra na Boêmia. Naquela noite houve um grande banquete e muitos discursos na residência urbana dos Hay. Todas as pessoas importantes de Aberdeen e do burgo brindaram a Archie: ao seu valor, à sua honra, à sua saúde e à sua família. Archie e eu fomos a muitas festas juntos, mas naquela noite percebi que, apesar de sorrir, rir e brindar, ele não comeu quase nada, bebeu menos ainda e que seu sorriso desaparecia sempre que não havia ninguém olhando. Muitas vezes me pergunto se Archie sabia que morreria e que não mais veria aqueles rostos nem o sol se pôr na sua cidade. O barulho da festa, as risadas e a música aumentaram e, à luz do fogo, os rostos dançavam em sombras fugidias. Enquanto eu ouvia uma história obscena de um ministro de Edimburgo com a mulher de um rico comerciante de Leith, Archie pôs a mão no meu ombro e falou no meu ouvido:

— Vamos, Alexander, vamos embora. — Acho que ninguém notou quando saímos, com exceção de Katharine, atenta a todos os meus movimentos.

Descemos pela escada dos criados e atravessamos a cozinha até o quintal dos fundos, onde a luz das janelas guiou nossos passos até sairmos pelo portão lateral que dava na aleia estreita para o Broadgate, já bem longe da casa. Não precisei perguntar a Archie onde íamos; usamos esse caminho em muitas ocasiões, fosse para fugir do olhar dos pais, do tutor e ocasionalmente de algum policial da cidade que estivesse procurando Archie. Em pouco tempo estávamos em Broadgate, seguindo para a casa de Maisie Johnston em Guestrow. Maisie Johnston fermentava cerveja no burgo há quarenta anos e poucos membros do conselho ou da assembleia poderiam verdadeiramente afirmar que nunca foram carregados da casa pela porta dos fundos, bêbados ou semivestidos, enquanto as autoridades que faziam a ronda batiam na porta da frente.

O cachorro, no quintal, mal se mexeu quando Archie apareceu e bateu na porta de trás; o animal sabia há muito tempo quem tinha permissão para entrar ali e quem não tinha. A dona da casa abriu a porta, cumprimentou-nos e subiu conosco pela escada até uma suíte na qual eu nunca estive. Eu não gostava de prostitutas como Archie e minhas visitas sempre se limitaram ao bar no andar inferior. Foi com certo alívio, portanto, que vi que a suíte estava vazia e que havia uma mesa preparada para duas pessoas. Maisie recebeu uma moeda de Archie, cumprimentou-nos novamente e saiu do quarto sem dizer nada.

Archie sentou-se num banco de madeira e suspirou profundamente quando a porta foi fechada.

— Graças a Deus, um pouco de paz! — Esse não era seu jeito usual de falar.

— E desde quando você procura paz? — perguntei.

Manteve-se em silêncio por um instante e depois respondeu:

— Eu desejo... um tipo de paz; um fim às caçadas, às danças e aos dias de inconsequência. Desejo a paz que existe quando o homem encontra seu lugar, quando... — Buscou palavras para terminar a frase.

— Quando descobre o seu chamado?

— Sim — disse ele, como se agora percebesse isso. — Quando descobre o seu chamado.

— É atrás disso que partirá amanhã? Para descobrir o seu chamado?

Archie desabotoou a capa e jogou o chapéu no chão.

— Bem, não é aqui que vou encontrá-lo. Não posso me enganar a vida inteira: um dia terei de voltar a Delгатie, tomar o lugar do meu pai, encarregar-me das terras, dos arrendatários, das dívidas da família. Brigarei com vizinhos e eles brigarão comigo; minha honra será posta em dúvida e eu duvidarei da honra alheia. Então me casarei com uma mulher que não amo e terei quantos filhos ela puder carregar. Depois morrerei e deixarei para meu filho minhas dívidas, minhas terras e minhas disputas, e assim tudo se repetirá, mas não me diga que é esse o meu chamado, Alexander. Não posso acreditar que Deus não queira mais nada de mim nessa terra.

Sempre soube que havia algo mais no meu amigo, no “irmão” que ele se considerava, do que os divertimentos, a bebida, os perigos e o filho nobre e adorado que ele era, mas era um lado que ele se esforçava para não revelar a ninguém, nem a mim. Naquela noite, porém, não haveria dissimulação entre nós. Não haveria mistérios, perguntas não respondidas ou mal-entendidos que levaríamos para o túmulo caso não nos víssemos outra vez.

— Você acredita, Archie, que nessas guerras você poderá fazer algo que não poderia fazer aqui? Você não precisa provar sua honra ou sua coragem.

Ele encheu duas taças de vinho, mais finas do que as que eu esperava encontrar naquela casa, e entregou-me uma.

— Coragem, aqui, é fazer o que se espera que eu faça, o que outros antes de mim já fizeram. Isso não mudará nada. Mas as guerras do continente oferecem obstáculos maiores do que nossas funções triviais nessas costas. Eu tenho uma escolha. Não preciso ir para a guerra, mas quero ir, quero participar desse grande jogo e fazer a diferença.

Fiquei em silêncio por um instante, procurando as palavras certas que o quebrariam.

— Acho que você está errado — disse.

— Como?

— Acho que existe uma diferença a ser feita aqui. As mudanças no mundo não precisam vir dos reis e de seus atos. Uma mudança em um homem, por mais insignificante que ele possa ser no início, pode afetar a muitos no final.

Seus olhos piscaram e ele sorriu, como fazia sempre que sabia ter um jogo de cartas melhor do que o meu ou quando eu fazia um movimento descuidado no tabuleiro de xadrez.

— Exatamente, Zander, eu não teria explicado melhor. Como sempre, você se entrega sem saber.

— Não compreendo.

— As suas palavras, Alexander, as suas palavras! Você fala da mudança em um homem. Esse é o seu chamado, não o meu. Sua missão é mudar o que os homens são. A minha é mudar o que devem enfrentar, acertar, à força, o dano causado quando aqueles da sua vocação falham. O meu chamado é para alterar o destino dos reinos a partir de cima; o seu, a partir do menor dos componentes. Nenhum de nós fará isso sozinho, mas talvez nos encontremos em nossos caminhos. — Tomou o seu vinho e serviu-se de mais. — Mas, até lá, existe a comida, a bebida e as mulheres. Por Deus, existem as mulheres! — Seu rosto e seu humor voltaram à forma antiga. Sua máscara voltou ao lugar. Ele me dissera o que queria e não precisaríamos tocar no assunto novamente.

— Archie...

Ele me olhou rapidamente sobre a coxa de galinha que comia com prazer.

— Archie, há algo que quero lhe dizer, que quero conversar com você antes da sua partida. Eu...

Mais uma vez seus olhos piscaram e ele sorriu.

— Você está apaixonado pela minha irmãzinha.

Perdi o ar e não pude dizer nada por algum tempo.

Ele sacudiu a cabeça e riu.

— Ah, você acha que sou um idiota então? Quanto tempo tem isso? Um ano, dois? Metade das garotas bonitas de Aberdeen e de Banff caía aos seus pés, enquanto eu tinha de me contentar com as libertinas, e você fugia delas. Há um ano ou mais, meu amigo, percebi que você estava apaixonado. E não foi difícil descobrir o objeto da sua afeição. No início, fiquei chocado, confesso. A ideia da minha irmã ser vista por um homem como as mulheres são vistas por mim nunca me ocorrera. Por algum tempo, acreditei que você procurava a sua companhia simplesmente por achar que ela conversa melhor, mas depois não pude negar o que para os outros era óbvio.

— Outros?

— Sim, por quê? Para a minha mãe e para a sua.

Isso era horrível, tive vontade de vomitar.

— Ah, Alexander, está com a cor e a cara de um peixe morto. Controle-se, homem. Não é tão ruim... Minha mãe está um pouco satisfeita, a sua está encantada, e seu pai, claro, não sabe.

— Graças a Deus! E o seu?

Archie encolheu os ombros e pegou uma pata de carneiro.

— Meu pai sabe, mas confia na minha mãe nesses assuntos. E Katharine pode gostar de quem quiser.

— É essa a opinião de seu pai?

Ele concordou.

— Até onde ele tem uma opinião, sim. Ele sabe que você é um bom homem e o filho do melhor dos homens. Ele ama a filha e quer vê-la feliz. Confie em mim, Zander. Voltarei dessa guerra coberto de glória. Vou me casar com a noiva fértil e rica escolhida pelos meus pais. E as ações de Katharine não terão qualquer relevância... Vão casá-la com quem ela quiser.

— Espero em Deus que você esteja certo!

Ele jogou o osso do carneiro para o cachorro, deitado no chão.

— É claro que estou certo, Zander. Não estou sempre certo? Além do mais... — suspirou ao levantar-se e ir até a janela, olhando para a escuridão do burgo à noite — ... meus pais me amam, até demais. Eu pedirei a eles e ela será sua.

Como sempre, ele decidiu, deixando pouco espaço ou tempo para discussão.

— E Katharine? Vai me querer?

Ele me olhou atônito.

— Você não sabe? Nunca disse isso a ela?

— Eu nunca... não pensei... Não.

Ele sacudiu a cabeça exasperado.

— Bem, Alexander, quanto a isso não posso ajudá-lo. Terá de descobrir sozinho, mas creio que seus apelos serão bem recebidos. Então seremos realmente irmãos e nada me fará mais feliz. — Sorriu, ao pensar nisso, e logo tinha uma expressão maliciosa. — E você terá a paróquia de Turriff, de King Edward ou de Banff e bradará do púlpito contra minhas maneiras desregradas e depravadas. — Com isso, tentava tornar a nossa separação mais leve, agradecendo a Deus por em breve se ver livre da minha cara apática. — Se alguém já nasceu um ministro, esse alguém é você, Zander. Seus sermões acabarão com a vida de cada um deles!

Nós rimos e quando as risadas diminuíram, partilhamos o silêncio por alguns minutos; ele chutando um graveto com a ponta da bota e eu observando a vela tremular e derreter na corrente de ar.

Perguntei-me quando veria novamente aquele rosto querido, arrogante e nobre e quando ouviria aquela risada mais uma vez. E pensei em como a guerra o mudaria, como o mundo externo, longe da nossa maravilhosa vida na faculdade, transformaria a mim e como a minha prática da palavra de Deus se comparará com o meu conhecimento sobre ela.

Ele interrompeu meu devaneio jogando sua espada a meus pés.

— Chega dessa bobagem de amor, Sr. Seaton. Hoje você me acompanhará na minha despedida às “damas” de Aberdeen. Você não deve estar completamente fora de forma quando tiver minha pura irmã na sua cama e eu... não posso desapontar as damas, pois parto amanhã do nosso porto seguro e como elas chorarão pelo senhor de Hay!

Aquela foi a última das minhas noitadas dissolutas. Nos dois anos seguintes, mergulhei nos estudos de teologia. Minha mãe morreu no segundo ano após minha graduação. Esteve doente por muito tempo, doente demais para viajar. Meu pai não viera assistir à defesa da minha tese e, de qualquer forma, ele não entendia latim. Nesses dois anos, enterrei-me tanto nos livros e Katharine e a sua mãe vinham tão raramente à cidade que a vi pouquíssimas vezes. Não me lembro das tolices que falei com ela nas primeiras vezes. Quanto mais me esforçava para dizer algo que imprimisse a minha imagem em sua alma, maiores as coisas tolas que saíam da minha boca. Um dia, contudo, quase dois anos após a partida de Archie, andei de Old Aberdeen até a casa dos Hay em New Aberdeen. Eles se preparavam para retornar ao campo para o inverno e eu não os veria por meses. Fui me despedir e desejar-lhes boa viagem, a convite de *lady* Hay. Fizemos uma refeição fria e bebemos um bom vinho que lorde Hay não quis deixar na casa. *Lady* Hay fez muitas perguntas sobre meus estudos e minhas acomodações na faculdade.

Lorde Hay, cauteloso agora com assuntos religiosos, perguntou sobre as fofocas da faculdade. E durante todo o tempo em que conversei com os pais de Katharine, meu pensamento e minha mente estavam nela. Ela já não era uma criança — nem o fora nos três últimos anos — e estar perto dela me tomava por completo.

A refeição terminou rápido demais, a despedida também. Mas quando Katharine passou por mim na entrada do castelo, um cachorro imenso e desastrado cortou seu caminho, atrás de seu dono, e jogou-a nos meus braços. Senti seu corpo suave sob as peles de inverno e o calor do seu hálito no meu pescoço. Esse calor passou por meu corpo inteiro e segurei-a um pouco mais do que o necessário. Ela se aprumou e eu pude ver, no seu rosto corado, a confusão que a tomou. Ela entrou no castelo sem me dar adeus.

Somente a vi nas festividades de Yuletide¹ em Delgatie. A Igreja poderia protestar o quanto quisesse, mas o senhor de Delgatie faria seu banquete de Natal e todos conheceriam sua hospitalidade como se nunca tivesse havido uma reforma religiosa no nosso país. Durante três dias houve danças, músicas e contadores de histórias e, no fim do primeiro dia, Katharine e eu havíamos dançado, rido, conversado e cantado mais do que nos dois anos anteriores. A princípio, durante a dança, a emoção de poder tocá-la na frente de todos sem atrair atenção ou censura me deixou paralisado. Seu vestido de seda vermelho, bordado com flores e raminhos dourados, e suas joias brilhantes presas nos cabelos louros faziam-na parecer um personagem de conto de fadas. No final da noite, minha vontade era de não me separar dela. Não pude dormir naquela noite ou comer na manhã seguinte. Não pude rezar e mal consegui ler os textos na capela do castelo. Lorde Hay ia caçar depois do café da manhã, mas, como estudante de teologia, eu estava dispensado de acompanhá-lo. A mãe de Katharine supervisionava os trabalhos na cozinha, ocupada com a preparação dos festejos daquela noite.

Então nos encontramos na escada. Não por mero acaso. Na verdade, eu a procurava e creio que ela me procurava. A larga escada permitia que passássemos à vontade, mas conseguimos que nossos corpos se tocassem ligeiramente. Um toque do seu ombro em meu peito. “Alexander.” Ela disse meu nome e meu corpo todo respondeu. Puxei-a para mais perto e segurei-a como se minha vida dependesse disso. Ficamos assim um bom tempo. Não sei explicar como ninguém do castelo passou por ali. Eu temia que, se a soltasse, ela fosse embora para sempre e eu nunca mais teria aquele momento, aquela sensação de existência pura, de ter o mundo nas mãos. Quando, afinal, a soltei, ela não correu ou desapareceu; pegou minha mão, subimos as escadas, descemos três degraus e entramos em seu quarto. Eu não punha os pés ali há anos, desde que Archie e eu, ainda meninos, entramos para roubar uma boneca e queimá-la na fogueira como se fosse uma bruxa. Daquele dia em diante, a mãe de Katharine nos proibiu de atravessar aquela porta.

O quarto havia perdido muitos de seus adornos infantis; era o aposento de uma dama. As cobertas e as paredes eram de um rico damasco. A tapeçaria misturava frutas silvestres e flores e havia um caro espelho veneziano em uma das paredes. Katharine pegou minha mão e levou-me para uma poltrona junto à lareira. Tirou algumas mantas de uma arca sob o assento da janela e pegou almofadas que estavam sobre a cama. Na mesa havia uma caixa de ébano escuro, incrustada de madrepérolas, que Archie comprara comigo para ela, seu último presente. Eu sabia que estava cheia do ouro e das joias de sua avó, guardadas para ocasiões especiais; normalmente ela preferia usar um colar de pérolas simples. Embora ainda não fosse meio-dia, o céu assumiu uma tonalidade carregada e escura e começou a nevar. Uma vela tremulava em um suporte de cobre, enchendo o quarto de um aroma quente de inverno. Katharine pediu-me para acender o fogo e desceu ao grande hall para pegar vinho, carnes, queijos, nozes e doces da mesa destinada àqueles que

quisessem fazer uma refeição à tarde. Duas ou três vezes ela foi do quarto ao hall sem ser vista por ninguém. Passamos o resto do dia juntos, enrolados nas mantas junto ao fogo, abraçados e falando sobre há quanto tempo nos amávamos e sobre esperar Archie voltar. Não podíamos nos casar até que eu terminasse os estudos de teologia e conquistasse uma posição na vida. Até que Archie voltasse para defender o amigo que não era digno da mão de Katharine. Não falaríamos do nosso amor a ninguém até que Archie voltasse.

Os meses se passaram. As festividades do Yuletide ficaram para trás, terminei meu curso de teologia com a aprovação de todos os professores e Archie ainda não voltara. Aceitei o cargo de professor na escola de Banff enquanto esperava uma vaga em alguma igreja. O cargo de ministro da igreja de Boyndie, no meu presbitério, a seis quilômetros de Banff, vagou e fui convidado para pregar lá, dando início a minha experiência como ministro. E Archie ainda não voltara.

Então chegou a notícia de sua morte. “E como chorarão pelo senhor de Hay!”, Archie me dissera. E choraram. Todo o norte chorou em uma torrente incessante de luto pelo herdeiro de Delgatie. O melhor e o mais bravo dos nossos jovens, a esperança e o orgulho da família, morto em lama germânica. Convivi com ele durante 17 anos; diferentes como água e vinho e mais próximos do que irmãos. Eu deveria ter estado com ele. Deveria ter caminhado ao lado de seu cavalo pela lama, deveria ter colocado meu corpo entre seu coração e a baioneta que o matou, deveria ter encostado sua cabeça no meu colo enquanto ele morria, deixava-me sem valor e sozinho.

A família de Archie estava inconsolável. Sua mãe chorava como se seu coração tivesse sido arrancado do peito. Seu pai encarava o longo túnel da morte sem luz alguma no fim. Queriam que eu estivesse com eles em todos os momentos daqueles dias terríveis, pois eu era de Archie, não era um substituto ou um segundo filho,

mas eu tinha sido de Archie. Olhavam-me e nos viam com sete anos, subindo árvores; com 12 anos, mergulhando nas cachoeiras, pescando, rindo; com 15 anos atravessando a cavalo os portões do castelo rumo ao King's College e às delícias de Aberdeen, rumo à maturidade e ao nosso futuro. Nos meus olhos, ainda viam o sorriso brilhante do filho. No meu ouvido, o senhor de Delgatie implorou o perdão de Deus por chorar tanto aquela morte. O Deus da Escócia dava filhos e os tirava, e Sua vontade não devia ser questionada. Vi o coração daquele homem se partir.

Quanto a Katharine, ela foi esquecida naquelas primeiras semanas. Foi deixada sozinha, congelada na própria dor: a filha mais moça e muito amada, mas que nunca substituiria o herdeiro perdido. Eu estava tão envolvido, naquelas primeiras semanas, no redemoinho de luto que tomou Delgatie que não percebi algo, mas Katharine sim. A única herdeira de Delgatie precisava se casar imediatamente, e se casar bem. Não com um ministro, nem com um bispo, mas com um homem com terras. Os herdeiros de Delgatie viriam não do filho, mas da filha, e todas as minhas esperanças morreram junto com Archie.

Não havia ninguém que falasse por nós. Eles encontraram um parente velho, rico e sem filhos. Katharine seria despachada para seu castelo em Borders para se casar, ter filhos e voltar um dia, ou mandar seu filho para assumir Delgatie como um Hay. Ela compreendeu a situação, eu também. Não haveria apelação ou súplica para que ela não fosse mandada para a cama fria de um homem com idade para ser seu pai; não adiantaria alegar que um dia eu seria um homem digno da herdeira de Delgatie. Tudo se foi.

O destino, em toda a sua crueldade ou ajudado pelos pais agora temerosos e vigilantes de Katharine, determinou que o dia do meu teste final em Fordyce seria o mesmo da partida de Katharine para a prisão de Borders. Faltavam quatro semanas, tínhamos apenas um mês, mas somente pude vê-la uma vez. Com meus preparativos para

o teste final, meu trabalho na escola e as despedidas de Katharine das damas dos castelos de Banff, Moray e Garioch, restaram-nos apenas um dia e uma noite. Embora cautelosa, a mãe de Archie não pôde me recusar essa última hospitalidade. Seu marido estava fora, mas ela nos vigiou e não ficamos sozinhos nem por dois minutos.

Então, durante a noite, fui até o quarto de Katharine e, pela primeira e única vez, fiz dela minha esposa e disse que seria minha para sempre, somente minha. Dormimos nus, sob as cobertas, entrelaçados nos braços um do outro. Não pretendi adormecer; não poderia ter dormido com ela por toda a madrugada. A luz do amanhecer de maio e o canto dos passarinhos despertaram meus olhos e meus ouvidos. O calor perfeito e o conforto de acordar com Katharine ainda nos meus braços foram aos poucos substituídos pelo horror de saber que eu não podia estar ali. Quando abri os olhos, vi os cabelos de Katharine sobre o meu peito nu e seu braço no meu ombro e, diante de nós, o rosto apavorado de *lady* Hay. Pálido, sem cores, cinza. Ela abriu a boca mas não pôde emitir som algum; via apenas a cena desastrosa à sua frente. Finalmente falou, calmamente.

— Saia daqui. Você é imundo. Saia daqui. — Então a mulher que me amara como um filho saiu cambaleando do quarto e vomitou.

Foi assim que me separei de Katharine, faltando menos de três semanas para meu teste final. Não sei como não enlouqueci; isso é uma mentira, sei exatamente o que fiz para não enlouquecer. Perdi o homem que me chamava de irmão e a mulher que seria minha esposa. Traí minha infância. Tudo o que havia no meu coração foi separado de mim. Mas ainda restava meu chamado, sempre tive meu chamado. Mesmo na única noite que passei com Katharine, disse a mim mesmo que não havia pecado, pois ela seria minha esposa. Não reconheci meu erro. Longe dela, eu seria tomado pela dor. Ainda assim eu tinha meu chamado e a data do teste se aproximava. Mergulhei ainda mais nos livros. Naquelas três

semanas, ou menos, li a Bíblia inteira. Preparei o sermão da minha vida. Não havia possibilidade de falha ou rejeição. Eu viveria para e através da minha vocação. Acreditei nisso até o momento em que ouvi as palavras do moderador do presbitério de Fordyce, aquele que me concederia a licença para pregar como ministro da Igreja da Escócia. Naquele momento, toda a tranquilidade, tudo que eu ainda compreendia do mundo, esfacelou-se diante do grito do senhor de Hay. Sua esposa havia lhe contado naquela manhã o que eu fizera e ele cavalgou até Fordyce com os demônios do inferno em seus calcanhares. Ele morreria antes de me ver ministro. Jogou na minha cara a traição a ele e a sua família, a tudo o que fizeram por mim. Não encostou em mim, mas para os membros da congregação era como se eu estivesse sendo espancado. O moderador, horrorizado, com olhos suplicantes, pediu que eu me defendesse. Mas eu não consegui pronunciar uma palavra. Não havia o que responder. Sem minha dignidade, saí cambaleando da igreja de Fordyce.

Tudo isso, ou ao menos o essencial, William Cargill sabia ou supunha. Conhecendo há muito tempo meus sentimentos por Katharine, percebeu o que a morte de Archie significaria para nós. Todo o norte ficou a par do meu grande drama e da minha humilhação em Fordyce. Se minha humilhação foi pública, a de Katharine foi ainda pior. O que não se sabia foi especulado e comentado nas estradas, nas hospedarias, nos castelos e nas cabanas. Seu nome foi conspurcado por pessoas indignas até mesmo de olhar para ela. Surgiram muitas teorias até que o povo tivesse um novo escândalo para manter suas línguas em movimento e seus espíritos satisfeitos. Eu destruí o que mais amava. Katharine foi mandada para aquele leito nupcial frio e nunca voltaria a Delgatie.

William e eu nunca havíamos falado desse assunto.

— E por isso, por algo que muitos homens fizeram, entre eles ministros, você foi expulso de sua congregação e nunca mais poderá ser ministro? Alexander, que hipocrisia, você não deve se deixar abater! O próprio senhor de Delgatie foi um adúltero notório na juventude.

Eu ouvi essa argumentação antes, de Charles Thom, que também sabia desses escândalos. Jaffray não usou esse argumento porque me conhecia melhor do que os dois.

— Não, a hipocrisia foi minha, William. O senhor de Hay é um chefe de família, um magnata, um guerreiro, um líder. O que ele faz na sua cama, ou em qualquer outra, não importa. Mas desejei ser ministro da Igreja de Deus, alguém cuja função é tirar seus semelhantes do caminho da perdição e dar-lhes a abençoada segurança de uma vida correta. Eu sabia que o que fiz foi errado. E minha arrogância diante de Deus foi tamanha que acreditei que não havia sido um erro, por ter sido cometido por mim. E...

— E o quê?

— Foi uma traição. E as lembranças de toda a minha vida até então estão marcadas por essa traição. Não há nada em mim que não esteja corrompido.

William não aguentou.

— Não aceito isso! Você fez o que outros homens, piores, fizeram. Você amou essa mulher e ela o amou. Deus, em sua Providência, resolveu que ela não seria sua esposa. Quanto a isso, você pode se desesperar, mas não é um homem corrompido, pois não foi por sua vontade que Archie morreu e que Katharine lhe foi tirada.

Se isso fosse verdade, talvez eu suportasse o peso dos meus erros. Mas havia algo que William não sabia, que ninguém sabia a não ser Katharine e eu. Eu tive uma chance, apenas uma, de unir os restos da minha vida e criar algo novo. Mas rejeitei essa chance, deixei-a na sarjeta. No dia da minha perdição em Fordyce, Katharine pegara o

melhor cavalo da estrebaria e cavalgara como nenhuma mulher cavalgou antes. Não conseguiu alcançar seu pai, não conseguiu acalmá-lo ou defender-me diante da congregação como jurara à mãe que faria. Quando chegou a Fordyce, a igreja estava vazia e a congregação já se retirara. Perguntou a todos onde eu estava, mas ninguém sabia do meu paradeiro. Por fim encontrou um vendedor ambulante que me vira na estrada para Sandend. Em pouco tempo ela me encontrou. Eu estava a pé e minha silhueta é tão conhecida por ela quanto a dela mesma. Nós não nos víamos desde aquela manhã no seu quarto em Delgatie. Quantas vezes pensei nas palavras do *Livro dos Provérbios* desenhadas no teto daquele quarto. “Se trabalhares com honestidade, a honra o aguardará. Se agires de forma viciosa, a vergonha permanecerá quando o prazer passar.” A vergonha ardia em mim, tanto que meus olhos mal conseguiam enxergar. E essa vergonha levou-me a uma espécie de loucura, creio. Na estrada, ela desceu do cavalo e deu um passo na minha direção.

— Pare — disse eu.

— Alexander...

— Não se aproxime. Não se aproxime de mim.

— Mas, Alexander...

— Você sabe o que aconteceu. Deve saber. Está tudo perdido.

Tudo perdido.

— Não, Alexander, não! Isso não significa nada para mim. Eu amo você mais do que a minha vida. Eu desafiaria Deus, meus pais e todas as legiões do Inferno para ficar a seu lado. Alexander, eu não vou embora. Não me casarei com ele. Eu sou sua, eu serei sua, Alexander. Podemos nos casar e viver em outro lugar.

Sacudi a cabeça e dei um passo atrás quando ela se aproximou.

— Você está louca...

— Não, Alexander, apenas descobri minha vontade. Não vou te deixar.

Lá estava ela, diante de mim, com toda a sua beleza pálida e distraída, e uma tropa de demônios controlava a minha cabeça.

— Você precisa me deixar, Katharine, eu não a terei. Você diz que isso não significa nada? Significa tudo para mim e perdi tudo por você. Tudo.

Tudo? O que era o “tudo” sem ela? Que vida eu achava que teria sem ela? Não haveria vida, eu sei disso agora. Mas, naquele momento, eu estava fora de mim. Virei-me e andei, largando na estrada, aos prantos, a mulher que jurei amar até a morte. Às vezes, à noite, quando a escola estava silenciosa e somente se ouvia o barulho do mar, eu ficava acordado ouvindo os gritos desesperados de Katharine Hay na estrada para Sandend, onde eu a deixara chorando convulsamente em meio à poeira. Uma centena de vezes eu teria voltado para ela, mas ela não estaria mais lá.

Contei tudo isso a William Cargill, a primeira pessoa a ouvir dos meus lábios que eu havia rejeitado a mulher que se humilhou e se desonrou por mim. Queria que alguém me conhecesse como sou. A amargura que Jaffray sempre me aconselhou a esquecer estava enraizada na minha alma e apenas ela sabia o que eu fizera.

William ficou em silêncio depois de ouvir a história, mexendo no fogo e encarando as chamas. Finalmente virou-se para mim e disse:

— Mas sei que você é um bom homem, Alexander. Isso passará, toda dor passa.

Não falamos mais no assunto e nos retiramos para o quarto logo depois, antes das doze badaladas do sino da St. Nicholas. Se William pudesse, sei que tiraria esse grande fardo dos meus ombros e diria que eu não precisava mais carregá-lo, e eu o amava por isso. Ele nunca compreenderá que se eu, por um momento, abandonar esse peso, o homem que acredito ter sido estaria destruído para sempre.

¹ Yule ou Yuletide é um festival de inverno que faz parte das celebrações de Natal. A festividade é considerada pagã e por isso condenada tanto pela Igreja Católica quanto pela Igreja Presbiteriana da Escócia. (N. do E.)

8

Muitos negócios na cidade

Dormi até depois dos sinos tocarem pela manhã. Abri as cortinas e olhei para fora. Elizabeth estava no quintal, recolhendo ovos das galinhas e tentando, sem sucesso, evitar que o porco conseguisse pular para a horta. Ela era muito pequena e frágil para a tarefa e logo o velho criado apareceu e pediu que ela saísse dali antes que o patrão a visse trabalhando. Ela sorriu e voltou para as galinhas.

Lavei-me e vesti-me depressa, mas William havia saído há muito tempo quando descii para a cozinha aconchegante. Elizabeth olhou-me com carinho e percebi que, por mais que ela disfarçasse, William lhe contara minha história. William era um homem de sorte. Apaixonou-se por Elizabeth no dia em que a viu pela primeira vez. Ele, um estudante, filho do diretor de uma escola, e ela, uma cozinheira, filha de um tanoeiro do burgo. Foram noivos por seis anos enquanto William terminava seu curso de filosofia no Marischal College, em New Aberdeen, e estudava direito em Leiden. Casaram-se três meses depois do seu retorno dos Países Baixos e agora, como me dissera na noite anterior, ela estava grávida.

Elizabeth olhou-me com um brilho travesso nos olhos.

— Espero que tenha dormido bem, Sr. Seaton, ou é a essa hora que se acorda em Banff? Ouvi falar do seu comportamento por lá, mas não pude acreditar.

Eu ri.

— O conforto do quarto e o luxo dos seus lençóis de linho foram os responsáveis por isso. Somos simples pescadores e conhecemos

apenas cobertores ásperos e ventos uivantes em nossos lares desolados. Sonhei que vivia na luxúria da Babilônia e estava relutante em deixar aquele paraíso.

Elizabeth pôs o dedo em riste.

— A Sra. Youngson saberá dessa conversa e então veremos quão ásperos serão os cobertores que lhe dará. — Foi na cozinha da antiga escola de Banff que William conhecera a menina que se tornaria sua esposa.

Ela me fez sentar à mesa e entregou-me uma tigela fumegante de mingau.

— Depois você vai comer ovos das minhas galinhas; são os melhores da cidade. Eu canto para elas.

Disse-lhe que o mingau seria suficiente e que era ela quem precisava dos ovos, mas ela não me ouviu.

— Você precisa recuperar suas forças. Está muito magro e lúgubre, Alexander. Por favor, deixe-me cuidar um pouco de você. Vê-lo bem me fará muito melhor do que comer todos os ovos da Escócia.

Constrangido, eu não soube o que responder; aquela bondade era mais do que podia suportar. Percebendo meu comportamento, ela aliviou minha tensão.

— Além do mais, se eu comer mais ovos, meu filho nascerá com penas. — Então reclamou que acabaria se tornando uma esposa gorda demais, pois William a fazia comer quando não estava deitada e se deitar quando não estava comendo. Mas eu sabia o quanto ele estava preocupado. Elizabeth sempre tinha sido pálida e frágil e, embora a gravidez lhe trouxesse alegria, seus olhos pareciam cansados. A fadiga do corpo, que ainda teria mais cinco meses de espera, tornava-se evidente. Pensei no meu amigo, que tinha tudo o que um homem podia desejar, e pedi a Deus que, se Ele ainda me ouvisse, não lhe tirasse essa felicidade.

Com o estômago cheio e um calor no coração há muito tempo esquecido, fui cuidar das minhas obrigações. A primeira visita seria ao livreiro. A loja de David Melville, em Castlegate, era um lugar mais delicioso do que todas as tabernas de Aberdeen e, embora meu bolso estivesse quase vazio, fui andando pela rua com a alegria de uma criança na manhã de um feriado. O dia estava ensolarado e quente. Decidi usar o caminho mais curto para Castlegate e evitar os odores desagradáveis das oficinas, vindos de Netherkirkgate e Putachieside, onde tanoeiros e tintureiros trabalhavam há horas. Olhei, à esquerda, para a igreja de St. Nicholas, elevando-se magnífica no céu da cidade. Nos momentos calmos e honestos do passado, na ambição do chamado, desejei pregar no púlpito daquela igreja. O prédio foi dividido em dois para permitir uma forma mais apropriada de adoração depois que nos livramos das adulações de Roma. Porém eu nunca pregaria em igreja alguma, fosse no leste ou no oeste. Passei por um sapateiro e, pelas cortinas abertas, pude vê-lo trabalhar uma linda peça de couro. Cobicei aquele couro; meus pés estavam machucados e os sapateiros de Banff não sabiam como consertar mais uma vez meus sapatos. Havia pensado em comprar botas novas, mas meu dinheiro para isso e para muitas outras coisas estava agora nas mãos gananciosas do tio de Sarah Forbes, em King Edward. Antes de deixar a cidade, talvez eu procurasse um sapateiro mais simples, como os que trabalhavam junto aos tanoeiros em Putachieside.

Em Castlegate, vi a porta da livraria de David Melville aberta. Era possível sentir, antes de entrar, o cheiro das pilhas de livros novos e das fileiras de livros antigos encadernados. O livreiro estava de costas para mim, checando, com um pedaço de papel na mão, uma fileira de gramáticas de latim na prateleira. Do lado de dentro da porta, estavam afixadas as listas dos livros exigidos pelas escolas da cidade, todas reunidas atrás da igreja de St. Nicholas. Passei os olhos na lista. Edições de Cícero, Virgílio e Ovídio melhores e mais

novas que as que Gilbert Grant poderia conhecer ou das que eu poderia comprar. Melville terminou a contagem dos catecismos e se virou para me cumprimentar com uma ruga na testa e um largo sorriso no rosto.

— Bem, se não é o Sr. Seaton? Espero-o há alguns dias. Disse que viria antes do fim de março.

Apertei a mão dele.

— Estivemos muito ocupados na escola. O presbitério e o conselho administrativo farão suas visitas no final de abril e o Sr. Grant não quer que encontrem falha alguma.

O livreiro deu um sorriso triste.

— O presbitério e o conselho sempre encontrarão falhas. É para isso que existem. Mas terão poucos motivos para se queixar dos livros. Tenho aqui o Cícero que pediu, o Buchanan e uma gramática grega.

Melville amarrou meus livros e virou uma página do caderno para checar o restante do meu pedido. Foi ao fundo da loja, empilhada até o teto com bíblias, e correu os dedos pela prateleira até encontrar o que procurava. Pegou um livro encadernado em couro vermelho que era quase duas vezes maior do que os outros.

— Aqui está. Seu bom mestre, o Sr. Gilbert Grant, encomendou-me há muitos meses uma bíblia com letras bem grandes para que ele pudesse ler melhor e creio que a encontrei. Busquei no país todo e finalmente a encontrei em Edimburgo. — Olhei para o volume imponente que ele tinha nas mãos, com letras grandes o suficiente para facilitar a leitura do meu amigo, e tive certeza que todas aquelas palavras já estavam impressas no seu coração. O livreiro estava orgulhoso de ter conseguido atender àquele pedido, mas fiquei um pouco envergonhado.

— O Sr. Grant não mencionou...

Melville estendeu a mão.

— Encomendou-me isso há muitos meses, ele pode mandar o dinheiro através de outro portador. Esses livros são para o Dr. Jaffray. — Observei a pilha sobre o balcão e tive pena do cavalo que me levaria de volta para casa. O livreiro foi a outra prateleira, pegou dois livros didáticos de medicina e entregou-me para que eu examinasse. Paguei a ele pelos livros de Jaffray e pelos meus e preferi não olhar os exemplares recentes de teologia vindos da Antuérpia que ele me ofereceu. Recusei também os últimos tratados e artigos chegados dos Países Baixos e do norte da Inglaterra. Discussões sobre a forma correta de adoração, como se ajoelhar na igreja, vestimentas e livros de oração não me interessavam mais, mas achei melhor não lhe dizer isso. Ele apontou o andar de cima, onde Raban, o tipógrafo do burgo, trabalhava.

— Raban está cansado dessas coisas... Dr. Forbes, Dr. Baron e outros ministros não param de escrever sobre o assunto. E creio que ainda ouviremos muito a respeito. Se não está tentado a entrar nessa batalha, talvez eu tenha algo mais agradável para lhe mostrar, se já não o tem. — Tirou de uma das prateleiras um volume, impresso por Raban há apenas três anos. *Poetical Recreations of Mr. Alexander Craig of Rosecraig*. Pensei em Charles Thom na escuridão daquela prisão minúscula em Banff. O quanto lhe faria bem ter em mãos o livro de Craig ajudando-o a imaginar riachos cristalinos e momentos de liberdade e amor? O preço era razoável, minhas botas poderiam ser remendadas mais uma vez. Combinei com o livreiro a entrega das compras na casa de William Cargill.

Era ainda meio-dia e meu próximo compromisso seria com o reitor Dun no dia seguinte, na universidade. Depois que entregasse a carta do intendente a George Jamesone, um artista de New Aberdeen, teria o dia todo para fazer o que eu quisesse até William retornar do trabalho. A casa de Jamesone ficava em Schoolhill, a

cinco minutos da casa de Cargill em Upperkirkgate. Refiz meu percurso e logo me vi diante da imponente residência do artista.

Bati na porta com vigor e esperei. Um lindo rosto apareceu numa janela, dois andares acima, e desapareceu logo depois. Eu ainda olhava para o alto quando a porta da frente se abriu e um senhor sério me atendeu. Olhou-me com certa suspeita — eu não estava vestido como as visitas que seu patrão normalmente recebe. Como não me conhecia, avisou que chamaria a dona da casa e fez menção de fechar a porta.

— Willie Park, mande o cavalheiro entrar. Não conhece o Sr. Seaton?

Willie olhou-me fixamente.

— Não, não conheço. E creio que meu patrão tampouco, então vou avisá-lo.

— Vá, Willie, e traga um vinho quando voltar.

Willie saiu, arrastando os pés e resmungando que as coisas mudaram muito naquela casa e que o patrão não precisava de uma esposa.

— E você, não me reconhece, Alexander?

Meus olhos aos poucos se acostumaram à luz mortífera do interior da casa e à linda mulher que me olhara da janela, agora sorridente. Ela tinha um bebê no colo, enrolado em vários panos, que gemia baixinho. Ela se aproximou, quase tão alta quanto eu, irradiando felicidade e orgulho do filho.

— Desculpe, eu não... porém... — Veio-me à cabeça uma lembrança distante, que tomava forma diante daquele sorriso. Observei-a melhor e vi o rosto de uma menina de 12 anos, seis ou sete anos atrás, correndo com os irmãos no jardim da casa dos Hay, jogando castanhas em mim e em Archie. — Isabel? A pequena Isabel Tosh?

Ela concordou, triunfante.

— A própria! Como vai, Sr. Seaton? Que prazer recebê-lo em nossa casa! Ouvi dizer que o senhor não... não ouço falar do senhor em Aberdeen há muito tempo.

— Não, afastei-me daqui por algum tempo. Então, você é a esposa de George Jamesone?

— Sim, e temos um filho, o primeiro de muitos, se Deus quiser.

— Deus a abençoe sempre. Estou feliz em vê-la.

— Lembra-se das brincadeiras felizes no jardim dos Hay? Bons tempos! Antes dessa horrível guerra roubar da família a sua luz. E roubar do senhor o seu amigo. A morte de Archie me entristeceu tanto quanto se tivesse perdido um irmão. Ele tinha um coração maravilhoso e muita alegria de viver. — Ela refletiu um momento.

— Você tem negócios a tratar com George? Vou acompanhá-lo ao estúdio dele e depois eu mesma pegarei o vinho na adega. Ele terá estragado até Willie trazer.

Levou-me por uma escada, conversando e mostrando a casa. No terceiro andar, bateu em uma porta e entrou. Esperei do lado de fora até que ela reaparecesse e dissesse que seu marido teria prazer em me ver.

Eu não conhecia George Jamesone pessoalmente, mas o tinha visto nos últimos dias dos meus estudos de teologia em Aberdeen. Estava vestido à moda holandesa, um vestígio do tempo que passou na Antuérpia, e usava um chapéu preto de aba larga, confirmando o boato de que não tirava o chapéu nem mesmo enquanto pintava. Com um aceno de mão, indicou que me sentasse, enquanto terminava um detalhe de um quadro. Olhei em volta e escolhi um banco junto à porta, lembrando-me do meu pai dizendo que nenhum artista gosta de ser interrompido durante um trabalho. O quarto era grande e arejado, iluminado por uma enorme janela de onde se via um amplo jardim nos fundos da casa e um bosque que se estendia até o lago. Jamesone trabalhava em uma tela junto à janela, retratando uma mulher rica com suas duas filhas. Percebi que se

tratava de Anne Erskine, condessa de Rothes, a quem fui apresentado nas reuniões em Delgatie. Ele a retratou muito bem. Em todo o quarto havia ferramentas e apetrechos do artista, muitos dos quais eu não conhecia. Em uma pequena cômoda à minha esquerda, havia potes, cubas e vidros de várias cores. Empilhadas, à direita da porta, molduras inteiras e em partes, de vários tamanhos; a maioria preta, mas algumas douradas, esperando para serem usadas. Havia outras telas; algumas apenas esboçadas, outras quase completas.

Quando Jamesone terminou o trabalho, ainda de costas para mim, esticou os braços, bocejou e pendurou o avental num canto. Então se virou e me deu um largo sorriso. Gostei dele imediatamente, com seu sorriso amistoso e seu ar bem-humorado e inteligente.

— Sr. Seaton, que prazer em vê-lo! Não nos conhecemos, mas minha esposa disse que vocês são velhos amigos. Venha se sentar junto à janela: é mais confortável e posso ver melhor seu rosto; sou muito interessado em rostos. — Se eu não soubesse que ele estudou artes fora do país, saberia por suas maneiras e seu modo de falar. Era possível notar que não passara todos esses anos confinado em uma única sociedade.

Sentei-me junto à janela e ele continuou a se movimentar pelo quarto, limpando e arrumando os pincéis, as tintas e os panos. O velho criado entrou com o vinho e um prato com nozes e passas, e colocou a bandeja na minha frente a pedido do patrão.

— Agora, Sr. Seaton, diga-me o que o trouxe aqui.

Tirei a carta do bolso.

— Walter Watt, o intendente de Banff, pediu-me para lhe entregar esta carta.

— Então Watt se tornou intendente? Isso não me surpreende... Ele e a esposa posaram para mim há muitos anos. Era o tipo de homem que não esperaria o destino bater à sua porta.

Como não fiz comentário algum, ele parou de falar e abriu a carta.

— Seu intendente deseja que eu vá novamente a Banff para retratá-lo com a família — disse olhando para mim. — Fico feliz que tenham tido filhos. A esposa parecia sofrer muito por não ser mãe.

— Não é a mesma esposa, a primeira faleceu anos atrás.

— É uma pena! Havia uma enorme beleza e bondade nela. Deveria ter sido mais abençoada pela vida — disse, suspirando. — Mas o intendente não imagina a pressão dos meus clientes atualmente. Aqueles que querem ser retratados vêm posar aqui, mas pude trabalhar para ele naquela época e não pretendo agir com superioridade agora. Além disso, seria interessante pintar seu rosto e observar as marcas do tempo. — Apontou a tela na qual trabalhava. — Levarei esse retrato a Rhotes no fim do mês e, na volta, posso passar por Banff e visitar o intendente e a família. Não prometo fazer mais do que um esboço; creio que terão de posar para mim aqui. Pode lhe dar esse recado?

Concordei, embora soubesse que não haveria prazer algum em dizer ao intendente que ele, mesmo tendo ascendido na vida, era agora menos importante para George Jamesone do que no passado. O pintor e eu conversamos sobre Banff, suas redondezas e as pessoas que ele conhecia por lá. Ele evitou mencionar Delgatie e desconfiei que a notícia da minha desgraça chegara a Aberdeen e aos ouvidos de gente que mal me conhecia. Mas Jamesone não usou isso contra mim. Havia viajado pelo mundo e, como me dissera, “um pintor vê muito, na vida dos homens, que os outros não veem.”

— Não entendi o que quis dizer — falei.

Ele se aproximou da tela da condessa de Rothes.

— O que vê aqui?

Examinei a pintura, mas não encontrei mistério algum nela.

— Vejo Anne Erskine e suas duas filhas.

Ele me olhou intrigado.

— Apenas isso?

Examinei novamente e encolhi os ombros.

— Não, vejo também uma janela, cortinas pesadas e caras, uma mesa, alguns objetos e uma caixa sobre a mesa com um colar à mostra. Há alguns quadros na parede atrás da condessa e um tabuleiro de xadrez com as peças sobre a mesa. — O artista continuou a me olhar e levantei as mãos resignado. — Sinto muito, não vejo mais nada.

Ele sorriu, pegou um pincel limpo e usou-o como ponteiro.

— Olha, mas não vê. Vê a condessa de Rothes com as duas filhas, sim. Vê uma janela: será simplesmente para deixar passar a luz? Não sou um pintor de janelas. Olhe novamente: o brasão da família está desenhado no vidro, o que indica que é uma família nobre. Se duvidar, veja que os retratos atrás dela também comprovam a alta linhagem. Quanto à caixa de joias na mesa, será que ela não teve o cuidado de guardá-la antes do pintor chegar? Não creio que seja essa a razão. Há riqueza e opulência para todos verem. E o tabuleiro de xadrez desarrumado? Haviam abandonado uma partida? Por que não uma boneca, uma caixa de música ou um pião? Porque a condessa e suas filhas não se divertem com brinquedos infantis, mas com um jogo de estratégia; isso indica que são meninas inteligentes e cultas. Mas há um último detalhe que o senhor não mencionou. — Olhei outra vez e o pintor me observou enquanto eu examinava seu quadro.

— As cerejas?

Ele concordou.

— Sim, as cerejas. Achou que estivessem ali apenas para dar mais cor ao quadro?

Confessei que não dera muitas importância às cerejas, talvez servissem para compor o retrato.

— O senhor vê um retrato da condessa de Rothes com as filhas, sem filhos, e a fortuna da família talvez caia sobre essas duas

meninas. Retratei a linhagem, a nobreza, a inteligência, a cultura e a riqueza delas, porém, mais do que isso, espera-se algo delas: fertilidade. Olhe novamente, Sr. Seaton, veja como serão férteis e maduras. — Virou as costas para a tela e voltou para a janela, onde observou o jardim e as flores delicadas.

Fiquei em silêncio, um pouco frustrado com o quadro. Jamesone me mostrou algumas prateleiras atrás de mim e os objetos que haviam me intrigado quando entrei fizeram um pouco mais de sentido. Pegou na última prateleira um crânio humano que sorria macabramente. — Não sou médico, como sabe. Não tenho interesse por esse crânio a não ser para representar a morte, a certeza da morte. As conchas que vê aqui foram coletadas em uma caminhada à beira-mar no verão passado, com minha esposa, e são realmente a lembrança de um momento agradável. No entanto, em uma pintura simbolizam a riqueza. Se olhar esses livros, concluirá que não são importantes. Aqueles que realmente me interessam estão na minha biblioteca; foram usados muitas e muitas vezes para simbolizar a cultura de pessoas ilustres.

Comecei a entender.

— E esse alaúde?

Ele pegou o instrumento que estava encostado em uma cadeira.

— O alaúde, como muitos instrumentos musicais, é um símbolo do amor humano, inclusive da luxúria.

— Então é por isso que não mandou consertar a corda arreventada? Porque o alaúde nunca é tocado?

— Não, antes fosse por isso. Nem todas as uniões matrimoniais são felizes como a que tenho com minha esposa. A corda partida simboliza a desarmonia. — Ficou em silêncio um instante; depois sorriu e disse com energia: — Agora já é um especialista. Quando olhar, verá.

— Não sei, duvido que um dia eu veja o que realmente existe.

— Creio que fala de outras coisas.

— Talvez.

Ele guardou o alaúde.

— Apesar dos meus truques de pintor, não sou especialista em natureza humana. Creio que há mais de uma história por trás do rosto das pessoas e gostaria de poder desvendá-las. Por isso penso em aceitar o pedido do intendente de Banff, com o intuito de ver que história as linhas de seu rosto me contarão sobre sua vida desde que o pinte pela última vez.

Sorri, mas não tinha a intenção de ir adiante com aquela conversa.

— Seria mais fácil estudar o corte elegante de suas roupas, o tamanho de sua casa e o número de criados.

O pintor não se convenceu.

— Isso me dirá muito sobre a fortuna que ele acumulou nos últimos anos, mas é seu rosto que me falará do homem. — Olhou-me com a cabeça virada ligeiramente. — Creio que seu rosto pode me contar algumas coisas.

Fui tomado pela vaidade e senti um intenso desejo de saber o que os outros viam em mim.

— O quê?

Pedi que eu me aproximasse e sentasse junto à janela.

— Minha esposa diz que o senhor é professor, e não um mestre, na escola de um burgo. Há intensidade e seriedade nos seus olhos, mas fala pouco. Posso estar enganado, mas creio que é um homem de grande cultura. Se for, parece velho demais para sua atual posição na vida. Qual é sua idade? Trinta e quatro, trinta e cinco anos?

— Tenho 26.

Ele balançou a cabeça e mordeu o lábio superior.

— Então é mais jovem do que aparenta. E não é um homem típico de Banff: é muito alto e magro, mas a cor macilenta, creio, é resultado de pouco cuidado consigo mesmo e não da sua natureza. Seus olhos... cinzentos, quase verdes nessa luz, têm algo único. Seus

cabelos são muito escuros, como os de um ilhéu ou irlandês. Acertei ou enganei-me por completo?

— Parte de mim é de Banff, meu pai e meu avô vêm de muitas gerações naquela região, mas minha mãe era de origem irlandesa. O senhor tem razão ao dizer que sou velho demais para ser professor; eu esperava fazer muito mais com meus conhecimentos, mas não foi esse o meu destino e...

Ele encolheu os ombros.

— E não quer falar sobre isso com alguém que conheceu há apenas vinte minutos. — O pintor viu mais do que admitira. Esperei-o terminar de escrever uma resposta para o intendente, despedi-me e saí. Quando descia a escada, ele falou. — Sr. Seaton, espero vê-lo novamente em Banff. Se me permitir, terei grande prazer em pintá-lo... como um estudo. Sua tela não estará vazia.

Planejei passar a tarde examinando a lista que recebi de David Melville, o livreiro, sobre os livros recomendados pelo conselho para a escola, pois não queria que os meus alunos estivessem em desvantagem na disputa por uma bolsa de estudo. Meu erro, ao chegar à casa de William, foi trabalhar deitado em vez de sentado. Logo adormeci e acordei no final da tarde com uma voz familiar ao meu ouvido.

— Apresse-se, Alexander, você está atrasado para a aula! — Dei um pulo da cama, juntei os livros e papéis em volta, e levei um bom tempo para compreender que estávamos em 1626, e não em 1618, e que eu não estudava mais no King's College nem teria de enfrentar a ira dos professores. Quando parei, um pouco envergonhado, vi o sorriso largo de William Cargill. — Você ficou preguiçoso depois de velho, Alexander. Nunca dormiu tanto. Seus alunos têm aulas à tarde ou apenas amaciam seu travesseiro?

Abaixei-me para pegar os papéis.

— Pela manhã, dou aulas de gramática e ensino meus alunos a temer a Deus. À tarde, ensino-os a não confiar em advogados que dormem em lençóis tão macios assim.

Ele riu e sentou-se nos lençóis amassados e olhou para mim com ar sério.

— Você está exausto, Alexander. Precisa retornar logo para Banff? Não pode ficar conosco um pouco mais? Temos tudo para você aqui: comida, descanso e amizade.

Evitei seu olhar intrigado e comecei a amarrar os pacotes de livros.

— É muita bondade sua, William, mas não passo fome em Banff e até mesmo um homem desgraçado como eu precisa trabalhar. E — disse olhando para ele — tenho amigos lá, diferentes dos nossos aqui, mas que me ajudam.

— Não pretendo ser um Jaffray, Alexander. Sei que ele não permitiu que você se arruinasse por completo, que foi a sua salvação. Mas você ainda é jovem e precisa ver o mundo novamente como um jovem. Há outros caminhos à sua frente, outras escolhas.

— Minhas escolhas foram terríveis e a arrogância e a loucura da minha juventude me trouxeram uma grande vergonha. Preciso aceitar meu julgamento.

— Esse dia não pertence a este mundo. Ainda há vida aqui, e ela não é condenada por Deus.

Peguei sua mão com força.

— Não sei como encontrá-la, William. Ela não está aqui, ao menos não ainda, se é que algum dia estará. Preciso cumprir minha pena; embora eu não seja papista, preciso cumprir a penitência que me foi dada. Além do mais — falei tentando encerrar o assunto —, se eu não estiver em Banff em quatro dias, o intendente me prenderá na cadeia da torre.

William achou que eu estivesse brincando, mas aos poucos o fiz compreender que falava sério. Não lhe contei sobre o assassinato em

Banff ou sobre o mapa que devia entregar ao senhor de Straloch, nem mencionei os cadernos do tio de William, que tinha a intenção de pedir emprestados. relatei, então, todos os acontecimentos de Banff. Falei sobre Marion Arbuthnott, Charles Thom e a tristeza dele com o retorno do sobrinho do intendente. Não escondi nada — nem minha vergonha por ter negado ajuda a um moribundo durante uma tempestade nem a imagem grotesca, na manhã seguinte, sobre a minha mesa de trabalho. Falei sobre o que Jaffray e o boticário Arbuthnott pensavam sobre a morte de Patrick Davidson e William imediatamente ofereceu os cadernos do tio ou qualquer outra coisa que fosse necessária ao doutor de Banff. Por último, falei sobre a velocidade com a qual Charles fora acusado, com base apenas em fofocas e especulações. William ouviu tudo sem me interromper.

— E quando o promotor chegará? — perguntou ele.

— Em uma semana. Há apenas seis dias para salvar Charles da forca de Gallow Hill.

William me olhou, hesitante.

— Mas não suspeitam de você?

— Não, graças a Deus não.

William ficou confuso; seu cérebro de advogado não estava satisfeito. — Mesmo Davidson tendo sido encontrado na sua sala de aula?

Considerei sua pergunta. Na minha determinação de tirar Charles da prisão, não me fiz tais questionamentos. Não havia motivo para me considerarem culpado, mas, em uma cidade como Banff, podia-se sempre encontrar um. Eu não tinha conhecimentos sobre venenos, mas Charles Thom também não. Um frêmito de terror e uma onda de medo passaram pelo meu corpo como se eu estivesse preso em um quarto sem janelas ou portas. Para alguém que não dava valor algum à vida, tive um medo enorme de morrer.

— William, não sei por que não sou suspeito. Se estivesse lá, suspeitaria de mim?

Olhou-me nos olhos sem vacilar.

— Somos amigos de longa data e sei que você não mataria um homem a sangue-frio, mas se não o conhecesse tão bem assim, não descartaria essa possibilidade.

— Mas, William, eu nem o conhecia. Que razão eu teria para matar o aprendiz do boticário?

Sua resposta foi pouco confortante.

— Quem matou Patrick Davidson teve um motivo ainda desconhecido. — O sino da igreja de St. Nicholas tocou cinco vezes. O silêncio posterior foi interrompido pela voz de Elizabeth nos chamando.

— Estão dormindo? Somente eu trabalho nessa casa? William, você precisa escrever duas cartas antes do mensageiro partir para Edimburgo hoje à noite e eu disse a Bella Watson que vocês jantariam na casa dela às 18h. William, você está aí?

Meu amigo disse à esposa que desceria em um instante.

— Alexander, preciso escrever essas cartas, mas conversaremos mais hoje à noite. Elizabeth arranhou para que você e eu jantássemos fora. Ela acha que trabalho demais e que estou sempre a seu lado, não tendo tempo para meus amigos. Você se importa de ir à casa de Bella Watson?

— De forma alguma — respondi sorrindo. — Come-se muito bem lá.

Uma hora depois, estávamos sentados diante de uma boa lareira, bebíamos a cerveja feita por Bella Watson — a melhor de Aberdeen, segundo William — e esperávamos a criada trazer o jantar. Seria uma ótima refeição. Bella era tão boa na cozinha quanto na fabricação de cervejas —, mas eu não estava interessado em comer ou beber. Tivemos sorte de ninguém se sentar na sala dos fundos, pois pudemos conversar à vontade. A filha de Bella trouxe uma

travessa com dois caranguejos grandes e perfeitos, tirados direto da panela onde morreram escaldados. Não havia molhos ou acompanhamentos, apenas os dois animais há pouco capturados no mar e ainda presos em seus cascos. William pegou o que estava à sua frente e quebrou uma das patas.

— Você pensou no que conversamos hoje à tarde?

Peguei o outro caranguejo.

— Não tenho pensado em outra coisa.

— E pode imaginar alguma outra razão para não ter sido acusado?

— Nenhuma... E o mais estranho é que tenho poucos amigos em Banff e não sou visto como alguém confiável.

— Ainda assim, não foi acusado. Charles é malquisto no burgo? Tem inimigos?

— Quem poderia ser inimigo de Charles? Você o conhece bem, William, quem não gostaria dele? Charles é um amigo leal e seria, eu imagino, um inimigo de pouca importância. Ele esconde seu desprezo pela assembleia paroquial e pelas autoridades do burgo. Não ofende ou invade os direitos de ninguém, não é um professor ganancioso ou carrancudo e chama pouca atenção para si. Não procura muitas companhias ou novos amigos — aqueles que tem já lhe são suficientes. Realmente é um pouco mal-humorado e difícil, mas, quando se ultrapassam essas barreiras, seu calor humano e seu humor encantam qualquer um. Se olhasse em volta, veria que tem mais amigos do que inimigos.

William sorriu com tristeza.

— Algo difícil na atual situação.

Lembrei-me de Charles acorrentado na prisão e da música gaélica lamentosa que cantava quando saía da torre.

— Eu o vi apenas no primeiro dia da prisão. Sua situação deve estar pior agora e não sei como animá-lo um pouco.

William tirou outra pata da travessa.

— Creio que há um jeito. Com você e Jaffray trabalhando a seu favor, ele não se sentirá perdido. Mas, Alexander, se Charles não tem inimigos, você deve ter amigos, acredite ou não.

Pensei nisso um pouco antes também.

— Não tenho amigos no presbitério... Robert Guild é um homem mesquinho, egoísta, pouco inteligente ou piedoso.

— Um inimigo perigoso.

— Inimigo ou amigo, não é um homem confiável. O delegado e seus comparsas teriam prazer de me ver fora da cidade ou pendurado na forca de Gallow Hill. Às vezes penso que ele está jogando comigo.

— Como assim?

— Foi ele quem me convidou para ver os mapas, pois sabe que conheço o assunto. Admitiu abertamente que conhecia as cartas de Archie para mim. Quando fui visitar Charles, tive a impressão de que ele me esperava, como se quisesse algo de mim. E creio que me espiona.

— Você acha que foi visto quando passou por Davidson, na noite do assassinato?

— Somente pelas prostitutas da cidade, se é que me viram. Certamente não fui visto pelo delegado nem pelo meirinho, que não estavam na rua àquela hora ou já teriam me acusado.

— Existem outras pessoas nas quais você não confia?

Eu ri.

— William, quantas horas temos ainda? Não há ninguém na paróquia, a não ser Gilbert Grant, que não adoraria me ver ainda mais desgraçado aos olhos de Deus e dos homens. A postura diferente que herdei da minha mãe, a amizade com alguém de classe muito superior à minha, como Archie Hay, e a inimizade do meu pai depois da morte de Archie são razões suficientes, sem falar nas minhas antigas pretensões.

— E você tem amigos no poder?

— Creio que Thomas Stewart, o notário do burgo, é meu amigo. William concordou, satisfeito.

— Então você tem sorte, pois eu o conheço bem e sei quem é. É um homem justo. Agora, continue.

— Talvez Walter Watt, o intendente, não me queira mal. Ele falou a meu favor diante do delegado e do ministro, embora tenha esclarecido que tem poucas ilusões a meu respeito. Foi ele quem me deu essa incumbência. — Tirei o mapa do bolso e passei-o para William. Ele desdobrou e alisou o papel com cuidado, examinou-o em silêncio por um instante e olhou para mim.

— Quem o desenhou?

— Patrick Davidson.

Ele franziu a testa.

— Mas você disse que ele era um boticário, aliás, um aprendiz de boticário...

— Ele era, mas ao que parece também se interessava por mapas. Há vários outros trancados na Câmara de Banff.

Os pensamentos de William foram direto ao ponto.

— E os magistrados suspeitam de espionagem? — Eu confirmei e ele me devolveu o mapa, preocupado. Guardei-o no envelope e enfiei-o no bolso. — Qual é sua incumbência? — perguntou William.

— Devo levar o mapa a Robert Gordon e pedir que o avalie. Talvez tenha sido simplesmente fruto de um passatempo inocente.

— Esperemos que sim, Alexander. Você mostrou isso a mais alguém em Aberdeen?

— Se soubessem que mostrei até mesmo a você, eu estaria apodrecendo na prisão de Banff amanhã.

— Mas você falou com Jamesone sobre isso?

Não compreendi sua ansiedade.

— Nada relacionado a isso. Por quê?

Ele bebeu um gole do vinho e encheu novamente nossos copos.

— O que você sabe sobre George Jamesone?

Dei de ombros.

— O mesmo que sei sobre qualquer outro pintor... Bem, isso não é verdade, conheci Jamesone um pouco mais hoje. Sei que ele pinta para muitas famílias do país, diversos nobres e outras pessoas mais simples. Talvez um dia pinte você, Elizabeth e sua prole.

— Eu gostaria que sim — disse, esperando que eu falasse mais.

— Sei também que é casado com Isabel Tosh. Assustei-me ao perceber que sua esposa era a menina que eu conhecia e que eles já têm um filho. Ele mora numa casa ótima, é uma companhia interessante e gosta de estudar a natureza do homem.

William afastou a travessa e se inclinou, com os cotovelos na mesa.

— Sabe que ele estudou em Edimburgo e que passou algum tempo em Antuérpia?

— Sim, mas muitos de nós continuam a viajar e a estudar em territórios espanhóis dos Países Baixos. Todos serão considerados criminosos por isso?

— É claro que não! Mas, quando estive em Antuérpia, ele trabalhou no estúdio de Pieter Paul Rubens. Conhece Rubens?

— Não se discute muito sobre artes em Banff, mas, sim, quando eu estava aqui ouvi falar em Rubens.

— Mas nunca ouviu falar — e por que ouviria? — das suas atividades diplomáticas? Quando vou a Edimburgo a trabalho, muitas vezes divido a mesa de jantar de alguns advogados com mercadores ricos de Leith. Eles conhecem melhor o que acontece nos Países Baixos e no Báltico do que o que se passa por aqui. Rubens é um conhecido agente de Madri; tudo o que acontece em Antuérpia é relatado a seus patrocinadores. Além disso, ele está na lista de pagamento dos Medici, da herdeira da França. Poucas intrigas passam pelas cabeças exaltadas dos papistas sem que Rubens saiba e pouco ocorre nos Países Baixos que ele não possa informar aos patrocinadores espanhóis.

Uma semana atrás, eu teria achado que meu amigo se entregara às fofocas da nossa capital. Que importância teria essa bobagem para os moradores de Banff, para Charles Thom e para mim? Mas a morte de Patrick Davidson e a descoberta dos mapas mudaram tudo.

— Jamesone é suspeito de ser espião espanhol?

William sacudiu a cabeça.

— Não, ao menos nunca ouvi boatos sobre isso e... — Ele sorriu um pouco envergonhado — ... Há poucos boatos que fogem ao meu conhecimento.

— Mas você acha isso possível?

— Muitas coisas são possíveis e creio que a maioria dos homens tem seu preço. Jamesone circula livremente entre os grandes e os poderosos e, por ser pintor, causa pouco ciúme ou suspeita. Na verdade, parece que não há ocupação mais apropriada para um espião, mas não penso que seja um traidor. — Ele tocou o sino e a criada levou a travessa com os restos dos caranguejos e trouxe a carne. Notei que continuava preocupado. Depois que a criada saiu, ele não tocou na comida e voltou à nossa conversa. — Mas o que foi fazer lá, Alexander? O que tinha para tratar com ele?

Senti minha boca secar.

— Fui entregar-lhe uma carta do intendente de Banff.

— Você a leu?

Neguei com a cabeça.

— Jamesone me disse sobre o que se tratava, mas não li a carta. O intendente quer que ele faça um retrato da família e tenho no meu quarto a resposta do artista.

Tive a impressão de ver meu amigo vacilar por um instante.

— Você não leu essa carta?

— Está selada.

Ele pôs os dedos nas têmporas e pensou.

— Então precisa entregá-la. Você deve ir até Straloch o mais breve possível, cumprir sua missão, retornar a Banff, entregar a carta

e ficar longe do intendente. — Naquele momento senti que gostaria de nunca mais ver o intendente ou a cidade de Banff, mas deveres e promessas me chamavam e eu devia voltar ao burgo. Resolvemos que eu deixaria Aberdeen um dia antes do previsto, logo após o culto de domingo. O senhor de Straloch perdoaria minha intrusão em seu domingo quando soubesse o propósito da minha visita.

Conversamos até tarde e, quando finalmente saímos da casa de Bella Watson, queríamos apenas deitar e descansar a cabeça assim que pudéssemos. Caminhamos, falando baixo, pelas principais vias da cidade, pois todo tipo de criatura indesejável podia ser encontrado nos becos e nas vielas, esperando transeuntes noturnos despreocupados. A lua crescente clareava as casas no alto de Castlegate, mas não iluminava tanto as ruas estreitas e tortuosas, com casas de três andares, nas quais andávamos. Sombras se ocultavam sob as escadas e atrás de portões. Um cachorro rosnando arrastou seu dono para uma janela e foi silenciado com um xingamento. Tentamos andar no meio da rua para evitar a sujeira e os excrementos das sarjetas. Quando viramos em Flourmill Lane, um movimento em uma das casas chamou a atenção de William e ele pôs a mão no meu braço para que eu parasse. Segui a direção de seu olhar e vi uma luz no alto da escada externa de uma casa que eu conhecia bem — a de Maisie Johnston, onde Archie e eu passamos sua última noite aqui. Uma saliência no muro nos escondia e pudemos observar tudo. Era Maisie e uma mulher mais jovem, com o rosto coberto por um xale. Maisie olhava em volta e falava com a mulher em tom baixo, porém firme. William cochichou para mim:

— Isso é estranho... Maisie toma muito cuidado para não atrair atenção para seu estabelecimento e evitar a ira da assembleia.

— Mas todos sabem que tipo de casa é esta.

— Sim, mas Maisie não divulga. E não permite que estranhos prejudiquem sua casa. Suas meninas nunca são vistas na rua à noite

e esse é um acordo tácito entre ela, o conselho do burgo e a assembleia paroquial.

Maisie deu mais uma olhada na rua, entregou uma pequena bolsa à jovem, deu-lhe um rápido abraço e mandou-a descer a escada. Enquanto ela descia, seu xale escorregou e tive de me controlar para não gritar seu nome. O portão abriu e vi-me cara a cara com Mary Dawson.

— Mary! — disse. A jovem abriu a boca como se fosse falar, mas seu reconhecimento momentâneo foi substituído por um olhar de terror. Quase deixando cair a bolsa, e com o xale arrastando no chão, passou rápido por mim e correu. William segurou meu braço com força e precisei me desvencilhar dele.

— Alexander, pelo amor de Deus, é uma prostituta. Você a conhece?

Respondi brevemente e corri atrás de Mary, tendo William logo atrás. Não vi para onde ela foi, mas o barulho de seus passos no chão de pedra me levou ao cemitério atrás da igreja. Duas ou três vezes quase tropecei, estando menos acostumado do que ela a correr por ruas escuras: teve de fazer isso muitas vezes para não ser apanhada em suas atividades noturnas. William me alcançou quando cheguei ao cemitério da igreja.

— Explico depois — disse a ele arfando —, mas preciso falar com essa mulher.

Examinei as lápides em memória de gerações de moradores há muito tempo mortos e os montes de terra onde os pobres jaziam sem serem lembrados, mas não a vi. Morcegos voavam do campanário da igreja e entre as árvores do cemitério. Uma coruja piou e tive a impressão de poder sentir e ouvir tudo o que se passava à minha volta. Ela deveria estar escondida em algum lugar entre os túmulos, pois não teria saído dali sem que eu visse. Andei em direção à igreja. Nesse momento, vi alguém se movimentar rapidamente: era Mary Dawson correndo para Netherkirkgate como se estivesse sendo

perseguida por todas as criaturas do inferno. Conferi o caminho e corri atrás dela, seguido por William, que nada compreendia. Mary não era nova em Aberdeen, pois conhecia as passagens e vielas da cidade melhor do que eu podia lembrar. De Netherkirkgate, seguiu para St. Katharine's Hill na direção de Green. O cheiro do trabalho dos tanoeiros e dos tintureiros ainda impregnava o ar da noite, embora há muito tempo eles tivessem se recolhido. Quase a perdi em Green, quando um gato saiu de trás de um monturo e desviei os olhos dela. No entanto, um movimento à minha frente fez-me olhar na direção do antigo mosteiro dos carmelitas. William, cansado de correr depois daquele jantar, agarrou minha capa, arfando.

— Não, ela foi para aquele lado. — Indicou a margem do riacho que seguia rumo à foz do Dee e, recuperando-se, correu atrás de mim na direção de Shore Brae. Mary Dawson estava indo para o porto.

O porto nunca estava silencioso, nunca repousava; era o coração e os pulmões do burgo. Enquanto nossa corrida pela cidade quebrava o silêncio da noite, nossos passos mais lentos — e os de Mary Dawson à nossa frente — entraram no ritmo suave vindo do mar. O odor pútrido das oficinas desaparecera tragado pelo cheiro forte de sal e algas no cais. À luz dos lampiões ao longo do cais, os estivadores trabalhavam. Um grupo de mercadores conversava com o capitão do navio, iluminados também pelos lampiões. Todos nos olharam quando nos aproximamos.

— Parece que o senhor tem mais passageiros, capitão. Estão todos correndo para chegar aqui a tempo.

Outro mercador olhou na nossa direção.

— O senhor não é William Cargill? O que está fazendo aqui a essa hora, Sr. Cargill? Tomará o navio para o Báltico? Minhas dívidas estão perdoadas, então?

William riu e respondeu o mais naturalmente possível.

— Não, mas desde que minha esposa ficou grávida é mais seguro sair à noite pelas ruas do que dormir na minha própria cama. Num minuto ela está chorando e no outro, brigando.

Os homens riram. William dirigiu-se ao capitão e puxou-o para conversar em particular. Invejei sua facilidade de conversar com todos sem provocar ofensas. Os mercadores foram providenciar o embarque de suas mercadorias e permaneci nas sombras, tentando avistar Mary Dawson. William logo voltou.

— O capitão levará seis passageiros com sua carga hoje à noite, em menos de uma hora. Vão rumo a Danzig. São dois estudantes, dois mercadores, um mestre de obras e uma mulher que se diz viúva. Ele disse que nunca viu uma viúva como essa e que seus documentos são falsos, mas o dinheiro é verdadeiro e isso é tudo o que precisa saber. Disse que é jovem, de estatura mediana e tem o corpo bem-feito, cabelos ruivos e olhos castanhos. É essa a mulher que você está procurando?

Eu concordei, lentamente.

— Seu nome é Mary Dawson. Ela e sua irmã são... eram prostitutas em Banff. Posso jurar que o rosto das duas foi a última coisa que Patrick Davidson viu antes de deixar este mundo. O trabalho delas era conhecido há muito tempo em Banff, mas tolerado em troca de discrição. Porém, dois dias atrás, Janet Dawson foi expulsa do burgo, açoitada pelo carrasco e proibida de voltar sob pena de morte. Vi isso acontecer e, antes de o policial levá-la embora, ela repetiu para mim as últimas palavras de Patrick Davidson, “James e as flores”, algo que não consigo decifrar. Tenho certeza de que foram as duas que o levaram para a minha sala de aula e preciso falar com Mary Dawson antes que ela parta. Acredito que isso e a expulsão de sua irmã de Banff tenham ligação com o assassinato do aprendiz do boticário.

William tirou umas moedas do bolso e me disse para segui-lo. Conversou com alguns estivadores, mas apenas o terceiro entendeu

o que ele queria. Pegou as moedas e mandou que o seguíssemos. Por trás de uma grande pilha de carvão, encontrei minha presa, agachada como um cão amedrontado. Ela tentou fugir novamente quando me viu, mas desta vez fui mais rápido e a peguei pelos braços.

— Mary, você me conhece, por que está fugindo? — Ela lutou, mas segurei com força. — Mary, sou Alexander Seaton, você me conhece.

Aos poucos, ao perceber que não poderia se desvencilhar de mim, ela parou de lutar. Olhou-me, desafiadora, mas com lágrimas nos olhos.

— Eu o conheço, sei que é boa pessoa, mas não confio no senhor. Solte-me! Não vou contar nada!

— Algumas palavras, Mary, é tudo o que peço. Apenas algumas palavras.

Ela olhou desconfiada para William.

— Quem é ele?

— Um amigo.

— Mandaram que ele e o senhor viessem atrás de mim?

Soltei seus braços aos poucos.

— O que quer dizer? Ninguém me mandou atrás de você. Soube que você estava aqui há menos de uma hora, quando a vi saindo da casa de Maisie Johnston. Acha que alguém me encarregou de levá-la de volta a Banff?

Ela esfregou o braço que eu apertara com força e deu uma risada vazia.

— De volta a Banff? Nunca mais verei Banff em toda a minha vida, se não quiser ser enforcada ou afogada no mar. Ninguém será encarregado de me levar de volta, o que temo é que se encarreguem de mim.

Então compreendi seu terror, o mesmo que eu senti nas últimas horas. Mary Dawson estava tão apavorada que não conseguia

raciocinar. O motivo eu podia imaginar, mas o responsável não.

— Diga-me o que sabe, Mary.

Ela sacudiu a cabeça freneticamente, como uma louca.

— Não precisa ter medo de mim! Juro por Deus que não sou um deles. — Eu não imaginava quem seriam “eles”, mas meu juramento pareceu acalmá-la um pouco, embora ela continuasse calada. Tive de tentar outra tática. — Sua irmã me disse algo...

— Janet? Onde ela está? Em Aberdeen?

Estendi a mão para acalmá-la.

— Não, ela não está aqui. Não sei onde está agora. Há três dias eu a vi pela última vez, quando o carrasco e o policial a expulsaram do burgo e a levaram para a estrada de Cullen.

Os olhos de Mary continuavam ávidos.

— Então eles não a mataram? Ela está a salvo?

— Até onde sei, sim. Não sei onde está, mas sei... — hesitei em falar a verdade, mas não adiantava esconder isso dela — ... sei que ela nunca mais poderá voltar a Banff, sob pena de morte.

Essa notícia não pareceu afetá-la como eu esperava. Balançou a cabeça devagar, rindo para si mesma.

— Então ela está segura. Vai para a casa de nossos primos em Strathspey e ficará bem.

— O caminho até Strathspey é longo e a estrada é ruim.

Mary não se preocupou.

— Ela conhece bem a região. As geadas estão acabando e ela vai conseguir chegar. E estará a salvo. Que Deus a proteja! — Percebi que Mary Dawson não tinha esperança de rever a irmã. Ficou pensativa e a deixei em paz por um momento. Mas eu sabia que o tempo estava passando e que nem a maré nem o capitão esperariam, então eu também não podia esperar.

— O que fez com que você saísse de Banff dessa forma?

Ela me olhou com curiosidade.

— O senhor não sabe?

— Como poderia saber? Não sei o que acontece no conselho dos magistrados.

— O conselho dos magistrados! — disse ela em tom de desprezo.
— Não foi o conselho dos magistrados; foi o líder dos mendigos que nos avisou para sair de Banff. E um aviso dele deve ser levado a sério.

— O líder dos mendigos? Lang Geordie? Mas por quê?

Pela sua expressão, vi que minha suspeita seria confirmada.

— O aprendiz do boticário... nunca soube seu nome. Janet e eu o encontramos no Water Path. Ele estava mal, quase morto. Nós o colocamos na mesa da sua sala de aula. É verdade que o senhor o viu somente quando ele estava morto?

Sentei-me a seu lado e tirei o chapéu. William nos observava a distância.

— Fui chamado na manhã seguinte, quando o encontraram morto.

Ela deu um sorriso triste.

— Era um risco que corríamos. Uma esperança pequena, mas ainda assim uma esperança. Nós sabíamos que ele estava morrendo, já vimos pessoas morrerem. Tínhamos visto o senhor passar por ali minutos antes e achávamos que ainda estaria acordado. Esperávamos que ouvisse o barulho e o encontrasse a tempo de ajudá-lo.

— Não ouvi nada. — Pela décima ou vigésima vez lembrei-me daquela noite e tentei ouvir o que não ouvira antes. Mas era apenas o barulho da tempestade abafando tudo mais.

— Nem a Sra. Youngson?

— Nem ela.

Mary puxou o xale para junto dos ombros.

— Bem, não era para ser. Era a hora dele. — Depois me olhou com um ar determinado. — Mas ele não estava bêbado, Sr. Seaton, não importa o que digam... Não foi uma morte natural.

Isso eu sabia, e fiquei ansioso para continuar.

— Mas ele falou com vocês, não falou?

Ela se surpreendeu por eu saber disso.

— Janet? — Eu concordei. — Falou, sim. Balbuciou duas ou três vezes “James e as flores”. Não conseguimos entender, mas ele estava muito ansioso.

— E não disse mais nada?

— Nada, já estava praticamente desacordado quando o deixamos na escola.

Algo nisso me preocupava.

— Como conseguiram passar pelo portão e entrar na escola?

Lembro que tranquei a porta e o portão antes de subir para o quarto.

Ela sentiu certo orgulho ao lembrar.

— Nós fomos criadas em uma forja em Fordyce, Sr. Seaton. Não há tranca ou fechadura que não saibamos abrir. Quanto a passar pelo portão, bem... — nesse momento vi um traço, somente um traço, do seu antigo sorriso malicioso — ... minha irmã e eu somos famosas pela nossa agilidade.

Mas esses pequenos mistérios não tinham importância agora.

— Mas por que Lang Geordie disse que vocês deveriam sumir? Por que, depois de todo esse tempo, sua irmã foi expulsa da cidade e por que você fugiu?

— Porque nós fomos vistas. E devíamos saber que havíamos sido vistas. Geordie mora na mesma casa em que eu e minha irmã morávamos e avisou-nos que devíamos deixar a cidade antes do amanhecer se não quiséssemos enfrentar nossos destinos.

— Por ajudar um moribundo?

— Por termos visto quem o matou! Alguém o estava observando e nos viu, aposto que viu o senhor também. Certamente o assassino queria ter certeza de que ele morreria. — Mary Dawson não acrescentou muito ao que eu sabia, mas não duvidei de sua

sinceridade. Eu também fora visto, mas ainda não recebera meu aviso.

Naquele momento, o capitão gritou que todos deveriam embarcar ou perderiam as passagens. Mary juntou suas coisas e se levantou. Segurei-a pelo braço.

— Mary, espere, quem foi? Diga-me quem foi.

Ela se desvencilhou de mim.

— Não saberá disso dos meus lábios. Não quero que digam que souberam por mim. — E correu para o navio.

— Mary, espere, por favor! Como vai viver?

— Da minha profissão e da minha esperteza. Vou sobreviver, não se preocupe, mas nunca mais voltarei à Escócia. Adeus, Sr. Seaton! Cuidado com aqueles em quem confia! — Tentei correr atrás dela, mas a vela do navio já estava enfunada e a âncora levantada; um instante depois, o navio já se afastava. Quase pulei para dentro dele, mas fui detido por um braço forte. Era William.

— Deixe-a ir, Alexander. Vi medo em muitas testemunhas e sei que não conseguirá tirar mais nada dela.

Observamos o navio levar Mary Dawson para longe de sua terra natal, tendo as velas brancas iluminadas pelo luar. Sussurrei uma prece para ela.

— Amém — disse meu amigo.

Viramos as costas para o porto e começamos, cansados, o percurso de volta para a casa de William.

9

King's College

Meu sono foi invadido por pesadelos. Acordei várias vezes durante a noite e fiquei ouvindo, na escuridão, os ruídos da casa. Cada vez que adormecia, via-me em mais um lugar aterrorizante, onde um agressor me esperava escondido. Eu estava sempre acorrentado: sob o altar de uma igreja em ruínas; em algum lugar repleto de cadáveres, inclusive eu; ou na minha mesa de trabalho em Banff, onde as mãos frias de Patrick Davidson seguravam meu pulso. A cada sonho, o terror se aproximava até que eu quase pude sentir o calor da carne humana. Por fim, consegui ver, de relance, o rosto do meu agressor; quando acordei não me lembrava dele. Não dormi novamente; fiquei deitado no escuro, ouvindo o sino da cidade bater as horas. Antes das 6 horas levantei-me e lavei o rosto. Olhei para o quintal. Os cavalos dormiam e o galo ainda não cantara.

Peguei um graveto na lareira ainda em brasa e acendi a vela da mesa de cabeceira. Tirei a carta de um pequeno baú e a examinei. Estava endereçada a Walter Watt, intendente de Banff, e lacrada com o sinete de George Jamesone. Por mais que a virasse, não era possível ler o que estava escrito. Essa espionagem era nova para mim, mas eu estava certo que nenhuma grande intriga ou traição poderia ser arquitetada em tão pouco tempo e que não haveria nada de grande importância nas poucas linhas que vi Jamesone escrever.

Coloquei a carta novamente no baú e vesti-me. Embaixo, a cozinha estava morna e movimentada. Elizabeth ainda não acordara, mas William tomava o café da manhã e dava instruções para o dia,

principalmente para que não deixassem a dona da casa trabalhar demais e para que a fizessem descansar.

— Não se preocupe, patrão, ela não me enganará. — O velho criado tinha grande respeito e amor por seu patrão. A patroa, que antes de se casar trabalhava em uma cozinha, não era empecilho para a sua ditadura benigna sobre a casa.

Quando William levantou os olhos para me cumprimentar, percebi que dormira pouco melhor do que eu.

— Vejo que tivemos os mesmos sonhos — falou.

— Que Deus não permita que você ou qualquer um tenha os sonhos que tive esta noite. — Sentei-me e aceitei o mingau quente que a criada me ofereceu. William mandou que a menina fosse cuidar das cabras, mas nada disse ao velho.

— Encontrou alguma resposta depois dos acontecimentos de ontem?

Sacudi a cabeça.

— Tenho mais perguntas, mas poucas respostas.

Ele pegou um pedaço de pão e cobriu-o com manteiga.

— Não tem ideia de quem aquelas mulheres viram enquanto carregavam Patrick Davidson para a escola?

— Nenhuma! Não, isso não é verdade, tenho muitas ideias. Antes do relógio bater 4h desta madrugada, não havia ninguém em Banff de quem eu não suspeitasse.

William sorriu.

— Sim, apesar de ter pedido a você que não falasse sobre isso com Elizabeth, quase a acordei para pedir sua opinião! Como as prostitutas eram toleradas há muito tempo em Banff, não foram expulsas ou forçadas a fugir em razão das suas atividades.

Certamente viram o assassino e foram vistas por ele, mas quem se arriscaria a lhes mandar um aviso através de um vagabundo?

— Não sei, mas suspeito que tenha sido Lang Geordie ou alguém do seu bando que trouxe o recado de que precisavam de Jaffray em

Findlater na noite do crime.

— Concordo — disse William. — A não ser que Lang Geordie tenha matado o aprendiz? — Disse isso com mais esperança do que certeza, e nem argumentou quando discordei de sua ideia.

— Veneno não seria a escolha de Lang Geordie. Ele, ou alguém do seu bando, teria esfaqueado Patrick Davidson nas costas, em uma viela escura, largando-o na sarjeta para morrer.

— Bem, o veneno realmente é o ponto principal. Depois os mapas e a premonição de Marion Arbuthnott de que algum mal ocorreria ao aprendiz do pai. — Esfregou as mãos nos olhos tentando clarear as ideias. — O que devemos concluir de tudo isso?

Engoli a última colherada do mingau.

— Não sei, essas e outras perguntas me atormentaram a noite toda. Mas pretendo entender tudo, ao menos alguma coisa, para começar. Estará ocupado pela manhã?

— Sim, mas estarei de volta antes do meio-dia e podemos andar até King's College para comer com John e Matthew antes do seu compromisso com o reitor Dun. — Depois acrescentou: — Ainda tem prazer em encontrar antigos colegas?

Quando William recebeu a minha carta sobre ir a Aberdeen e me hospedar em sua casa, concluiu que eu havia saído do longo túnel de desespero no qual me escondi depois da minha desgraça.

Respondeu imediatamente sugerindo que procurássemos alguns dos nossos velhos amigos, que estariam na cidade durante minha estada em Aberdeen. Meu primeiro impulso foi dizer que não — eu não conseguiria enfrentá-los —, mas Jaffray me convenceu a não ser tão apressado. O encontro já não me causava medo; na verdade, a ideia de rever meus amigos me trazia alguma alegria.

— Terei prazer em estar com eles, mas durante a manhã pretendo examinar os cadernos do seu tio. Jaffray acredita que se a flor que envenenou Patrick Davidson pode ser encontrada, será nesses livros.

— Então deve usar meu escritório. A luz é melhor e é o cômodo mais afastado da cozinha, então terá paz. Como essas mulheres conseguem fofocar e falar o dia inteiro eu não sei. Tenho certeza de que Duncan se faz de surdo para não ouvir o que elas falam. Não é verdade, Duncan?

— Não sei dizer, senhor, sou surdo de um ouvido — disse o velho sorrindo. — Mandarei a criada acender a lareira do escritório para o Sr. Seaton. Faz frio a essa hora da manhã. — Saiu para procurar a criada, que ainda cuidava das cabras.

— Você é um bom patrão, William — disse ao meu amigo. — Seus criados o apreciam e creio que fariam tudo por você.

— Tenho muita sorte, mas nem mesmo Duncan convencerá Elizabeth a descansar. Eles fazem tudo o que podem, mas ela logo precisará de mais ajuda e temo que não aceitará.

— Você teme tanto por ela?

Ele suspirou e colocou o pedaço de pão na mesa.

— Sim, e tenho motivos. Ela esteve muito doente no início do inverno passado, com uma febre. Durante três semanas, mal engolia a sopa que lhe dávamos. Às vezes, a febre era tão alta que ela mal me reconhecia. Duncan não sabia o que fazer e eu estava a ponto de chamar Jaffray quando ela começou a se recuperar, graças a Deus.

— Mas está bem agora?

Ele fez um gesto desesperançado.

— Elizabeth nunca foi forte e hoje tem menos força do que antes da febre. A gravidez está sendo difícil para ela. Rezo a Deus todas as manhãs e noites para que ela sobreviva ao parto.

— E a criança também.

Ele me olhou firmemente.

— Ah, não me interprete mal, Alexander. Amo essa criança, mas qual será o preço a pagar para me tornar pai? E ela insiste em dizer que amamentará o bebê. Não ouve nada do que lhe falam,

Alexander, mas não terá forças ou leite suficiente para o próprio filho. Não sei o que fazer.

Mas eu sabia. Veio-me uma inspiração, um presente de Deus, e lembrei-me de Sarah Forbes.

— William, creio que tenho uma solução. Falaremos sobre isso a caminho da universidade.

Ele me olhou com curiosidade e pouco otimismo.

— Tudo bem, Alexander, vejo você ao meio-dia. — Ainda preocupado, pegou o chapéu e partiu.

Passei as horas seguintes maravilhado com os cadernos do tio de William, James Cargill. Pensei — e creio que Jaffray também, no seu entusiasmo — em levar para Banff um pequeno livro encadernado para o médico e o boticário examinarem. Assim que entrei no escritório de William, vi que estava completamente enganado. Duncan colocara sobre a mesa uma velha arca de couro com tampa curva e uma chave ao lado.

Duncan serviu ao Dr. Cargill antes de trabalhar para William. Percebi, pelo respeito com o qual abriu a arca, que aqueles papéis eram para ele um tesouro mais valioso do que qualquer joia. Levantou a tampa e repousou a mão por um instante em um dos livros, depois saiu do escritório.

— Os livros mais valiosos estão na biblioteca do Marischal College, mas esses papéis não são tocados há treze anos. Por favor, tenha cuidado com eles.

— Eu terei — disse ao velho, que deixou a sala satisfeito.

Comecei minha pesquisa imediatamente, tirando da arca livros e pacotes e tentando ordená-los. Não havia índices, catalogação ou qualquer ordem aparente. Por fim, decidi separá-los cronologicamente e, depois de algum tempo, os cadernos, as cartas e os papéis estavam na ordem em que foram escritos. Jaffray sugeriu

que a *colchicum mortis* foi estudada quando Cargill fazia sua residência em Montbéliard. Portanto, comecei com o primeiro dos cadernos de 1596. O trabalho era meticuloso, em uma caligrafia perfeita e com abreviações precisas. Os desenhos eram detalhados, caprichados e exatos como os de um artista, e a descrição das cores era tão exata que era possível ver à minha frente as cores de um quadro de Jamesone. Nem tudo estava em latim — os detalhes científicos e geográficos estavam em latim claro e exato —, muitos textos foram escritos em escocês. Se eu não estivesse procurando algo tão importante e urgente, poderia passar horas lendo os diários da época em que James Cargill estudava no exterior. Decidi que quando encontrasse o que queria, pediria que William me deixasse levar três ou quatro daqueles cadernos para Banff.

No final do terceiro caderno, encontrei o que buscava: a planta que matava, *colchicum mortis*. Cargill a desenhara e legendara todos os detalhes, das sementes às pétalas. Cada detalhe estava desenhado com grande exatidão e assim que vi o desenho em preto e branco soube que vira aquela flor antes. Vira sua parte superior esférica, grande porém delicada, e as suas folhas finas e escuras. A descrição de Cargill em língua escocesa sobre a cor era perfeita: “As pétalas da planta em flor são como o pálido azul acinzentado do céu de inverno nos mares do norte depois de nevar.” Era exatamente isso! E escreveu sobre as terríveis propriedades dessa flor exótica: o veneno das suas sementes causaria convulsões, paralisia e, finalmente, a certeza da morte. Terminava seu relato assim: “Encontrada apenas nas montanhas entre Basileia e Montbéliard. Não há registros de ter sido exportada ou cultivada em algum outro lugar. *Dei Gratia*.” Mas o Deus de Cargill, como o meu, retirou essa benção, e a bela e terrível planta encontrara um reduto escocês e estava sendo cultivada em algum lugar de Banff. Eu soube porque a vira nas mãos de uma mulher. Mas onde, em quais mãos, não conseguiria me

lembrar nem mesmo se as batidas do meu coração dependessem disso.

Respirei fundo e apertei os olhos, tentando buscar essa lembrança. Andei pelo escritório, aproximei-me da janela, olhei a rua movimentada, fixei os olhos nas chamas do fogo — tudo em vão. Pensei em todas as mulheres que eu conhecia e imaginava as flores nas suas mãos, mas os rostos permaneciam vazios. Rememorei os sonhos horríveis da noite anterior, mas não me lembrei de nada. Rezei em voz alta, mas minhas palavras ecoaram inúteis no escritório. Se os rostos já estavam vazios, agora nem mesmo as mãos eu conseguia imaginar. Não adiantava: o caso não seria resolvido ali, naquele momento, naquela sala. Fui tomado pela frustração e pela fadiga. Restavam-me ainda duas horas antes de William voltar, então coloquei na arca todos os cadernos, menos um, e fui dormir o que não pude dormir à noite.

William ficou feliz pelo passeio a King's College, feliz por ter uma oportunidade para se afastar dos limites da cidade por algum tempo, embora o burgo vizinho ficasse a apenas três quilômetros de distância. Era uma tarde bonita e as crianças de Aberdeen brincavam felizes no litoral e em King's Meadow. Esperei até passarmos pelo portão de Gallowgate e por Mounthoody para falar com William sobre Sarah Forbes. Disse que talvez ela pudesse aliviar os futuros encargos de Elizabeth. Ele ouviu com atenção, quieto, sem fazer as objeções que eu esperava. Manteve-se em silêncio, pensativo, e enfim disse:

— Talvez dê certo, Alexander. Talvez Elizabeth aceite a ideia. — Continuou a andar e depois parou. — Você consegue testemunhos da situação dela? — Garanti-lhe que sim. — Então prepararei tudo aqui. Duvido que haja objeções da parte do conselho ou da assembleia. E tudo vai dar certo!

— Se Elizabeth aceitar...

William olhou-me fingindo indignação.

— Está sugerindo que não mando na minha casa, Sr. Seaton? É isso o que quero e assim será! — Nós rimos e creio que fizemos o resto do percurso com o coração um pouco mais aliviado. Sua preocupação com a esposa diminuiu e tive a sensação de fazer o bem.

Ainda ríamos quando entramos na hospedaria. Matthew Lumsden e John Innes estavam na nossa mesa favorita, entre a janela da frente e a porta lateral. Era um lugar estratégico para Archie observar e fugir caso subisse pela High Street alguém que não queria encontrar. Matthew e John se levantaram para me abraçar.

— Há quanto tempo, Alexander, muito tempo!

Tirei o chapéu e sentei-me no meu antigo lugar, junto à porta.

— É verdade, e a culpa é minha.

— Não existe culpa entre amigos. Há alguém perfeito por acaso?

— perguntou John.

Olhei para seu rosto bondoso e franco.

— Você nunca errará como eu errei, John. Nunca sentirá tanta vergonha que não terá coragem de olhar seus amigos nos olhos.

Ele colocou a mão sobre a minha.

— “A fim de que se lembre e se cubra de vergonha, e na sua humilhação já não tenha disposição de falar, quando eu tiver perdoado tudo o fez.”

— Ezequiel, capítulo 16, versículo 63 — eu disse.

Matthew suspirou alto e tomou sua cerveja. John sorriu.

— Eu sabia que não poderia ter esquecido. O fato de ter sentido tanta vergonha é um testemunho da graça de Deus em você, do Seu perdão.

— Vejo que continua bom, John — disse eu.

— Bom até demais — disse Matthew chamando uma atendente.

— Qualquer dia farão de John um bispo, se ele não tomar cuidado.

— Controle-se, Matthew — disse John com o rosto mais vermelho do que os cabelos.

— Você ainda é professor na faculdade?

John confirmou e bebeu outro gole da sua cerveja.

— Sim, estou com a segunda turma agora, mas a concorrência com o Marischal College nos ameaça.

— Ah... — disse Matthew com desdém.

John pôs a caneca na mesa.

— Não adianta dizer “Ah!”, Matthew! Qual é sua objeção?

Matthew nunca foi de pensar muito antes de falar, mas desta vez demorou a responder.

— Minha objeção é que o Marischal College foi fundado como uma afronta aos Gordon. O conde Marischal doou terras da igreja que não eram suas...

— Matthew! — disse William.

— As terras não eram dele e ele não podia doá-las — continuou o defensor do marquês de Huntly — ao burgo de Aberdeen para agradar aos magistrados e diminuir a influência, na cidade, da família do marquês. Pior do que isso, planejou criar ali um seminário mais fechado e triste do que o de Genebra. Graças a Deus aquele demônio foi avarento demais para honrar sua palavra!

— As intenções do conde não iam além de promover a educação necessária neste canto da Escócia onde as escolas demoraram demais para se livrar do jugo de Roma. E muitos aqui se recusaram a aceitar os novos métodos trazidos da França por Andrew Melville.

A simples menção do nome de Melville era suficiente para deflagrar um ataque de fúria em Matthew. E estava certo.

— Melville! O presbiteriano presunçoso! Impertinente, desleal...

Fiquei preocupado com ele por sua simpatia evidente por Roma.

— Ainda assim somos amigos — disse William —, e sempre seremos, espero, apesar de nossas diferenças. Rezemos a Deus para

que assuntos de política e religião nunca interferiram em nossa amizade.

— Amém! — dissemos em coro.

Nossa conversa entrara em águas perigosas e eu tinha aprendido em Banff que havia correntes invisíveis nessas águas. Observando a hospedaria, obviamente não vi o delegado Buchan nem James Cardno, mas quem saberia se não haveria outros igualmente perigosos? Mudei o assunto para algo mais seguro, subitamente temeroso de que minha amizade com Matthew pudesse ser usada contra um de nós. William e eu combináramos que nada seria dito sobre os problemas de Banff e que eu não falaria com Matthew de minha visita a Straloch. Sua lealdade a Huntly sempre o deixava exaltado.

Durante a refeição, lembramos com alegria do passado e falamos com esperança do futuro. Eu ficaria feliz apenas ouvindo-os. William sabia disso e creio que John percebeu, mas Matthew não: estava determinado a arrancar de mim algum otimismo, a fazer planos para mim. Ele nunca deu muita atenção à ideia de predestinação. Ele próprio errara muitas vezes e a confissão a um padre em uma das muitas casas seguras de Strathbogie o livrara de maiores problemas de consciência. Não aceitava que minha desgraça perante Deus e os homens era inevitável e que o mal fosse inerente a mim. Apesar disso, eu sabia que estava entre os condenados.

— Isso é uma bobagem, Alexander, e você deve saber! Por quê? Porque dormiu com uma mulher — não tenho dúvida de que é esse o ponto central da questão, mas não vou forçá-lo a dizer quem ela era — considera-se amaldiçoado por toda a eternidade? Sendo esse o caso, meu amigo, você será o homem mais temido do país porque, se já está condenado, está livre para matar, estuprar e roubar sem medo de sofrer outras punições após a morte.

Não adiantava argumentar com Matthew, então lhe disse apenas o seguinte:

— Ainda tenho uma consciência, Matthew. Ainda conheço a lei de Deus e ela não me deixa tratar meus semelhantes com indiferença. — Enquanto as palavras saíam da minha boca, a imagem de Patrick Davidson me veio novamente. — Tentarei fazer tudo o que puder neste mundo, o que quer que aconteça no outro.

Matthew pôs sua caneca na mesa, satisfeito.

— Era tudo o que eu queria ouvir, Alexander. Muito sofrimento e ranger de dentes são perda de tempo para um homem capaz. Mortifique-se o quanto precisar, mas não jogue fora os dons que Deus lhe deu. Há uma passagem em Joel que fala sobre isso, certo?

John veio em sua ajuda.

— “Rasguem seus corações, e não suas roupas, retornem ao Senhor seu Deus, porque Ele é bom e misericordioso, lento para a ira e cheio de amor, e se compadece da desgraça.” — Às vezes era fácil esquecer que sob a ira de Matthew havia um senso de humanidade simples e firme. Como pude querer ser um ministro se interpretava tão mal até meus velhos amigos?

Pouco antes das 14h nosso encontro foi interrompido. Um grupo de capangas de Huntly passou pela cidade rumo ao sul, e Matthew devia acompanhá-los por ordem do marquês. William voltou para casa, para passar a tarde com Elizabeth, e John e eu fomos até a faculdade. Ele, que sempre era gentil e aplicado, sabia que nunca seria bispo. Foi um estudante esforçado e era um professor competente, mas não tinha a agudeza de espírito para se destacar dos outros. Contudo, não era ambicioso e estava feliz estudando e ensinando ali, em segurança. Em outros tempos, eu não entenderia sua falta de ambição, mas creio que agora o invejava.

Chegamos à entrada da faculdade, abaixo da grande torre da capela, símbolo das acabadas esperanças imperiais da nossa nação. Passamos pelo portão e John apontou a sala do outro lado do pátio

quadrangular, onde eu encontraria o Dr. Dun. Abraçou-me novamente e prometi que não demoraria tanto a revê-los, e ele saiu depressa para dar sua aula.

Senti um certo nervosismo enquanto me aproximava da sala do Dr. Dun. Ele não sabia muito de mim — eu esperava —, mas eu sabia muito dele. Reitor do Marischal College, dava aulas de medicina no King's College, era amigo do bispo e o apoiava em seus esforços para reformar a faculdade e reprimir abusos onde quer que fossem encontrados. Além dessas responsabilidades, tratava as famílias dos proprietários rurais ricos da região. Era tudo o que Jaffray poderia ter sido se não tivesse se dedicado a lutar contra a dor, a má nutrição e as doenças da nossa pequena cidade.

Um estudante mostrou-me a sala do Dr. Dun, onde fui recebido por esse homem alto e magro, de pouco mais de 40 anos. Ele dispensou o estudante e pediu que eu me sentasse enquanto terminava um trabalho. Em pouco tempo se virou para mim.

— Então, Sr. Seaton, veio falar sobre as bolsas de estudo?

Agradecido por escapar das conversas preliminares, comecei meu tão ensaiado discurso.

— Tenho um aluno muito promissor em Banff que está reivindicando, por sua mãe, uma bolsa de estudos do Dr. Liddel no Marischal College. Sei que deve haver muitos meninos disputando esse benefício e espero que meu aluno não sofra por alguma falta minha. Gostaria de saber, especialmente, o conhecimento de grego exigido dos candidatos às bolsas. Meus alunos sabem o elementar, mas sei que com aulas extras posso compensar qualquer deficiência.

Dun sorriu e pôs na mesa o cachimbo que tinha nas mãos.

— Sr. Seaton, se seus alunos têm alguma noção de grego, estão melhores do que os meninos da cidade. Temos, naturalmente, excelentes professores, mas eles têm inúmeras obrigações e nem sempre podem se dedicar às aulas como deveriam. Ainda assim, a educação é o que o nosso reino tem de melhor a oferecer. Se

quisermos construir uma comunidade voltada para Deus na Escócia, a educação deve ser nossa base. — Ouvi isso muitas vezes, mas Dun falava com verdadeira convicção. Se houvesse mais homens como ele, o grande projeto de nossos reformadores teria alguma chance. Dun se levantou e acendeu seu cachimbo. — Diga-me, o senhor tem outras ocupações ou aspirações além de dar aulas em Banff?

— Não tenho outras ocupações — respondi com o que eu esperava ser certeza o suficiente para que ele não me pressionasse mais.

Dun, porém, não estava satisfeito.

— E aspirações?

Mexi-me na cadeira.

— As aspirações que um dia tive não existem mais.

Mas ele persistiu:

— O senhor teve algum outro chamado?

Não adiantava tentar escapar; ele devia receber o que pedia.

— Eu desejava ser ministro, mas no teste final fui acusado de uma má ação que não pude negar. O tempo não corrigirá esse erro, por isso não refarei os exames para o presbitério.

Ele voltou para a mesa e, com as pontas dos dedos das mãos unidas, disse:

— E encontrou outro chamado como professor?

Talvez tivesse sido diplomático concordar com ele, mas decidi finalmente ser sincero.

— O magistério nunca será um chamado para mim, mas era o que eu fazia enquanto estudava para os exames. É algo que sei fazer e que garante minha sobrevivência. E sei, como o senhor confirmará, que o magistério tem um importante papel na sociedade e, por isso, e pela afeição que tenho aos meus alunos, faço o melhor que posso. Quanto a mim, porém, não tenho paixão nem satisfação com a atividade.

— É uma pena, Sr. Seaton, pois creio que um professor que viaja 80 quilômetros para resolver o problema de um aluno, que ensina grego em um burgo pequeno como Banff e que é proficiente em muitas disciplinas, como ouvi dizer, tem muito a oferecer. Se resolveu, como disse, não mais seguir seu primeiro chamado, fico triste que o segundo não o satisfaça. Quanto a mim, não acredito que Deus tenha lhe dado tantos talentos apenas para condená-lo a repetidos fracassos. — Levantou-se e acompanhou-me até a porta. — Os exames para as bolsas de estudos ocorrem no final de junho, quando espero revê-lo. Fique com Deus até lá. — Virou as costas e desapareceu na escuridão da faculdade.

Fui até o poço e tomei um pouco de água fria e cristalina, cujo sabor me remeteu a muitos anos antes, quando o futuro era um leque de possibilidades e o passado não era nada.

Terminei de beber a água e, quando estava saindo, ouvi passos na minha direção. Reconheci aqueles passos. Se não houvesse parado para saciar minha sede, estaria longe dali; o portão da faculdade ficava a menos de 10 metros da rua. Mas ali estava eu, como se retornasse ao passado, sem poder evitar os olhos do único homem em toda Aberdeen que eu não desejava encontrar. Olhei para ele, esperando o pior dos insultos, mas o homem sorriu, com alegria sincera, e estendeu a mão para mim.

— Alexander Seaton, é realmente você? Pensei que nunca mais o veria por aqui, mesmo tendo desejado e rezado para isso não acontecer. O que o traz de volta a nós? Por que não me avisou que viria? Espera por mim há muito tempo? Estive ocupado a manhã inteira resolvendo problemas da faculdade com meu pai.

Dr. John Forbes de Corse, filho do bispo e professor de teologia do King's College, o homem mais culto que eu conhecia, estava diante de mim e demonstrava grande afeição. Era um homem de

grande espiritualidade e tinha grandes esperanças em mim, maiores do que as minhas. Poucos professores se decepcionaram mais com o fracasso de um aluno do que ele com o meu.

Fiquei tão chocado ao vê-lo que por um instante não soube o que responder, mas creio que a expressão em meu rosto revelou meus sentimentos, pois seu sorriso desapareceu.

— Alexander, não veio aqui para me ver, veio?

— Não — respondi quase sem voz. —, tive negócios a tratar com o Dr. Dun sobre uma bolsa de estudos. — Percebi a mágoa nos seus olhos e maldisse o meu orgulho. — Desculpe, eu devia tê-lo avisado que viria, mas eu... — Não adiantaria mentir para o homem que durante quatro anos fora meu guia espiritual e que mantivera o chamado ardendo dentro de mim. Ele merecia, ao menos, minha honestidade. — Eu estava envergonhado — disse.

Dr. Forbes conhecia o motivo da minha vergonha. Seu espanto pelo meu fracasso em ser aprovado pelo Presbitério de Fordyce dera lugar à fúria e ele e seu pai escreveram para os membros da congregação exigindo uma explicação. A resposta foi vaga: a congregação não tinha maiores informações sobre o caso e pedia que os dois se dirigissem a mim e ao lorde Hay de Delgatie. O bispo Forbes escreveu a Delgatie e o seu filho, a mim. Lorde Hay relatou, de forma completa e verdadeira, as razões da sua objeção à minha pessoa e à minha candidatura ao presbitério. Quanto a mim, respondi que era culpado de tudo o que a família Hay me acusava, diante de Deus e dos homens. Fluíram, do escritório do professor de teologia do King's College para meu quarto no sótão da escola de Banff, cartas urgentes de amizade e de ofertas de orientação espiritual. Nenhuma delas foi respondida. Agora estávamos cara a cara e eu não podia me esconder no silêncio.

Dr. Forbes permaneceu parado na minha frente.

— Há um tempo para a vergonha e um tempo para o arrependimento. — Sua voz era moderada e calma. — Está certo em

sentir vergonha por seus atos, mas se prender a isso à custa de tudo mais é errado. Você foi carnal, mas quem, em tentação, não pecou? Você traiu a confiança de seu amigo e senhor. Demonstrou ingratidão e falta de decoro, de fato, mas quem nunca foi culpado de ingratidão ou mau comportamento?

Olhei para aquele homem sem acreditar que ele, em algum momento, pudesse ter tido uma conduta imoral como a minha. Parecia cansado e se encostou no muro do poço buscando nos meus olhos um entendimento que eu lutava para encontrar.

— Você pode ter pecado, Alexander, mas lembre-se das palavras do profeta: “Mas o Senhor espera a hora de poder mostrar a sua graça.”

Senti minha resistência diminuir.

— Eu tentei, acredite em mim, doutor, eu tentei. Procurei Deus, chamei-O, mas me vi sozinho em um deserto.

Dr. Forbes, com calma, citou Ezequiel:

— “Farei com que passem sob o cajado e os reconduzirei ao respeito à Aliança”. Durante todos os seus anos aqui, Alexander, você estudou e dominou as mais obscuras teorias teológicas. Era capaz de argumentar sobre qualquer assunto quase tão bem quanto eu, mas, acima disso, seu maior dom era a fé pura que Deus lhe deu. Era isso o que me fez pensar que você seria o melhor dos ministros. Não tenho dúvida de que ainda pode argumentar com discernimento e exatidão sobre qualquer assunto, porém me parece que esqueceu a lição mais importante, a promessa da aliança de Deus.

Olhei-o, esperançoso. Ele respondera à pergunta que não cheguei a fazer.

— O Filho de Deus veio ao mundo para salvar os pecadores, como você e eu. Essa é a grande aliança. Não me peça para acreditar, Alexander, que você se tornou tão arrogante a ponto de considerar seu pecado maior do que o sacrifício Dele.

Não pude olhar para o Dr. Forbes.

— Pense sobre isso — continuou ele. — Em nome da nossa amizade, prometa-me que pensará. Volte para me ver em breve e trabalharemos nisso juntos. E nunca se envergonhe de me chamar de amigo. — Apertou minha mão e saiu.

Minha última noite com William e Elizabeth foi calma e feliz. Para o nosso grande alívio, Elizabeth finalmente aceitou minha sugestão de ter alguma ajuda agora e no futuro. Fez várias perguntas e senti que deveria lhe dizer a verdade. Raiva e compaixão surgiram em seu rosto quando lhe contei a história de Sarah Forbes e, no fim, William e eu tivemos que impedi-la de sair imediatamente para resolver a questão.

— Alexander cuida disso na segunda-feira — William lhe garantiu. — Tudo vai acabar bem, basta ter paciência.

Eu tinha muito a preparar para a jornada do dia seguinte e fiquei feliz por ter uma desculpa para me recolher cedo. Quando me deitei, com a vela apagada e as cortinas abertas, olhei as estrelas e a majestade das obras de Deus. Elas me desafiavam, como Matthew e o Dr. Forbes, a sair da minha autoimposta penitência e indolência e a ter um novo propósito na minha vida terrena. Meu último pensamento, antes de adormecer, era de ansiedade pelo dia por vir.

10

Straloch

Deixei Aberdeen no início da tarde seguinte. O culto na igreja de St. Nicholas começou às 10 horas e acabou ao meio-dia, e depois almocei rapidamente com William e Elizabeth. Saindo de Aberdeen, eu estava determinado a aceitar o que quer que o destino me trouxesse. A necessidade de libertar Charles era tão grande quanto no dia de sua prisão e não apenas por ele como também por mim, pois senti que tinha sido escolhido para essa missão. Não senti tristeza ao deixar Aberdeen, como imaginei dois dias antes, nem medo de retornar a Banff. Eu não fracassara nem envergonhara a mim ou ao meu burgo desde que viajei e, depois de alguns dias entre amigos e novos conhecidos, compreendi que ninguém esperava que eu me enterrasse em vergonha e desperdiçasse minha vida.

Quando cruzei o rio Don em Brig O'Balgownie, deixando as duas cidades para trás, pus a mão no alforje e verifiquei o fecho mais uma vez. As encomendas de Banff e o precioso mapa junto à carta lacrada do intendente continuavam ali, mas agora dividiam espaço com mais dois documentos lacrados cujo conteúdo eu desconhecia: uma carta escrita por George Jamesone para o intendente de Banff e outra, também escrita por ele e entregue na casa de William na noite passada, endereçada a Robert Gordon de Straloch, com recomendação de ser entregue em mãos. Como garanti a William, eu não havia feito nenhum comentário com o artista sobre a minha visita a Straloch, dizendo apenas que pernoitaria na cidade no meu

retorno a Banff. Mas William ficou preocupado quanto a eu ter deixado transparecer algo. Eu não poderia recusar, mas não gostei nada do encargo.

Além das cartas, vozes me acompanharam quando me afastei das cidades e segui para noroeste. Vozes de encorajamento, de advertência, de medo. Enquanto o cavalo saía da estrada, carregando firmemente os pesados livros, e as torres das igrejas se distanciavam até desaparecer por completo, as vozes encorajadoras de Matthew Lumsden, do Dr. Dun e do Dr. Forbes também sumiram. Passei a ouvir apenas a voz do meu amigo William Cargill insistindo para que eu tivesse cautela e a de Mary Dawson ao partir no navio. “Por que você, Alexander? Por que na sua sala de aula? Por que você recebeu esse encargo? Tenha cuidado, Alexander!” As patas do cavalo seguiam o ritmo das advertências de William e da declaração de Mary Dawson — “Nunca mais verei Banff” — perdida no vento.

O céu escurecia quando me aproximei de Straloch no fim da tarde e, quando fazia a curva larga da entrada, caiu uma tempestade com raios e trovões e tive de forçar o cavalo a galopar os últimos 100 metros. Ainda assim fiquei encharcado e, ao chegar à entrada da casa, meu aspecto era o pior possível. Um criado ouviu minhas batidas na porta e chamou o cavaleiro para levar meu cavalo. No hall de entrada, expliquei o motivo de minha visita e, depois de se convencer de que eu talvez fosse quem dizia ser, deixou-me entrar no palácio. Uma jovem emergiu da escuridão da ala leste, interessada em quem havia chegado, e andou na minha direção com saias de seda que esvoaçavam ao ritmo da chuva que escorria lá fora. Seus cabelos eram escuros e compridos, soltos sobre os ombros, e as maçãs do rosto pareciam obra de um escultor em vez de Deus. Seus olhos eram cinzentos e brilhantes. Ela era jovem demais para ser a

esposa de Straloch, mas, creio, velha demais para ser uma de suas filhas.

— É um mensageiro de Banff, com uma carta do intendente para o patrão. — O tom de sua voz deixava claro que ele não acreditava em mim, mas a jovem pareceu satisfeita e o dispensou.

— Sinto muito, senhor — disse ela. — O dono da casa saiu para caçar e deve retornar em uma hora, talvez menos, se a tempestade não passar. Sua esposa está descansando, mas acordará para o jantar. Posso ajudá-lo?

Olhei para ela sem saber como me portar. Seu comportamento era franco e claro e o seu rosto demonstrava inteligência, mas as advertências terríveis do intendente ecoavam nos meus ouvidos e eu sabia que devia esperar pelo senhor de Straloch.

— Sinto muito, eu não...

Ela pareceu constrangida.

— Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Isabella Irvine, sou sobrinha da dona da casa.

— Meu nome é Alexander Seaton e vim tratar de assuntos do burgo de Banff com o senhor de Straloch. Tenho ordens expressas para entregar a carta que trouxe nas mãos de Robert Gordon. — Mesmo sem se mexer, tive a impressão de que todo o seu corpo recuou; não por eu ter recusado sua ajuda, mas pela menção do meu nome. Recobrou-se rapidamente, mas que aquilo a abalara era inegável, já que passou a me tratar de forma diferente.

Indicou-me uma cadeira larga e alta ao lado da lareira.

— Se desejar esperar, pode se sentar ali. Mandarei que lhe tragam algo para beber.

E, sem cerimônia, pediu licença, subiu as escadas e desapareceu. Sentei-me com prazer e, como parecia não haver ninguém por perto, tirei as botas e estiquei os pés para secarem junto ao fogo. Um criado entrou trazendo cerveja e pães quentes. Enquanto descansava e comia, imaginei por que Isabella Irvine mudou de atitude tão

subitamente. Será que a mera menção do meu nome, mal recebido em Banff, mas decerto desconhecido aqui, era suficiente para causar medo ou desprezo em jovens das mansões do interior do norte? Creio que não, mas certamente foi meu nome o que transformou suas maneiras, como se tivesse vindo em um vento frio. Enquanto a chuva caía e o fogo crepitava, pus-me a pensar. Lembrei-me do nome Isabella Irvine, mas não sabia onde o ouvira.

Não tive muito tempo para refletir, pois alguns minutos depois ouvi barulho de cavalos e cavaleiros na porta da frente e vi criados passarem de uma sala para outra e circularem pelo hall como formigas trabalhadoras. Quando a grande porta de carvalho se abriu, várias crianças — ao menos seis ou sete de tamanhos variados — desceram as escadas seguidas pela prima Isabella.

— Crianças, deixem seu pai respirar! Meninos! Voltem aqui agora! — Dois meninos menores passaram correndo pela porta enquanto um exausto caçador entrava e saíram até o jardim para encontrar o pai. Um instante depois estavam de volta, encharcados e pendurados nos braços de Robert Gordon de Straloch. Os outros correram até ele com perguntas sobre a caçada e se queixaram de que a superprotetora prima Isabella não os deixara sair da casa. Três meninos mais velhos e uma menina seguiram o pai; a última dizia o que deveria ser levado para a cozinha e o que seria pendurado na despensa. Os caçadores se gabavam do tamanho dos animais, e riam ao contar sobre a fuga de um porco selvagem. Os cães, em busca de um lugar junto ao fogo, foram os únicos que me notaram. Terminada a excitação inicial com a chegada de Straloch, um criado o ajudou a tirar o casaco molhado e Isabella anunciou que eu o esperava. Ela falou em voz baixa, com os olhos cheios de uma raiva contida, enquanto me observava.

O senhor de Straloch se virou e me viu junto à lareira, rodeado de cães.

— Sr. Seaton? Veio de Banff falar comigo?

— Sim, senhor. Trouxe uma carta do intendente, Walter Watt, e devo esperar sua resposta.

Ele aquiesceu e disse de forma rude:

— Vamos à biblioteca. Robert, dê ao Hugh instruções de como limpar as caças e cuide para que as aves sejam penduradas. Margaret, vá com sua prima e veja se ela consegue vesti-la novamente como uma dama. Ouvirei muitas reclamações de sua mãe se não conseguir! — As crianças menores também se recolheram e segui o lorde até a biblioteca na ala oeste da casa. Era uma sala comprida, alta e com janelas grandes, através das quais passava o máximo possível de luz. O escritório pequeno e arrumado de William Cargill não se comparava à sala de trabalho do senhor de Straloch. Ele tinha mais livros do que eu jamais vi em qualquer outra biblioteca individual, inclusive a do Dr. Forbes. Eu podia ver livros de todos os tamanhos, cores e descrições. Imensos mapas se espalhavam por mesas perto das janelas junto a pilhas de livros e manuscritos. Não pude olhar muito as prateleiras, pois o tempo do lorde era precioso.

— Então o senhor tem uma carta para mim, Sr. Seaton?

Entreguei-lhe a carta de Walter Watt, sem o mapa, e a de Jamesone ficaria para depois. Ele rompeu o selo e levou a carta para perto da janela, diminuindo minhas chances de conhecer seu conteúdo. Observei-o lendo e notei que, apenas com a mudança do ambiente, ele passara de caçador a homem culto. Mechas de cabelos foram puxadas para trás pelos dedos longos e finos que faziam jus ao grande cartógrafo que ele era. Seus olhos tinham uma expressão bondosa e pareciam cansados. Depois de ler a primeira página, olhou-me. Ele, como sua sobrinha, parecia conhecer meu nome. Depois de uma curta pausa, leu o restante em silêncio. Ao terminar, foi à mesa, colocou a carta em uma pequena caixa de madeira, trancou-a e perguntou, olhando nos meus olhos:

— O senhor conhece o conteúdo desta carta?

Por um breve instante, pensei em dizer que não imaginava o que o intendente escrevera, na esperança que Straloch me revelasse algo. Mas era um movimento perigoso, e nunca fui bom em jogos de estratégia.

— Tenho uma ideia, mas não a li e o intendente não me deu detalhes do que escreveu.

Straloch acenou com a cabeça.

— E o mapa? — Estendi-lhe o mapa, mas ele não o pegou. De suas roupas ainda escorria água e ele não quis correr o risco de estragar o documento. Então me pediu que colocasse o mapa sobre a mesa, junto à caixa. — Concluo que o senhor não tenha outro compromisso hoje à noite, Sr. Seaton?

Afirmar que não.

— Ótimo, então pode dormir aqui? Estou muito interessado e a avaliação do mapa não pode ser feita às pressas. Seu intendente deixa claro que não deseja que o assunto seja divulgado e creio que não teremos privacidade durante o jantar, mas, se o senhor puder dormir aqui, podemos conversar melhor e examinarei o mapa. Pode ficar?

Como eu não esperava uma resposta instantânea de Straloch sobre o mapa ou sobre seu significado, não tinha planejado passar a noite em qualquer outro lugar. Ainda assim, não me agradava a perspectiva de suportar o olhar frio de Isabella durante a refeição. Aceitei sua hospitalidade com certo peso no coração.

— Minha sobrinha mandará que arrumem um quarto para o senhor. Minha esposa ainda está se recuperando do último parto e não se sente pronta para cuidar da casa. — Deu um sorriso e continuou. — Como o senhor pôde ver, fomos muito abençoados. Pedirei a Isabella que lhe arranje botas secas, ou o senhor morrerá de febre antes de a noite terminar; como eu, se não retirar essas roupas molhadas. — Ele abriu a porta e pediu que chamassem a sobrinha. Em dois minutos, a jovem apareceu e ouviu as instruções do tio, mas

seus olhos cinzentos e frios demonstravam que faria aquilo por obrigação.

Mal me sequei e mudei de roupa antes de uma campainha soar no andar de baixo chamando todos para o jantar. Segui os ruídos e a movimentação das pessoas que desciam a grande escada rumo à sala de jantar de Straloch. A sala era amplamente iluminada e velas queimavam em cada castiçal de parede e em dois candelabros suspensos. Retratos da família alinhavam-se nas paredes, e vasos e ornamentos da mais fina porcelana germânica decoravam uma mesa lateral. As cortinas de veludo preto, bordadas em dourado, estavam cerradas contra a escuridão da noite. As taças deviam ser obra dos melhores artesãos venezianos. Eu não via uma sala como esta desde que estive em Delgatie pela última vez. A longa mesa de jantar estava preparada para vinte pessoas e as crianças menores comeram antes. Robert Gordon sentou-se em uma cabeceira e a esposa, na outra, realmente cansada e pálida, mas com um sorriso acolhedor. Ao menos quatro filhos estavam ali, além de primos, amigos e parentes que eu mal distinguia.

Falou-se pouco no início do jantar. Os caçadores estavam famintos demais para contar suas aventuras e os que ficaram em casa demonstravam pouco entusiasmo em conversar sem eles. Fui colocado à frente de Isabella Irvine. Ela trocara a roupa do dia por um vestido longo, de veludo verde-escuro, com mangas de seda e acabamento de fina renda branca. No pescoço, usava uma esmeralda incrustada em ouro. Olhei-a várias vezes tentando, em vão, lembrar-me de onde a conhecia, mas ela não me olhou uma única vez. Conforme os pratos eram retirados e substituídos por outros, a fome aos poucos era saciada e as conversas começavam a surgir. Falou-se da caçada do dia, inevitavelmente, das perseguições, dos triunfos, das perdas, das proezas dos cavalos, da coragem dos cães e da esperteza das presas. A senhora da casa não precisaria se preocupar pois havia um bom estoque na despensa. Com o tempo, a conversa

mudou para outras caçadas, em outros lugares, e para as famílias e suas histórias. Em seguida, como sempre ocorre nesses ambientes, falou-se de ofensas, escândalos, ultrajes e inimigos. O senhor da casa, que se mostrara satisfeito durante todo o jantar, inquietou-se quando os filhos e sobrinhos começaram a falar calorosamente de algumas afrontas e de como deveriam ser respondidas. Ele sabia muito bem como isso terminava: em brigas, mortes e luto. Narrativas de coragem não trariam conforto à mãe deles depois que se fossem desta vida, então pediu que os filhos não falassem sobre isso diante dela. Houve uma pausa antes que se passasse a comentar as insatisfações que tomavam o sul e os boatos do norte, mas essas notícias também foram silenciadas, desta vez por minha causa.

— Tenho certeza de que o Sr. Seaton não tem interesse nessas questões; ele é um acadêmico, não um político. Não tenho dúvida de que há política o suficiente na cidade de Banff e que não precisamos forçá-lo a ouvir nossos problemas.

Com isso, o senhor da casa deixou claro que eu não era um deles e que não deveria saber dos assuntos dos Gordon. Houve uma alteração no ambiente e percebi que a atenção se voltava para mim. A esposa de Robert Gordon, Catherine Irvine, veio em meu auxílio.

— O senhor é professor, não é?

— Sim, madame, sou professor na escola de Banff.

— Ouvi dizer que é uma ótima escola.

— Tenho muitos bons alunos, e o diretor, Gilbert Grant, é um homem de grande cultura e disciplina. A cidade lhe tem muita afeição e respeito, como os alunos também.

— Respeito entre os jovens é algo raro e precioso — disse Straloch. — Sem isso, não se pode dar uma boa educação; sem educação, o Estado entra em perigo.

Vi, no rosto dos homens mais jovens, que eles ouviam isso há muito tempo, mas ainda assim tiveram o bom senso de se calar.

— E o senhor também estudou lá? — perguntou ela.

Não gostei de tanta atenção sobre mim.

— Sim, o Sr. Grant foi o meu professor durante todo o curso.

— Então — disse ela com um sorriso triste mas caloroso —, deve ter conhecido Archibald Hay, o herdeiro de Delgatie.

— Quem não conheceu Archie? — disse um dos sobrinhos de Straloch servindo-se de mais uma costeleta. — Não havia briga ou festa no norte em que Archie Hay não fosse o personagem principal. Lembram-se daquela vez em Rothiemay...

Ele foi interrompido pelo irmão, que me olhava com os olhos apertados.

— O senhor não é o estudante de teologia que estava sempre com ele? Estou certo?

Não tive chance de responder, pois outro sobrinho se adiantou.

— Isso mesmo: Alexander Seaton! Estava sempre ao lado de Archie... Meu Deus! Lembro-me daquele dia em Slains quando ele perdeu as botas em um jogo de dados e o senhor o carregou nas costas pela lama até o cavalo! Bem que achei que o conhecia, sabia que não era daqui.

O rapaz ficou contente por ter uma boa memória. Outros começaram a falar sobre Archie, mas ouvi pouco do que diziam; nada atravessava o muro de gelo que se formou entre mim e Isabella Irvine. Ela evitou meu olhar durante toda a refeição, mas agora me encarava com olhos frios e determinados. Nauseado, comecei a me lembrar de onde ouvi o nome dela. Em outro lugar, teria me levantado da mesa dizendo que não me sentia bem ou que estava cansado, exausto ou qualquer coisa, mas ali seria impossível.

— Então o senhor era o rapaz em quem Delgatie confiava tanto para acalmar seu herdeiro? Bem, há cavalos que não podem ser domados, e é melhor deixá-los correr soltos. Sinto muito pela morte do seu amigo, Sr. Seaton. Ele morreu por uma causa nobre. — As palavras de Straloch ecoaram pela mesa e foi feito um brinde à memória de Archie, à rainha Elizabeth da Boêmia e a seu irmão, o

nosso rei. Straloch continuou a falar comigo sobre a família de Delgatie, sobre a trágica perda de Archie e sobre Katharine. — E por que mandaram a menina para o sul, para se casar com aquele velho, eu não sei. Um monte de netos próximos teria abrandado a tristeza dos Delgatie e amenizado sua velhice.

— Robert — disse sua esposa, mas ele não a ouviu.

— E não precisavam ter banido a menina para tão longe dos amigos quando um bom casamento poderia ter sido arranjado nas redondezas se eles consentissem que o nome Hay se apagasse por uma geração. Isabella era — ou melhor, é — sua amiga e é preciso viajar dias em estradas ruins apenas para vê-la. E o lugar onde ela mora é frio e inóspito, não é, Isabella?

— Ela não se queixa — disse a jovem, ainda me encarando.

A esposa de Straloch interveio antes que o marido falasse ainda mais.

— Minha sobrinha retornou há pouco tempo da casa de Katharine Hay e não se viam desde o casamento de Katharine com o primo de seu pai. — Ela estava constrangida, como se desejasse terminar aquele assunto, mas não pude me calar. Dirigi-me diretamente a Isabella Irvine.

— Como ela está? Está... bem?

— Está bem, senhor.

— E feliz?

— Ela está bem e não se queixa. Conhece seus deveres. — Ao dizer isso, levantou-se. — Por favor, me dê licença, tia. Preciso ver as crianças antes que elas durmam. — Sua tia concordou e ela saiu sem me olhar.

Gordon parecia perplexo, mas a esposa mudou o assunto.

— Você precisa acordar cedo amanhã, Robert. Talvez seja melhor conversar com o Sr. Seaton antes que fique tarde demais. Pode deixar os mais jovens bebendo e conversando aqui, eles não sentirão sua falta. — Então chamou um criado para me levar de volta à

biblioteca e trazer vinho e frutas para nós e pediu que o marido a esperasse, pois tinha um assunto delicado a tratar com ele. Fiquei, portanto, sozinho na biblioteca.

O cômodo que eu vira antes, à luz do fim do dia, transformara-se em uma caverna com luzes trêmulas e sombras. O fogo crepitava na grande lareira e velas queimavam nos castiçais, mas nenhuma fora colocada sobre as mesas, pois uma corrente de ar ou um movimento descuidado de um criado poderia destruir em minutos os trabalhos da vida inteira de Straloch, que cobriam todas as mesas. Eu andava muito preocupado com mapas para querer examinar os expostos nas mesas, então me aproximei do fogo, onde a luz era melhor, e olhei os livros nas prateleiras, que entravam e saíam das sombras. A prateleira onde meus olhos se demoraram estava repleta de livros sobre nosso país e nosso povo. Spottiswood, Boece, Buchanan e Knox eram nomes que eu conhecia bem, mas tirei outro livro da prateleira, de Robert Johnston, do qual nunca pude ler nada. Desamarrei a fita que fechava o livro, abri-o e vi uma dedicatória em latim em uma bela caligrafia: *“Ao meu querido amigo Robert Gordon, em lembrança aos dias felizes em Paris na primavera da nossa juventude. Robert Johnston.”* Eu ainda segurava o livro quando a maçaneta da porta girou e Straloch entrou. Pensei em colocá-lo de volta, mas a fita estava nas minhas mãos e eu não soube o que fazer com ela. Gordon se aproximou e olhou o livro.

— Uma boa escolha, Sr. Seaton. Pode levar para o seu quarto se quiser e devolver amanhã antes de partir.

Eu agradei, mas não aceitei.

— Estudar o passado é algo no qual encontrei pouco proveito ou conforto.

— Então não teve sorte. Aqueles que não conhecem sua história não conhecem a si mesmos e, portanto, não veem o futuro com clareza.

Devolvi-lhe o livro e ele o amarrou e colocou na prateleira com cuidado. Quando se virou para mim, percebi que entraria em um assunto pouco agradável. Pediu que eu me sentasse e esperou o criado terminar de acender as velas e sair. Então começou a falar.

— Na minha vida, no meu trabalho e nos meus deveres, em certa medida devido à minha posição no mundo, sou obrigado a lidar com todos os tipos de homens. Acredito, embora talvez nem todos o façam, que Deus me permite fazer isso sem ofender outros homens. O senhor é um convidado na minha casa, Sr. Seaton, mas creio que o constrangi, e a outros na mesa, mesmo sem querer.

Meu coração pulou no peito e respirei fundo. Nunca gostei de ouvir as confidências de estranhos e podia imaginar o que sairia dali. Desejei estar em qualquer lugar além daquela biblioteca.

— Desculpe, não sei do que está falando. Eu fui... — parei e pensei em Isabella Irvine. — ... fui tratado com civilidade e hospitalidade. Não posso pedir mais do lar de um estranho.

— Deste lar, sim. — Empurrou sua cadeira para junto da janela e olhou para a escuridão. — Minha esposa falou vagamente da sua grande amizade com os Hay, do seu afastamento e do que a inimizade do conde lhe custou. E disse “que a filha dele foi exilada de Delgatie para interromper uma ligação que tinha com o senhor”. A última parte ela soube pela nossa sobrinha e não tenho razão para duvidar, pois ela é uma moça honesta e ingênua. Suspeito que as duas conversaram muito sobre o assunto antes do senhor chegar a esta casa. Peço desculpas pela frieza da minha sobrinha... notei isso durante o jantar... ela tem as ideias apaixonadas das pessoas que ainda não viveram no mundo real. Quanto a mim, não teria dito aquilo se estivesse a par da situação.

O calor do vinho e do fogo agia sobre mim e senti um impulso de ser tão honesto com o senhor da casa quanto ele foi comigo.

— A conversa não me deixou mais constrangido do que me sinto normalmente. Não gosto de estudar o passado porque ele não pode

ser mudado: o meu passado não pode ser mudado. Não busco sua solidariedade. A família Hay merecia mais de mim.

Ele fechou a janela e se virou de costas para mim.

— Talvez, mas deve haver um limite quanto à retribuição para que nossa sociedade prospere, ou ela murchará e morrerá antes de dar frutos. O senhor de Delgatie pode ser o mais caloroso e leal dos amigos, mas é também um inimigo perigoso. Eu o aconselharia a tomar cuidado com esse tipo de inimigo, Sr. Seaton. — Não havia nada que eu pudesse responder.

Straloch parecia satisfeito por ter esclarecido esse assunto. Foi até a mesa e serviu-nos vinho. Estava enérgico, não mais hesitante.

— Bem, vamos ao assunto em questão! Seu bom intendente escreveu-me que o mapa enviado pelo senhor foi encontrado entre os pertences de um visitante de Banff e que gostaria de ouvir minha opinião sobre o assunto. Pediu que eu não falasse com ninguém, além do senhor, a respeito. — Tirou uma chave de uma corrente que tinha no bolso e destrancou a caixa onde pusera a carta hoje à tarde. Senti um certo alívio de ter cumprido minha missão, e sentei-me, aguardando.

Straloch desdobrou o mapa e pegou uma lupa na mesa. Começou pelo canto superior esquerdo e examinou lentamente a página inteira. Enquanto isso, admirei a tapeçaria na parede atrás dele, uma bela peça mostrando a viagem da princesa egípcia Scota, filha do faraó e progenitora da nossa raça, até nosso litoral. Esse mito foi utilizado trezentos anos atrás para reivindicar os direitos da nossa nação contra a tirania de um rei inglês. O que Straloch pensava sobre esses direitos agora que o rei da Inglaterra era nosso rei? Vi meu anfitrião, absorto no exame do mapa. Por fim, ele pôs a lupa na mesa, sentou-se e me olhou.

— O senhor viu esse trabalho, Sr. Seaton?

Afirmar que sim.

— E o que achou?

Eu não esperava ouvir essa pergunta novamente e não tinha a intenção de acusar um homem que não poderia se defender. Minha única saída foi mentir.

— Nada de significativo; é um mapa cuidadoso e detalhado da costa próxima a Banff.

Não olhei para Straloch; soube que ele não acreditaria em mim.

— Vamos, Sr. Seaton, o senhor é um homem inteligente. Esse documento não suscitou sua curiosidade e não chegou a qualquer conclusão?

Encarei-o finalmente.

— Somente um tolo não teria curiosidade. Tenho tanta curiosidade sobre o significado desse mapa quanto o intendente e o resto das pessoas envolvidas. Quanto a especulações, aprendi que se deve fazê-las sozinho.

Straloch concordou.

— Creio que o senhor está certo. Se mais de nossos conterrâneos fossem da mesma opinião, essa terra seria mais pacífica. — Colocou o mapa sobre uma mesa perto da lareira e me pediu para chegar mais perto. — Tratando-se deste mapa especificamente, porém, não posso acreditar que não tenha uma opinião sobre seu propósito. As autoridades de Banff não pediriam que eu o examinasse se conhecessem sua possível utilização. E o senhor deve fazer parte do conselho, caso contrário não o teriam incumbido de me entregar o documento e aguardar minha resposta... se ela existir.

Straloch pareceu-me um tanto hostil, porém, como não o conhecia bem, tive dúvidas. E não o culpava por essa hostilidade: se não fui franco com ele, por que ele seria comigo? O que eu devia à cidade de Banff ou àqueles que haviam me dado essa incumbência para ser obrigado a mentir por eles?

Straloch voltou ao mapa.

— Direi a verdade: é um belo trabalho, entre os melhores que já vi. Quem é o autor? Quem é o visitante misterioso com algo tão

peculiar em mãos? — Fui avisado para não responder a nenhuma pergunta do senhor de Straloch, mas estava hospedado na sua casa e o intendente de Banff não estava lá.

— O autor é sobrinho do intendente e aprendiz de Edward Arbuthnott, o boticário de Banff.

Straloch pôs o documento sobre a mesa. A expressão no seu rosto não podia ser confundida.

— Está me dizendo que esse mapa foi desenhado pelo homem encontrado morto em Banff? — Ele percebeu meu constrangimento, mas o ignorou. — O ministro e o delegado de Banff realmente acham que um assunto como esse pode ser mantido dentro dos limites de Banff, como um animal enjaulado? O país inteiro sabe das notícias e que o professor de música está preso por suspeita de crime passionai. Mas o que o senhor traz aqui não é crime passionai: temo que tenham prendido o homem errado e, talvez, estejam investigando o crime errado.

— Sei que prenderam o homem errado. Charles Thom não é capaz de matar, seja por uma mulher ou por qualquer outro motivo. Quanto ao crime... Entende que falo em meu nome e não no daqueles que me enviaram?

Ele aquiesceu.

— Não há dúvida de que houve um crime, um assassino, a motivação é que levanta dúvidas. Se descobrirmos isso, o resto se esclarecerá. Na verdade, porém — e eu sabia que me desviava completamente da minha incumbência —, as autoridades de Banff... o intendente, o delegado, o ministro e o notário público... parecem ter esquecido que houve um assassinato, tamanho o medo criado pela descoberta do mapa.

Straloch olhou-me e falou devagar.

— E há outros?

— Há, é uma sequência de toda a costa, de Troup Head a Cullen, e do interior, até Rothiemay e Strathbogie. E há indicações para

Turriff, Oldmeldrum e Aberdeen ao sul.

Straloch aprumou o corpo e me encarou, pondo de lado o mapa.

— Então as autoridades de Banff temem que o burgo seja o primeiro ponto invadido e o senhor veio me perguntar se o marquês de Huntly pretende comandar essa invasão pessoalmente. — Um sorriso brincava em seus lábios, mas os olhos eram terrivelmente sérios.

— Eles admitem temer uma invasão católica, mas não têm a intenção de insultar o senhor ou seu nobre patrono, o marquês. O senhor foi consultado por seus conhecimentos cartográficos. Cremos — e nesse momento revelei que fazia parte do conselho interno — que Patrick Davidson foi encarregado de desenhar esses mapas, um trabalho e estudo legítimos, e o senhor é a única pessoa que conhecemos que poderia avaliar o mapa.

Straloch encontrou sentido nisso, mas sabia que eu podia ter me expressado de forma diferente. Poderia ter dito, “As autoridades de Banff não confiam no senhor, muito menos no marquês, mas não temos escolha a não ser pedir seu conselho.” Meu anfitrião se levantou e foi até uma mesa, do outro lado da sala, coberta de mapas e papéis com anotações.

— O que o senhor vê aqui é o resultado de muitos anos de trabalho, meu e de outros. Conhece Timothy Pont?

Confessei que não. Minha ignorância o surpreendeu, mas ele continuou:

— Pont se envolveu por muitos anos no mapeamento do nosso país. Morreu, há alguns anos, sem terminar o trabalho. Como o senhor sabe, tenho um interesse pelo assunto há tempos, que orgulhosamente compartilho com meu filho James. Nossas pesquisas são mais extensas do que o trabalho do aprendiz de boticário, pois temos grande interesse em genealogia e nas histórias local e antiga, mas nossa cartografia não é boa como esta. Este é o trabalho de um estrategista, como evidenciam os detalhes, e evidentemente um

exército invasor faria bom proveito desse mapa. Tenho certeza, contudo, de que não lhe foram encomendados mapas, ou eu saberia. Acredite que digo isso por experiência, não por vaidade.

— Eu não duvidaria disso — falei.

— Posso lhe garantir que não conheço nenhum projeto, a não ser o meu, de mapear esta parte do país. E o senhor e os conselheiros acreditem se quiserem, não conheço qualquer plano de invasão através do estuário de Moray.

Fiquei constrangido ao receber tais garantias de um homem tão culto e respeitável como Robert Gordon de Straloch. Meu desconforto aumentou por saber que ele conhecia minha história e que eu provara não ser digno de confiança ou respeito; ele não deveria ter de me dizer algo assim. Eu estava consciente agora não apenas do tamanho da sala, das centenas de livros alinhados nas prateleiras, do retrato de Robert Gordon pendurado sobre a lareira — feito por Jamesone, ao que parece —, do cheiro de sândalo, do mural pintado na parede oposta. Ele era um homem rico e nobre e sentiu a necessidade de se desculpar comigo. Então entendi por que eu, e não alguém de maior importância, fui escolhido para trazer os problemas do burgo de Banff, e não gostei. Presumi que nossa entrevista terminara e levantei-me para sair, mas ele me deteve.

— Fique mais um pouco, Sr. Seaton. Ainda é cedo e não vou prendê-lo por muito tempo. Gostaria de saber mais sobre a situação em Banff, se puder me contar.

Lembrei-me novamente das palavras do intendente, “nossos problemas não dizem respeito a ele”, mas, concluindo que ele não estava ali e tendo as advertências de William Cargill frescas na memória, não estava certo sobre poder confiar em Walter Watt ou nas outras autoridades de Banff que me encarregaram dessa missão.

— Há pouco a contar, ao menos que eu entenda. O que deseja saber?

Straloch indicou o mapa.

— Fale-me sobre o homem assassinado. O que um homem com esse talento fazia como aprendiz de um boticário?

Mais uma vez, a pedido do senhor de Straloch, falei sobre a infância de Patrick Davidson, seus anos na Escócia e no exterior, seu retorno a Banff, onde ficou hospedado na casa de Edward Arbuthnott, e seu relacionamento com a filha de Arbuthnott. Straloch fez pequenos comentários — como “uma ótima faculdade” e “uma boa escolha” —, além dos quais se manteve em silêncio. Risadas e músicas vinham do salão de jantar, o que era ao mesmo tempo confortante e incompatível com a gravidade da nossa conversa. Quando terminei, Straloch se levantou e mexeu no fogo.

— Não faz sentido, Sr. Seaton. Não faz sentido algum! — Encostou-se no console da lareira, pensativo, e depois se virou para mim. — Por que ele voltou para Banff? Por que, se seu amor por botânica era forte o suficiente para desviá-lo do curso de direito e até mesmo da medicina?

— Voltou para aprender a arte do boticário — disse eu sem saber por que isso tanto intrigava o senhor de Straloch. Era claro, para mim, que Patrick Davidson retornara à cidade de sua infância por causa das pessoas influentes que conhecia — como seu tio — e que poderiam lhe garantir um trabalho com um bom mestre. Mas isso não satisfazia Straloch.

— Não — disse ele. — Quando se tem uma paixão como essa, um chamado, esquece-se de outras considerações. Se avançar nos estudos da botânica e do uso de plantas fosse seu principal desejo, ele não teria voltado a Banff; teria ficado no continente, com ou sem guerra, onde aprenderia muito mais. O que, na flora desse canto da Escócia, poderia haver para preencher o coração e a mente de um jovem que a conhecia desde a infância? Nada, eu diria, em comparação ao que os Alpes, os Pireneus e as terras quentes do sul têm a oferecer, sem falar nas riquezas exóticas do leste e nas florestas e pântanos do Novo Mundo! Não, quem tem paixão verdadeira pelo

estudo das plantas não abriria mão de tantas possibilidades para viver a juventude na cidade de Banff.

Havia sentido no que Straloch dizia, mas achei que ele não mencionara os mapas propositadamente. Mostrei o documento e perguntei:

— O senhor acha que ele voltou a Banff para isso?

Meu anfitrião falou em voz baixa, lentamente, sem olhar para mim.

— Acredito nessa possibilidade e, se ela for verdadeira, que foi assassinado por causa disso. — Suas palavras ficaram no ar por um tempo antes de ele mudar de assunto. — Diga-me, Sr. Seaton, onde foi encontrado o corpo?

Engoli em seco e o olhei diretamente.

— O corpo foi encontrado na minha sala de aula, estirado sobre minha mesa.

Ele aquiesceu e parecia satisfeito. Era o que eu pensava: a pergunta foi feita para testar minha honestidade e seriedade. Robert Gordon sabia exatamente onde o corpo de Patrick Davidson foi encontrado. Perguntei-me o que mais ele sabia enquanto a cantoria e as risadas aumentavam na sala de jantar. Ao grito de *Gray Steel*, ouvi palmas e a movimentação dos jovens arrastando os móveis para dançar. Straloch atravessou a sala e fechou a porta entreaberta.

— Como o corpo chegou lá?

Engoli em seco novamente enquanto ele me observava de perto.

— Foi levado.

Ele me observou bem de perto.

— Por quem?

Não havia motivo para desconfiar do senhor de Straloch, mas tampouco me alegraria contar tudo o que sabia.

— Para a proteção da pessoa, não posso dizer.

— O assassino?

Sacudi a cabeça.

— Não, tenho certeza de que não. Quem o encontrou, reconheceu seu estado lastimável e tentou ajudá-lo. Viram-me entrando na escola pouco antes e, achando que eu ainda não dormira, deixaram o corpo. Soube do ocorrido na manhã seguinte, quando ele estava morto.

— Por que não o chamaram?

— A pessoa não queria ser descoberta. — Havia falado demais. Mary Dawson fugira do país e estava segura, mas Janet talvez corresse perigo. Straloch, percebendo minha relutância, não me pressionou e mudou um pouco a direção de suas perguntas.

— Disseram que Patrick Davidson foi assassinado na noite da grande tempestade. Tivemos um temporal durante muitas horas e perdemos algumas árvores do parque. Bem, em uma noite assim não há muitas pessoas nas ruas. Esse bom samaritano não viu mais ninguém?

Como ele insistia tive de mentir.

— Não.

— E nada há no passado dele ou nesses mapas que o ligue de alguma forma a sua fatalidade?

O medo começou a tomar conta de mim e senti um arrepio.

— Nada que eu saiba.

Straloch estava sério.

— Mas ele morreu na sua sala de aula! No entanto, seu amigo, o professor de música, está preso e o senhor está solto. — Olhou para mim e prosseguiu. — Temo que o mal esteja em ação em Banff, em um jogo que não terminará com um único assassinato. Precisa tomar muito cuidado, Sr. Seaton, muito cuidado... — Nossos copos ainda estavam cheios de vinho; bebi um gole do líquido quente e vermelho enquanto as palavras do senhor de Straloch ressoavam na minha cabeça.

Esvaziei o copo e me levantei.

— Acho que preciso me recolher.

Straloch estendeu-me a mão.

— Também devo acordar cedo. Partirei para Edimburgo às 7h e creio que não nos encontraremos. Como vê, estou sempre rodeado de jovens, mas nem sempre tenho uma companhia interessante. Espero que nos encontremos novamente. — Apertou minha mão e entreguei-lhe a carta de Jamesone que esquecera no meu bolso, então segui para a porta. Tinha minha mão na fechadura quando ele gritou.

— O mapa! — Esquecera-me do mapa rapidamente ao falarmos do assassinato de seu autor. — Escreverei algumas linhas para seu intendente, mas não há muito o que fazer para acalmá-lo. O mapa é realmente excelente, em termos de cartografia, e serviria a qualquer exército. Mas devo repetir que não conheço plano algum de invasão, e certamente nenhum do marquês de Huntly.

Acreditei nele, mas se o delegado Buchan, o reverendo Guild e o resto das autoridades de Banff acreditariam era outra questão. Garantindo-lhe que saberia voltar ao meu quarto, peguei a vela que me ofereceu e passei pela ala oeste até a grande escada. Uma música estridente e muitas risadas enchiam todo o andar: quantas vezes participei de noites assim, cercado de amigos, parentes, contadores de história e jogos até altas horas da madrugada? Tive vontade de entrar na sala e ser um deles por apenas um instante. A música terminou quando cheguei à escada e, quando as risadas e a animação diminuíram, ouvi claramente o lamento de uma mulher. Tudo em volta estava em silêncio. Era Isabella Irvine. Subi a escada.

Ao entrar em meu quarto, no último andar, lembrei-me das botas que o criado levava à tarde para secar. Exausto, desci a escada novamente. Pela minha experiência nesse tipo de casa, tentei encontrar a cozinha. Virei à direita e soube imediatamente que algo estava errado. Não pude ver nada de estranho, mas a sensação se fortalecia em mim. Nenhum som: a sala de jantar, de onde vieram músicas, cantos e risadas, estava absolutamente silenciosa, apesar de

eu não ter ouvido ninguém subir a escada depois de mim. Atravessei o corredor e a sala de jantar e, enquanto seguia para a cozinha, deparei-me com o criado trazendo minhas roupas e minhas botas de montaria. No momento em que eu agradecia, uma campainha foi tocada na sala de jantar e ele correu para atender ao chamado. Pela porta aberta, vi Straloch, de costas para a lareira, conversando em voz baixa e autoritária com os filhos mais velhos e dois ou três jovens que jantaram na casa. Não havia mulheres. O criado fechou a porta e, no silêncio da casa escura, subi a escada e fui finalmente para a cama.

O sono chegou logo, mas leve. Do andar em que estava percebi grande movimento na casa e, nos andares de baixo, ouvi vozes abafadas. Em certo momento, alguém parou na frente do meu quarto; vi a luz da vela passar pelo vão da porta e desaparecer. Os passos eram leves e logo se distanciaram. Durante a longa noite, acordei com o barulho de cavalos sendo reunidos na frente da casa. Lembrando que alguém me observara pouco antes, pulei da cama e abri uma fresta na cortina. Aos poucos a abri mais e, à luz da lua cheia, vi ao longe cinco jovens a cavalo, aqueles com quem Straloch conversara na sala de jantar. Ele não estava lá, mas vi Isabella Irvine em roupas de dormir, alarmada e branca como um fantasma, despedindo-se dos primos e dos outros parentes. Os cavaleiros se afastaram devagar e silenciosamente; quando estavam longe o suficiente para não serem ouvidos, passaram a galopar. Depois de sumirem de vista, Isabella entrou na casa e, passando pela porta, olhou diretamente para minha janela. Não sei dizer se me viu. Voltei para a cama, deixando a cortina entreaberta, e observei o céu noturno até aparecerem os primeiros raios de luz.

O senhor de Straloch também havia partido quando cheguei à sala de jantar para tomar o café da manhã; o aposento estava tomado pela barulheira das crianças menores e suas babás. Sobre a mesa, havia várias tigelas de mingau com leite quente e diversos tipos de

pães e, para desespero das babás, as crianças jogavam para os cachorros seus biscoitos doces picados em pedacinhos. Fiz uma boa refeição, pois não pretendia parar diversas vezes na estrada. Quando o sino da capela soou oito badaladas, levantei-me da mesa e retornei ao quarto para buscar meus pertences. Ao descer a escada, o alívio de sair daquela casa estranha, com cavaleiros que partiam no meio da noite, deu lugar à apreensão. Isabella Irvine me observava e esperava por mim. Olhamo-nos por um tempo antes de ela desviar o olhar.

— Bom dia — disse.

Ela não respondeu ao meu cumprimento e parecia não saber o que fazer. Finalmente entregou-me um pequeno embrulho e uma carta lacrada.

— Meu tio pediu que eu lhe entregasse isso. A carta é para seu intendente e o pacote, para o senhor. — Agradei e ela imediatamente se virou para se afastar.

— Espere... — disse, segurando seu braço. Ela olhou para minha mão como se estivesse infectada. — Por favor, dê-me um momento.

Ela me encarou impassível, esperando.

— Katharine Hay... — comecei.

Ela suspirou impaciente e tentou se afastar novamente.

— Não, por favor! — insisti. — Apenas quero saber se ela realmente está bem, como é sua vida... tão longe de casa.

Seus olhos faiscaram.

— Como acha que pode estar, tendo um marido com mais de 60 anos? Teria sido melhor se o senhor tivesse dado fim à infeliz existência dela.

Senti uma pontada no estômago. Semanas depois de Katharine partir para o sul, eu ainda passava os dias imaginando-a com o marido. Para me libertar desses pensamentos apelei para a bebida, tentando esquecê-la, e agora isso era jogado na minha cara. Como eu faria essa moça entender que tudo o que ela dissesse, todas as

palavras de reprovação eu já dissera a mim mesmo? E que, por mais profunda que fosse sua repulsa por mim, não seria maior do que a minha? Engoli em seco. As palavras não me vinham à cabeça e não adiantaria alongar essa conversa. Virei as costas e andei para a porta, mas percebi que talvez fosse minha última chance de saber algo sobre Katharine. Virei-me para ela e disse:

— Mais uma coisa...

Ela ergueu a cabeça, irritada.

— O quê?

— Na próxima vez que vir Katharine, diga-lhe, por favor, que eu estava errado e que sinto muito. Diga-lhe que Alexander Seaton está arrependido.

Olhou-me com frieza.

— Não direi. O senhor fez sua escolha e deve conviver com ela, Sr. Seaton, assim como Katharine. — Afastou-se sem dizer adeus e desapareceu na escuridão da ala leste.

Caía uma chuva fina quando saí de Straloch. Era uma casa cheia de vida e de felicidade, mas minha presença pareceu ter sufocado esses sentimentos com uma sombra lúgubre. Talvez pudesse ter sido feliz ali em outros tempos, não mais agora. Não demorei para chegar à hospedaria em Machar, onde fiquei feliz ao ver o rosto familiar e acolhedor do velho criado de William Cargill, Duncan, que viajaria comigo até King Edward para buscar Sarah Forbes. Ao que parece, saiu de Aberdeen antes do amanhecer, mas me garantiu que tomara o café da manhã na hospedaria e que estava tão ansioso quanto eu para prosseguir viagem. Logo pegou na estrebaria o pônei vigoroso e a charrete na qual William o enviara e partimos.

Felizmente conversamos pouco; o único comentário de Duncan foi o de que não passava por aquela estrada desde que foi a Banff com o patrão para buscar Elizabeth e tudo correria bem. O passo do

pônei era firme, mas lento, e somente à tarde paramos em Fyvie para o animal descansar e bebermos algo. Elizabeth preparara duas cestas — uma para mim e outra para Sarah — com coxas de galinha, ovos, queijo, biscoitos com geleia e garrafas de uma boa cerveja. Duncan, presbiteriano leal, dissera que toda aquela comida alimentaria muitas pessoas famintas. Servi-me de duas coxas e pensei em pegar uma terceira, imaginando que, na viagem, o velho criado ofereceria as comidas a uma pobre alma que encontrasse na estrada. Seus olhos acusadores me encararam quando peguei uma segunda fatia de torta de maçã, mas fingi que não percebi.

Finalmente chegamos a King Edward quando a luz da tarde começava a perder seu calor e se tornava cinzenta e fria, anunciando o crepúsculo. Duncan tinha instruções de William para conseguir acomodações em Turriff antes de escurecer, se possível, e não retornar a Aberdeen à noite. Uma ordem inútil: ele não seria tolo de refazer a viagem no mesmo dia. Fomos primeiro à casa do ministro, onde, para meu alívio, encontrei-o. Sua esposa, obviamente, convidou-nos para jantar, mas Duncan, agradecendo incisivamente, disse que havíamos jantado e que um pouco de água para nós e para o pônei seria o suficiente. Em Turriff eu tinha trocado de montaria pelo cavalo de Gilbert Grant. Duncan se aquecia junto ao fogo quando fui levado ao escritório espartano do ministro.

Hamish MacLennan era alto, magro e tinha as feições de um intelectual. Quando entramos, estava junto à janela com um pequeno livro nas mãos. Reconheci a obra imediatamente. Era a edição que eu e todos os professores usávamos com os alunos: *Shorter Catechism*, de Craig. Sua esposa me anunciou e, com um sinal, ele me convidou a sentar.

— Desculpe interromper seu trabalho — disse eu.

— Estou sempre trabalhando, aqui, na paróquia, na igreja, sempre que posso. Minha vocação ocupa toda a minha vida.

Eu não soube o que dizer e ele percebeu meu desconforto.

— Não tive intenção de criticá-lo, Sr. Seaton. É o Senhor quem julga tudo. — Parou ao pensar nisso e perguntei-me por que a cidade de Banff aguentava a mediocridade egoísta do reverendo Guild enquanto esse condado pobre era abençoado com um ministro como aquele. MacLennan pareceu esquecer que eu estava ali, mas a esposa chamou sua atenção.

— Hamish, o Sr. Seaton quer lhe pedir um favor. Da minha parte, espero que concorde. — Dito isso, deixou-nos sozinhos.

MacLennan sorriu e sua bondade apareceu no rosto austero.

— Estou intrigado! Minha esposa não costuma pedir favores para ela ou outros. Por favor, diga-me o que deseja.

Então lhe falei sobre Sarah Forbes. Ele ouviu em silêncio, balançando a cabeça umas duas vezes enquanto eu falava. Em alguns momentos, olhou-me subitamente e eu percebi sobre quais pontos eu seria questionado. Quando terminei, ele foi até a lareira apagada. A noite chegava, e o frio junto com ela, mas eu conheci muitos homens de hábitos frugais e avessos ao conforto, e não me surpreendeu perceber que Hamish MacLennan era um deles. O ministro respirou fundo e começou a falar lentamente.

— Creio que você propõe algo bom e farei tudo ao meu alcance para que isso se concretize, mas, antes, tenho algumas dúvidas.

E fez as perguntas que eu previra. Primeiramente, se eu era o pai do bebê de Sarah Forbes, embora garantisse que estava certo da resposta. Respondi-lhe que não e ele não se demorou no assunto. Depois indagou sobre o caráter de William Cargill e da esposa e sobre a solidez desse casamento. Disse-lhe que William era um homem respeitável, bom, confiável, firme e culto, e falei do espírito alegre de Elizabeth, uma esposa leal e trabalhadora, muito querida pela cunhada dele e seu marido, Gilbert Grant. Perguntei se poderia chamar Duncan para que ele desse seu testemunho sobre o lar de seu patrão. MacLennan permitiu e observei maravilhado aqueles dois religiosos, um de grande cultura e o outro simples, conversarem

livremente e com respeito mútuo sobre o assunto. O ministro apertou a mão de Duncan e abençoou-o antes de dispensá-lo. E releu a carta que eu trouxera de William.

— E eles aceitarão que ela viva com o bebê. São realmente boas pessoas e creio que será melhor para a criança, muito melhor. Sarah é forte e religiosa e, livrando-se do jugo do tio, ela e o filho continuarão assim. E ela conseguirá cuidar bem das duas crianças.

— Dobrou a carta e continuou. — Encontrá-lo, quando o senhor ia visitar seu amigo, foi uma bênção para ela.

— E para mim igualmente — disse eu.

— Como?

— Fazia muito tempo que eu não respondia a um chamado para realizar o bem.

Ele me olhou por um longo tempo.

— Somos todos pecadores, mas o Senhor nos oferece possibilidades de fazer o bem. Como Jonas, muitas vezes fugimos da Sua presença antes de respondermos a Seu chamado, mas Ele nunca nos abandona. — Alisou a capa do livro de catecismo, ainda nas suas mãos. — O que é ensinado às crianças deveria ser lembrado por todos nós.

Em pouco menos de dez minutos, Hamish MacLennan, ministro do presbitério de Turriff em King Edward, escreveu uma carta de recomendação de Sarah Forbes a ser entregue na paróquia de St. Nicholas em Aberdeen. Declarou que sua presente situação era resultado de uma agressão imunda e escandalosa por parte do seu ex-patrão em Banff, e que ele, Hamish MacLennan, acreditava firmemente no que ela dizia. Afirmou também que Sarah cumprira a penitência e a punição imposta pela paróquia de Banff e anexou, à sua carta, a declaração da paróquia de Banff sobre Sarah. Pediu que a paróquia de St. Nicholas e os magistrados de Aberdeen não objetassem que ela trabalhasse como criada do Sr. William Cargill, advogado de Aberdeen.

Não lacrou a carta, deixando-a aberta, e pediu que a esposa, eu e Duncan o acompanhássemos à casa do tio de Sarah Forbes. A esposa do ministro recusou o convite para ir na charrete de Duncan, pronta para deixar King Edward, e caminhou firmemente ao lado do marido. Em pouco tempo, a trilha de pegadas deu lugar a um solo duro e, por fim, a um miserável cultivo. Alcançamos uma casa deplorável, no fim do condado, e entendi que aquilo era o que Sarah Forbes entendia como um lar.

Uma mulher, com o rosto sujo, olhou-nos pela janela quebrada quando nos aproximamos e fechou as cortinas apressadamente. Um homem pequeno e lúgubre, com olhos vagos e desconfiados, apareceu na porta. Não nos cumprimentou e esperou até que o ministro se aproximasse.

— Eu não fiz nada, Sr. MacLennan, não acredite no que William West lhe disser. Eu estava muito doente para chegar à igreja a tempo de ouvir o sermão. Mal conseguia ficar de pé...

— Nada? Pude ouvir seus gritos e risadas embriagadas da minha casa no sábado. Isso, no entanto, é um problema da assembleia, estou aqui para falar sobre a sobrinha de sua esposa.

O homem chamou a mulher, dizendo palavras duras sobre a menina. A esposa do ministro olhou-o com desprezo e se virou, mais gentil, para a mulher que reaparecera na janela.

— Onde está sua sobrinha, Anna?

A mulher veio à porta e passou pelo marido.

— Ela não é uma má pessoa, Sra. Youngson. Não sai de casa há quatro dias e teve vergonha de ir à igreja ontem. — Enquanto a mulher falava, Sarah Forbes apareceu atrás dela. Senti meu coração bater mais depressa ao vê-la; seu rosto estava mais pálido, com olheiras profundas, mas os olhos ainda chamavam minha atenção. Ela pareceu assustada ao me ver, mas se recobrou e dirigiu-se ao ministro.

— Estou aqui, Sr. MacLennan. Por favor, diga-me o que deseje.

E ele assim o fez: falou sobre William Cargill e Elizabeth, e disse que precisavam de alguém que os ajudasse com o bebê que nasceria em breve. Ela ouviu tudo e depois me olhou com um ar inquiridor.

— William Cargill é meu amigo — falei. — Conheço-o há muitos anos e sei que é um homem muito bom. Sua esposa cozinhava na escola de Banff e será uma boa patroa. — Virei-me para Duncan e ele concordou com um movimento de cabeça. — E poderá levar seu filho; será um bom lar para ambos. Está interessada?

— Estou — respondeu ela.

Em menos de cinco minutos, Sarah Forbes juntou seus pertences: o mesmo pacote que trouxera de Banff e o precioso xale. A tia a abraçou quando ela passou por aquela porta pela última vez e Sarah se inclinou um pouco para beijar o rosto da irmã de sua falecida mãe. Enquanto Duncan acalmava o pônei, ajudei-a a subir na charrete. Provavelmente havia alguma malícia nos meus olhos, pois Duncan me olhava com suspeita, e, antes de montar no meu cavalo, tive de cochichar algo em seu ouvido.

— O filho não é meu.

Ele continuou a ajeitar a rédea do pônei e falou:

— Acho que isso não seria tão ruim...

Antes de começar a viagem, Sarah Forbes me olhou e seus lábios se abriram num “obrigada” mudo. A palavra ecoou pela brisa e me acompanhou nos 10 quilômetros até Banff.

Senti a proximidade do mar muito antes de avistá-lo, mas algo estranho no ar me incomodou. Segui pela encosta de Doune Hill e, quando descia por Gellymill, vi uma densa fumaça sobre Banff. Nada ouvi além dos sons da criação de Deus ao meu redor, mas o vento mudava e logo traria o cheiro daquela fumaça até meu nariz.

Tive sorte de chegar a tempo da última viagem da barca, senão teria de pernoitar na cabana dos barqueiros. Era um dos filhos de

Paul Black que faria a travessia noturna. Cumprimentei-o e ele se levantou lentamente, olhando-me antes de desamarrar o barco do outro lado do rio. Mesmo àquela distância, senti certa relutância dele em vir me buscar. Quando finalmente atravessou o rio, não me olhou.

— Você é Martin, certo?

— Sim, Sr. Seaton — respondeu ele baixinho, evitando-me.

— O que há? O que está acontecendo na cidade?

Ele não respondeu.

— Martin, por favor, você me conhece. O que quer que digam, não precisa ter medo de mim.

— Não é o senhor, é... a cidade — respondeu Martin, enfim. — Tudo está errado na nossa cidade. Creio... — hesitou antes de continuar — ... que estamos condenados.

— O que aconteceu?

Seus olhos estavam vazios, encarando o horizonte e ele parecia não me ver.

— Marion Arbuthnott se matou. Seu corpo está na casa do Dr. Jaffray.

Esforcei-me para convencê-lo a me levar para o outro lado do rio. A moeda que lhe dei depois que eu e meu cavalo desembarcamos caiu da sua mão, mas eu não podia me demorar nem mais um minuto com Martin Black. Montei no pobre cavalo de Gilbert Grant e galopei para a cidade, carregando todos os livros que trouxera. Minutos depois, estava na porta da casa de Jaffray. Amarrei o cavalo rapidamente no quintal e bati na porta dos fundos, mas ninguém me atendeu. Corri para a porta da frente, mas não obtive resposta. Como a porta não estava trancada, entrei e chamei Jaffray, andando até sua sala de trabalho. Ishbel veio ao meu encontro com o rosto marcado pelas lágrimas. A sala estava tomada pelo caos: vidros quebrados no chão, uma cadeira virada e quebrada, instrumentos espalhados na mesa cirúrgica, na escrivaninha e no chão e um lençol

ensanguentado caindo da mesa onde ele colocava os corpos. O cavaleiro tentava arrumar aquele caos. Entre tudo isso, Jaffray estava sentado em uma cadeira; suas roupas estavam rasgadas, seu rosto expressava puro ódio e ele olhava para o nada.

Minha voz saiu rouca.

— Jaffray, o que, em nome de Deus, aconteceu aqui?

Ele sacudiu a cabeça e olhou-me.

— O inferno esteve aqui, Alexander, esteve aqui esta noite.

Levaram-na, tiraram seu pobre corpo desta sala, desta mesa, e a queimaram como se fosse uma bruxa. — Afundou a cabeça e lágrimas de desespero rolaram pelo rosto dele.

11

Caça às bruxas

Na manhã seguinte, ainda voavam cinzas ao redor do mercado. O silêncio era absoluto. As imagens e os sons que me assombraram à noite desapareceram. Sozinho, junto à pira encharcada e sem vida, vi Edward Arbuthnott ajoelhado, sem capa ou chapéu, açoitado impiedosamente pelo vento. Segurava a cabeça com as mãos sujas e lágrimas escorriam por seu rosto. Aproximei-me dele, consciente do som dos meus passos nas poças d'água e nas cinzas.

— Vamos, Edward, ela não está aqui. Ela nunca esteve aqui...

O boticário me olhou e sacudiu a cabeça lentamente, como se eu não compreendesse.

— Eles a levaram e a queimaram! Minha menina, minha princesa... Queimaram-na aqui como a uma bruxa.

Tirei a capa e a coloquei nos ombros dele.

— Ela se foi; sua alma já estava livre quando eles a pegaram na casa de Jaffray. Marion será enterrada no cemitério da igreja, eles não triunfarão sobre ela.

— Isso é verdade?

— Sim, é verdade — eu disse.

— Vou poder levar flores ao cemitério.

Tentei levantá-lo e ele não resistiu. Seguiu arrastando os pés, sem reclamar, como uma velha sem interesse pelo mundo. Eu não o levaria para casa: a histeria da esposa não o confortaria nem lhe faria bem e vê-lo nessa condição poderia ser pior para ela.

Onde estavam todos os que frequentavam o local todas as manhãs? Não havia ninguém ali, apenas meu companheiro destroçado e eu; onde geralmente se via alvoroço e calor humano, havia somente silêncio e desolação. Avistei o relógio da cidade enquanto tirava Arbuthnott da praça do mercado e o levava para a cozinha acolhedora da Sra. Youngson na escola. O encontro com o intendente e as cartas na minha bolsa podiam esperar uma ou duas horas; ele provavelmente não teve tempo para se lembrar de mim ou das minhas incumbências nos últimos dias. Certamente o homem que vi na noite anterior, junto às chamas enfurecidas, estaria pouco interessado em mapas e pintores.

Ontem, quando saí da casa de Jaffray, ouvi o clamor da multidão muito antes de chegar à praça do mercado. A sensação era a de que eles se aproximavam de mim e não eu deles. O cheiro e o calor tomaram minha garganta e queimaram meus olhos enquanto gritos incessantes pela vítima cresciam nos meus ouvidos. E, quando virei a esquina e cheguei à praça do mercado, meu corpo ficou paralisado diante do que eu via. Era uma visão do inferno que nem John Knox poderia imaginar. As roupas de todos estavam enegrecidas e os rostos, avermelhados; alguns cuspiam ou espumavam tomados pela agitação e os olhos brilhavam com um desejo longe de ser divino. A massa humana se apertava conforme a avidez pela presa aumentava. Ouviam-se cânticos, cada vez mais altos, e gritos estridentes piores dos que os das gaivotas. Em meio a isso, ouvia-se também o lamento desesperado do pai de Marion Arbuthnott. Gilbert Grant e outros homens decentes o seguravam para que não corresse para o corpo em chamas da filha. E ela foi queimada. O fogo subia acima das cabeças de uma multidão que se regozijava com aquele corpo nu, com aquela pele que fora tão branca, quase fantasmagórica queimando até ficar negra, retorcida, inexprimível; os cabelos chamuscavam, crepitando, enroscavam-se e se dissolviam; a boca morta aberta em um grito silencioso.

Nojo e terror me dominaram. Meu primeiro instinto foi o de correr, afastar-me, mas não pude me mover. Meus pés fincaram no chão e eu apenas olhava, inerte, para aquele terror. Um braço me puxou, tirando-me do estupor.

— Alexander! Graças a Deus você voltou a salvo! Vamos, homem, precisamos acabar com isso!

Thomas Stewart, o notário da cidade, arrastou-me dali e me levou aos degraus da Câmara. Foi então que vi Walter Watt, gritando instruções aos policiais e aos homens a sua disposição. Estavam ali outros moradores que não haviam sucumbido ao clamor da caça às bruxas. Não havia sinal do delegado. O policial distribuiu armas a alguns homens e os comparsas do senhor de Banff sacaram as próprias armas. Eu e alguns outros recebemos espadas e porretes.

Thomas Stewart gritou para formarmos um círculo apertado ao redor da multidão. Era difícil ouvir as instruções, com o barulho do fogo, em seu trabalho terrível, e a histeria cada vez maior da multidão, mas logo o círculo estava feito. Então se ouviu um tiro no ar. Walter Watt estava no alto de um cadafalso, iluminado pela lua cheia atrás dele, e a fumaça da sua pistola elevou-se na escuridão amarelada da noite. Seus olhos brilhavam através das chamas e sua voz era clara sobre o clamor da multidão.

— Saiam daqui, seus covardes, seus imundos! Que julgamento é esse? Tenho os nomes de todos vocês e saibam que nunca trabalharão ou dormirão uma única noite nesse burgo se não acabarem com esse ato demoníaco! — Apontou, com a pistola, para a cadeia da torre. — Todos estarão lá antes de a noite terminar.

— Esse é um ato de Deus, um ato de Deus! — gritou James Cardno.

Eu ainda não notara o meirinho na plataforma, ao lado do reverendo Robert Guild. Seu rosto estava iluminado pela certeza do que fazia: todos os dias que esperou, observou, recebeu ordens e foi humilhado o levaram a isso.

O intendente riu.

— Obra de Deus? Você serve ao demônio, Cardno. Desça daí antes que eu lhe dê um tiro! — A risada foi real, de puro escárnio.

Cardno cambaleou um pouco, como se o tiro fosse real. Quando ajeitou o corpo, seu rosto expressava desespero e havia pânico na sua voz.

— Deus não será ridicularizado! Intendente ou não, o senhor pagará por sua blasfêmia! Ela era uma bruxa! Satã andou e dançou por essas ruas! Isso vai ser descoberto e nada mais será ocultado!

Alguns deixaram sua alucinação para seguir a discussão entre Watt e Cardno e outros voltaram a gritar, encorajados pelo desafio maníaco de Cardno. Alguns se mantiveram em silêncio e outros se puseram a resmungar. Observei o ministro, como muitos na multidão: ele deu um passo para trás, tentando se afastar de Cardno, mas estava na beira da plataforma. Não teve opção senão encarar a multidão e seu cunhado, que agora se dirigia a ele.

— O que diz, ministro? Está na hora de acabar com essa loucura! Há ainda prostitutas na cidade que satisfariam suas depravações... a sua e a das pessoas da sua espécie... sem essa barbaridade. Lembre-se que era um homem de Deus.

Era quase mais do que o reverendo Guild poderia engolir, mas para Cardno eram apenas palavras e ele esperou que o ministro respondesse igualmente. Porém, Robert Guild não respondia a provocações. O suor rolou por sua testa e desceu pelas bochechas gordas. Seu peito estava inchado com indignação, fúria e impotência. Mas Cardno não parou.

— Diga-lhe, ministro, diga-lhe o que o senhor sabe sobre os domingos, sobre Marion Arbuthnott e o sobrinho do intendente em Elf Kirk, sobre a nudez deles e seus apelos aos mortos! Seu sobrinho, intendente! Diga-lhe!

A multidão permaneceu em silêncio; ninguém elevava a voz. Ouvia-se apenas o fogo queimando sem parar o cadáver no seu

centro e os soluços de Edward Arbuthnott. O rosto de Walter Watt se contorceu, enojado.

— Então foi isso o que você espalhou, essa imundície! Você... você... um pobre rascunho de homem. Aguentei-o todos esses anos por causa da minha esposa. A você e a suas perversões. E leva esses pobres idiotas junto... Tudo para ter um nome.

O ministro sacudiu a cabeça.

— Mas é verdade, é tudo verdade! Há bruxas nas ruas dessa cidade! Nenhum de nós sabe quais dos nossos vizinhos dormiram com o demônio, andaram sobre uma vassoura a seu lado... Essa cidade pagará, todos pagaremos caro por nos afastar de Deus. A tempestade foi o primeiro sinal; mendicância, fome e peste serão nosso destino! E invasores — disse em tom baixo, olhando o intendente com sarcasmo. — As bruxas precisam ser queimadas!

Pude ver, através da fumaça espessa e sobre a multidão que o ministro tinha pouca fé nas palavras que saíam desesperadas de sua boca. O intendente finalmente o condenara e abandonara publicamente, era um caminho sem volta; ele teria de seguir sozinho, embora não tivesse a sagacidade ou o estômago para isso. Para James Cardno, entretanto, a ofensa foi suficiente: tomou as palavras do ministro e as jogou ao povo, falando cada vez mais alto, até gritar.

— Elas dançaram com o demônio, andaram com ele. Procurem as bruxas, as bruxas devem ser queimadas!

Meu sangue estava congelado. Na fogueira havia uma menina, um corpo preso a uma estaca e em chamas, mas Guild e Cardno falavam em bruxas. Não se preocupavam com os mortos, mas com os vivos. Além da mulher cujo corpo sem vida queimava diante deles, havia outras bruxas nessa cidade, talvez ao lado deles. Olhares assustados se espalharam pela multidão. Homens e mulheres se evitavam, tentando não se tornar vulneráveis, vulneráveis aos gritos de “bruxa!”. Melhor acusar do que ser acusado. Mantive meu olhar

reto e permaneci imóvel. Cardno convenceu a alguns, não todos, mas alguns. Voltou a entoar cânticos, o que era mais ameaçador do que os gritos caóticos. Tive medo de que o intendente perdesse aquela batalha. O volume dos cânticos aumentou e diversos homens, em meio à multidão, ficavam mais nervosos. Olhei para Thomas Stewart, o notário, mas ele observava Walter Watt que, por sua vez, não olhava para a multidão. Virou-se de costas e olhou para a rua de trás, a ladeira íngreme de Strait Path. Thomas Stewart e eu seguimos seu olhar e vimos um grupo de cavaleiros, liderados pelo delegado Buchan, galopando na nossa direção.

Conforme se aproximavam — com exceção do cavalo do delegado, que relinchava com medo das chamas — percebi que os cavaleiros vestiam preto da cabeça aos pés. Para mim, isso significava apenas uma coisa, e, à medida que se aproximavam e seus rostos eram iluminados pela lua e pelo fogo, entendi que não me enganara. Os membros da congregação que presenciaram e ratificaram minha desgraça vieram assistir à caça às bruxas em Banff, liderados pelo delegado William Buchan. Chegaram aos gritos e tive medo de que seus cavalos não parassem até que tivessem pisoteado a todos. Mas eles pararam, bufando exaustos, com os corações quase estourando e as patas trilhando lentas o caminho de pedras, enquanto crescia a expectativa muda da multidão. A espera durou poucos segundos, os quais pareceram longos minutos. Enquanto o delegado recuperava o fôlego, esperávamos para ouvir nossa sina.

— Intendente, o moderador e a maioria da congregação estão aqui, às suas ordens. — E desceu do cavalo, exausto.

Houve certa confusão antes que eu e outros compreendêssemos que os membros da congregação vieram não para atizar as chamas, mas para pôr fim àquela loucura. Na comoção momentânea, o intendente ordenou que o delegado fosse levado à casa de Jaffray e o moderador do presbitério de Fordyce ergueu-se no cadafalso ao seu lado e falou com a sua voz grossa.

— Abafem as chamas e extingam esse fogo ou todos queimarão mais do que qualquer bruxa vista em um cabo de vassoura! Em nome da Igreja da Escócia, desçam o corpo dessa menina! — Houve muita movimentação: baldes e mais baldes de água foram tirados dos poços próximos e um grupo de homens do senhor de Banff se aproximou o máximo possível do mercado. O intendente ordenou que o local fosse evacuado e eu, como outros no círculo, comecei a abrir caminho para os carregadores de água. Quando os primeiros baldes foram jogados na pira, o moderador voltou a trovejar.

— E o senhor, Robert Guild, sob as ordens de quem permitiu essa orgia pagã? Em nome de quem, ou a favor de quem, o senhor age? Seu desgraçado infeliz! Desça dessa plataforma! O senhor nunca mais pregará nessa ou em qualquer outra paróquia do presbitério. — Robert Guild abriu a boca para protestar, mas não pude ouvir o que disse, pois ele foi arrastado da plataforma e jogado no chão de terra, sem cerimônia, por dois homens do intendente. E Cardno foi levado aos trancos para a cadeia, ainda vociferando suas acusações dementes.

Outros também foram escoltados para a prisão da cidade — os responsáveis por formar a multidão e os interessados em criar mais confusão. Logo a cadeia da torre estava transbordando de homens, como o calabouço do castelo. Haveria muito trabalho para a assembleia paroquial, o tribunal do burgo e o promotor, quando ele voltasse à cidade em cinco dias ou menos.

Não sei quanto tempo levou até as chamas se extinguirem ou até descerem da estaca o que restou de corpo de Marion Arbuthnott, que foi coberto com a mortalha da cidade e carregado para a cripta funerária da igreja de St. Mary. Ao perceber que o intendente, o notário, os ministros da vizinhança e os magistrados da cidade controlavam a situação e não precisavam de mim, deixei a praça do

mercado. Não fui diretamente à escola; passei pela igreja, pela escola de música e desci até a Low Shore. Estava escuro, um verdadeiro breu após o brilho assustador da fogueira, mas o caminho era um antigo conhecido meu. Eu precisava me limpar de tudo aquilo, então me afastei das luzes da cidade e desci até a praia. Tirei o chapéu, as botas e a capa e entrei na água glacial. Ondas gentis batiam em mim enquanto eu continuava a andar, até ficar fundo demais para continuar. Dormente até os ossos por causa do frio, deitei-me de costas e boiei, apreciando a lua cheia. O céu da noite era exatamente o mesmo: reinava impassível sobre as loucuras e as futilidades dos homens. E sobre mim. Boiei o quanto pude, pensando na corruptibilidade da criação de Deus, mas não adiantava: eu nunca estaria limpo. Nadei até a praia. Quando enrolei meu corpo ensopado na capa, senti o cheiro da fumaça ainda entranhada nos meus cabelos.

E ele persistiu até a manhã seguinte, quando tirei o boticário do local da degradação final de sua filha e o levei à escola. Gilbert Grant decretara que não haveria aulas naquele dia.

— E a assembleia? E o conselho? — perguntou sua esposa, preocupada, pela primeira vez, com a opinião das autoridades.

— Eles cuidam dos problemas deles e eu cuidarei dos meus. Há uma avalanche de loucura e medo na cidade que precisa ser controlada, precisa ser contida. A cidade precisa refletir por um instante antes que todos nos atiremos nesse abismo, empurrando os que estão ao lado e arrastando nossos amigos numa loucura cega. Reabrirei a escola quando alguma ordem for estabelecida na cidade; nenhuma mãe, em sã consciência, deixará que seu filho se afaste de casa até que esse mal seja eliminado.

Mas qual era o mal e onde estavam suas raízes? Para ser eliminado, teria de ser conhecido e ainda havia muito pela frente antes de o conhecermos.

A Sra. Youngson ficou feliz ao me ver. Eu criei uma confusão ao chegar encharcado ontem e saí sem tomar café da manhã, mas quanto mais estranhos eram os acontecimentos na cidade, menos desgraçado eu me tornava a seus olhos e mais ela se preocupava com meu bem-estar. Depois de esquentar água para aquecer o boticário e dar-lhe cobertores secos, colocou na mesa duas tigelas fumegantes de mingau para nós. O boticário não comeu, sequer notou que tinha uma colher na mão, mas eu estava faminto e esvaziei o prato em segundos.

— Onde o encontrou? — perguntou ela em voz baixa.

Eu lhe disse.

— Ele passou a noite toda lá?

— Não sei, creio que sim. Deus o ajude!

— Amém! Ele perdeu a luz de sua vida, Marion era seu orgulho, seu tesouro. Será uma surpresa se mantiver o juízo perfeito — disse Gilbert Grant. — Precisamos chamar Jaffray.

— Já o chamei — disse sua esposa.

Há muito tempo eu não me sentava naquela cozinha, mas me sentia à vontade. Gilbert Grant e sua esposa não fizeram perguntas sobre minha viagem a Aberdeen e eu não estava interessado no que se passara lá. Na noite anterior, o cavalariaço de Jaffray deixara minha bagagem e meus embrulhos no meu quarto, antes de eu voltar do mergulho noturno. Ficamos todos em silêncio. Até a Sra. Youngson, que nunca parava, não saiu do lugar.

— Como se chegou a esse ponto? — perguntei finalmente.

O diretor da escola se levantou e tirou um graveto do fogo para acender seu cachimbo, algo que, em outra época, sua esposa teria proibido.

— Quanto tempo você esteve fora, Alexander? Quatro, cinco dias?

Fiz os cálculos.

— Deixei Banff na quinta-feira pela manhã, e voltei na noite passada. Cinco dias.

— Ainda assim parece uma eternidade. Uma peste dominou essa cidade em cinco dias. — Pensou um pouco, cansado, e continuou. — O medo começou a se espalhar antes de você sair, quando se soube da morte de Patrick Davidson. Você notou isso, certo?

Não notara nada. Estava tão envolvido nos acontecimentos que não vi suas consequências se infiltrando na cabeça dos meus conterrâneos e alimentando seu medo latente.

— As autoridades prenderam Charles rapidamente, mas muitos, além de nós, acreditam na inocência dele. E se afligem ao pensar que um homem inocente está acorrentado, enquanto o assassino anda livremente pelas ruas — acrescentou o diretor.

— E Charles continua lá.

— Sim — disse a Sra. Youngson —, mas é melhor estar lá do que nas mãos da multidão que tomou as ruas na noite passada. Quem sabe o que poderiam fazer em seguida?

Se não fossem contidos, quem estaria a salvo à luz do dia? As chamas, o calor e a escuridão podem enlouquecer os homens, mas a luz do dia põe os pensamentos em ordem e eu sabia que uma caça às bruxas resistente à luz do dia era algo terrível. Logo tentei afastar esse pensamento lúgubre.

— Quando eles pegaram Marion? — perguntei.

Eu devia ter falado mais baixo, por Edward Arbuthnott estar ao nosso lado, mas ele não percebia quem estava na cozinha nem o que dizíamos.

Gilbert Grant suspirou.

— O terreno estava preparado antes de Patrick Davidson morrer... Havia rumores na assembleia sobre Marion e Patrick e suas excursões pelos campos. Arbuthnott assegurou que eles colhiam plantas para suas infusões e compostos, mas outros, de mente corrupta, viam devassidão e, por fim, bruxaria por trás dessa

amizade. Os dois foram vistos em lugares considerados suspeitos e o ministro afirmava que estiveram em Elf Kirk. Foram vistos também em Darkwater e em Ordiquhill.

A imagem de Marion Arbuthnott no alto das rochas em Elf Kirk, um dia depois do assassinato de Patrick Davidson, veio à minha cabeça como um fantasma. Em seguida, pensei nos mapas. Fazia sentido eles terem ido a Darkwater, a faixa de litoral escondida abaixo do penhasco rochoso de Findlater, e a Ordiquhill, na estrada para a fortaleza dos Huntly em Strathbogie. Mas Gilbert Grant não participara da discussão sobre os mapas encontrados e eu não queria pô-los em risco falando disso. No futuro, eu contaria tudo; agora, era a vez de Gilbert Grant falar.

— Quando o rapaz foi morto e Jaffray declarou que tinha sido envenenado, muitas pessoas acharam que não era preciso procurar o criminoso além da botica de Arbuthnott, pois ninguém conhecia melhor as propriedades das plantas do que sua filha. — Eu não notara essa suspeita crescente, tão envolvido que estava nos acontecimentos. Gilbert Grant continuou. — E as autoridades deixaram claro o envolvimento de Marion: o delegado e o médico tinham opiniões opostas quanto a ela, o intendente e o ministro tinham opiniões opostas quanto a sua alma. As conclusões do delegado eram evidentes, pois ele não saía da porta da casa de Arbuthnott. Mas Jaffray estava por lá tanto quanto o delegado e é conhecido por sua bondade em relação às jovens e pela sua indulgência quanto a seus erros. Quanto mais protegia Marion do delegado, mais sombrias se tornavam as especulações da população sobre o que ela sabia. Entretanto... — sua voz falhou e achei que ele perdera o fio da meada; eu estava errado, ele logo continuou, com clareza e uma amargura que não lhe pertenciam — ... ela conseguiu escapar. Diziam que vagava pelo campo, ausente, e começaram a temê-la. Em pouco tempo, a grande tempestade da noite do crime foi atribuída a feitiços de Marion Arbuthnott para encobrir sua culpa.

Depois disseram que ela fora vista novamente em Elf Kirk, evocando as fortes correntes submarinas. No sábado à noite, um barco pesqueiro que voltava de Seatoun perdeu-se nos rochedos em mar calmo. Apenas pela graça de Deus os homens a bordo conseguiram chegar a salvo à praia.

A Sra. Youngson se levantou e colocou mais carvão no fogo. Olhou para Edward Arbuthnott, quase com medo, e falou em voz baixa:

— Dizem que Marion voltou a Darkwater.

— Cale-se, mulher, não aceitarei essas bobagens aqui em casa!

Nunca ouvira Gilbert Grant repreender a esposa e fiquei realmente surpreso.

— É o que dizem — repetiu ela com determinação.

Olhei para os dois, intrigado.

— Não compreendo... Qual é o mal em ir a Darkwater?

Eu não achava estranho que ela procurasse consolo lá. A longa praia branca abaixo da rocha do castelo de Findlater era um belo lugar, e os penhascos deveriam estar cobertos de prímulas amarelas e pelos primeiros jorros cor-de-rosa das relvas-do-olimpico a essa altura.

Lembrei que minha mãe e a esposa de Jaffray me levaram lá quando eu era menino.

O casal de velhos me olhou igualmente surpreso.

— Você não sabe, Alexander? Não se lembra?

— Não — disse a Sra. Youngson —, ele devia ser uma criança na época, se tivesse nascido. Aliás, não era nascido... Foi antes do pai dele voltar, trazendo a mãe da Irlanda, para sorte dela.

— Por favor — eu disse —, não sei do que estão falando.

A Sra. Youngson olhou-me.

— Estamos falando da curandeira de Darkwater, a que cuidou de você quando...

— Quando eu estava delirando — terminei para ela.

Ninguém falava abertamente sobre a curandeira de Darkwater, que mandou avisar a Jaffray que me encontrara perto do penhasco de Findlater, vagando em delírio, e que cuidara de mim em sua casa. Minhas lembranças eram superficiais: os dias que se passaram entre minha desgraça em Fordyce e a chegada de Jaffray para me levar de volta a Banff se perderam na minha memória e eu não me esforçava para resgatá-los.

A Sra. Youngson continuou.

— Ela mora num casebre, numa caverna no final da praia, não é? Nunca a vi e não posso ter certeza — disse apressadamente. — Muitas pessoas a consideram bruxa. Ela acredita em poços sagrados e medicinais e em lagos secretos conhecidos somente por ela e dizem que se interessa por espíritos, pelo folclore...

Mais uma vez Gilbert Grant a interrompeu. A criada voltara da casa de Jaffray e essa repreensão deixou seus olhos arregalados.

— Bem, na última grande caça às bruxas, antes de você nascer e do antigo rei ter ido para a Inglaterra, a curandeira de Darkwater teve a sorte de escapar da fogueira e diziam que não foi presa porque temiam seus grandes poderes e sua forte ligação com Belzebu.

Eu ouvira algo a respeito, claro, mas ninguém gostava de falar desse assunto — avivaria a memória e os medos enterrados no peito e traria tudo à tona novamente. Mas havia algo que eu não sabia. Olhei para a Sra. Youngson.

— E o que isso tem a ver com minha mãe? Disse que ela teve sorte de não estar aqui naquela época.

Os dois velhos permaneceram em silêncio, constrangidos, sem saber o que dizer. Foi Edward Arbuthnott, quase esquecido no seu canto, quem falou:

— Porque ela era diferente. Como a minha Marion, sua mãe era diferente.

A Sra. Youngson sentou-se ao lado dele no banco.

— Era, sim — disse sorrindo para mim. — Sua mãe era alta e bonita, com cabelos escuros soltos sobre os ombros e olhos verdes acinzentados como os seus. Falava de forma diferente e tinha maneiras diferentes. E, embora não fosse papista, ser irlandesa era o suficiente para muitos. Seu pai sabia que ela era diferente e que isso não era bem recebido, mas se orgulhava dela por ser assim, até que isso destruiu os dois. Alguns se ressentiam desse casamento e diziam que uma esposa local teria sido melhor para seu pai e para a cidade. — Quando ela desviou o olhar, perguntei-me se concordava com esse pensamento. — Aqui não é um bom lugar para ser diferente... Quanto mais tempo ela ficava aqui, mais intrusa se tornava. E...

— E decerto seria uma presa para os caçadores de bruxas — disse eu olhando para Gilbert Grant, que tinha os olhos fixos nos meus, e senti um frio no coração.

Fez-se silêncio na cozinha, o suficiente para se ouvir a água borbulhar e ferver e a respiração lenta e pesada de Edward Arbuthnott enquanto encarava as chamas.

— Não sei por que Marion foi a Darkwater — disse ele. — Não há motivo para uma jovem solteira visitar aquela mulher, não há motivo para minha filha ir até lá. Eles a teriam queimado viva se a encontrassem a tempo, mas antes ela acabou com a própria vida.

Mais uma vez, a imagem veio à minha cabeça. Falei em voz baixa com Gilbert Grant.

— Em Elf Kirk? Ela pulou de Elf Kirk?

Grant e a esposa me olharam intrigados.

— Elf Kirk? Não, você não soube? Ela se envenenou em Rose Craig. Foi encontrada morta por Geleis Guild e seus quatro filhos, no fim da tarde de domingo, quando foram colher flores para levar a Marion antes do culto da igreja. Mas ela já tinha flores: quando a encontraram, ela usava uma guirlanda de meimendro nos cabelos.

Meimendro. Dizia-se que os viajantes que aguardavam para serem transportados através do rio Estige usavam meimendro no cabelo. Para as imaginações mais férteis, o meimendro era a flor especial dos diabólicos, das bruxas e dos feiticeiros, que voavam pela noite em êxtase satânico. Mas Marion Arbuthnott não deve ter experimentado êxtase algum. Pensei na esposa encantadora e delicada do intendente e nos seus quatro lindos filhos. Lembrei-me da cena que vi sobre a minha mesa na sala de aula uma semana atrás; não era certo crianças verem uma cena como aquela. Pedi a Deus fervorosamente para que tirasse essa imagem de suas cabeças. Felizmente não pude me alongar muito nesses pensamentos, pois se ouviu um barulho familiar na sala da frente e James Jaffray apareceu na cozinha. Sem cumprimentos exagerados ou cerimônia, foi até o banco onde estava o boticário, ajoelhou-se e pôs a mão na sua testa.

— Você está doente, meu amigo, está febril. Precisamos levá-lo para sua cama imediatamente. Sua esposa pode lhe preparar uma infusão?

Arbuthnott tentou se reanimar.

— Tomarei malva, há sempre um pouco para febres súbitas.

O doutor concordou.

— Vou providenciar para que lhe prepare também um prato de ruibarbo e cardo fervido com vinho, isso vai reanimá-lo um pouco.

O boticário concordou, exausto.

— Pessoalmente desejo somente a morte, mas minha mulher não conseguiria viver sozinha. Sem o marido e sem a filha, não sobreviveria. Mas para mim, para mim... — seus olhos marejados se fixaram em um ponto distante — ... tudo acabou.

— Ah, Arbuthnott — disse Jaffray delicadamente —, você é muito necessário na cidade. Não tenho nem metade dos seus conhecimentos de remédios e curas e restou apenas você para nos ajudar.

Arbuthnott olhou-o amargamente.

— E acha que eu levantaria um dedo para ajudar a qualquer um depois do que fizeram com minha linda menina?

— Nem todos.

— Não, nem todos — concordou o boticário.

Saímos da cozinha, deixando o médico, o boticário e a Sra. Youngson, que ajudaria a banhar o homem doente e a convencê-lo a se alimentar antes de sair novamente no frio. Ele foi vestido com uma roupa de Gilbert Grant. Eu estava usando meu único traje disponível, uma vez que todas as minhas roupas estavam sendo lavadas pela criada em uma bacia no quintal. Eu deveria ter pensado duas vezes antes daquele mergulho noturno, que me ajudou pouco.

Gilbert Grant foi ao seu escritório e me pediu para entrar. Era um lugar confortável e bom para refletir e exercitar a mente; eu sempre me alegrava quando ele me convidava a ir lá.

— Tenho algo para você — eu disse —, volto num instante.

Subi a escada depressa enquanto ele se instalava em sua cadeira. Os pacotes e a bagagem que o cavaleiro de Jaffray trouxera estavam ao lado da minha cama e verifiquei se algo fora perdido na viagem. A luz da manhã era escassa no meu quarto sombrio, mas encontrei o que procurava sem muita dificuldade. Um instante depois, estava novamente ao lado de Gilbert Grant. Ele olhava pela janela com uma vela apagada sobre a mesa. O ambiente estava impregnado de tristeza. Somente vi meu antigo mestre assim quando lhe contei sobre o meu exame final para o presbitério. Era um homem sempre pronto a se solidarizar com os sofrimentos dos que lhe eram queridos e dos inocentes. Nos seus longos anos de magistério, afeiçoou-se a muitos alunos e chorou com eles quando necessário. Seu rosto se iluminou um pouco quando apareci na porta.

— Entre, Alexander, vamos descansar aqui. Se não podemos ajudar, ao menos não atrapalharemos ninguém. — Sorri ao lembrar que sua esposa sempre reclamava por ele estar em seu caminho. Ela

se ocupava o tempo todo enquanto ele preferia se estabelecer num canto, mas creio que ela sabia que ele estava sempre em seu caminho por amá-la muito. Antes de me sentar, entreguei-lhe o pacote.

— Trouxe isso da livraria de Melville.

— É mesmo? Da livraria de Melville? — Ficou pensando, saboreando o prazer que teria ao abrir o pacote. — Não tive tempo de perguntar como foi sua viagem nem de pedir notícias de Aberdeen. Espero em Deus que não estejam passando pelo mesmo que nós.

— Não vi nada estranho, mas não se pode saber o que ocorre nos becos ou atrás dos arcos das casas de todos os moradores. Há uma semana não poderíamos imaginar que coisas tão terríveis pudessem ocorrer aqui em Banff.

Ele levantou as sobrancelhas, um pouco surpreso.

— Acha mesmo que não poderíamos? Mas você é jovem! E eu esqueço, Alexander, o quão jovem você ainda é, porque aparenta ter visto mais do mundo do que gostaria. Não pode se lembrar de que vimos essas coisas acontecerem aqui, mas não aprendemos nada. Como os israelitas, viramos o rosto para Deus muitas vezes e Ele escondeu o rosto de nós.

— Você acredita que isso é um presságio do julgamento de Deus?

— Não, é nosso afastamento de Deus, não seu julgamento. Temo estar vivo e ver esse julgamento. — Abriu o pacote, sabendo que encontraria a Bíblia. Sem examinar a edição e sem alisar a bela encadernação, como esperei que fizesse, abriu o livro e, com suas mãos experientes, encontrou rapidamente a passagem que procurava. Começou a ler e, embora seus dedos corressem pelas linhas, não precisava vê-las, pois as palavras estavam nos seus lábios.

— Oseias, capítulo 4: “Ouvi a palavra do Senhor, israelitas, pois o Senhor abrirá um processo contra os habitantes da terra, porque não há fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Mas perjúrio e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência, e o

sangue derramado soma-se ao sangue derramado. Por isso a terra se lamentará e desfalecerão todos os seus habitantes.”

Eu pigarreei.

— Mas o profeta não diz, “Eu curarei a sua apostasia e os amarei com generosidade”?

Eu não falava assim, não pregava para outro ser humano, há muitos meses, mas as palavras saíram espontaneamente da minha boca. Grant sorriu entristecido.

— Sim, ele diz, Alexander. Mas como responderemos a essa oferta de Deus? Como os israelitas responderam quando lhes foi enviado o Redentor? Ele não foi morto? E se Patrick Davidson nos foi enviado por Deus? — Olhou para mim, sério, e continuou. — Não um redentor, mas um profeta, um mensageiro que nos diria algo, faria com que corrigíssemos nossas vidas? E ele foi morto. Como Deus agirá conosco agora?

Eu não acreditava que Patrick Davidson fosse um mensageiro de Deus. No seu pouco tempo no burgo, ele colheu plantas, desenhou mapas e cortejou uma moça. Não fez discursos em público, pregações, advertências ou avisos, nem deixou mensagens, mas não quis pôr em dúvida os temores do velho.

— Mas você, Gilbert, não tem nada a temer, você fez apenas o bem a amigos e a estranhos. Não foi você quem causou essa visita das trevas à nossa cidade.

Em uma fração de segundo, vi que as palavras com as quais pretendia confortá-lo suscitaram uma raiva súbita.

— Não tenho nada a temer? Quem entre nós não tem nada a temer ou não tem pecado? Não sou eu. Que tipo de pregação andou ouvindo em Aberdeen? Somos todos pecadores! Nenhum de nós é capaz do mínimo ato de bondade sem a ordem de Deus. Deus destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra e encontrou apenas um homem bom. Se há um homem bom aqui, não sou eu.

Se não for você, então quem?, pensei. Quem aqui pode nos defender diante da ira do Criador?

— Ainda assim, você continua tentando... — disse eu.

— Como somos ordenados a fazer. E você também, Alexander, sei que tenta fazer o bem como é pedido a nós.

Não soube como responder e fiquei aliviado quando fui chamado à cozinha para ajudar Jaffray a levar Edward Arbuthnott para uma casa onde não encontraria conforto.

— Como ele se sentirá? — perguntei a Jaffray depois que pusemos Arbuthnott na sua cama sob os cuidados da esposa, em quem o advento de um desastre real pareceu ter despertado o bom senso e a afeição nunca vistos antes nela.

Jaffray apertou os lábios.

— Como um homem que espera apenas a morte, creio. Marion era toda a sua esperança e toda a sua alegria.

A porta da sala de trabalho de Jaffray, o cenário da desolação da noite anterior, estava fechada quando chegamos, mas imaginei que tudo estaria limpo e organizado. O médico foi primeiramente à cozinha avisar Ishbel que eu jantaria ali à noite. Ele queria ouvir as notícias da minha viagem e me interrogar em paz e eu tinha muitas perguntas a lhe fazer. Ele saiu da cozinha e me levou ao escritório.

— Ishbel está lidando muito mal com a situação — disse em voz baixa. — Não sei como não notei antes, mas creio que está apaixonada, e nem sei se Charles percebeu. Não deixam ninguém visitá-lo e embora ela lhe mande cestas de comida diariamente, não sabemos se ele as recebe.

— Não permitiram que você o visse?

— Apenas uma vez, quando Thomas Stewart persuadiu o intendente. O delegado ficou fora de si, mas Stewart disse que entraria comigo e isso seria o bastante. — Jaffray parou e recordou.

— Foi o bastante mesmo. O notário tem tal autoridade que nem o

delegado consegue questioná-lo. Creio que um dia será o intendente de Banff.

Estávamos na sala de Jaffray e a menção ao intendente fez-me lembrar do compromisso que eu tinha com ele.

— Não posso demorar muito — disse. — Já deveria ter visitado Walter Watt para lhe relatar minha viagem.

— Então não o prenderei aqui.

— Antes me diga se Charles estava bem quando você o visitou. Jaffray suspirou profundamente.

— Estava... menos otimista do que eu esperava. Tem poucas esperanças de que conseguiremos libertá-lo. E acho que está ficando doente.

— Qualquer homem ficaria doente naquele buraco imundo.

— Os cobertores limpos enviados por Ishbel ajudam um pouco a combater o frio e a umidade, mas já faz uma semana que ele está parado. E ser afastado de sua música e dos alunos o afeta muito, creio. Temo que ele tenha uma febre, mas não tenha ânimo para combatê-la. — Então lhe veio uma ideia que o animou um pouco. — Mas você precisa vê-lo hoje, Alexander. Permitirão sua entrada na torre, não?

— Certamente. Se não me deixarem vê-lo, nada saberão sobre os resultados da minha viagem a Aberdeen e a Straloch. Mas duvido que haja espaço na torre depois da noite passada.

— Não mais do que no inferno — disse Jaffray com amargor antes de abrir a porta e gritar para que trouxessem lenha para a lareira.

— Você acredita que há alguma verdade no que a Sra. Youngson insinuou? Que se Charles não estivesse na cadeia o teriam matado na noite passada?

Jaffray me olhou.

— Tenho certeza! Você não os viu no auge da loucura, Alexander, pareciam lobos. Não imaginávamos que isso pudesse acontecer. Eu

estava fazendo a autópsia a pedido da mãe dela — sob protestos de Arbuthnott —, que acreditava que a filha não tiraria a própria vida.

— E você teve tempo de descobrir algo mais?

— Tive, ela não se matou. Tenho certeza de que morreu da mesma forma que Patrick Davidson e pelas mesmas mãos.

— Como pode saber?

— O vômito, o rosto contorcido, os sinais de paralisia que começavam a tomar seu corpo, exatamente como o primeiro assassinato. Mas não pude ir adiante nem encontrar mais provas porque o delegado invadiu minha sala. Inicialmente não o compreendi e pensei que ele havia finalmente perdido o juízo. — A cena se repetia na sua cabeça. — “Jaffray, eles estão vindo. Cubra a moça! Pelo amor de Deus, homem, eles estão vindo buscá-la!” E antes que eu compreendesse, Guild e Cardno tomaram minha casa, seguidos por uma turba. Empurraram o criado, jogaram Ishbel no chão e quase passaram por cima do delegado para chegar até mim. Ordenaram-me — o ministro — a parar a autópsia e entregar-lhes o corpo. Eu me recusei e falei que meu trabalho não lhes dizia respeito e que saíssem da minha casa. Então me empurraram também. As pessoas teriam enfiado as mãos nas entranhas de Marion se o ministro não gritasse para pararem com aquilo e para não se contaminarem com o sangue de uma bruxa. Por fim, eu compreendi. Era uma caça às bruxas e o delegado viera me avisar. Tudo terminou em um instante. Eles arrebentaram minha sala de trabalho, tiraram o corpo nu da mesa de exame e partiram; o delegado seguiu a cavalo para Boyndie, onde o presbitério e o moderador estavam reunidos contra aquela loucura. Foi quando você chegou e nos encontrou naquele estado. — Jaffray respirava com dificuldade e suas mãos tremiam.

O cavaliariço entrou com a lenha e eu vi seu rosto marcado pelo soco da noite anterior.

— Por favor, pode trazer um pouco de vinho do Porto para o doutor? — pedi.

— Sim, Sr. Seaton.

— Você está bem?

O menino piscou e mordeu o lábio.

— Sim, senhor, estou bem.

— Quem bateu em você?

— Lang Geordie.

O mesmo que avisara a Janet e Mary Dawson para deixarem Banff. — O mendigo? O que ele tem a ver com isso?

O menino me olhou surpreso.

— Ele foi o primeiro a entrar na casa, senhor! Depois do delegado e antes do ministro. Dizem que foi Lang Geordie o primeiro a acusá-la, gritando, de bruxa.

Depois que o menino trouxe o vinho, perguntei a Jaffray, envergonhado, algo que eu precisava saber.

— Você acha que ela era, James?

— O quê?

— Acha que Marion Arbuthnott era uma bruxa?

Jaffray se levantou e observou o jardim através da janela por um tempo.

— Não, ela não era uma bruxa. Era uma jovem que conhecia ervas e flores, que era muito mais bonita e inteligente do que a maioria das jovens da sua idade e não queria perder tempo se misturando com elas. Era, por isso, companheira e amiga da esposa do intendente e ligou-se a um rapaz que nasceu aqui e viajou por terras misteriosas. E isso é mais do que essa cidade permitiria.

Mesmo assim eu insisti:

— Mas por que procurou a curandeira de Darkwater? Não somente com Patrick Davidson, mas também sozinha após a morte dele? — Fez-se um silêncio entre nós que nunca existira antes. — Você conseguiu falar com ela depois da morte de Davidson, Jaffray?

— Sim — disse ele finalmente. — Ela falou comigo uma vez, mas nada do que disse tinha relação com nosso problema ou com o de Charles.

Eu nunca o vira assim e estava convencido de que ele escondia algo de mim.

— O que ela disse, James?

O médico não me olhou ao responder:

— Há coisas que não pertencem mais a este mundo, Alexander, e que somente os mortos devem saber.

Foi com passos pesados, e o coração ainda mais, que subi o Strait Path até Castlegate, onde ficava a casa do intendente. Ele deixara um recado na Câmara avisando que não pudera me esperar e estaria em casa. Eu não queria perder mais tempo com ele e, sinceramente, tinha pouco interesse quanto aos mapas e aos possíveis planos papistas do sobrinho. Havia perigos e males maiores se manifestando diante de nós enquanto acordávamos, andávamos e dormíamos nessa cidade do que em qualquer ameaça externa ou futura. E, por pior que fosse a morte de Patrick Davidson, a situação tinha piorado e, em breve, desgraças maiores poderiam ocorrer. O que Charles mais temia aconteceu: Marion Arbuthnott estava morta como consequência da morte de Patrick Davidson.

O burgo, a meu ver, começava a voltar ao ritmo normal e o único sinal da loucura da noite anterior era o cheiro de madeira queimada no vento. Talvez, como dissera Gilbert Grant, essas perversões estivessem sempre ocultas nos corações dos nossos conterrâneos, sob sua sociabilidade e temor a Deus. Com que facilidade nossos bons vizinhos atenderam ao chamado de Lang Geordie, um mendigo ocioso em geral temido e insultado. Com que rapidez seguiram a liderança de alguém que, em outras ocasiões, teriam expulsado do

burgo. Bati na porta da casa do intendente e o barulho ecoou pela rua vazia.

O próprio Walter Watt abriu a porta, com os cabelos despenteados e os olhos avermelhados por falta de sono, exalando o cheiro de fumaça da noite anterior. Percebi que ele não dormira e fiquei um pouco envergonhado.

— Desculpe não ter vindo na hora combinada.

Ele dispensou meu pedido de desculpas enquanto fechava a porta.

— Eu não teria tido tempo de vê-lo antes... Estive ocupado com o delegado e o presidente da guilda durante quase toda a manhã.

— O delegado se recuperou, então? — perguntei, surpreso.

Não havia pensado em perguntar a Jaffray sobre sua visita da noite passada.

Ele me encarou com ar perspicaz.

— O delegado é de uma resistência única. Onde outros desmoronariam, ele se apoia em uma determinação surpreendente. Eu não me preocuparia com ele.

— Eu não me lembro do presidente da guilda na noite passada... — mais uma vez minha voz falhou. Não sabia de que lado se posicionara o líder dos artesãos da cidade.

O intendente compreendeu o que eu queria dizer.

— Ele ficou do nosso lado, graças a Deus. Caso contrário, estaríamos numa situação muito pior.

Pensei na pouca movimentação do burgo pela manhã.

— O senhor acha que o comércio vai sofrer? — perguntei.

Ele sorriu, mas não havia humor nos seus olhos.

— O senhor é um homem culto, mas é também filho de um artesão. Deve saber que nada se passa no burgo sem afetar, de certa forma, o comércio e o governo. E suspeito que tratou de outros assuntos esta manhã. Passou, por acaso, pelas oficinas dos tanoeiros?

Confessei que não.

— Quantos vendedores montaram suas barracas no mercado? Passou pelo curtume? Sentiu o cheiro do trabalho deles?

Às vezes, quando o vento soprava do oeste, o cheiro nauseabundo dos couros impregnava todo o burgo e entrava pela nossa garganta adentro. Mas não naquele dia. O intendente me observou e percebeu que eu começava a entender.

— Metade dos curtidores de couro estava na prisão, com três vendedores. O mestre e o aprendiz também. A maioria dos tanoeiros, dos fabricantes de velas e Deus sabe quantos criados, além de dois ou três mercadores cujos nomes o surpreenderiam, foram distribuídos entre as celas da cadeia e a masmorra do palácio. Se o moderador e os membros da congregação chegassem um pouco depois, teria sido impossível controlar a multidão. Ela foi contida no último minuto. — Olhou para mim e falou com uma frieza que me arrepiou. — Eles pretendiam perseguir tanto os vivos quanto os mortos. Seu amigo, Charles Thom, não teria sobrevivido se aquela loucura crescesse. Teríamos mais assassinos do que espaço nas masmorras de Banff! A cidade está quieta, sim, mas não está descansando.

— E como o senhor vai agir? — perguntei. Estava claro que nenhum outro homem de Banff seria capaz de tirar os moradores do pântano em que se enfiaram.

Ele esfregou a mão cansada na testa.

— A maioria deles será julgada pelo delegado de manhã. Terão de pagar multa e fazer consertos na casa do médico, no mercado e em outras partes danificadas na noite passada, mas Deus sabe que nada poderá ser feito por Arbuthnott. Depois serão levados ao que restou da assembleia paroquial, receberão multa e penitências públicas e, então, poderão retornar ao trabalho. Não há vantagem em criar mais ressentimentos.

Eu esperava uma vingança maior do que essa em nome de Marion Arbuthnott e de seu pai.

— Eles teriam uma pena maior se roubassem um porco ou se maltratassem uma idosa.

O intendente não se ofendeu com a minha observação.

— Não me interprete mal, Sr. Seaton; os responsáveis serão castigados de forma mais rígida, conforme seus crimes e seus cargos. O ministro será expulso da igreja, nunca mais pregará neste presbitério, terá de responder aos membros da congregação e certamente será destituído das funções. — Era evidente que ele estava satisfeito com isso.

— E Cardno?

Ele riu.

— James Cardno? Também está acabado. O guarda que o vigiou na noite passada disse que ele quase perdeu o juízo. — Era fácil acreditar nisso: o homem que eu vira insuflar a multidão estava à beira da insanidade. — Cardno provavelmente será expulso do burgo. E a assembleia estará dissolvida — continuou o intendente. — O ministro e a assembleia desse burgo não mais ameaçarão a estabilidade e a ordem como fizeram ontem e como tentaram fazer várias vezes antes.

Isso, eu compreendi, era o que lhe importava, o que lhe importou na noite passada. O que o impulsionou não foi a compaixão por Marion Arbuthnott ou por seu pai, mas pelo burgo de Banff.

— E o delegado? — perguntei.

Sabia que ele não se importaria com a expulsão do reverendo Guild, mas seria muita ingenuidade do intendente acreditar que isso bastaria para calar o delegado em relação à disciplina da igreja.

— O delegado é intocável, você tem razão; mas é possível enfraquecer sua autoridade e mudar a estrutura da assembleia e do conselho em consequência desses acontecimentos para que isso não faça diferença. — As últimas palavras foram ditas tanto para si mesmo quanto para mim e imaginei quantos anos precisou esperar

pelo dia em que verdadeiramente tiraria o controle do burgo daqueles que se diziam magistrados de Deus.

— E Lang Geordie? — perguntei.

O intendente olhou-me intrigado e repeti o nome.

— Lang Geordie, o mendigo. Aquele homem grande, manco, barbudo. Ele é o líder de todos os que moram nos cortiços do outro lado do burgo, perto de Sandyhill Gate.

— Sei quem ele é, mas o que um mendigo tem a ver com isso?

Contei-lhe o que sabia sobre a participação de Lang Geordie e ele ficou um pouco mais pensativo.

— Eu não percebi, não o vi perto da fogueira. — Lembrei-me que eu também não o vira, mas não havia motivo para duvidar do cavaliço de Jaffray. O intendente concordou. — Pode ser que ele incitasse o povo e criasse medo, através da violência, em relação ao que Guild e Cardno afirmavam, mas creio que não teve grande participação nos acontecimentos de ontem. Ele pode ser multado, mas de que adiantaria? Não poderá pagar a multa, a não ser que roube alguém... Lang Geordie, como disse, é o líder de todas as criaturas preguiçosas, inúteis, desocupadas e devassas deste burgo. Ele sabe, como os outros, que são tolerados aqui, mas que, se chamarem muita atenção, deixarão de sê-lo. Portanto, mantêm certa discrição, agindo sob algumas regras. Sei que são devassos e ladrões, mas farão o que puderem para proteger seu local e seus privilégios. Não precisamos temer hordas de mendigos robustos enquanto Lang Geordie e seu grupo estiverem aqui.

Entendi então que havia um equilíbrio, evidente ou não, no burgo e que havia um lugar para tudo que parecia não ter lugar. Eu não estava satisfeito, mas não falei mais sobre Lang Geordie.

O hall sombrio onde estávamos, para onde o corpo de Patrick Davidson fora levado há apenas seis dias, estava pior; tornou-se um lugar morto e vazio, por onde um grande homem vagava sozinho.

— Como está sua esposa? — perguntei.

Eu ouvira Jaffray e a Sra. Youngson falarem que Geleis Guild estava desconsolada com a morte da amiga e que a barbaridade feita com o corpo de Marion Arbuthnott quase a enlouqueceu. As crianças foram enviadas para a casa da irmã do intendente, em Elgin, para que não vissem ou ouvissem algo a respeito. O que a jovem pensaria sobre o envolvimento do irmão, o ministro, em tudo o que aconteceu, ninguém podia saber. Os olhos do intendente estavam vazios quando ele me respondeu.

— Está inconsolável... Não deveria ter que passar por algo assim.

— E, ao dizer isso, olhou o retrato na parede. Imaginei se ele temia ficar viúvo mais uma vez e rezei para que isso não acontecesse, por ele e por ela.

Subitamente reassumiu a posição de intendente e se empertigou.

— Agora, Sr. Seaton, vamos aos negócios. O senhor encontrou Straloch?

Respondi que sim e tirei a carta selada do bolso. Ele a pegou e foi até a janela do outro lado da sala, onde a luz do final da manhã era filtrada pelo grosso vidro. Seus olhos passaram rapidamente pela folha.

Antes de chegar ao fim, ele demonstrou alívio e balançou a cabeça lentamente.

— O senhor leu isso, Sr. Seaton? — perguntou bruscamente.

— Não, intendente, não li. A carta é endereçada ao senhor, mas felizmente conheço a opinião de Straloch sobre o assunto.

Ele me observou com cuidado.

— E confia nesse homem?

Pensei na reunião de Straloch na sala de jantar, depois que me recolhi pela primeira vez, e nos cavaleiros partindo no meio da noite, mas não quis entrar em maiores detalhes.

— Confio na palavra dele a esse respeito: se seu sobrinho era um espião, Straloch não sabia de nada antes de ver o mapa.

— E o senhor ainda acha que meu sobrinho era um traidor?

Respondi o mais honestamente possível.

— Fiquei satisfeito com a resposta de Straloch. Minha preocupação é ajudar os vivos, não especular sobre os mortos.

Essa declaração, na verdade, não era completamente honesta. Straloch desconhecia planos de invasão ou o encargo de Patrick Davidson para desenhar mapas, mas seus olhos mostravam que ele não estava convencido de que esse encargo nunca existira. Talvez tivesse partido para o sul, como disse, mas talvez seus jovens asseclas tenham seguido, à noite, para Strathbogie, com o intuito de ver urgentemente o marquês de Huntly. Eu não estava pronto para negar a possibilidade da traição de Patrick Davidson tão facilmente quanto Walter Watt gostaria. Havendo traição, haveria motivo para o crime e isso resultaria na libertação de Charles Thom, pois qual interesse ele teria em traições ou planos papistas? Não quis me alongar na questão e fiquei contente quando o intendente mudou de assunto.

— E o senhor cumpriu meu pedido particular?

— Falar com George Jamesone?

— O artista, sim. Que resposta teve dele?

Tirei a segunda carta do bolso da capa. Não havia fogo na lareira e a sala estava fria, então o intendente também usava sua capa. A carta de Jamesone, como eu sabia, era curta e não agradou muito.

— Vejo que Jamesone está entre os grandes e não pode perder tempo vindo ao nosso pequeno burgo. Muito bem — acrescentou amassando a carta e jogando-a na lareira vazia —, talvez ainda não seja a hora para pinturas, mas um dia ele virá e o retrato contará sua história até muito depois de partirmos. — Afastou-se da janela e dirigiu-se a uma pequena porta, no final da sala, que dava para o interior da casa. Virou-se e me dispensou sumariamente com um aceno. — O senhor fez seu trabalho bem e com discrição, Sr. Seaton. Não se preocupe com o problema do meu sobrinho, as autoridades

apropriadas cuidarão disso. Agora preciso me lavar e tirar essa fumaça pestilenta do corpo.

Fiquei feliz ao me ver fora daquela casa e livre de maiores obrigações com aqueles que recentemente passaram a confiar em mim. Fechei a porta do hall vazio com firmeza e saí à luz do meio-dia. Desci pelo Water Path para voltar à escola, onde eu precisava descansar, refletir e até mesmo rezar antes de iniciar meu trabalho da tarde. Pelo canto do olho, pensei ter visto, por um breve instante, alguém passar rapidamente pelo portão do castelo. Mais uma vez tive a sensação de estar sendo vigiado, um incômodo que me perseguia desde meu retorno a Banff e que apenas aumentava.

12

Voltando para casa

O andar térreo da Câmara, reservado em geral para o pagamento de impostos e para a coleta de multas, estava repleto de homens armados e de funcionários que pareciam ter passado a noite em vigília. O fedor vindo das celas lotadas dos andares superiores atravessava as portas e as paredes e se misturava ao cheiro de fumaça que ainda impregnava o ar, criando um miasma pútrido que quase me fez vomitar. Parecia não haver ninguém no comando, pois precisei perguntar a quatro guardas o que estava acontecendo antes de conseguir uma resposta. Inicialmente não compreendi o que ele dizia, mas aos poucos soube que metade da cidade estava acorrentada nas celas da torre. Soube também que Charles Thom não estava lá e que ninguém sabia para onde fora levado.

— Levaram-no na noite passada por ordem do delegado.

O guarda jurou que essa era a única informação que possuía, e seus colegas tampouco sabiam do paradeiro de Charles. Talvez estivesse no porão do castelo do senhor de Banff ou no do castelo do xerife, mas em nenhum dos dois permitiriam minha entrada ou responderam minhas perguntas. Na pior das hipóteses, eu esperava, estaria na fortaleza de Ogilvy em Inchdrewer, mas eu não tinha tempo de ir até lá. Um mensageiro fora, naquela manhã, a Aberdeen com o objetivo de avisar ao promotor para retornar imediatamente ao burgo para dar início aos julgamentos. Achei que o melhor a fazer seria procurar o delegado Buchan.

Eu sabia que ele morava sozinho no andar superior de uma casa simples, numa viela a oeste de High Shore. Buchan nunca se casara e quem cuidava da sua casa — ou do que ele permitia que cuidassem — era uma velha enrugada e muda, mãe do dono do prédio, que morava no andar inferior. Nunca me aventurei a ir lá; ninguém visitava o delegado. A viela era úmida e escura, um lugar apropriado para William Buchan começar suas inspeções noturnas pela cidade. Talvez, porém, tivesse sido um lugar melhor no passado: dois pares de iniciais e uma data, 1572, estavam gravados sobre o portal numa declaração de esperança e fé.

Bati com força na porta de madeira e as galinhas que ciscavam no quintal se espalharam alvoroçadas. Foi a velha quem veio me atender.

— Preciso ver o delegado urgentemente. Ele não está na cidade, onde posso encontrá-lo?

Ela me olhou com os olhos pálidos, balançou a cabeça duas vezes, levantou o dedo ossudo, como que me dizendo para esperar, e fechou a porta. Três minutos depois, reapareceu, abriu a porta e me pediu para entrar. Mostrou-me a escada e voltou para a cozinha. Os odores de caldo de peixe e fumaça de turfa me acompanharam enquanto eu subia até a morada do delegado. Não havia velas na escada e as poucas e pequenas janelas deixavam passar uma luz fraca, pois davam para outras casas a poucos metros de distância. Subi tateando o granito espiralado nas paredes e cheguei finalmente a uma pequena porta aberta no primeiro patamar. Uma luz mortíça e tremulante vinha do vão da porta e empurrei-a, lentamente, sem bater. Sentado em uma cadeira de madeira desconfortável, junto ao fogo que crepitava na lareira, estava o delegado William Buchan. Em frente a ele, em uma cadeira idêntica, vi Charles Thom com uma tigela de sopa nas mãos.

— Eu o esperava mais cedo, Sr. Seaton — disse o delegado com a voz séria, mas sem nenhuma suspeita ou acusação.

— Eu estava... ocupado — disse olhando para Charles enquanto falava com o delegado. Não sei que impressão passei, mas os dois ficaram muito menos surpresos com a minha chegada do que eu ao vê-los ali.

— Como o senhor percebeu, o professor de música está aqui — disse o delegado indicando um banco ao lado de uma pequena mesa encostada na parede. — Não quer se sentar, Sr. Seaton? — Sentei-me e esperei olhando para Charles, que esboçou um sorriso e voltou a encarar o chão. Ele estava mais magro, com olheiras mais profundas e mais escuras do que quando o vi uma semana atrás, e tinha ferimentos na pele do rosto, mas os cabelos estavam limpos, escovados e soltos sobre os ombros. Havia se barbeado e usava uma camisa limpa e calças rudes, mas quentes, que pareciam ser emprestadas. As roupas não poderiam ser do delegado, que era bem menor do que Charles, então decerto pertenciam ao filho da velha que cuidava da casa.

Embora Charles estivesse magro, ele parecia mais saudável do que o delegado, cuja pele amarelada, geralmente viçosa, parecia solta dos ossos. Os olhos eram órbitas escurecidas e o corpo arqueava-se a cada vez que ele tossia com força. Lembrei-me de que ele quase caiu do cavalo na noite anterior e de Jaffray dizendo que ele não descansara desde a descoberta do corpo de Patrick Davidson. Lembrei também do intendente afirmando que passara metade da noite anterior com o delegado, tentando ordenar, aos poucos, o burgo. Depois de ter sido atendido pelo médico, Buchan deveria ter descansado imediatamente, mas era evidente que não dormira nada. Ao contrário de Charles, claramente não havia feito a barba ou se lavado — era a primeira vez que eu o via assim — e continuava impregnado do forte cheiro de fumaça que eu sentira no intendente.

Buchan abriu a boca para falar novamente, porém foi tomado por um ataque de tosse. Quando passou, pegou o copo de água a seu lado e bebeu um grande gole. Não gostei daquilo e não gostei da

voz, sussurrada, que me incitava a ter pena desse homem doente, desse acusador, tirano e espião.

— Estou feliz por vê-lo de volta ao burgo, Sr. Seaton. Imaginei, depois que o senhor partiu, se deveríamos tê-lo mandado a Aberdeen em um momento como este.

— Teve medo de que eu fugisse? Não tenho para onde ir, delegado.

— A cidade de Aberdeen tem perigos o suficiente, mas depois de tudo o que ocorreu em Banff nos últimos dias, todos temos o que temer. — Inclinou-se na minha direção e foi tomado por outro acesso de tosse, um pouco mais fraco. — O senhor não teve problemas em Aberdeen? — Lembrei-me de Mary Dawson, que temia ser perseguida pelos homens de Banff e achou que eu era um deles. Talvez eu também tivesse sido vigiado em Aberdeen.

— Não tive problemas lá — respondi.

— E quanto a suas tarefas?

— Quer dizer a visita a Straloch?

Buchan olhou rapidamente para Charles, mas considerou que ele teria menos interesse e oportunidade do que qualquer outro morador para espalhar boatos sobre invasões estrangeiras e planos papistas.

— Sim, sua visita a Straloch, qual outra tarefa o senhor teria? — Decidi não falar sobre minha visita a George Jamesone a pedido do intendente.

— Nenhuma.

Ele se satisfez.

— O que Straloch disse sobre nossa situação? — Observava-me ansioso, como se esperasse uma resposta específica.

— Disse que não sabia de planos ou de encargos cartográficos e achou o mapa muito bem feito. No final, mandou uma carta para o intendente dando sua opinião. — Evidentemente essa resposta não agradou, mas eu não pretendia continuar a falar sobre os mapas.

Meu amigo, sob a acusação de assassinato, estava sentado na minha frente, na casa do delegado, bem barbeado e com uma roupa que pertencia a outro homem: naquele momento, estratégias e mapas não me interessavam muito. — Como chegou até aqui, Charles? — perguntei.

Ele olhou para o delegado, que o observava firmemente.

— Fui retirado da cadeia na noite passada, por volta das 22h, e trazido pelo delegado Buchan e pelo notário. Disseram-me que temiam pela minha vida, temiam que eu tivesse o mesmo destino de Marion — respondeu com voz apática, deixando-a cair quando pronunciou o nome de Marion.

Olhei para o delegado, mas ele falou diretamente com Charles.

— Atos depravados e bárbaros ocorreram nesta cidade na noite passada e muitos dos culpados foram levados para a torre. Eles consideravam Marion uma bruxa e você era amigo dela.

Acreditavam que você é culpado pela morte de um estranho em nossa cidade e, absolutamente frenéticos como estavam, era tudo o que precisavam saber para arrancar seus membros antes do nascer do sol.

Tendo visto a multidão na noite passada, não discordei do delegado.

— Mas por que foi trazido para cá?

O delegado se levantou e teve uma terceira crise de tosse. Segurou-se no braço da cadeira e ajeitou o corpo em sua usual postura digna.

— Porque não há outro lugar, Sr. Seaton. As prisões de Banff estão lotadas e em toda parte haveria alguém que teria prazer em fazer do professor de música sua próxima vítima. Não há lugar mais seguro que este e, como não temos guardas sobrando para vigiá-lo, quem precisa protegê-lo sou eu. O filho da minha senhoria, que observou Charles Thom durante a noite, precisou voltar ao trabalho pela manhã. Mas vivo sozinho e preciso descansar e fazer minhas

orações. Por isso rezei para que o senhor viesse, e o senhor veio. Quero pedir-lhe apenas uma hora e meia para que eu me lave, tirando esse cheiro horrível da noite passada, descanse e reze a Deus por orientação. Peço que o senhor vigie seu amigo por noventa minutos, Sr. Seaton. Pode me dar sua palavra de honra?

Fiquei atônito e respondi que sim. Alívio aflorou no rosto do delegado, que se encaminhou para a porta à esquerda da sala, que devia levar ao quarto onde dormia nas poucas horas em que se permitia descansar. Antes de sair, virou-se para nós.

— Aconselhe o seu amigo a levar em consideração o que eu lhe disse, Sr. Seaton. Ele não pode fazer nada pelos mortos, mas deve dizer a verdade aos vivos, contar o que sabe. — Pegou uma Bíblia desgastada na prateleira ao lado da porta e, sem mais, deixou-me com meu prisioneiro.

Ali estávamos, em frente à lareira do delegado William Buchan. Quantas vezes, quantas noites, nos divertimos com suas supostas onipresença e onisciência? Quantas vezes sentimos seus olhos reprovadores nos observarem enquanto ele fazia a ronda pelas hospedarias e tabernas de Banff? Agora aguardávamos ele se lavar, fazer suas orações e dormir. Foi Charles quem quebrou o silêncio com seu sorriso familiar.

— Não há dúvida de que subimos na vida, Alexander; somos hóspedes do delegado.

Sentei-me em frente a ele, na cadeira do delegado, e me inclinei um pouco, abaixando a voz.

— Somos hóspedes ou prisioneiros, Charles? Creio que o delegado teria prazer em me prender e poder vigiar nós dois.

Ele riu.

— Talvez tenha razão, o delegado ficou muito agitado durante sua viagem a Aberdeen. Perguntou a mim e a Gilbert Grant quais

eram seus planos, o que faria lá, onde se hospedaria, quem visitaria. Foi Jaffray quem me contou isso.

— Jaffray disse que pôde visitá-lo.

Charles abaixou a cabeça.

— Sim, uma vez, mas eu não queria que ele me visse naquele lugar. Era suficiente saber que pensava em mim e não era necessário, para isso, que me mandasse todas aquelas cestas de comida. — Sua voz transmitia uma sensação de desapontamento e fracasso.

— Charles, Jaffray já viu muito e sofreu muito. Por isso tem poucas ilusões sobre o que o destino pode fazer com quem não o merece. Você não esperava que ele ficasse calmo enquanto não o visitasse, esperava? Ele somente terá paz quando libertarem você e a justiça for feita. — Hesitei sem saber como dizer o que precisava ser dito. — Qualquer justiça que possa ser feita agora.

Charles colocou a tigela vazia sobre a lareira e passou o dedo nas cinzas.

— Que justiça pode ser feita? Como pode ser feita alguma justiça nessa vida para Patrick Davidson e Marion? — Abandonou as cinzas e recostou-se na cadeira com os olhos fechados. Quando finalmente abriu os olhos, estavam cheios de lágrimas. Não havia como consolá-lo, ele estava certo; não haveria justiça, talvez retaliação apenas. Mas Charles não tinha estômago para retaliações e viraria as costas cada vez mais para esse mundo bárbaro.

— Você acha que acabaram, Charles?

— O quê?

— Os assassinatos — disse eu.

Ele retirou os cabelos da testa em um gesto que eu conhecia bem.

— Assassinatos ou mortes? Não sei... Patrick Davidson foi morto, ninguém duvida disso. Mas — respirou fundo e engoliu em seco — Marion... disseram que ela se matou.

Lembrei-me da confusão da noite anterior. Decerto Jaffray contara a verdade a alguém, a alguma autoridade, não apenas a

mim. Baixei a voz ainda mais, prestando atenção à respiração do delegado no quarto vizinho.

— Charles, ninguém lhe contou? Marion não se matou; Jaffray está certo disso. Jura diante de Deus que ela foi morta pela mesma pessoa e da mesma forma que Patrick Davidson.

Charles, ainda mais pálido, ficou absolutamente lívido.

— Então os assassinatos não acabaram — disse.

Observei-o atentamente, buscando alguma hesitação, algum sinal.

— Charles, o delegado está certo? Você sabe de algo?

Ele mordeu o lábio e sacudiu a cabeça lentamente.

— Não sei de nada, Alexander, de nada. Gostaria desesperadamente de saber. Desde a morte de Marion o delegado me interroga dia e noite, como fez com ela. Mas nem sei o que ele procura. O homem parece um cachorro na entrada de uma toca por onde a lebre sairá. Ele não desiste, mas eu não tenho nada para contar. — Olhou para as brasas que aos poucos morriam na lareira.
— É como se ele soubesse muito bem o que procura, mas precise que outra pessoa o diga.

Uma ideia, que vinha tomando forma há alguns dias na minha cabeça, tornou-se mais sólida.

— Acha possível que o delegado esteja tentando descobrir se você sabe e não o que você sabe? Lembra-se de que me contou que na noite em que Marion e você procuraram Patrick Davidson ela não queria que soubessem que confiara em você? Estava tão preocupada com você quanto com ele porque sabia que, se suspeitassem que você conhecia as atividades de Davidson, sua vida estaria em risco. Quem pode dizer agora que estava errada? Ela pagou o preço dessa verdade. — Pela expressão de Charles, vi que ele levava em consideração minhas palavras. — Você falou, como Jaffray, que o delegado interrogava Marion o tempo todo, e agora passou a interrogar você. — A frieza que senti tinha pouco a ver com a sala

congelante na qual estávamos. — Charles, você precisa continuar afirmando que não sabe de nada.

Ele me olhou com olhos exaustos, com a alma exausta.

— Digo a verdade, Alexander, eu não sei de nada. Se nem você acredita, como posso convencer o delegado? Marion não me contou nada, falou apenas do perigo que corríamos. Ou eu já teria contado... Não tenho sua determinação.

— E eu não tenho sua humanidade. — Pensei em Marion Arbuthnott, na moça sempre distante, desligada e sozinha, até Charles lhe mostrar o que é a amizade. Pensei novamente em aonde isso teria chegado se Patrick Davidson não aparecesse e, com ele, o primeiro amor de Marion.

Charles quebrou o silêncio.

— Qualquer problema que Marion teve depois da morte de Patrick Davidson, ela enfrentou sozinha. Não pude ajudá-la... Não me deixaram vê-la depois que o encontraram e acho que ela nem sequer tentou me visitar na cadeia.

— Marion estava perdida em si mesma, Charles. Seu único contato era com os filhos de Geleis Guild e creio que não queria ver ninguém nem ser confortada.

— Claro! Ela não confiava no delegado, tinha medo dele, mas sei que confiava na esposa do intendente. Três dias atrás, Geleis Guild me visitou na cadeia e os guardas não ousaram impedi-la. Ela também estava preocupada, escapando da vigilância do delegado, lembro-me bem disso.

— Por que ela o visitou?

— Não sei, fiquei tão feliz ao ver um rosto bondoso que nem perguntei. Geleis disse que não acreditava que eu pudesse ter matado Patrick Davidson e que gostaria de ver Marion novamente, a sós, pois as duas eram muito amigas e ela devia estar sofrendo. Creio que Marion era sua única amiga. Geleis estava ansiosa para vê-la, mas não conseguia escapar do olhar vigilante do delegado nem

passar pela porta da botica sem ser vista por ele. Espero em Deus que não a tenha encontrado ou estará em perigo também.

— Eu não me preocuparia com isso. Sei que o intendente protegerá sua esposa a qualquer custo.

— Parece, então, ser um homem inteligente — disse Charles em voz baixa. — Você falará com Jaffray sobre isso, certo?

— Sim.

Charles parecia muito cansado e prestes a dormir, então preferi não lhe perguntar mais nada. Quando suas pálpebras tremeram e se fecharam, levantei-me com cuidado. Eu nunca imaginara como seria a casa do delegado, sequer considerara seu lado pessoal, pois a vida humana, para ele, estava sempre ligada à maldade, à impiedade, à ofensa a Deus e à ameaça à comunidade. Havia pouco conforto naquela sala e, decerto, menos ainda no quarto onde agora dormia. William Buchan fora um mercador bem-sucedido e deve ter sido um homem de certas posses, mas eram poucos os sinais disso. Não havia quadros nas paredes, como se viam nas casas dos comerciantes ricos de Banff, a não ser uma tela bordada pendurada sobre a porta do quarto. Os cantos eram adornados com pequenos símbolos das estações do ano — um carneiro, uma centáurea, uma maçã vermelha e um galho de azevinho —, mas foram os dizeres que chamaram minha atenção. Eu sabia, mesmo sem ler a legenda, que foram tirados da primeira epístola de Paulo aos Coríntios; era um verso no qual eu sempre pensava: *“Eu quisera que estivéssemos isentos de preocupações. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor.”*

No canto esquerdo, em letras mínimas, estavam as iniciais *HB* e uma data, 1610. Eu vi muitos versos da Bíblia costurados ou bordados em telas, mas nunca um como esse. Teria sido esse o motivo do delegado se tornar um homem tão desumano? Sua própria mãe o ensinou a ser frio com seus semelhantes para alcançar

o reino de Deus? Não consegui pensar em outra pessoa a não ser na mãe.

A sala era ainda mais nua do que as paredes. Os únicos móveis eram as duas cadeiras de madeira nas quais Charles Thom e eu nos sentáramos, uma mesa e um banco num canto. Um baú com uma fechadura forte — imagino que para guardar documentos — ficava abaixo da pequena janela. Não havia tapetes ou capachos no chão de madeira nem ornamentos de qualquer tipo, e as tigelas e os pratos eram de madeira ou de outro material grosseiro, sem enfeite algum. Encostada em uma parede, uma estante baixa de livros, que me chamou a atenção, de onde Buchan tirara uma Bíblia quando se recolheu no quarto. Restava outra, porém. Tirei-a da prateleira e, ao abri-la, vi uma dedicatória em caligrafia fina e irregular: *Para William: Seja sempre temente a Deus e tenha certeza do amor de sua mãe, Isabella Farquhar. 1596.* Nos meus cálculos, o delegado teria menos de 10 anos quando ganhou essa Bíblia da mãe. Mais do que isso, concluí que quem costurara as palavras que o condenaram a uma vida de solidão e aridez não podia ter sido a mãe.

Aquele não era lugar para me preocupar com esse mistério, então voltei a examinar os livros. *Os Salmos*. Alguns tratados e artigos contra os católicos, os jesuítas, o governo dos bispos e os perigos de assumir a sua vontade, tudo em vernáculo. Os livros eram os que eu esperava, com exceção de um: William Buchan também tinha uma edição das poesias de Craig, idêntica à que eu comprara para Charles em Aberdeen, mas seu exemplar estava bem folheado e usado — evidentemente era lido com frequência. Nunca pensei que Buchan se interessasse por poesia.

Enquanto pensava nisso, bati com o pé em outro baú, comprido e baixo, abaixo da prateleira. Ele não estava trancado, então me ajoelhei e abri o tampo com todo o cuidado possível. Dentro, amarrados, encontrei pequenos cadernos como os que eu permitia que meus melhores alunos guardassem como diários ou livros

comuns. Desamarrei uma das pilhas e tirei o primeiro livro. Na primeira página, estava escrito, com a caligrafia pequena e irregular do delegado, "*Sermões, março 1624 a junho 1625*", e dentro havia notas e considerações sobre cada sermão que ele ouvira naqueles quinze meses. Toda essa pilha era composta do mesmo assunto: ano após ano, mês após mês, semana após semana, até chegar à minha infância e até antes disso. A vida do delegado se resumia a esses cadernos e eu daria tudo para folheá-los, mas precisava prestar atenção à respiração baixa e fraca do outro lado da porta.

Não pude resistir a ler o caderno mais recente. O delegado frequentava a igreja de Banff, mas viajava muito por todo o presbitério. Encontrou nos sermões coisas a serem louvadas e palavras de sabedoria que exigiam meditação e agradecimento ao Senhor, mas muito mais elementos a serem censurados: disciplina frouxa, desconhecimento do verdadeiro significado das Escrituras, erro na interpretação do plano de Deus. Sua maior fúria era contra a ignorância, a incompetência e a hipocrisia do reverendo Guild, mas não pude discordar de nada do que ele dizia sobre a pregação desse ministro. Então me veio uma ideia à cabeça. Folheei as páginas e logo encontrei o que procurava: *22 de junho do ano do Senhor de 1625. Sr. Alexander Seaton, professor da escola de Banff, candidato a ministro. Igreja de Boyndie.*

Sim, ele esteve lá. Quando subi no púlpito e olhei para a minha última congregação, o delegado William Buchan observou-me com uma intensidade peculiar. Inexplicavelmente, senti a minha respiração ficar mais pesada e as minhas mãos tremerem um pouco quando meus olhos passaram pelas duas primeiras linhas. Inicialmente não compreendi o que eu lia, não pude assimilar o que estava escrito, e tive de voltar às palavras até ter certeza do que diziam. Ali, nas minhas mãos, na casa de um homem que eu evitava e não compreendia, li o testemunho das suas esperanças frustradas e fé traída. William Buchan agradecia ao Senhor pelos dons que Ele

me dera, como pregador e ministro do seu povo, e por me preservar onde outros haviam se perdido, como uma bênção à minha comunidade e como conforto aos meus amigos. Agradecia por aquele menino promissor ter se tornado o homem que eu me tornara. Meu coração batia acelerado, mas continuei a ler, incrédulo. Em certo momento, ouvi um barulho terrível capaz de acordar os mortos e mal tive tempo de fechar o livro e jogá-lo no baú antes que o delegado saísse cambaleando do quarto, ainda sonolento, pegasse sua capa pendurada na porta e descesse a escada. Fechei rapidamente o tampo do baú e me aproximei de Charles, que também acordava, dispondo-me a defendê-lo se fosse necessário.

Uma voz masculina tentava explicar à velha, no andar inferior, que precisava falar com o delegado. Aquela voz devia ter me relaxado, mas meu coração bateu mais forte — não podia ser uma boa notícia o que o trouxera ali. Ouvi gritos insistentes e o delegado usando sua autoridade para acalmar os ânimos. Finalmente se fez entender e os dois subiram a escada. Charles tentou se levantar, mas depois dos dias que passou na cadeia, sua resistência não era a mesma. Logo entrou na sala o Dr. James Jaffray.

— Alexander? — perguntou, sem compreender o que eu fazia ali. Quando viu Charles atrás de mim, seu rosto e seu corpo se transformaram e, andando em sua direção, falou: — Ah, meu menino, meu querido menino! — O delegado ofereceu-lhe uma cadeira e Charles se ajoelhou a seus pés, pegando suas mãos. William Buchan, que não tinha o hábito de presenciar manifestações de afeto, voltou para o quarto e começou a se vestir, sem fechar a porta por completo. Servi ao médico um pouco da água que estava na jarra sobre a mesa.

— Tome isso, James, você se sentirá melhor.

Ele esfregou a mão nos olhos e, conforme sua respiração voltava ao normal, pegou o copo da minha mão. Quando seu velho amigo se recuperou, Charles sorriu.

— Muito bem, doutor, foi um marido irado ou um credor desesperado que o trouxe à casa do delegado com tanta pressa?

Jaffray sorriu e pôs o copo na mesa.

— Não, apenas dois jovens loucos que não deviam estar andando pelas ruas sozinhos. — E, balançando a cabeça, disse: — Preciso arranjar uma esposa que cuide de vocês, pois tenho muito o que fazer.

— Uma esposa para nós dois? — perguntou Charles.

— Talvez, e terá muita sorte!

Uma tosse forte interrompeu nossa brincadeira.

— Talvez seja uma boa ideia irmos direto ao assunto — disse o delegado.

Charles se levantou e fiquei de lado para que Buchan passasse. — Jaffray acaba de me dizer algo que o senhor deve saber, Sr. Seaton, que a autópsia comprovou que Marion Arbuthnott não se suicidou, mas foi morta pelo assassino de Patrick Davidson.

Eu concordei.

— Sim, Jaffray me disse isso pela manhã.

— O que os senhores não devem ter percebido — continuou o delegado —, talvez por nunca terem acreditado na culpa do professor de música, é que isso prova, tanto quanto pode ser provado, que ele é inocente nos dois crimes.

Olhei imediatamente para Jaffray, tentando entender aquelas palavras. Nenhum de nós pensara nisso, por nunca termos imaginado que Charles matara Patrick Davidson. Foi sozinho, na paz e no silêncio do seu escritório, olhando o jardim da sua falecida esposa, que o médico enfim entendera tudo. Com essa prova, Charles estava livre da cadeia e da forca. Charles se sentou e segurou a cabeça entre as mãos.

Jaffray falou novamente.

— Deus proíbe que qualquer um de nós se alegre com algo assim. Essa moça deveria estar viva, respirando, trabalhando com

seu pai na botica e cuidando das crianças do intendente, mas ela morreu, e não por suas mãos. É tarde demais para evitar essa injustiça, mas não outras. Agora, Buchan, o rapaz está livre?

O delegado concordou lentamente, mas seu rosto não deixava ver no que estava pensando.

— Sim, doutor, o professor de música está livre. Ou melhor, consinto que ele fique sob seus cuidados. Tenho autoridade para isso, mas terei de responder, sem dúvida, a muitas perguntas do conselho. Marque porém minhas palavras, ele não deve andar sozinho na rua ou sair da cidade. Ele está menos seguro agora do que estava na cadeia, acredite, doutor, e siga meu conselho.

Jaffray levantou-se totalmente recuperado.

— Sim, seguirei. — E, sem mais, virou-se para Charles. — Vamos para casa, meu rapaz!

Quando descíamos a escada escura, o delegado falou comigo através da porta estreita.

— E o senhor, Sr. Seaton, também deve tomar cuidado com o que faz. — Não respondi e fiquei contente ao sair na viela mal iluminada.

A chegada à casa do médico foi bem diferente da nossa saída da casa do delegado. Depois do choque inicial, Ishbel passou a ajeitar a casa toda. O cavaliço fora despachado para a casa do boticário a fim de trazer os pertences necessários de Charles; o resto ficaria para depois. Charles não voltaria para seu quarto no sótão nem sairia da casa do médico. A alegria no rosto de Jaffray e a confusão de Charles eram irrisórias se comparadas à determinação de Ishbel para que o professor de música não passasse fome, sede, frio ou desconforto. Que minha presença era um fardo para ela ficou muito claro, porém isso divertiu mais do que ofendeu a mim e a Jaffray. Prometi que voltaria para jantar com eles e parti. Outras tarefas me esperavam.

Era uma ladeira íngreme até os cortiços, ao longo da Low Street e subindo a Back Path com suas casas recém-construídas, onde artesãos prósperos deixavam sua marca no mundo gravando as iniciais de seus amores sobre as portas das suas novas moradias. Meu pai me disse certa vez, quando passamos por uma dessas casas, que quis fazer o mesmo quando trouxe minha mãe da Irlanda, para dizer ao mundo que ela era dele e ele, dela. Quando perguntei por que não havia iniciais inscritas sobre a nossa porta, ele respondeu: “Porque sua mãe não achava apropriado, não queria ser como as esposas dos outros artesãos.” Talvez seu sonho tenha começado a desmoronar nesse momento, quando ela passou a puni-lo, talvez inconscientemente, pelo erro que cometera.

Virei à esquerda na esquina de Back Path com High Street — onde as pessoas mais ricas construía suas casas longe do burburinho do mercado e da cidade — e segui até Sandyhill. O vento não batia no meu rosto, como se esperaria, e foi uma caminhada agradável. Não havia pressa — Charles saía da cadeia, não estava mais sob o risco de ser julgado pelo promotor, e quem eu procurava só chegaria em casa ao escurecer. Tive tempo para descansar um instante, onde a rua para Strathbogie margeava o sopé de Gallowhill, e olhar a cidade onde eu nasci. No fim de seu percurso pelas montanhas de Cairngorm e após passar pela mata compacta de Deerpark, as águas claras do Deveron seguiam retas como uma flecha prateada até o mar, onde se alargavam para encontrar o mundo. Sob o céu infinito, os grandes penhascos de Tarlair e Troup Head encimavam todas as elevações do leste, mostravam o norte e o oeste, onde o longo caminho das dunas douradas convidava ao descanso. Lá ficava nossa cidade, na margem oeste do rio, estendendo-se até as obras do novo porto em Guthries Haven. Ruas estreitas e sinuosas, verdadeiros tentáculos subindo até o castelo, Caldhome, Boyndie Road e Sandyhills encontravam-se no centro da

cidade. Vi a igreja, o mercado, a Câmara e o palácio do senhor de Banff, com seu jardim verde e comprido estendendo-se quase até Greenbanks, onde as crianças brincavam em mais um feriado inesperado. As altas casas dos mercadores sufocavam as moradias mais pobres, onde viviam os artesãos menores e os operários. O emaranhado estreito e sinuoso de vielas, becos, casas, oficinas e quintais unia as ruas, num labirinto que corria por jardins, poços, pátios, chiqueiros, estrebarias e pilhas de lixo.

Essa era Banff, um lugar tão abençoado por Deus nas suas plantações e pescas, cujo coração, porém, fora corrompido. E, nesse coração, estava eu. Uma nuvem imensa cobriu o sol e o ar esfriou imediatamente. Andei rapidamente em direção a Sandyhill Gate e às casas de má reputação.

Não eram realmente casas, mas barracos de madeira sem janelas, cobertos de turfa e terra, que o conselho lutava para expulsar da cidade, por medo de incêndios. Ficavam um pouco afastados da rua, na base do morro, onde uma pequena queimada descia pelas sorveiras e arbustos de amora. Nenhum morador da cidade se aventurava a ir nessas casas. A assembleia e o conselho ameaçavam constantemente essas habitações e seus moradores, mas nunca colocaram seus planos em prática. Era um local cheio de mendigos, ladrões e prostitutas, os representantes de uma pobreza que justificavam todos os medos dos moradores de Banff. O intendente me explicara que tolerava esses males porque podia controlá-los e porque não permitiam que outros males, incontroláveis, se fixassem ali. Ervas daninhas sob controle. Eu, porém, suspeitava que, para meus conterrâneos, todo o mal na nossa cidade residia nessas casas distantes, o que lhes permitia não olhar para seus vizinhos ou para seus corações e evitar ver que o mal estava dentro deles.

Quando me aproximei das cabanas, três cachorros esqueléticos e famintos vieram na minha direção rosnando baixo. Uma criança pequena, imunda, talvez uma menina, em roupas rasgadas, saiu do

galinheiro, onde colhia ovos, e correu para uma das casas. Um homem jovem — talvez seu pai — apareceu logo depois com um porrete na mão. Eu não o conhecia e ele não afastou os cachorros.

— O que quer? — perguntou.

— Quero falar com Lang Geordie — respondi.

O homem ficou ainda mais desconfiado.

— Lang Geordie não recebe ninguém. O que quer com ele?

— Isso não é do seu interesse.

Tentei manter a calma, mas meu coração batia forte. Os cachorros sabiam disso e se aproximaram de mim prontos para pular no meu pescoço a uma ordem do homem. Apareceram dois ou três outros jovens, quase meninos, várias crianças sujas, uma jovem segurando um bebê e outra com uma barriga enorme. Uns doze pares de olhos me encaravam com hostilidade e frieza. O cachorro mais perto rosnou, raivoso, e estava a ponto de me atacar quando uma voz baixa, em uma linguagem que não pude entender, veio da cabana principal. O cachorro, assustado, agachou-se como se tivesse apanhado e saiu calmamente com seus companheiros. Os que se aglomeravam ali se afastaram e, então, vi Lang Geordie se levantar, apoiado em duas muletas.

O homem devia ter quase dois metros de altura, perto de ser um gigante. Com os cabelos desgrenhados e a longa barba, parecia um profeta do Antigo Testamento. As marcas de ferro em brasa em suas bochechas lhe davam um aspecto de “mendigo durão” e amedrontavam ainda mais os que se aproximavam. Esperei ali, com o coração acelerado por causa dos cachorros.

— Vejam se não é o aprendiz do diabo — falou ele, por fim, com uma risada rouca. Os outros também riram e a hostilidade de seus olhos deu lugar à zombaria. Os jovens continuaram a me observar atentamente. — O que quer de mim? Veio atrás de prostitutas? Dizem nas ruas que prefere ter na sua cama alguém de classe mais

alta. — Outra risada, dessa vez mais verdadeira, veio do grupo reunido.

Percebi então que, por minha causa, o nome de Katharine circulava entre mendigos e ladrões nas estradas e nas cabanas do norte. Não era estranho que sua amiga Isabella Irvine me desprezasse. Preferi, no entanto, não responder à zombaria.

— É você que vim ver.

Lang Geordie, sem o escárnio no rosto, estudou-me cuidadosamente por alguns instantes; devia saber de qual assunto eu queria tratar. Falou algo naquela linguagem estranha e os moradores voltaram aos poucos para suas casas, mas dois jovens continuaram a seu lado, junto à única porta da cabana. Deu-lhes algumas instruções e me olhou novamente.

— Entre, Sr. Seaton, entre.

Passei com cuidado pelos cachorros e pelos dois guardas e precisei me curvar para entrar na cabana, mas não tanto quanto Lang Geordie. No interior, meus olhos nada distinguiram. A porta estava fechada e a única luz vinha de uma chaminé redonda no telhado e do fogo aceso.

Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, percebi pessoas agrupadas no longo cômodo que constituía a casa toda. Uma jovem mexia uma panela com uma espécie de caldo de algas; uma mulher mais velha, tossindo, cantava em um dialeto estranho para um bebê enrolado em panos sujos; duas crianças pequenas perseguiam algo em um canto, um camundongo ou um rato. Em um catre, do outro lado do cômodo, vi outra mulher tossindo. O chão era de terra batida e eu não podia ver onde estava pisando. O fedor era insuportável, pior que o da cadeia da torre. Lang Geordie mandou a mulher se levantar do catre — o único móvel na casa — e então notei que se tratava de uma menina de não mais do que 14 anos. Usava um vestido esfarrapado que eu já vira, largo demais no peito e nos quadris. O vestido de uma prostituta, o vestido de Mary Dawson.

Quando ele me viu olhando para a menina, disse-me com naturalidade:

— Pode tê-la por um preço, depois que resolvermos nossos negócios.

— Não durmo com crianças — falei.

— Ela não é uma criança — disse, amargamente, a mulher que mexia a panela.

Geordie lhe respondeu algo e a mulher se calou.

Os dois jovens entraram na cabana e vigiavam a porta. Baixei a voz, pois o assunto era com Geordie e talvez ele preferisse mantê-lo em sigilo.

— Tenho dinheiro para informações, não para prostitutas. — Ele me avaliou, esperando a oferta e seus termos; tendo experiência nesse jogo, ele esperaria o tempo que fosse necessário. Restava-me apenas ir direto ao assunto. — Quem lhe pagou na noite passada? — perguntei.

Ele continuou a me olhar com seus olhos de profeta.

— Na noite passada? O que aconteceu na noite passada?

— Você incitou a multidão, os caçadores de bruxas. Levou-os até a casa do médico para que pegassem o corpo da pobre moça assassinada.

Ele continuou a me observar, claramente satisfeito consigo mesmo.

— Eu? Não incitei a ralé, Sr. Seaton... Seu fervoroso ministro e o meirinho deram as cartas e não precisavam de um pobre mendigo.

— Estendeu as mãos em autodepreciação e sorriu ao dizer isso. Tive vontade de arrancar todos os dentes da sua boca.

— Você os liderou. Foi você quem forçou a porta da casa de um homem honesto, foi você quem jogou o cavaliço de Jaffray no chão e foi você quem iniciou o tumulto. Você, com suas muletas, foi até o centro da cidade para isso, e deve ter sido muito cansativo. Não quer

que eu acredite que fez isso gratuitamente. Por que fez algo assim? Desde quando se interessa por bruxas?

Seu rosto, antes divertido e relaxado, contraiu-se, sério, e o aspecto de profeta desapareceu. Seus olhos endureceram quando ele falou rudemente.

— Desde que vi minha mãe ser queimada — disse como se olhasse para o passado. — Uma galinha parara de botar ovos, uma criança adoecera, a água do riacho estragara. Minha mãe pediu ajuda uma vez, duas vezes, desesperada para alimentar seus filhos, mas ninguém a ajudou. — Ele parou e a cabana ficou em silêncio; até as crianças pareceram parar de brincar. — Isso foi há trinta anos, mas ainda posso ouvir seus gritos. — Subitamente ele se levantou, tomado pela raiva. — Esse é o meu interesse por bruxas, Sr. Seaton. Eles começaram a falar em bruxas na cidade, por causa da tempestade, do barco de pesca naufragado, do envenenamento, e a quem acha que acusariam primeiro, aos bons burgueses de Banff? Eu fui atrás deles antes que viessem atrás de nós. — Então foi tomado por um acesso de tosse e a mulher que cozinhava trouxe-lhe uma concha com água, acalmou-o e o fez sentar na cama. Quando voltou para junto do fogo, demonstrava um medo velado. Assim que sua respiração normalizou, ele largou a muleta e achei que me bateria. — E a moça estava morta, que diferença faria? Não vamos mesmo virar pó? Ela não sentiria nada e eles teriam um corpo para descarregar suas emoções em vez de o fazerem em alguém vivo. Agora, saia da minha casa e nunca mais volte, a não ser que venha para ficar.

Não pude fazer nada; simultaneamente eu acreditava e duvidava dele. Tinha certeza de que ele sabia que eu viera falar dos assassinatos, mas não esperava que eu lhe perguntasse sobre a caça às bruxas. Ele disse algo aos dois jovens e um deles abriu a porta, olhou-me ameaçadoramente e indicou-a com a cabeça. O outro se aproximou e se ajoelhou ao lado de Geordie, que murmurou algo em

seu dialeto. Dessa vez entendi as últimas palavras: *Mary Dawson*. O homem me segurou pelo colarinho e me empurrou até a porta através do cômodo escuro.

Do lado de fora, os cachorros me esperavam, rosnando, e evitei olhar para eles. Quando saía, Geordie me agarrou pelo cotovelo.

— Você esteve em Aberdeen, Seaton... Mary Dawson está lá?

— Não — respondi com convicção —, ela não está.

Então era isso: ele achou que eu viera falar sobre o aviso que dera às irmãs Dawson ou que eu sabia algo do que elas sabiam. Foi com grande alívio que finalmente cheguei à estrada que levava ao centro da cidade a partir de Sandyhill Gate. Os cachorros me seguiram ao longo do povoado e pararam a 20 metros da estrada. Senti que me observaram até eu sumir de vista, mas não olhei para trás. Estava feliz por voltar à escola e ter algumas horas sozinho para organizar meus pensamentos antes de voltar para a casa do médico.

A caminhada até a casa de Jaffray foi agradável. Finalmente esquentava um pouco e escurecia mais tarde — o céu tinha um tom rosado e dourado, alcançando as montanhas de Sutherland. A tempestade na noite de segunda-feira e seus horrores seriam quase uma lembrança distante, pertencente ao fim do inverno, se não tivessem deixado um amargo legado.

Foi a noite mais silenciosa que já passamos juntos — cada um de nós tinha muito a refletir —, mas o ambiente era de alegria. Eu sabia que o vazio que deixava na casa de Jaffray quando voltava para a escola não existiria mais. Charles, em geral taciturno, era o mais silencioso, mas no seu silêncio se percebia o contentamento e a surpresa de quem vê coisas que nunca percebera antes. Ishbel entrava e saía da sala com pratos fumegantes. Arenque marinado, pão ainda quente, uma linda torta de coelho — o prato favorito de Charles —, ervilhas, feijão, legumes variados, um rico molho feito

com vinhos guardados no porão do doutor e um creme de ovos com maçãs cozidas em várias especiarias doces. O médico garantiu que iria à falência antes do fim da semana se jantassem assim todas as noites. Ishbel corou, orgulhosa, e Charles ofereceu-se para cantar nas ruas para pagar seu jantar.

Quando os pratos foram retirados e o uísque trazido para a sala, fomos nos sentar junto ao fogo, nos lugares usuais. A sala de Jaffray não era o lugar frio e vazio das minhas últimas visitas: voltou a ter o calor de um lar. Os azulejos de Delft da lareira, presente de casamento dele à esposa que me encantavam desde menino, continuavam a me encantar com suas cenas felizes da vida no interior da Holanda. Nas paredes viam-se as xilogravuras germânicas que ele trouxera com tanto cuidado dos locais onde estudara há muitos anos. Era a sala de um homem, cheia de livros e do cheiro de tabaco, mas com ecos da mulher que ainda vivia no coração de Jaffray, nas tapeçarias da parede, nas flores prensadas com cores há muito desbotadas e no banquinho bordado que havia sido dela. Charles esticou os pés em direção da lareira e observou o movimento lento das chamas. Então lhe dei o livro de poesia que comprei para lhe fazer companhia na cadeia. Nos trinta minutos seguintes, enquanto Jaffray e eu conversávamos sobre as novidades de Aberdeen, Charles se perdeu no livro. Seus lábios moviam-se em silêncio enquanto falávamos e ele não ouvia nada do que dizíamos. Começou a cantarolar uma melodia e pediu folhas de papel ao doutor.

— Apresentarei isso antes de terminar a semana, apresentarei a todos vocês. — Ele cantarolou um pouco mais enquanto escrevia a partitura e os fragmentos que a toda hora lhe escapavam começaram a entrar na minha cabeça até eu quase cantar com ele. Aquela melodia me lembrava algo. Quando Ishbel entrou com um cesto de carvão para avivar o fogo, parei de falar com o médico e contei a ela

do meu encontro com Sarah Forbes e tudo o que acontecera depois. Ishbel fechou os olhos e orou com palavras próprias.

— A misericórdia de Deus está com ela. E Sua graça, com o senhor, Sr. Seaton. — Quando saiu, percebi que Jaffray me observava curioso.

— Você conhecia Sarah quando ela morava no burgo? — perguntou.

Considerarei a pergunta mais uma vez.

— Não posso dizer que nunca a vi. Conhecia-a de nome e de quando vocês diziam que era amiga de Ishbel.

Jaffray continuou a me observar enquanto tentava tirar algo preso nos dentes.

— Foi bom o que você fez, Alexander. Você e seu amigo Cargill não se arrependerão da decisão que tomaram. Sarah será uma boa companhia para a patroa e uma boa mãe.

Charles levantou os olhos do papel no qual rabiscava.

— O que é isso? Está falando de mulheres, Alexander? A Sra. Youngson vai falar muito nos seus ouvidos.

Eu ri.

— A Sra. Youngson sempre fala muito. Creio que Gilbert Grant ouve perfeitamente e apenas se faz de surdo.

— Sem dúvida ele finge — disse Jaffray.

Quando Charles voltou à sua composição, Jaffray pediu mais notícias de Aberdeen. Quem eu encontrara? Que fofocas tinha ouvido? Quando mencionei George Jamesone, seu interesse aumentou.

— Foi ver George Jamesone? Por quê?

Contei que o intendente me incumbira de lhe pedir que pintasse a família. Depois mencionei, com alguma hesitação, as preocupações de William Cargill quanto ao meu envolvimento com o pintor e quanto à possibilidade de sua ligação com Rubens, em Antuérpia, tê-

lo aproximado dos patrocinadores espanhóis do pintor. Jaffray franziu a testa.

— Lembro-me de Jamesone. Ele veio ao burgo há muitos anos, como você sabe, para pintar Walter Watt e sua primeira mulher. Era um homem inteligente e uma boa companhia, mas creio que seu amigo está sendo influenciado por boatos ao acreditar que Jamesone é um espião.

Charles pôs a pena de lado e prestou atenção na conversa.

— Suspeitam de um pintor somente porque ele viajou? E o que isso teria a ver com os problemas da nossa cidade?

Embora relutante, Jaffray me viu como o mais qualificado para responder.

— Sobre os mapas, Charles — respondi.

— Os mapas — repetiu ele lentamente —, os mapas do delegado. — Ao compreender algo, olhou para nós. — Quando eu estava na cadeia, o delegado me perguntava noite e dia sobre alguns mapas. O que eu sabia sobre mapas, se Patrick Davidson falava de mapas, se eu vira algum mapa em nosso quarto, como Marion Arbuthnott estava relacionada aos mapas... mas nunca me explicou o assunto. Eu não sabia do que ele falava, mas depois de pensar... eu tinha muito tempo livre..., supus que encontrara mapas entre os pertences de Patrick.

— Encontrou — disse eu. — O problema não era simplesmente Patrick Davidson ter mapas, mas eles detalharem esta parte do país, do litoral até Strathbogie, destacando Elgin, Turriff e Aberdeen. Estavam todos nas mãos de Davidson e é provável que tenham sido desenhados, ao menos rascunhados, durante suas expedições com Marion. Alguns pontos mais distantes talvez tenham sido desenhados... e provavelmente foram... antes de Patrick retornar a Banff.

Charles me olhou, resignado.

— Então era por isso que viajavam tanto e por tanto tempo... Eu não achava que a estação fosse propícia para a coleta de plantas, mas conheço tão pouco de flores que preferi não questionar, temendo demonstrar ignorância e ficar ainda mais distante dos dois. — Olhou para o lado e continuou. — Então Marion sabia desses mapas... Acha que a mataram por isso? Mas por que a matariam por um mapa?

Jaffray sacudiu a cabeça.

— Ah, Charles, você é tão inocente! O resto do país vê invasores em cada onda do mar, trazendo seus livros, sinos e rosários.

— Papistas?

— Sim, quando lhes convém, como pretexto para ocupar nosso país e derrubar nossa Igreja — respondeu o médico.

— Nunca pensei que fosse tão religioso, Jaffray. — Não havia sarcasmo ou zombaria na observação de Charles, era uma mera afirmação, bem evidente.

— Não me interprete mal, rapaz. Não sou um zelote, não sou nenhum James Cardno ou William Buchan, mas tenho minha fé e sei quem me julgará quando o Senhor achar por bem me levar. Mas a Igreja é mais do que o presbitério, a assembleia e todas as censuras violentas de ministros idiotas e homens santificados. A Igreja é quem somos: é nossa liberdade, e sem ela estamos perdidos.

Nunca o ouvira falar assim, não da Igreja. Inclinei-me para a frente e perguntei:

— O que quer dizer com isso, James?

— Quero dizer que não devemos servir a homem algum. Ao olharmos para um rei, sabemos que ele é, como nós, um homem diante de Deus. Nossa nação não se renderá a nenhum homem ou poder enquanto a Igreja da Escócia for a lei. É por isso que eu lutaria por ela... lutaria contra todos os espanhóis e franceses que as legiões de Roma mandassem e contra o próprio Charles Stuart se fosse necessário... pois sem a Igreja não somos homens e não temos uma nação.

Então compreendi algo que nunca soube, mas de que sempre suspeitei: James Jaffray, que parecia viver ainda nas grandes universidades e nas cidades da Europa de sua juventude, considerava como seu lar apenas um lugar no mundo e voltara para ele como uma águia retorna a seu ninho.

Charles falou em voz baixa, olhando para o nada.

— Vocês acham que haverá uma invasão?

Jaffray voltou a si.

— Não sei, mas creio que é muito provável, como o fato de que o sobrinho de Walter Watt estava envolvido até a raiz dos cabelos nesse plano. O que Straloch disse a respeito, Alexander?

— Disse que o mapa era bem desenhado, extremamente bem feito, e que seria de grande ajuda a um exército estrangeiro que aportasse aqui. Mas afirmou não saber de encomenda nenhuma de mapas ou de planos de invasão.

— Então deve estar distante do patrono — disse Charles —, pois desde quando o marquês de Huntly não trama planos?

— É verdade — falou Jaffray. — Mas Straloch é um homem bom e honesto, você não achou, Alexander?

Era uma pergunta mais difícil de responder honestamente do que eu esperava.

— Achei... Não sei, James... Creio que Huntly tem algo em vista. Meu velho amigo Matthew Lumsden, com quem me encontrei em Old Aberdeen, é um capanga de Huntly. Naquele dia, sairia a serviço do marquês e, posso lhe garantir, Matthew não é um homem para missões diplomáticas. Straloch viajou ontem cedo para Aberdeen e Edimburgo, a serviço de Huntly, mas ouvi cavaleiros deixando o palácio no meio da noite e creio que seguiam para Strathbogie. Por que saíam a cavalo durante a noite? Que urgência súbita teriam a não ser passar as informações que eu havia levado?

— Então precisamos nos manter vigilantes — disse o médico. — Você trouxe os cadernos de Cargill? É sobre isso que devemos tratar.

Charles... — Charles Thom, porém, já estava dormindo na cadeira, caído de lado junto ao fogo, com o estômago cheio e o coração um pouco menos pesado. Jaffray o observou por um instante, levantou-se e fez um sinal para eu fosse até a mesa que Ishbel limpara há algum tempo. Coloquei o caderno na mesa e o médico começou a examiná-lo, virando cada página com todo cuidado e se maravilhando em voz baixa com a qualidade dos desenhos e a clareza das anotações. Não chegáramos ainda à página onde estava desenhada a *colchicum* quando ouvimos uma batida forte na porta dos fundos da casa. Charles Thom acordou assustado e o médico se levantou. Em um instante, Ishbel estava na sala com Edward Arbuthnott.

— Desculpe, doutor, eu... — disse ela.

— Não estou aqui para ver o médico, mas o professor de música — falou Arbuthnott passando por ela sem cerimônia.

Charles, ainda não completamente desperto, levantou-se com dificuldade. Fui até ele, mas Arbuthnott chegou antes de mim.

— Charles Thom, por tudo que deve à minha família, que o acolheu e alimentou, e pelo amor que tinha à minha filha, poderia, por favor, cantar com seus alunos no velório dela?

Charles piscou os olhos ainda sonolentos.

— No velório de Marion? Sim, sim... claro.

O olhar de Jaffray mostrava o que eu também pensava.

— Edward, você não pode estar pensando em... — disse ele.

— Estou! — respondeu o boticário em tom desafiador. — Por que a minha menina, a minha única filha, não pode ser velada se pessoas muito menos dignas do que ela o foram? Ela terá um velório e toda a cidade saberá o que perdeu. — Virou-se para Charles e continuou.

— Cantará com seus alunos, não é?

— Sim — respondeu Charles, sentado e um tanto confuso —, tocarei. — O boticário aquiesceu, satisfeito, e deu-nos boa-noite.

Quando a porta se fechou e ouvimos Ishbel trancá-la, Jaffray e Charles me olharam, mas eu não disse nada.

— Sei que não gosta de velórios, Alexander, mas não é pelo dinheiro desta vez, é por Marion. — Conversáramos muitas vezes sobre isso, eu em termos emocionais e ele, em racionais. Falamos sobre o morto ser velado antes do enterro, enquanto o corpo faz sua última viagem na terra e a alma começa seu caminho após a morte. Um ritual que comprovava o quanto as pessoas ainda estavam presas à superstição do romanismo, senão do paganismo, que nossa Igreja teria dado tudo para erradicar. Mas o povo se prendia a isso avidamente. As autoridades civis não eram a favor do costume, mas o toleravam. O professor de música e seus alunos cantavam nos velórios e daí vinha boa parte dos rendimentos de Charles. O conselho sabia que se proibisse Charles de trabalhar nessas celebrações teria de compensá-lo por sua perda; isso, porém, não faria de forma alguma.

O que o conselho não aceitava, e a assembleia igualmente condenava, eram os divertimentos abundantes preparados pela família do morto e a conseqüente luxúria dos participantes ao comer e ingerir bebidas fortes, que alteravam seu raciocínio. Ao longo da noite — pois os velórios geralmente ocorriam à noite —, o canto e a música tornavam-se mais altos e menos divinos e, quando a maioria dos alunos havia voltado para casa, passavam a ser absolutamente profanos. A dança era mais agitada, o comportamento lascivo exacerbava-se diante dos olhos dos magistrados e da assembleia e poucos dos que ali estavam conseguiam trabalhar no dia seguinte. O delegado Baillie e outros, de igual opinião, tentavam há muito proibir os velórios na cidade, mas o costume tinha raízes profundas no imaginário popular. Eu não discutiria isso com Charles naquela noite.

— Você deve fazer o que acha certo, Charles. E sei que não será por dinheiro.

— Acho que vou dormir agora — disse ele. — Foi um dia longo e estranho.

— Cuidado para não queimar os pés — disse o médico. — Ishbel colocou uma bacia de água quente sob sua cama; talvez tenha colocado duas, pois, agora que está aqui, não me surpreenderia se a minha fosse parar debaixo da sua cama também. Terei de ficar sem minha água quente e decerto morrerei congelado! Ah, a ingratidão dos jovens! — O médico estava feliz: tudo era novamente como deveria ser em sua vida.

Charles ficou envergonhado. Pegou o livro de poesia, deu-nos boa noite e seguiu para a cozinha, onde Ishbel ainda estaria trabalhando.

Nós dois voltamos a examinar o caderno de James Cargill. A caligrafia era pequena e bonita, o latim perfeito e os desenhos, de uma natureza única, mais do que perfeitos. Eu observava maravilhado enquanto meu companheiro lia tudo em silêncio. Seu olhar tinha um brilho distante, que eu conhecia, indicando que fora transportado para outro tempo, outro lugar, para os prados dos Alpes e os vales dos Pireneus. Um grupo de jovens correndo, subindo as montanhas com a mesma segurança dos cabritos monteses, parando a todo momento para ouvir as palavras do professor a respeito das propriedades e os pequenos detalhes de cada planta ou flor.

— Bons tempos aqueles, não é, James? — disse eu.

— Sim, mas agora temos de nos ater ao presente. Você disse que encontrou a flor?

— Não estou certo, mas vi o nome que você mencionou. — Peguei o caderno e passei as páginas até encontrar o que procurava.

— Aqui está, é essa?

Ele confirmou lentamente.

— Sim, é essa! — Passou o dedo pelo contorno da flor e leu a legenda. — *“As pétalas da planta em flor são como o pálido azul*

acinzentado do céu de inverno nos mares do norte depois de nevar. Cálice com sépalas roxas, bráctea pequena verde-clara. Estigma e anteros amarelos, da cor da palha em setembro. O conjunto forma uma grande taça em uma haste fina e branca. Folhas basais, longas, escuras, de um verde lustroso, emergindo da floração. Um bulbo produz de seis a oito florações e de três a cinco folhas. Ao contrário da espécie similar benigna, floresce no outono, não na primavera.” Exatamente, bem diferente da colquicina — ele disse muito animado. Continuou a ler, citando termos e propriedades que eu não conhecia, até que a voz, lenta e determinada, tomou um tom enfático: — *“O bulbo parece uma cebola pequena, alongada e escura. Causa morte quase imediata se ingerido.”* — Havia mais sobre a planta: onde era encontrada, as dificuldades do cultivo, a falta de conhecimento de seu uso medicinal benéfico. Depois vieram palavras não mais em latim, mas na língua nativa de Cargill e nossa. — *“A Salomé de todas as flores: bonita e mortal.”* — Jaffray deu uma risada curta e sem alegria. — Não é de admirar que ele não tenha se casado: toda mulher bonita devia lembrar alguma planta mortífera! Mas é isso, Alexander, é essa a flor que procuramos. Através do vômito, ainda era possível sentir o cheiro de chicória nos cabelos.

— E você nunca viu uma delas aqui?

— Nunca. Há, talvez, algumas parecidas, ao menos no azul, mas nunca vi o mesmo cálice e estigma. E você? — Fez a pergunta num tom vago, crendo que a resposta seria negativa. Como não respondi, levantou os olhos do caderno. — Já viu, Alexander?

Eu hesitei.

— Eu... eu não sei... Creio que não, isto é, talvez tenha visto. — Uma lembrança se movia rapidamente diante dos meus olhos: o relance de uma flor azul e roxa caindo, caindo. Tentei me lembrar. Fechei os olhos contra a luz quente e dourada da sala, pois a que eu procurava era outra: mais escura, mais fria, mais parada. Tentei me abstrair dos ruídos mínimos do fogo, da intrusão do meu

companheiro, da movimentação da sala e da força do mar na escuridão lá de fora, mas não consegui. A imagem, a lembrança da imagem, sumira e deixara apenas a minha imaginação. Abri os olhos e sacudi a cabeça, frustrado. — Sinto muito, James... A imagem desapareceu da minha cabeça. O que achei que me lembrasse, sumiu.

O olhar esperançoso de Jaffray deu lugar à decepção.

— Acha que foi em Banff ou em outro lugar? Em um ambiente silvestre ou em um jardim? Poderia ter sido em Aberdeen? — A última sugestão acendeu uma ligeira chama na minha memória. Teria sido em Aberdeen? Em algum lugar em Aberdeen? Era possível, mas não estava certo. Não consegui ultrapassar aquele bloqueio do meu pensamento e a chama desapareceu.

— Não, doutor, sinto muito, não sei mesmo.

— Talvez algo o faça lembrar. Com esses três desenhos, ao menos sabemos com o que estamos lidando, o que nos ajuda. — Fechou o caderno e acariciou a capa. — Você explicou a William Cargill por que queríamos os cadernos?

— Não havia outra forma de justificar meu súbito interesse por botânica e, por sermos muito amigos, quis conversar com ele sobre o assunto.

Jaffray sorriu.

— Fico feliz que permita que seus amigos se aproximem novamente. E o que ele pensa? Do crime e da prisão de Charles?

— William disse que devo tomar muito cuidado. Acha que há sinais apontando para mim, que outros poderão ver.

Jaffray ficou sério.

— Ele tem razão... Pensei nisso e deveria ter falado, mas não o fiz. Você tem medo, Alexander?

Há algumas semanas, eu teria dito que deixara de ter medo do que um homem pudesse fazer comigo — ou Deus, como pensava nos meus piores dias —, mas não me sentia mais assim. Voltei a

participar do mundo dos homens e não sou tão inútil quanto imaginava. Acreditei, por um tempo, ter perdido o respeito do mundo e, a meu ver, o acesso a Deus.

— Creio que gostaria de preservar a reputação que me restou e meu futuro.

— Então deve tomar muito cuidado, Alexander, não se exponha a mais perigos. Quando estive em Aberdeen, falou com alguém, com exceção de William Cargill, sobre os cadernos ou o motivo do nosso interesse?

— Não falei com ninguém.

— E não mostrou o caderno a ninguém?

— Não — afirmei. Em Straloch, guardei-o com o que trazia para Banff, e tive o cuidado de não deixá-lo na estrebaria com outros pertences, por medo de um incêndio. — Isso é tão importante?

O médico considerou.

— Talvez não, mas quanto menos pessoas suspeitarem, mais seguro você estará.

— E você mostrará os desenhos a Arbuthnott? — perguntei.

— Acho que seria mais prudente não fazê-lo. Acho que não lhe fará bem algum saber como Marion morreu, mas talvez não tenhamos escolha, pois ele conhece melhor do que nós as plantas locais e os desenhos podem lhe dar alguma ideia. No entanto, quem sabia melhor do que ninguém onde encontrar essa flor era Marion.

— Você teve oportunidade de conversar com ela depois que viajei?

— Apenas uma. Quando o delegado não estava, a mãe sim, e ela não falaria na frente de nenhum dos dois.

— Mas Marion não lhe contou nada do assassinato? — insisti.

Ele se virou de costas e atçou o fogo.

— Falamos de outros assuntos.

Eu conhecia a voz de Jaffray quando ele queria encerrar uma conversa, mas eu precisava saber o que Marion dissera.

— Acha que ela sabia das atividades de Davidson, dos mapas e para que serviam?

— Certamente sabia, em que momento ele os desenharia senão enquanto percorriam o interior do país? Quanto à espionagem, se é que existe alguma, Marion não era o tipo de moça que se entregaria a grandes causas ou a tramas secretas, seriam distrações inúteis que a afastariam do que era essencial em sua vida. Ela tinha grande interesse pelo trabalho do pai e por outras ciências para gastar seu tempo com a política e o cenário religioso das outras nações. Creio que se Davidson estivesse envolvido nessas tramas, ou tentasse fazê-la participar disso, a amizade entre os dois logo teria terminado.

Pensei em Marion e tentei lembrar-me das poucas conversas que tive com ela. Jaffray estava certo: quando ela não estava cuidando dos filhos do intendente, trabalhava disciplinadamente para conhecer mais a ciência do pai e a natureza de cada planta das redondezas. Não se interessaria por invasões espanholas ou tramas papistas e certamente não daria a vida por essas causas. Mas até que ponto seu fascínio pela natureza a teria levado?

— Jaffray, você não acredita nos rumores de que ela era...

Ele se virou para mim com um olhar duro.

— Continue, Alexander...

— De que ela se envolvia em bruxarias, acredita?

Ele respirou fundo, exasperado.

— Outra vez? Está me dizendo que acredita nesse absurdo maldoso?

— Não! — respondi com convicção. — Não acredito.

— Então por que...?

— Porque ela andava por todos os lugares, James. Por Elf Kirk, por Ordiquhill... onde se suspeita que John Philip faça bruxarias e que as águas têm propriedades especiais... e por Darkwater.

Em vez de se irritar, Jaffray ficou um pouco nervoso.

— Ah, Alexander, metade das crianças da cidade vai a Elf Kirk somente porque suas mães e a assembleia não querem. Quanto a Ordiquhill e Darkwater, são lugares importantes para quem chega pelo mar e para os que têm como destino o interior do país. Findlater guarda a costa em Darkwater e Ordiquhill fica no caminho para Strathbogie, via Fordyce. Davidson precisaria conhecer esses lugares para fazer seus mapas — disse voltando a atizar o fogo.

Eu sabia que ele estava escondendo algo de mim.

— James, ela foi duas vezes a Darkwater: uma com Davidson e outra depois que ele morreu. E dizem que foi ver a curandeira.

Ele se virou, irado, para mim.

— “Dizem!” Quem são essas pessoas em quem você tanto confia?

— Foi muito comentado pela multidão da noite passada...

Jaffray estava incrédulo.

— O quê? Você agora acredita numa ralé liderada por um mendigo ladrão? Lang Geordie teria grande interesse em desviar uma acusação de bruxaria dele mesmo e de seus seguidores.

— Eu sei, ele admitiu isso. Mas há a Sra. Youngson também? E como você sabe, ela não gosta de fofocas nem queria mal à menina.

Jaffray deixou cair os ombros.

— Sim, tem razão, ela não queria mal à menina. — Foi até a porta e olhou o corredor. Nada se movia na casa. — Sei que Marion foi a Darkwater com Davidson e, depois, sozinha. Creio que conheço o motivo, mas ele não tem nada a ver com bruxaria ou espionagem. — Esperei, mas ele evidentemente não queria continuar. — Ah, pelo amor de Deus, Alexander, você sabe que aquela velha não é uma bruxa! Quem cuidou de você em seus delírios no ano passado? Quem o salvou da morte nas rochas de Findlater? — Eu sabia disso porque Jaffray me contara, mas lembrava apenas do dia em que ele chegou à praia sob as rochas para me levar para casa. Ele continuou. — Ela não é bruxa; é uma curandeira, uma ótima parteira que trouxe ao mundo muitas crianças que poderiam ter morrido sem suas

habilidades. Há muitos anos, no entanto, não me lembro quando, afastou-se do mundo para morar naquela caverna em Darkwater e hoje sobrevive com o que coleta na praia e nos penhascos e com plantas da região. Não a vejo desde aquela época e dizem que se afastou porque viu muito sofrimento e morte onde poderia existir alegria e vida. Há quem diga que tinha medo da caça a bruxas, das pessoas sempre prontas para culpar alguém pelos infortúnios da vida ou pela vontade de Deus. Talvez tivesse razão, algum dia a morte de uma criança poderia lhe ser atribuída.

Imaginei se, em diferentes circunstâncias ou em outra vida, Jaffray e Lang Geordie teriam se encontrado. Tinham a mesma opinião sobre esse assunto, mas suas vidas eram tão distintas que jamais saberiam disso.

— Marion e Patrick Davidson foram a Darkwater em busca de ajuda da curandeira?

Ele confirmou.

— Creio que sim.

— E por que Marion foi lá depois que ele morreu?

— Não sei, talvez houvesse algo... — sua voz ficou inaudível. — Sei apenas que ela estava determinada a voltar lá. Geleis Guild e eu, no dia em que fui chamado para vê-la por não estar passando bem, tentamos aconselhá-la. Mas não adiantou. Eu não tinha esperanças de que ela me ouvisse, uma vez que ela pouco se ateu à razão no tempo que conversamos enquanto você estava em Aberdeen. Ela queria libertar Charles, estava determinada a isso, pois sabia que ele não matara Patrick.

— E o fez — disse eu.

— Sim, Deus a tenha. — Uma das velas do castiçal se apagou, enchendo a sala de melancolia.

— Quando ela foi a Darkwater? — perguntei.

— Um dia antes de sua morte.

Ideias se formavam na minha cabeça e ameaçavam fugir antes que eu pudesse retê-las.

— James, acha possível que essa curandeira, essa parteira, saiba sobre a colquicina? Será que está mais envolvida do que imaginamos? — Sentia-me animado à medida que falava; eu sabia o que faria, e Jaffray também. Ele me olhou por um longo tempo e sacudiu a cabeça.

— Você não pode estar pensando nisso! Não adiantará nada... Charles está livre. Você não deve se arriscar a ser o próximo preso na cadeia da torre.

— Que tipo de liberdade eu terei me escondendo em lugares seguros enquanto um assassino anda livre pelas ruas? Qual descanso pode haver para um homem que conhece o caminho correto, mas escolhe o errado com medo dos seus obstáculos? Eu posso fazer o certo desta vez, James.

Jaffray não se satisfaz.

— Você se convenceu de que foi escolhido para levar o assassino dessas duas pessoas a julgamento; se é diante de Deus ou dos homens, eu não sei. Acredita que foi chamado para essa missão, mas, Alexander, há autoridades para investigar e julgar esses assuntos e você não é uma delas. Quando Charles foi falsamente acusado e aprisionado pelas autoridades, cabia a nós, seus amigos, fazer tudo para libertá-lo, mas não cabe a você continuar. Está violando os direitos daqueles que têm esse dever e, ao fazê-lo, pode pôr em risco sua vida e a de outros inocentes. — A tristeza profunda em seus olhos teria me convencido se houvesse um pouco mais de verdade no que ele dizia.

— Você tem razão, Jaffray, sinto-me chamado a continuar até que o assassino responda por seus atos, diante dos homens e diante de Deus. Não é por orgulho, acredite, é apenas uma tentativa de redimir minha vergonha.

— Vergonha?

— Sim, vergonha, por ter ignorado os gritos de socorro de um homem à beira da morte. As prostitutas da cidade fizeram por ele o que eu me recusei. Trouxeram-no para um lugar que achavam seguro e ele morreu sozinho, em terrível agonia, enquanto eu dormia profundamente no andar superior. Acredito que Deus tenha me dado essa missão, fazendo com que o delegado me chamasse ao conselho, me mostrasse os mapas e pedisse que eu os levasse a Straloch. Acredito que Deus me colocou no caminho de Janet Dawson quando ela foi expulsa do burgo e no de Mary Dawson, quando fugiu de Aberdeen. Charles está livre e agradeço a Deus por isso, mas acredito que este é um chamado para reparar meu erro.

— Alexander — disse ele em voz baixa —, acho que não compreendeu a dimensão do perigo a que está se expondo. Você está... — parou um instante procurando a palavra certa — vulnerável. Pode facilmente se tornar um alvo para a acusação de assassinato. Você praticamente não pertence a este burgo, embora nascido e criado aqui, pois é quase tão diferente quanto sua mãe e ainda há quem se lembre dela. Você acha que a noite passada foi horrível e bárbara? Realmente foi, mas não é nada se comparado a cenas que você ainda não viu nos seus 26 anos. A barbaridade da caça às bruxas, a tortura, as buscas por provas e os gritos de um ser humano subindo com as chamas de uma fogueira vão além de qualquer imaginação. Não vá a Darkwater, Alexander, não lhe servirá de nada! E duvido que traga algum consolo àqueles que choram seus mortos.

Eu nunca vira Jaffray desistir de lutar, portanto, mesmo sabendo que era por preocupação comigo, isso me entristeceu.

— James, talvez esse assassino continue matando! Não posso descansar sabendo que há um caminho que poria fim a tudo isso. Jaffray não estava convencido.

— E por que acredita que esse caminho o leva a Darkwater?

— Não sei, mas acredito nisso e preciso segui-lo. Saio amanhã ao alvorecer e volto antes de escurecer, meu amigo. Não tema por mim.

— Peguei a capa e o chapéu e dei boa noite.

13

A curandeira de Darkwater

Jaffray fez um último esforço para me dissuadir de procurar a curandeira de Darkwater. Pouco depois do amanhecer, na quinta-feira, quando me aprontava para sair, ele apareceu na porta do meu quarto seguido pela Sra. Youngson. Logo percebi que ela também sabia dos meus planos. Jaffray nada disse enquanto eu me vestia e pegava o casaco com gola de pele de marta, presente de *lady* Hay quando me diplomei em artes. Por fim, falou.

— Você fará mesmo essa loucura, não é?

— Não é loucura, doutor, mas essa ideia me dominou e creio que ficarei louco ou desesperado se eu não a concretizar. Não tenho escolha.

Falar isso foi o mesmo que nada.

— Alexander, estou lhe pedindo para não ir... Não adiantará nada e você correrá perigo.

Antes que eu respondesse, a esposa do diretor da escola se aproximou de mim e falou com uma voz fria que eu nunca ouvira nas centenas de discursos anteriores que ela me fizera escutar.

— Você não deve ir, Alexander. Trará à tona sob sua cabeça e sua alma assuntos que não devem ser lembrados. — Se eu não a conhecesse tão bem, acreditaria que me amaldiçoava.

— Não se preocupe, Sra. Youngson. Minha fé pode ser fraca e minha vocação estar perdida, mas o demônio ainda não me ganhou. Quanto ao mundo dos homens, esteja certa de que não trarei problemas para sua casa.

Ela respondeu com uma suavidade que cortou o meu coração.

— Minha porta esteve aberta muitas vezes para seus problemas, Sr. Seaton, não é essa minha preocupação. — Virou-se e desceu a escada. Fiquei envergonhado ao ver a velha senhora retirar-se daquela forma.

Quantas vezes fui ingrato com ela? Jaffray demorou-se um pouco mais e finalmente saiu com uma expressão de desapontamento.

Quando passei pela cidade, não senti nenhuma ameaça no ar e tudo parecia calmo. Muitos moradores estavam presos na torre, em Inchdrewer ou na masmorra do castelo, esperando para serem julgados pelo promotor. Não teriam de esperar muito, pois ele logo voltaria. Fui informado de que a caça às bruxas recomeçara em Fife e também em Ayrshire; estava se espalhando como seu próprio fogo e suas chamas deixavam para trás apenas partes carbonizadas das almas dos homens. A loucura e os gritos da multidão ao redor da fogueira não eram nada perto da loucura silenciosa dos homens que procuravam desesperadamente se salvar através da condenação dos outros. A deflagração em Banff precisava ser contida para que o burgo ficasse a salvo da caça às bruxas vinda de fora. Ninguém mencionava o medo, o medo do vizinho do vizinho, das acusações falsas ou fantasiosas, da deturpação negra da mente; isso seria como pedir que tais temores se concretizassem.

O silêncio, que começava a pesar sobre mim, foi interrompido pela voz clara de Thomas Stewart quando me aproximei do alto da Water Path a caminho da Boyndie Road.

— O senhor receberá seu pagamento quando o trabalho estiver terminado, nem um minuto antes.

A resposta veio numa voz ruidosa. Era George Burnett.

— Dane-se o conselho! Eu deveria ter sido pago em Whitsun. O trabalho não pode ser terminado se não tenho permissão para continuar.

O notário não se perturbou muito.

— Se o trabalho estivesse terminado, você teria recebido seu dinheiro em Whitsun. Mas todos podem ver que o chão mal está preparado para que as fundações sejam cavadas e a cidade não terá mais despesas com a nova casa paroquial até que o problema do ministro seja resolvido.

— Por mim, o problema dele pode ser resolvido até no inferno. Eu tenho salários a pagar!

— Então mande seus homens terminarem o trabalho a tempo — disse o notário. — Haverá mais trabalho quando o destino do ministro for definido pelo presbitério e um novo ministro for encontrado.

— Mas talvez demore para que outro imbecil seja forçado a pregar no nosso púlpito.

Sem receber uma resposta, George Burnett, mestre de obras e pai do filho bastardo de Sarah Forbes, afastou-se do notário e passou por mim em Water Path. Seu cheiro forte e ácido entranhou-se na minha garganta e me causou ânsias de vômito. Ele não reparou em mim e esperei nunca revê-lo. Quando me recuperei, Thomas Stewart fora embora e a grande porta da casa do intendente estava firmemente fechada em sua sombra projetada pela claridade da manhã.

Creio que ninguém viu quando atravessei o Castlegate e subi a Boyndie Street. O vigia do portão me questionou brevemente enquanto eu deixava a cidade e, quinze minutos depois, vi-me novamente na estrada aberta.

Resolvi organizar meus pensamentos nas duas ou três horas que levaria para chegar a meu destino. Aplicaria os princípios ramistas de um dos meus primeiros professores da faculdade, que consistiam em fazer as perguntas essenciais, esmiuçar seus diversos aspectos e estabelecer as conclusões individuais em esquemas claros e relacionados. Meus pensamentos, porém, não seguiam essa ordem. Nos pontos onde esperava clareza, reinava a confusão. Rostos, palavras e frases surgiam desordenadamente na minha mente,

trazendo suspeitas de espionagem e de bruxaria, envenenamentos, papistas, amor, medo, ciúmes, ódio. Estranhos mensageiros noturnos, dizendo a Jaffray que precisavam dele fora da cidade, vinham de Straloch atrás de Mary Dawson, fugida de navio porque sabia algo. O quê? Pessoas frenéticas procuravam um homem morto que ainda estava vivo, por causa de seus conhecimentos secretos. Flores desconhecidas, mas conhecidas por mim, pelo médico e pelo boticário, em um caderno mas também em outro lugar, conhecidas por outra pessoa. “James e as flores.” James Cardno? James Jaffray? James Cargill? Quem?

À medida que eu caminhava, meus pensamentos se misturavam tanto que eu mal conseguia lembrar as perguntas certas. Como Sarah Forbes e seu filho estariam em Aberdeen? O que eu acrescentara à vida de William Cargill, sua esposa e o bebê ainda por nascer? As crianças seriam amigas ou cresceriam invejando uma à outra? O homem escolhe seus amigos ou eles são escolhidos por Deus? Como minha vida teria sido sem Archibald Hay? O que ele, com sua vida tão intensa, tendo conhecido o mundo e morrido lutando, pensaria da insignificância da minha vida, que não me levava a lugar algum? Onde estaria sua irmã? Katharine contou tudo à sobrinha de Straloch e por isso ela me odiava tanto? Straloch era um homem confiável? Patrick Davidson era um espião? Sem decisões ou clareza, sem discernimento ou explicações, continuei a caminhar. Quando cheguei à encruzilhada onde poderia escolher seguir por Fordyce ou por Sandend, quase pude acreditar que a congregação estava reunida de novo em Fordyce, esperando que eu chegasse para o exame final que me daria o cargo de ministro.

O ar úmido em volta esfriou quando deixei a estrada de Cullen e virei à direita, na direção do mar e dos penhascos de onde se via Findlater brilhando sobre as montanhas do norte. Quando subi a colina de Brankanenthum e comecei a descer para Findlater, pela rocha, a névoa começou a chegar do mar; ela passava pela praia e

subia pelas rochas envolvendo tudo com um impenetrável nevoeiro cinzento. Na lateral do penhasco, a 12 ou 15 metros de altura, estava o imponente castelo encravado na rocha. Aos poucos, a névoa marinha o cobriu até restar apenas uma sombra fantasmagórica do que meus olhos tinham visto. Minha inquietação cresceu. O nevoeiro poderia levar horas, ou dias, para desaparecer e eu não poderia ficar muito tempo longe de Banff. Pensando em tudo o que eu abominava nas superstições e nos excessos do velório, ainda assim resolvi que Charles não correria riscos sozinho em Banff. Independentemente do que acontecesse, eu deveria estar em Banff até a noite seguinte.

Quando Findlater sumiu diante dos meus olhos, perguntei-me o que um exército invasor faria se chegasse naquele dia à Escócia e encontrasse essa mortalha cinzenta cobrindo a terra pela qual eles arriscavam a vida. E que resistência encontrariam quando tentassem reivindicar a Escócia para seu reino papista? Um ministro fracassado indo consultar uma bruxa. Fiz uma prece para que, se os espanhóis apontassem a proa de seu navio para a praia de Darkwater, Deus enviasse todas as névoas do mar na sua direção.

Não me lembrava do tempo que passei aqui, a não ser do dia em que Jaffray veio me buscar, mas estive em Darkwater antes, há muitos anos. Em um feriado, um lindo dia de verão, minha mãe e a esposa de Jaffray me tiraram da cama bem cedo e me trouxeram a esse lugar secreto e maravilhoso onde brinquei e nadei durante horas. Minhas lembranças sobre o que elas fizeram naquele dia eram vagas: eu estava muito encantado com meus prazeres infantis para pensar em outras coisas. Lembrava-me bem das dunas por onde descera e do caminho por onde passara aos seis ou sete anos em um dia quente de verão, tão alterado agora pelo vento e pela névoa que eu corro o risco de quebrar as pernas a cada passo que dou. Se caísse, a quase 30 metros acima do mar, talvez nunca fosse encontrado ou, se fosse, provavelmente não sobreviveria para contar

a história. Os apelos de Jaffray vieram à minha cabeça através da névoa, mas agora era tarde demais para voltar.

Dei alguns passos à frente e parei; não conseguia ver meus pés e, a cada passo, arriscava-me ainda mais a despencar da rocha. A névoa densa abafava os sons do mar e dos pássaros, mas não as batidas fortes do meu coração contra o peito. Havia um silêncio lúgubre e cinzento a meu redor, mas, através desse silêncio, pela névoa impenetrável do mar, eu sabia que estava sendo vigiado. Não pude me mover: eu estava congelado e, então, ela veio. Um braço me puxou e uma mão ossuda e flácida segurou meu pulso.

— Não se mova, Alexander Seaton. Se aprecia sua vida, não mova um músculo sequer.

Eu esperei, com medo até de respirar. Conhecia aquela voz, mas não lembrava quando a ouvira. Um instante depois, vi sua outra mão segurando uma tocha que brilhava na névoa e seus cabelos grisalhos e desgrehados. Aos poucos, a curandeira de Darkwater se levantou e eu me vi diante dela, olhando nos seus olhos amarelados. Ela poderia ter qualquer idade entre 40 e 70 anos, quase não tinha dentes e seu rosto não demonstrava humor ou humanidade. Seus olhos buscaram os meus por um instante e ela pareceu satisfeita.

— Dê três passos para trás e vire à esquerda.

Obedeci suas ordens por falta de opção. Em seguida, ela passou por mim de forma quase imperceptível. Agora podia vê-la melhor; mesmo em pé, tinha pouco mais do que um metro e meio de altura. Então notei, atrás dela, através da luz da tocha, a inclinação íngreme na rocha da qual eu quase levava um tombo mortal. Enquanto tentava falar, ela me avaliou melhor e senti que não fui inteiramente aprovado.

— Ainda se parece com sua mãe. Imaginei que você viria. — Virou-se para a esquerda e continuou. — Siga exatamente os meus passos, sem se desviar. Você escolheu um mau caminho...

Descemos, por aproximadamente vinte minutos, em silêncio, a não ser por indicações ocasionais da velha — *cuidado aqui, fique à direita, não pise nessa pedra* —, até chegarmos a salvo, na areia. Ela não parou, não se virou nem me questionou; simplesmente andou, e eu sabia que devia segui-la. Eu ouvia o mar batendo levemente na rocha, mas não sabia a que distância. Atravessamos toda a praia e, quando chegamos à outra extremidade, ela se pôs a subir as dunas na direção de um morro distante. Achei que nunca a alcançaria, mas segui naquela direção, sem ver nada além de uma vaga visão da encosta. Finalmente cheguei à entrada de uma caverna, mas não soube se foi a luz de uma chama ou o cheiro de madeira queimando que me levava até lá.

— Entre e cubra a entrada, senão morreremos no frio e na umidade.

À minha esquerda, havia uma treliça dupla forrada com couro, mais alta do que eu e mais larga do que a entrada da caverna, pela qual poderiam passar dois homens. Arrastei a treliça, que corria em trilhos de madeira, e preendi-a encaixando suas tiras de couro em parafusos de ferro fixados na parede. Para minha surpresa, a caverna era quente e seca. A velha jogara alguns gravetos no fogo e eles queimavam bem. O chão era coberto de esteiras e tapetes, que pareciam feitos de trapos, e por tecidos estranhos amarrados e trançados. A mesa, a cadeira, a cama e as prateleiras eram construídas com o que o mar trazia à praia de Darkwater; os destroços e os refugos de barcos foram de grande valia para aquela mulher. Vi uma roldana, suspensa por imensos ganchos de ferro presos na rocha, de onde pendiam inúmeras plantas secas, cujos nomes eu mal conhecia. Ela seguiu meu olhar, baixou a roldana, tirou algumas espécies, colocou-as sobre uma bancada e falou distraidamente.

— Celidônia-menor para hemorroidas — disse com um sorriso assustador. — Violeta doce, para quem tem problema de respiração,

o que não deve ser seu caso. Cravos para a pele; você é pálido, mas bem saudável. Tussilago, algo de que precisará se voltar a Banff agora, pois terá febre durante uma semana. Creio, contudo, que o que o ajudará é isso — falou mostrando os longos caules de uma planta coroada por flores pequenas de um rosa pálido. — Valeriana: alivia a insônia e acalma as tensões na sua cabeça.

Eu conhecia essa planta; minha mãe tomava infusões de valeriana, que eu buscava na botica de Arbuthnott. Eu não queria, no entanto, lembrar-me dessas coisas.

— Não estou aqui para conhecer seus remédios e curas — falei.

— Tem algo que eu preciso que me diga.

Ela largou as flores e me olhou, desconfiada.

— Três vezes, nas últimas semanas, recebi visitantes de Banff que trouxeram as mesmas palavras. O primeiro está morto, a segunda também. Salvei sua vida três vezes, Alexander, e espero que não seja o próximo a morrer.

Três vezes? Achei que a velha estava tendo delírios.

— Eu estaria sendo comido pelas gaivotas se a senhora não me tirasse daquele penhasco.

Ela me olhou com uma espécie de desprezo.

— Hum! Você não seria comido por nada, simplesmente não estaria aqui nem em qualquer lugar do seu passado. Diga-me por que veio, e o que acha que posso lhe contar.

Eu não sabia se ela falava sobre o verão passado, mas era evidente que não queria entrar em detalhes e eu tinha outras coisas no que me focar; então não a questionei. Ela indicou um colchão velho, coberto por uma pele de carneiro, e mandou-me sentar. Um carneiro perdido que despencasse do penhasco teria sido um verdadeiro tesouro para aquela velha. Olhei em volta da caverna, mas não encontrei nada familiar; os bens da terra e do mar certamente não eram desperdiçados ali. Lembrei-me da gente capaz de tudo para conquistar as riquezas do mundo, enquanto elas nos

são dadas tão facilmente por Deus. Ajeitei-me no colchão e ela tirou a capa comprida, de pele de foca, que a protegia das intempéries da natureza. Camadas disformes de lã manchada e uma túnica de peles de coelho protegiam-na do frio. Ela pegou um pilão e um soquete, em um nicho da parede, e pôs-se a trabalhar sem olhar para mim. — Vamos lá, diga o que veio fazer aqui...

— Esses visitantes eram Patrick Davidson e Marion Arbuthnott?

Ela parou de moer e, ainda de costas para mim, ficou absolutamente imóvel.

— Você veio por ordem do delegado? — perguntou.

— Não, vim por vontade própria. A senhora pode responder a minha pergunta?

Ela pensou um instante.

— Você também não teme a morte?

Era uma pergunta que eu me fazia quase todas as noites e que me roubara horas de sono.

— Tenho medo do julgamento e dos últimos momentos, quando não poderei negar minha vida desperdiçada, mas eles virão em seu tempo e não posso dizer se será hoje ou em sessenta anos.

Ela voltou a moer.

— É bom ouvir isso... Aqueles que desejam controlar a hora de sua morte desperdiçam a vida se preocupando com isso.

— E Patrick Davidson e Marion Arbuthnott estavam entre eles?

Com uma concha, ela tirou água de um barril e despejou em uma pequena panela, prestando atenção no número de colheradas, e somente me respondeu depois que terminou o serviço.

— Eles queriam ter poder sobre a vida e conhecimento sobre a morte.

— Não entendo.

A velha suspirou e finalmente se sentou na minha frente, do outro lado do fogo, enquanto a panela fervia entre nós. Olhou nos meus olhos, sem piscar, e disse:

— Alexander Seaton. Eu o conheci antes de você nascer, antes de chegar a este mundo, antes de seu pai conhecê-lo. Sua mãe, trazida pela esposa do médico, veio me ver, como muitas outras mulheres.

— A esposa de Jaffray? — perguntei.

— Sim, de Jaffray. Ela esteve aqui em completo desespero. Queria que eu salvasse seus bebês, que lhe desse uma infusão ou até que eu fizesse algum feitiço para eles sobreviverem, mas isso estava além das minhas possibilidades e do meu conhecimento, assim como fora de alcance do seu marido. Demos-lhe cenouras para fortalecê-la para o parto; chá salgado de salva para evitar o aborto; e sabina. Ela tomou todas as misturas estranhas e fétidas preparadas para curar seu útero. E dormia com um berço vazio a seu lado, o que seu marido desaprovava por não gostar de simpatias. E os bebês continuavam a morrer, um a um, logo antes de chegarem ao mundo. Por isso ela trouxe sua mãe aqui.

— Por quê? Minha mãe também tinha medo de perder um bebê? Ela cuspiu para o lado e me olhou.

— Não, tinha medo de tê-lo. Você.

Todos os sons desapareceram dos meus ouvidos e, naquele silêncio, eu sabia o que ela falaria. Não queria ouvir isso daquela bruxa.

— Minha mãe queria algo para abortar — sussurrei.

Ela confirmou, lentamente, sem demonstrar prazer com a conversa.

— Mas suas infusões não funcionaram, exatamente como as da esposa do médico.

— Não — respondeu ela friamente —, porque não lhe dei infusão alguma. Não me entenda mal, Sr. Seaton. Há muitas formas de ajudar uma mulher a não ter seu bebê, não é difícil. Muitas mulheres vieram a mim desesperadas e eu as ajudei, mas me recusei a ajudar outras, como sua mãe.

Ela afastou um pouco a treliça sobre a entrada da caverna e a névoa penetrou; era impossível ver o mundo externo. Dentro da caverna, com exceção do fogo e da panela fervendo, o silêncio era absoluto. Voltei ao ponto em que a minha vida fora decidida. Jaffray sabia que a velha me contaria tudo, por isso tentou me impedir de procurá-la.

— Por que se recusou a ajudá-la?

Ela voltou a olhar para a panela.

— Porque sabia que ela se arrependeria; ela não queria realmente aquilo. Desejava que sua vida fosse diferente e sabia que não poderia mudá-la se tivesse um filho, mas era seu pai, ou o mundo dele, o que ela renegava. Ela queria voltar para seu país e não poderia ir com você, por isso tentou destruir a única coisa que a prendia aqui. Eu acredito, porém, que há escolhas que uma mulher faz para toda a vida, e sua mãe precisaria conviver com a dela. Não foi má vontade, eu sabia que ela tinha dúvidas; se quisesse teria abortado de outra forma. Poderia ter feito ou ingerido muitas substâncias: perene mercurial ou cenoura silvestre, uma tintura forte de tanzy, goivo ou zimbro, até mesmo noz-moscada, muito conhecida.

— Minha mãe não saberia essas coisas — disse eu.

Ela sorriu amargamente.

— Acha que não? Eu creio que sim, mas a esposa do médico pensava que ela viera aqui para conceber, não para abortar. A decepção foi grande, uma traição cruel. Não conheci muitas mulheres capazes de ignorar assim o sofrimento de uma amiga... Mas Deus tem Suas razões, embora eu não possa entendê-Lo.

— Suas razões? — Meus sentidos estavam sufocados pelo choque de saber que minha mãe não me queria e eu mal conseguia acompanhar o que a velha dizia.

— Sim, suas razões para abençoar algumas e torturar outras. — Encarou-me com um olhar afiado. — É uma tortura para uma mulher amar um filho que não será concebido ou que não nascerá.

Conheci muitas mulheres que são mães em seus corações e em suas almas, mas nunca tiveram filhos. Conheci mulheres que vivem em sofrimento pela perda de algo tão pequeno, mas que era todo o seu mundo. Dizem que a esposa de Jaffray e a primeira esposa do intendente, Helen, morreram cedo porque ficaram desgastadas ao sofrer tantos abortos; morreram de desespero. — Respirou fundo e suspirou. — Existe um desespero que leva à loucura. Na última vez que vi Helen Black ela estava com medo, a ponto de perder a razão depois de tanto sofrimento, desesperada para ter um filho, como se não conseguisse viver se não concebesse. Muitas outras mulheres, como sua mãe, vieram a mim para eu tirar o bebê que tinham no ventre, mas uma mulher fora de si não vê o que a outra está sofrendo. — Olhou para as chamas, lembrando-se. — Lembro que era um dia quente de outono, mas o retorno delas para Banff deve ter sido frio como uma tarde de dezembro; sua mãe cheia de ressentimentos e lamentações e a esposa do médico entregue ao desespero.

Essas não eram as mulheres de quem eu me lembrava.

— A senhora está enganada, elas eram amigas. Trouxeram-me aqui, tenho certeza!

Um quase sorriso passou pelos lábios da velha.

— Sim, elas o trouxeram aqui. A frieza entre as amigas passou quando você nasceu. Sua mãe foi tomada de alegria assim que o viu; ficou horrorizada ao pensar no que quase fizera e sentiu remorso. Elizabeth, a esposa do médico, não conseguia odiar nenhuma das criaturas de Deus, então as duas se reconciliaram. Trouxeram você aqui no dia do seu sexto aniversário, para me agradecer. No ano passado, eu o encontrei cambaleante e em delírios na estrada de Sandend. Você continua igual a sua mãe.

Eu quase ri.

— Mas a senhora não me via há vinte anos!

Ela mexeu a panela e olhou para mim.

— Mesmo que fossem quarenta anos, eu o reconheceria. Você tem os olhos e a alma dela, e um homem não pode mudar sua alma.

— Mas pode perdê-la — falei.

Ela apertou os olhos, intrigada.

— Tornou-se papista?

— Não — respondi enfaticamente —, isso nunca!

Ela fungou, finalizando aquele assunto. Eu não tinha intenção de continuar, pois ela me afastava do que eu queria saber.

— O que quis dizer — comecei com cuidado — quando me contou que Marion Arbuthnott e Patrick Davidson queriam ter poder sobre a vida e conhecimento sobre a morte? — Eu sentia medo, sentado naquela caverna e rodeado de ervas, plantas e peles de animais. Tive a impressão de ouvir novamente os gritos de caça às bruxas.

Ela me perguntou mais uma vez.

— Veio a mando do delegado?

Eu repeti que não.

— Nem a mando do ministro?

— Não temos ministro em Banff.

— Não?

— Desde... — hesitei, sem querer falar sobre feitiçaria.

— Desde que queimaram a pobre moça como se fosse uma bruxa.

— disse ela.

— Sim. Robert Guild nunca mais pregará em Banff.

Ela cuspiu novamente.

— Bem, se não veio a mando da Igreja ou do conselho, vou lhe dizer o que deseja saber... A menina estava grávida. O bebê era dele, do aprendiz do boticário, e eles vieram pedir uma infusão que prolongasse em algumas semanas o período normal de gestação. Queriam se casar, mas sabiam que logo a barriga cresceria e todos saberiam do segredo. Não queriam desonrar o nome do bebê nem se humilhar no banco da igreja para todos aqueles hipócritas. E acho

que ela não queria decepcionar o pai. Não me confessou isso, mas eu já vira aquele olhar em muitas outras meninas.

Eu estava horrorizado: era isso o que Jaffray sabia, o segredo dos mortos que ele manteve apesar de todas as minhas perguntas. E teve de assistir, impotente, à multidão levar o corpo de Marion de sua casa e fazer todas aquelas barbaridades. Uma mãe tinha sido morta e seu filho, dentro dela, queimado. Eu não sabia se seria capaz de enfrentar o velório que Arbuthnott pretendia fazer para a filha. Tudo já era macabro demais.

Perguntei com a voz rouca:

— A senhora pôde ajudá-los?

A velha sacudiu a cabeça e mostrou as prateleiras cheias de vidros e garrafas.

— Minha habilidade é diminuir o tempo de gestação ou entregar um bebê nos braços da mãe, quando Deus permite. Para prolongar uma gravidez, não posso fazer muito além de aconselhar a mulher a comer bem e a evitar trabalhos pesados. Expliquei-lhes isso; ela estava muito deprimida e ele, agitado. Falei que muitas pessoas vinham a mim com problemas maiores e que eles deveriam aceitar sua punição e saber que aquilo passaria com o tempo. Falei das mulheres desesperadas, como a tia dele, que quase enlouqueceu por causa do medo e viveu assombrada pela perda de todos os filhos que gerou. — A velha mexeu a panela, pensativa. — Sim, assombrada. — Mas suas lembranças não duraram muito. — Então eles foram embora e logo depois soube que o rapaz fora morto. — Pensou novamente e falou num tom muito natural. — Talvez o pai dela seja o culpado.

Não lhe respondi porque não queria me desviar do meu raciocínio. — Marion Arbuthnott veio vê-la novamente, certo?

— Sim, veio — respondeu com cuidado.

— Por quê?

Ela me avaliou atentamente. Por um instante, achei que mentiria, tentaria dizer que Marion viera em busca de algum feitiço ou infusão para se livrar do filho agora bastardo. Mas ela respondeu de forma decisiva e resoluta, demonstrando que confiava em mim.

— Para me perguntar sobre uma flor.

— *Colchicum mortis*.

Ela concordou.

— Sim, exatamente, queria saber se eu conhecia essa flor. Sei algo sobre sua natureza e suas propriedades, mas nunca a vi nem conheço seu uso na região. Foi o que lhe falei, mas ela ficou decepcionada. Falei também que devia perguntar ao pai, mas ela respondeu que não podia correr esse risco ou que não podia deixá-lo correr esse risco, não me lembro.

Era claro para mim: Marion Arbuthnott sabia que conhecer essa planta era quase tão letal quanto o veneno dela. Foi isso o que a fez temer pela vida de Charles Thom, um temor comprovado pela sua morte. Porém, eu persisti.

— Ela explicou por que estava interessada na planta?

— Custei muito a descobrir, pois ela era uma moça fechada, estranha e assustada. Por fim, contou-me que o rapaz estava preocupado na volta para Banff e mal falou com ela. Quando chegaram no alto da Gallowhill e começaram a descer para a cidade, ele parou, apavorado, como se tivesse tido uma visão. E falou duas palavras: *Colchicum mortis*. Repetiu as palavras e disse que tinha assuntos urgentes a tratar e precisaria deixá-la. Ela somente o viu na mesa de jantar da casa do pai na noite seguinte. Ele não comeu e parecia agitado e empolgado, mas de forma estranha. Disse-me que pressentiu que algum mal ocorreria. — A velha deu de ombros. — Talvez seja verdade; era realmente uma menina sensível e inteligente. O rapaz falou que resolveria assuntos importantes naquela noite e que ela não devia segui-lo. Na manhã seguinte, foi

encontrado morto. — Depois de me contar a história, a mulher tirou a panela do fogo e colocou-a em um canto escuro para esfriar.

Então me levantei e vesti a capa. Ela levantou os olhos para mim e perguntou:

— Aonde vai?

— Volto a Banff, preciso chegar antes do escurecer. Tenho muitos problemas para resolver.

Ela sorriu.

— Não conseguirá voltar a Banff hoje; a névoa só se dissipará pela manhã. Você se perderia em cinco minutos e morreria em dez.

— Não era uma opinião, era uma afirmação. Ela acendeu um pequeno lampião e colocou-o na minha frente. Foi até uma arca, em um canto da caverna, e trouxe um livro fino, velho e bem manuseado. — É meu único livro, além da Bíblia. Pode se divertir com ele se quiser, não preciso de companhia. Falei mais nas duas últimas semanas do que gostaria de falar em seis meses. — Passou para mim uma tigela com mexilhões e um pedaço de pão. Foi nossa última conversa em muitas horas.

Coloquei o lampião perto de mim, abri o livro e li o título: *Poems of William Dunbar*.

Dunbar. Um calor inesperado passou pelo meu corpo... a lembrança das noites da minha infância, junto ao fogo, ouvindo meu pai falar sobre seu trabalho e contar as histórias de sua juventude e as viagens com o senhor de Delgatie. Nessas ocasiões, ele cantava baladas antigas ou recitava poemas. Eram noites mágicas, quando minha mãe se tornava jovem novamente e lembrava por que amara meu pai. Para mim, o melhor não eram as grandes aventuras no mar nem os romances, mas os poemas na nossa língua escocesa, escritos por um meirinho morto há cem anos, que me ofereciam, por um breve tempo, um vislumbre da humanidade do meu pai. Eu não lia ou ouvia os poemas de Dunbar desde o dia em que me contaram que meu pai morreria. Tive medo de abrir aquele livro e das

lembranças que encontraria. Coloquei-o ao meu lado e aninhei-me nas peles que estavam no chão; tentei dormir, mas não consegui. O silêncio do mar era mais terrível do que toda a sua fúria. A velha estava distraída. Os pós que moera foram colocados em uma jarra de vidro e ela acrescentou água destilada, gota a gota. Cheirava a jarra constantemente e dizia algumas palavras para si mesma antes de acrescentar outro pó.

Eu tinha o que viera buscar e não desejava ficar mais tempo naquele lugar, mas seu conselho era razoável: seria impossível chegar a Banff antes do amanhecer. Eu poderia ter feito muito naquelas horas vagas, mas não ali. Não imaginava se era dia ou noite. Desisti de tentar dormir e abri o livro mais uma vez, agora com coragem de virar as páginas.

A velha terminou seu trabalho e seguiu para um local que mostrara no fundo da caverna. Eu continuei a ler, perdido em outro tempo, com a voz do meu pai ressoando em meu ouvido. Depois que ela apagou o lampião e deitou-se na sua cama, as palavras de quinze a vinte anos atrás continuavam a ecoar na minha cabeça. As baladas, as canções animadas e cômicas sobre a vida da corte, tudo me voltou e esquentou meu coração. Então, com a névoa marinha infiltrando-se pela escuridão silenciosa, ouvi a voz sonora do meu pai repetir as palavras que dizia ao fim dessas noitadas e que me faziam ir para a cama com medo: *timor mortis conturbai me*. “O medo da morte me inquieta.” Era a única certeza que eu tinha: a da morte. A morte estava por todo lado nesse lugar onde três vezes me fora dado o direito de viver. Rezei para dormir e para ter paz e, muitas horas depois, o sono enfim chegou.

Fui despertado com uma rajada de ar fresco no rosto. Inicialmente meus olhos procuraram em vão os objetos familiares do meu quarto na escola, mas finalmente lembrei onde me encontrava. A velha não estava ali. Segui a passagem da luz até a entrada da caverna e empurrei a treliça. A luz do sol machucou meus olhos; a

névoa marinha se dissipara. Um dia lindo e claro de primavera expunha o estuário em toda a sua beleza. Com pouca conversa, a velha preparou um café da manhã e, enquanto eu comia, mexeu novamente nas suas poções. Quando terminei e me levantei para pegar minhas coisas, ela se virou para mim.

— Espere, não está pronto ainda. — Sem maiores explicações, voltou ao trabalho. Examinou vidros e garrafas por alguns minutos, selecionou dois frascos pequenos e despejou neles as diferentes misturas que preparara na noite anterior. Entregou-me os frascos e, indicando o que continha um xarope amarelo escuro, disse: — Entregue ao delegado Buchan. É o remédio que ele procura. — Abri a boca para dizer algo, mas ela me silenciou. — Você sabe o que precisa saber, apenas dê a ele. — O outro frasco continha um tônico claro, quase azul. — E este é para você; uma colher todas as noites. Você dormirá com mais facilidade e os sonhos não incomodarão.

— Falei enquanto dormia? Gritei? — Ultimamente tenho acordado, algumas vezes, com os meus próprios gritos.

— Há muito tempo sei dos seus sonhos e já resolvi esse problema uma vez.

Por causa de uma poção como essa, pensei, não consigo me lembrar do que aconteceu na minha estada ali há menos de um ano.

— Não tenho dinheiro...

— Não estou pedindo nada — respondeu ela. — Leve e faça o que eu disse. Que Deus esteja com você. — Enquanto eu saía da caverna, ela se dirigiu a mim uma última vez, como se considerasse se deveria me contar algo. — A moça, Marion Arbuthnott, perguntou-me se eu sabia como era essa flor, a mesma que você procura. Eu lhe disse, como a você, que nunca vira a flor, a não ser em um livro sobre ervas, na seção de venenos. Então lhe descrevi a flor e, como ela tinha um bom conhecimento de botânica, entendeu exatamente como era. E disse que vira essa planta em algum lugar. Quando saiu, soube que estava determinada a encontrar a planta.

— Ela encontrou e morreu envenenada — falei.

A velha concordou.

— Tive medo de que isso acontecesse e creio que você também está determinado a encontrá-la. Cuidado para não segui-la pelo caminho escuro da morte. — Virou-se de costas e sumiu nas sombras da sua morada. Saí da caverna satisfeito e segui para casa.

A viagem para Banff pareceu mais curta do que no dia anterior; eu estava tão determinado que mal notei os quilômetros passarem. Ainda não era meio-dia quando cheguei a Gallow Hill e vi, na minha frente, o velho burgo. Ao descer a estrada, pude ver as flores azuis caindo; caindo como Marion Arbuthnott pôde vê-las. Tão perto que quase pude tocá-las.

14

O velório

Eu acabara de chegar e fechar a porta do meu quarto quando ouvi uma voz.

— Olá, Alexander. — Virei-me e vi Thomas Stewart sentado numa cadeira, na luz sombria do quarto. — Você demorou muito.

— Nem tanto — disse eu tirando o chapéu e permanecendo de pé. — Não esperava visitas.

Embora sorrisse, seu rosto estava conturbado.

— Deve estar exausto depois de sua viagem, mas preciso lhe falar; aliás já deveria tê-lo feito. — Eu sentira uma vigilância silenciosa quando andei pela cidade: as pessoas não me encaravam; quando eu as olhava, viravam o rosto. E agora me sentia inexplicavelmente amedrontado ao ver o notário no meu quarto. Não acendia o fogo há dois dias e o quarto estava frio e parecia vazio.

— Pergunte logo o que quer, Thomas — falei.

Ele se mexeu na cadeira.

— Estou aqui em visita oficial, Alexander; quero que entenda que é o profissional, e não o homem, quem está sentado a sua frente. É a única forma que conheço de proteger minhas amizades. — Então compreendi por que o vigia me questionou quando atravessei o portão do Boyndie há menos de uma hora e por que essa visita não prenunciava nada de bom. Ele se mexeu novamente na cadeira, levantou-se e andou pelo quarto. — Vim lhe fazer algumas perguntas e uma advertência.

— Uma advertência?

— Sim. — Parou no meio do quarto e encarou-me. — Dizem na cidade que você foi ontem a Findlater e a Darkwater e que passou a noite na caverna da curandeira, aquela velha. É verdade?

— De quem ouviu isso?

— De alguém acima de qualquer suspeita.

— Então sabe que é verdade — falei.

— Tinha esperança de que não fosse — disse ele com calma.

Depois se virou para mim, exasperado. — Por que você sempre cria problemas, Alexander? Não imagina os perigos aos quais se expõe?

— Que perigos? Visitar uma velha parteira e dormir na sua caverna até a névoa passar? Teria sido melhor arriscar minha vida no alto daquele penhasco?

— Seria melhor não ter ido lá — disse ele com veemência.

— Thomas, ela não é uma bruxa... É apenas uma velha que se cansou desse mundo e de suas fantasias e fúrias.

— Você acha que importa, Alexander, essa mulher fazer magia negra ou não? Na cabeça de algumas pessoas do burgo, ela é considerada uma serva de Lúcifer; você também, por sua associação com ela. Mesmo sendo inocente, depois que essa ideia se consolidar entre o povo nada poderá salvar a ela ou a você. A caça às bruxas correu pelo sudoeste e chegou até Fife. O que aconteceu aqui não foi o fim dessa loucura, mas o início. — Olhou para mim por um instante e tomou uma decisão. — Embora Jaffray não confirme, há quem acredite que você passou seus... — procurou a palavra para continuar — ... seus dias perdidos, no ano passado, aos cuidados daquela velha.

— E estão certos, mas não me lembro de nada do que aconteceu.

— Por qual motivo, Alexander, além de algum feitiço feito por ela para apagar esse período da sua memória? Como pode saber o que fez ou onde esteve naqueles dias?

— Eu era um homem, Thomas, apenas um homem. Não estava ligado a Deus ou ao demônio, somente a mim, e foi isso o que ela tentou me ajudar a esquecer. Creio que seu feitiço fracassou, no entanto.

— Bem, é uma pena, mas não faça nada que levante as suspeitas do povo.

— Nem seu fogo? — perguntei.

— Não — respondeu ele inflexível —, nem seu fogo. — Ficou em silêncio, mas eu sabia que tinha algo mais a dizer. Pigarreou ainda mais constrangido do que antes. — Acho, espero estar errado e queira me perdoar, que você está determinado a procurar sozinho esse assassino que circula entre nós.

— Você não está errado.

— Posso perguntar por que razão?

Pensei em Patrick Davidson, não na última noite de sua vida, quando me fez aquele apelo desesperado que eu não atendi, mas nas semanas que passou em Banff antes de morrer. Nunca procurei me aproximar dele. Eu o evitava e teria feito o mesmo se Jaffray não tivesse ido para o sul. A verdade, que eu recusei nas últimas semanas, é que a chegada de Patrick Davidson me frustrou porque ele era o que eu sempre quis ser. Não era rico nem pobre, mas teve uma boa educação e viajou para o exterior em busca de conhecimento e paixões próprias. Tinha uma vocação que muitos consideravam abaixo dele; era feliz, gentil, culto e amado. Em outra vida, em outro mundo, eu gostaria de tê-lo chamado de amigo, como quis Charles Thom, mas Patrick Davidson demorou muito para voltar ao lugar onde passou sua infância. Então virei as costas para ele. No seu último momento, virei as costas para ele. Estava decidido a honrá-lo agora; não nessa vida, porém na outra. Como eu conseguiria que Thomas Stewart compreendesse isso?

Não conseguiria e nem tentei. Disse-lhe apenas parte da verdade.

— Quando Charles Thom foi acusado e preso pela morte de Patrick Davidson, Jaffray e eu juramos que não descansaríamos enquanto não o víssemos em liberdade. Agora ele está livre e isso basta para Jaffray — ele tem muitas preocupações neste mundo —, mas estou envolvido demais para abandonar minha busca.

O notário não gostou do que ouviu e falou pausadamente:

— Alexander, aconselho-o a esquecer isso. Há armadilhas por todo lado! Se você não for acusado por suas ligações com bruxarias, pode ser considerado conspirador ou espião.

— Espião? Como?

— O povo da cidade pode considerar Marion Arbuthnott uma bruxa e Patrick Davidson, sua vítima; mas creio ser mais provável que ele fosse um espião e ela, sua ajudante. Se ele não estava envolvido com bruxarias, certamente estava com espionagem.

— Você está errado — disse eu —, ele amava Marion.

O notário me olhou, cético sobre a minha certeza quanto a isso. Evidentemente não tinha tempo a perder com esses assuntos.

— Se ele a amava ou não, pouco importa. O que deve saber é que, envolvendo-se nisso, pode sofrer sérias consequências.

— É o profissional ou o homem que diz isso? — perguntei.

Ele respondeu com firmeza.

— Ambos.

Acendi uma vela; entrava pouca luz no meu quarto àquela hora do dia e eu queria ver o rosto do notário.

— Thomas, você foi um dos que me envolveram na questão dos mapas de Patrick Davidson. Como eu poderia saber da existência deles ou temer outras conspirações que não as que tememos normalmente? Como pode me acusar de algo que sabe que não fiz?

— Não o acuso de nada, mas alguns dos seus encontros na viagem a Aberdeen foram imprudentes.

Não consegui acompanhar seu raciocínio.

— Fiquei hospedado na casa de um amigo, um respeitado advogado conhecido nessa cidade e por você.

Ele concordou.

— William Cargill é um bom homem.

Eu não suportaria mais rodeios.

— Cumpri as tarefas referentes à escola e as obrigações impostas pelo conselho. Não vejo qual erro posso ter cometido. E caso se refira a George Jamesone, o artista, deve pedir explicação ao intendente, pois eu...

Ele me interrompeu:

— Não me refiro ao artista, ao reitor Dun, ao Dr. Forbes ou a qualquer outro desses cidadãos, mas nega que esteve com Matthew Lumsden?

— Matthew Lumsden? Como ele estaria relacionado a isso?

— É o que eu quero saber... — Percebi, então, que era por isso que viera até aqui.

Senti minha apreensão crescer.

— Matthew Lumsden é meu amigo, conheço-o há anos.

— Matthew Lumsden é um assecla do marquês de Huntly. Ele fala em alto e bom som, e com muita frequência, de assuntos que deveria guardar para si. Suas opiniões são conhecidas e suas tendências religiosas são comentadas. Envolvido como você está, deveria evitar a companhia dele.

Levantei-me, fui até a porta e abri-a.

— Ele é um homem que não vendeu sua honra por um cargo. E escolherei meus próprios amigos, Sr. notário.

Se ele disse algo ao sair, não ouvi. Quando fechei a porta, senti que tinha perdido um amigo que nunca valorizei como deveria; tive pena, mas não havia como retirar o que disse. Minhas roupas ainda estavam úmidas da viagem a Darkwater, minha cabeça doía e eu sentia calafrios, então peguei o vidro que a velha me deu e tomei um

gole do líquido amargo. Quando me deitei, percebi, tarde demais, que Thomas Stewart sabia de todos os meus passos em Aberdeen.

Uma voz vinda de um lugar distante entrou nos meus sonhos e chamou minha atenção. Sem motivo eles esconderam para mim sua rede em uma cova, que sem motivo cavaram para minha alma... A voz, clara e pura, aproximou-se e a ela se juntaram várias outras, solenes e baixas, em uníssono, repetindo essas palavras com toda a exatidão. As vozes marchavam sobre mim, cantando. Deixei a cama aos tropeções e ainda com o corpo quente. Mas na minha adversidade eles se regozijaram e se juntaram; sim, os abjetos juntaram-se contra mim, e eu não sabia; e me dilaceraram sem cessar... As vozes estavam cada vez mais perto; meus olhos não abriam por completo e segui tateando pelo quarto até alcançar o alto da escada. Quatro degraus abaixo, envolvido pelo sono, encostei o rosto na pequena janela na parede. A multidão, uma verdadeira multidão, serpenteava pelo jardim da igreja, desde a Low Shore até a High Shore e, em pouco tempo, passaria debaixo da minha janela. Por trás do esquife, vinham o boticário e sua esposa, ela abatida e ele determinado, e, à frente, Charles Thom. Sua voz divina soava sozinha atingindo o céu: *Senhor, por quanto tempo sereis um espectador? Salvai minha alma da destruição deles, e minha querida dos leões...* Sozinho, muito acima deles, citei calmamente o salmo, palavra por palavra, nota por nota, e juntei-me às outras vozes no velório de Marion Arbuthnott.

Eu precisava me trocar; não podia sair à noite com aquela roupa, nem continuar com ela. Meu corpo perdera o calor da cama e o frio entrava em minha pele. Meus outros trajes, que a criada lavara no dia anterior, estavam pendurados em frente ao fogo da cozinha, soltando um vapor que subia até o teto e escorria em gotas pela parede. Voltei para o quarto e peguei a chave que pusera sobre a

lareira há nove meses e que somente saía dali quando a Sra. Youngson ou a criada faziam a limpeza. Agachei-me e tirei o baú sob a cama. A fechadura estava emperrada, mas cedeu à terceira tentativa da chave. Abri a tampa com cuidado, com um medo bobo de ser descoberto, porém logo estaria diante de muitos que me conheciam, vestindo o terno que agora hesitava em tirar do seu túmulo. Levantei primeiro os papéis, por que guardei o meu sermão? Embaixo se encontravam as roupas pretas de um representante de Deus, em toda a sua pureza, feitas com amor e usadas apenas uma vez; a capa e o terno de um tecido inglês fino, com o colarinho de veludo confeccionado pelo melhor alfaiate de Banff, por encomenda dos meus caros amigos: Gilbert Grant e sua esposa, Jaffray, Charles, que tinha poucos tostões, e os pais de alguns dos meus alunos, que tinham ainda menos dinheiro. Usei essa roupa diante dos membros da congregação no presbitério de Fordyce, naquela noite de junho em que ouvi o senhor de Delgatie destruir-me com suas palavras. Se eu tivesse comprado aquelas roupas, as teria queimado há muito tempo, mas, como foi um presente, deixei-as trancadas no baú sob a minha cama, um símbolo oculto da minha queda. Nessa noite, em uma cidade perdida no seu medo de uma escuridão desconhecida e reunida na despedida pagã de uma moça assassinada junto com seu bebê ainda por nascer, eu usaria minhas roupas novamente. O momento era quase apropriado. Retirei os trapos úmidos que me cobriam e comecei a me vestir.

O sino da cidade tocava a sétima badalada quando passei sob a arcada ao lado da loja do boticário. Os cantos ritmados dos salmos e o aroma forte de carne sendo assada guiaram meus passos. Era um fim de tarde ameno e o sol ainda não se pusera por trás das montanhas do oeste. O mar estava calmo. A voz de Charles parecia guiar as ondas que chegavam à praia e o povo cantava em uníssono atrás dele, suas vozes rolando como seixos levados pelas ondas de volta para o mar. Muitos pranteadores se encontravam no quintal,

mas as mulheres permaneciam em casa. Ninguém me viu entrar, então examinei o rosto de cada um enquanto alguns mudavam lentamente de expressão e outros conversavam em voz baixa com os vizinhos. Eu estava impressionado com a hipocrisia dos meus conterrâneos; quantos deles se reuniram a poucos metros dali, duas noites antes, para ver o corpo de Marion queimar e agora pranteavam sua morte? Notei que poucos estavam ausentes. Das guildas, estavam todos os que não foram presos e os membros principais usavam a insígnia dos seus ofícios em homenagem ao colega, o boticário. Fabricantes de velas, tanoeiros, açougueiros, sapateiros, tintureiros, tecelões, ferreiros. Como me lembrei do meu pai em uma noite como essa! Como minha mãe detestava a apropriação pública desse sofrimento privado! Ela não compreendia.

Não me surpreendi ao ver o delegado, observando tudo; apesar de sua oposição a manifestações “papistas” como o velório, ele gostava de conhecer seus inimigos. Longe da multidão, sozinho nas sombras da porta da casa, estava o intendente. Nossos olhos se encontraram e ele me cumprimentou com um gesto de cabeça antes de se esconder ainda mais nas sombras, onde um espectro branco se mantinha atrás dele: era Geleis Guild, que viera chorar por sua amiga. Ao desviar o olhar, vi Jaffray conversando seriamente com Thomas Stewart, mas ele não me viu. Eu não o via desde que me pediu para não ir a Darkwater e, percebendo que eu o olhava, levantou a mão num cumprimento, mas o notário evitou meu olhar. Ofendido, segui para o lugar de onde vinha a música.

Trajado de ministro para espanto dos vizinhos, abri caminho até o círculo na frente da multidão, perto do professor de música e de seus alunos. Charles dirigia os meninos da forma tradicional, de pé diante deles e atrás de uma estante improvisada, virando as páginas da partitura com uma das mãos e dirigindo o coro com a outra. Longe da hospedaria, da casa de Jaffray e da igreja, ele era outro homem. Afastado das preocupações deste mundo e de seus deveres,

sentia uma liberdade que raramente lhe era concedida e se deleitava completamente ao apresentar os dons que recebeu de Deus. O salmo que cantava agora não era monocórdico como os outros e despido de ornamentações; era digno do talento e do treinamento de um verdadeiro músico. As vozes do professor e dos alunos seguiam em magnífica polifonia, pedindo a Deus, em nome de Marion Arbuthnott, que “julgasse e vingasse sua causa”.

O delegado Buchan, a poucos passos de mim, não se mexeu durante toda a apresentação do salmo, mas seu rosto demonstrou reprovação a cada prova de virtuosismo do meu amigo. Não tirou os olhos de Charles e somente quando ele e os meninos cantaram o 18º salmo pareceu notar minha presença. Em silêncio, aproximou-se de mim para não deixar que eu ou Charles escapássemos de seu campo de visão.

Em um instante, estava encostado no meu ombro. Tomei coragem quando o sol se punha aos poucos.

— Não gosta do salmo, delegado? — perguntei.

— Sim, gosto; as palavras do rei Davi imploradas ao Senhor asseguraram a probidade da sua causa em um mundo pecador. Essa interpretação, porém, essa ostentação da vaidade dos homens, deixa-me enojado. Qual a necessidade, do salmista, de tanta perversão?

— A voz do nosso professor de música é um dom de Deus, não acha?

Ele me olhou com desprezo ao ouvir minhas palavras.

— O senhor não se lembra das palavras de John Knox? Ou ele não conta com o apoio dos grandes episcopais do King's College?

— Conheço muito bem as palavras de John Knox — respondi —, assim como meus mestres. — Na verdade, lembrei-me das palavras do grande Reformador por causa das discussões que meus colegas de turma e eu tínhamos sobre o lugar da música na adoração a Deus. Para o delegado, não havia o que discutir.

Ele falou em voz baixa:

— Ele sabia das ciladas que o mundo prepara para os homens e avisou-nos sobre elas. Os dons do professor de música deveriam ser aplicados para a edificação do povo e não para alimentar sua vaidade. — A veemência das suas palavras ultrapassou suas forças e ele foi tomado pela já familiar crise de tosse.

Uma grelha com um porco apareceu em um canto do quintal, perto do poço. Alguns meninos esfarrapados juntaram-se por ali, prontos para encarar a ira do cozinheiro em troca de uma refeição quente. Eu estava com fome e comeria algo com prazer, pois me sentia fraco e cansado, mas não era o momento de comer: as longas tábuas sobre cavaletes colocados no quintal ainda não estavam cobertas das delícias que as mulheres da família Arbuthnott prepararam durante o dia. O tempo da solenidade ainda não terminara; o da gula e da luxúria estava por vir. Meu fino traje inglês, com a capa longa e o colarinho de veludo, não bastava para impedir que a umidade e o frio penetrassem até meus ossos; comecei a sentir tremores e procurei um lugar junto ao fogo. Gostaria de voltar para a cama, pois tinha pouco tempo para velórios e para as superstições que traziam, mas me senti forçado a ficar até o fim da noite.

O salmo que os alunos cantavam chegou finalmente ao seu fim doloroso e um novo som encheu o ar, uma melodia doce e melancólica que eu conhecia bem. Um dos meninos mais velhos pegou sua flauta enquanto outro tocava a rabeca, entoando uma cantiga lamentosa, e Charles começou a cantar um pranto de amor: *“Eu gostaria de estar onde Helen jaz.”* As mulheres haviam saído da casa; algumas estavam na escada dos fundos e outras passavam suavemente entre os convidados no quintal da casa. Então, como que vindas de outro lugar, notas de uma harpa antiga juntaram-se às da flauta e da rabeca e à voz de Charles. Virei os olhos para ver de onde vinha aquele som, pois Charles não era harpista. Em um tamborete atrás do tablado dos músicos, estava Ishbel, a criada de

Jaffray, cujos dedos acariciavam as cordas da harpa, como há séculos faziam seus ancestrais. O instrumento expunha a agonia do amor perdido, de uma vida e de sonhos exterminados, e, por um instante, todos os ruídos cessaram; até Charles se manteve em silêncio.

Quando as notas impregnaram o ar e a canção finalmente chegou ao fim, vi que muitas pessoas choravam. O momento de Marion Arbuthnott chegara. O médico foi até Ishbel, cheio de orgulho e amor. No alto da escada, engolfada pela sua desolação, apareceu a mãe de Marion com a cabeça enterrada no ombro da Sra. Youngson, cujos olhos mostravam suas próprias lembranças. Quem mais me chamou atenção, contudo, foi o delegado; ele também olhava para o nada, distante do lugar e do tempo em que se encontrava, vendo uma imagem há muito tempo perdida. Eu nunca vira tanta humanidade em seu rosto. Charles não se moveu, observando Ishbel por algum tempo. Seus lábios se entreabriram e aos poucos se fecharam novamente. Um véu fora tirado de sobre seus olhos.

Depois de se compor, o médico, abraçado a Ishbel como se fosse seu pai, disse:

— Agora, Charles, queremos ouvir algo que alegre nossos corações.

Charles saiu lentamente do seu encantamento e, sorrindo, pegou seu arco, instruiu os músicos, que pegaram suas flautas e seus tambores, e tocaram uma melodia animada. O novo ritmo foi um sinal para pranteadores, convidados e anfitriões. As mulheres alvoroçaram-se, os meninos corriam da cozinha para o pátio e logo as mesas foram cobertas de travessas, tigelas e cestas, com todos os tipos de comida: tortas recheadas de aves de caça, peixe, coelho, pães, doces, pudins, cremes, bolos e diversas carnes. O conselho e a assembleia declararam-se diversas vezes contra festividades dessa espécie — esse era mais um banquete de casamento do que um funeral —, mas Marion Arbuthnott não teria casamento e tudo o que seus angustiados pais pudessem fazer por ela, eles fariam.

O sol finalmente se pusera, levando consigo o brilho âmbar. Tochas foram acesas em suportes nas paredes do quintal, criando sombras grotescas de homens, mulheres e crianças numa perversa celebração da passagem de uma alma para a morte; de duas almas. Tentei não olhar para eles. Era preciso falar com Thomas Stewart; não podia manter as coisas entre nós como estavam e era eu quem deveria consertar a situação. Levantei-me, sentindo a cabeça pesada como chumbo, e comecei a procurá-lo. Havia muitas pessoas se movimentando, sozinhas e em grupos, da fogueira para a mesa ou para a grelha; não era possível ver ninguém claramente. Abri caminho entre a multidão até chegar ao local onde vira o notário conversar com Jaffray, mas eles não estavam mais ali. O calafrio que eu sentira antes era agora alternado com ondas de calor intenso que acabavam na minha cabeça e a faziam latejar. Sentei-me em um banco com medo de perder a força nas pernas. Antes que eu sentisse algum alívio, um braço empurrou meu ombro e quase me jogou no chão. Olhei em volta rapidamente, mas nada vi além da bainha rasgada de uma capa. Tive certeza que os homens de Lang Geordie se infiltraram ali e não era uma boa ideia sentar num canto escuro; levantei-me novamente e segui para as mesas cheias de gente. Não sabia se era meu corpo que oscilava ou o daqueles por quem eu passava, mas sentia que meus pés não estavam firmes. Tive raiva da curandeira de Darkwater por ter me dado um tônico e de mim, por ter tomado aquilo sete horas antes.

Finalmente consegui passar pela multidão. Sentei-me em um banco e senti um prato na minha mão com porco, maçã assada com cravos, um molho escuro e apimentado e pão quente. Levantei os olhos e vi Gilbert Grant diante de mim.

— Alexander, você parece que vai desmaiar. Coma um pouco, meu rapaz, coma. Minha esposa disse que você não comeu nada desde que voltou e precisa se alimentar.

Aceitei o prato e agradeci com um aceno de cabeça à Sra. Youngson, que cuidava de tudo no lugar da mãe em luto. Serviram-me vinho quente temperado e, à medida que comia e bebia, comecei a recuperar as forças. Gilbert Grant parecia satisfeito por comer em silêncio, olhando-me constantemente. Fiquei satisfeito também, pois não queria conversar nem mesmo com aquele homem gentil e caloroso. Um conflito se formava naquele lugar, algo que a música, a comida, a bebida e a dança das chammas não podiam mascarar, e eu estava decidido a assistir a esse confronto. Eu sentia em volta vigilância e expectativa.

Charles e seus meninos, os músicos mais velhos e experientes tocaram uma *courante*¹, e alguns dos mercadores mais ricos, junto com latifundiários, tiraram esposas e filhas para dançar, conscientes de seu status e sua dignidade. Olhei para o delegado, que se mantinha junto ao professor de música e ao seu tablado, ainda carrancudo, pois considerava a dança, ainda que graciosa, um combustível para o fogo do demônio, tão eficaz quanto a orgia mais selvagem. Eu não dançava desde o último Natal que passei em Delgatie e observei os homens e as mulheres em passos cuidadosos, virando-se e dando-se as mãos novamente em um desfile majestoso, tudo com muita decência e ordem. Os rostos eram como máscaras, mas os olhos sempre exprimiam algo.

A dança terminou e, antes que eu pudesse voltar ao meu lugar, começou outra. Inadvertidamente, vi-me em uma fila de quatro homens diante de quatro mulheres, sendo uma delas Geleis Guild, muito pálida e exausta. Olhei para o intendente e ele me olhou de volta, imóvel. Seria um teste? Eu devia saber que não poderia encostar a mão naquele seu bem frágil e delicado? Eu sabia disso. A música começou; dei um passo à frente e peguei sua mão fina, pois não haveria como sair dali. Geleis Guild olhava para o nada, como se não me visse, e a dança prosseguiu. Ela não pronunciou uma palavra

nem demonstrou que me conhecia. Eu não a via desde a manhã em que levamos o corpo de Patrick Davidson para sua casa. A perda da amiga dobrou seu sofrimento e a deixou sem vida. Imaginei que tipo de infusão Jaffray lhe dera, pois ela parecia pronta para passar ao outro mundo. Quando a dança terminava e passamos um pelo outro pela última vez, sua boca roçou nos meus cabelos e ela disse, num esforço supremo:

— Não os decepcione.

Sua mão soltou a minha e ela se misturou novamente à multidão. O intendente não me observava — eu não conseguia vê-lo —, mas os olhos de muitos outros, de Jaffray, de Thomas Stewart e do delegado Buchan fixaram-se em mim. Quis passar calmamente por ali, como se fosse um estranho, então dei um passo atrás e esperei que a multidão me envolvesse.

De alguma parte, sobre o aroma da carne assando, dos temperos fortes e do odor de suor e sujeira, veio às minhas narinas e à minha cabeça uma nova sensação. Não era a fumaça da grelha ou da fogueira que nos aquecia, nem o tabaco da Virgínia do qual Jaffray reclamava mas tanto gostava; era um cheiro doce de folhas queimadas que alteravam o humor e o espírito. Estava chegando o momento de fumarem essas drogas e de adicionarem sementes amassadas às bebidas. O delegado e outros se desesperavam com o perigo que canções e danças ingênuas podiam causar às nossas almas... como o demônio devia rir da ingenuidade deles enquanto atingia nossa mente e nossa visão com esses presentes pagãos trazidos do Novo Mundo. Desejando estar plenamente consciente, afastei-me do estranho perfume, pensando nas palavras da esposa do intendente.

Não os decepcione.

Alguns músicos mais jovens voltaram para casa, levando o pagamento prometido para as mães, e a música e a dança foram se tornando menos elegantes. O médico dançou com Ishbel quando

tocaram uma canção mais popular. A cítara foi tocada pela primeira vez, ao ritmo do pequeno tambor e em perfeita sintonia com a flauta dedilhada pelos dedos hábeis de Charles, cujos olhos sorriram ao ver Ishbel corar com os maneirismos exagerados do médico. Apesar de todos os acontecimentos dos últimos dias e de toda a tristeza que ocasionou a celebração, o médico parecia dez anos mais jovem naquela noite. Pediram, então, que tocassem uma música mais animada. Eu evitava velórios como esse no passado — os estudantes não participavam deles em Aberdeen —, mas Archie sempre foi um pranteador convincente. Eu sabia que, em certo momento, as autoridades, como o ministro, o meirinho, o delegado ou um policial, teriam que pôr fim às festividades, temendo pela moral pública e pela ordem. E esse momento chegara: serviam mais bebidas do que comidas, estranhas substâncias começavam a alterar o espírito dos homens e o bom humor ameaçava virar mau comportamento.

Naquela noite, porém, Banff era uma cidade sem ministro ou meirinho e o delegado precisava de todo o seu contingente para guardar os prisioneiros espalhados pela cidade. O cuidado e a atenção do intendente estavam concentrados na jovem esposa, para que sua mente não fosse contaminada e ela não sofresse ainda mais. Restava apenas Buchan, mas ele, como eu, esperava e observava o que ocorreria. Depois de olhar rapidamente para o delegado, sem obter qualquer resposta, Charles pegou o violino e tocou sua música favorita, *Gallua Tom*. O flautim aceitou o desafio e os dois, ao ritmo do pequeno tambor e da cítara, que se esforçava para acompanhá-los, soaram com velocidade e destreza, como se estivessem em uma batalha. O quintal se tornou uma massa de corpos que rodopiavam, riam e se agarravam. A luz trêmula das tochas iluminava suas formas retorcidas, as gotas de suor que lhes desciam pela testa, os olhos brilhantes e ansiosos e as bocas lascivas entreabertas.

Quando a música chegou ao auge e os dançarinos mal conseguiam manter o passo, vi George Burnett, o mestre de obras, estuprador de Sarah Forbes e pai de seu filho, cambaleando e segurando em seus braços Ishbel, cujo olhar estava aterrorizado. Meu estômago se contorceu. Dei um passo à frente para salvá-la, mas eles passaram rodopiando em velocidade, fui jogado para o lado e os dançarinos me empurraram para que eu saísse do caminho. Onde estava o médico? Olhei em volta, mas não o vi. Procurei George Burnett e Ishbel; eles foram carregados pela dança e eu não tinha esperança de alcançá-los até passarem por mim novamente. Vi seus dedos enormes e torcidos prenderem o braço fino de Ishbel e pensei naquelas mesmas mãos forçando Sarah Forbes. Ainda assim, ela não se deixou destruir: agora estava a salvo com seu filho em Aberdeen, longe de Burnett. Ishbel, porém, não era tão forte: seria esmagada por George Burnett como uma flor e isso acabaria com Jaffray. Uma flor esmagada, uma flor quebrada e caída. Então, quando a música ameaçava carregar todos em um redemoinho de loucura e quando a fumaça estranha serpenteou na minha direção, vi as flores caindo no chão, caindo de uma mão aberta, e vi o rosto da mulher que as segurava. Ela me chamou através da música, através do silêncio, através do tempo. Janet e Mary Dawson ouviram mal, Patrick Davidson não dissera "*James e as flores*".

Comecei a abrir caminho entre a multidão. A música era desconexa e destoante e parou quando Charles Thom pulou do palco gritando com George Burnett para largar Ishbel. Em outra noite, em outro momento, eu o teria ajudado, mas pude apenas entregar Charles e Ishbel a Deus e a si próprios. Era preciso ver outro trabalho do mestre de obras naquela noite. Um grupo de curtidores de couro e tintureiros, rindo e bebendo, bloqueava a entrada da viela

que dava na rua. Sentindo-me mal, tentei pedir que me deixassem passar, mas as palavras não saíam.

— Caindo outra vez, Sr. Seaton? — Suas risadas eram mais de zombaria do que de prazer.

— Preciso passar — disse.

— Somente depois de tomar uma dose conosco.

A uma voz desconhecida juntou-se uma mão que não pude ver com clareza. Apertaram minha boca e me fizeram tomar um líquido que queimava a garganta. Enquanto engolia aquilo, um dançarino desequilibrado bateu nas minhas costas e cuspi a maior parte da bebida. Depois de mais risadas, os artesãos me deixaram passar. Cambaleei pela viela até a rua enquanto os ruídos do velório me seguiam pela noite escura. Homens e mulheres, formas e sombras, emergiam das esquinas, encostadas nas paredes e descendo pelas passagens escuras e vielas, esquecidos dos acontecimentos da noite e do corpo queimado da moça assassinada.

Xingamentos, gritos e sons seguiam pela rua. Virei-me a tempo de ver George Burnett, blasfemando, ser expulso da casa do boticário e Thomas Stewart, atrás dele, avisando-o para não voltar. Encostei-me numa porta para ele passar, cambaleando, sangue escorrendo do nariz. Charles agira com rapidez, e Ishbel ficaria bem, graças a Deus. Burnett me olhou antes de chegar à porta da hospedaria do mercado. Ainda praguejando, entrou e para ele a música do velório sumiu na noite quando a porta se fechou. Eu mal tinha forças para ficar em pé e não teria conseguido enfrentá-lo por mais bêbado que ele estivesse.

O jardim da igreja estava escuro e silencioso; as irmãs Dawson não apareceriam para me chamar ou para ajudar um estranho caído no chão. Nuvens cobriam a luz da lua e as casas do burgo pareciam soldados tortuosos na luminosidade mortíça. O caminho à frente era claro e minha única escolha. Senti a garganta seca e uma sede desesperadora. Com um supremo esforço, consegui não desviar os passos para o poço da escola ali perto. Segui em frente, nauseado e

arrepiado de frio. Forcei um passo na frente do outro e arrastei-me pela High Shore em direção a Water Path. Olhei novamente o jardim da igreja: os tijolos e a argamassa, imóveis por centenas de anos, começaram aos poucos a mudar e a se mover diante dos meus olhos. Lápides grandes, pequenas e chatas, presas ao chão, começaram a dançar: eu vi as lápides dançando. Aterrorizado, acelerei o passo, mas mal podia me equilibrar sobre o chão, que parecia girar. As músicas do velório me seguiam, mas perdiam a melodia, tornavam-se destoantes, uma cacofonia de gritos seguidos por um lamento que não pertencia a essa vida ou a esse mundo. Não tive coragem de olhar outra vez para o jardim da igreja.

A rua se estreitava à medida que eu descia pela Water Path. As fachadas das casas eram menores, as construções mais próximas umas das outras. Vias tortuosas saíam das ruas, atravessavam pátios e quintais e emergiam adiante, tendo cruzado com outras aleias. Qualquer homem — ou mulher — poderia me seguir e atacar sem que ninguém me visse. Longe do calor e do clamor do velório, da intoxicação de sons, aromas, músicas e fumaças, minha cabeça estava alerta para todos os terrores da noite. A sede queimava minha garganta, mas parar agora, voltar, significaria morrer, eu sabia disso. Olhava apenas para a frente, mas nada era como devia, como eu conhecia. Onde havia dois degraus, eu via quatro, afastando-se e se aproximando; onde sabia haver uma porta, eu via duas, batendo em uníssono por causa de um vento que não existia. Quis fechar os olhos para eliminar essas visões e me deparar com a única verdadeira, a imagem do rosto de Helen.

Esse rosto ficou comigo: fixei minha mente na dela e a mantive, enquanto ela me guiava para o final de sua história.

Finalmente alcancei meu objetivo, logo antes de a Water Path se juntar ao Castlegate e de eu chegar aos altos muros em redor do castelo. A respiração e os olhos escondidos nas sombras estavam mais próximos de mim e eu podia sentir seu frio na minha pele.

Virei-me, cambaleando, passei por uma abertura num muro em ruínas à esquerda e me vi entre o entulho e as fundações da nova residência do ministro.

Eu não tinha lampião, tocha ou vela e grandes carvalhos e castanheiras que começavam a brotar deixavam passar apenas parte da luz da lua: estava muito mais escuro ali do que na rua. O som do vento nas árvores se juntava ao barulho do mar batendo na praia. O clamor da cidade era uma lembrança e um murmúrio distante. Aquele lugar era desolado e repleto de fantasmas que tocavam meus cabelos com seus dedos. Livrando-me daquilo, andei sobre as pedras e as valas e vi que o velho jardim ainda não estava limpo, como Sarah Forbes tinha dito, e a discussão do notário com George Burnett confirmava.

O jardim de Helen.

Na outra extremidade, abaixo de um muro e abrigado do mar, o solo não fora mexido: um coro de vozes mortas me dizia aos sussurros que era *aquela* o lugar. Tropecei em um galho e, quando consegui me desprender, meus pés caíram em uma vala. Gritei, mas não havia som; minha boca e minha língua se mexeram, mas havia apenas o silêncio. Ninguém ouviria meus gritos: uma vingança justa pelo que fiz com Patrick Davidson.

Forcei meu corpo a se levantar mais uma vez e vi algo brilhando ao luar. Tentei me aproximar. Eu não estava enganado. Era um vidro grosso e velho, desgastado pelo tempo. Debrucei-me, concluindo que seria uma vidraça que os construtores deixaram ali, mas, embora parecesse ter tido uma sólida moldura de madeira, aquilo não era uma vidraça. Controlando minhas mãos exaustas, deslizei o vidro nas duras canaletas de madeira e, sob ele, vi a beleza da morte: no mais pálido azul sob a luz pálida da lua, estavam as flores esguias e delicadas da *colchicum mortis*. Estiquei minhas mãos, maravilhado. Ouvi um graveto quebrar, mas não sob meus pés e, com ele, uma tosse seca. Girei a tempo de ver as feições ossudas do rosto de

William Buchan me encarando e uma pedra sendo jogada na minha cabeça.

¹ Dança de origem italiana do século XVII. (N. da T.)

15

Finais de histórias antigas

O corpo largo de Thomas Stewart barrava a porta. A única janela da sala era reforçada com barras de ferro. O único móvel era o catre onde eu estava deitado. As paredes e o chão de pedra não tinham tapetes. Percebi que era dia, mas não sabia a hora, talvez o fim da manhã. Não era possível ouvir o mar. Tentei erguer a cabeça, mas ela latejava tanto que caí novamente no colchão. Thomas Stewart chamou imediatamente um guarda, através de uma fresta da porta, deu-lhe uma ordem e cerrou a fresta. Aproximou-se de mim para ver se eu dava algum sinal de vida; abri a boca e tentei falar, mas minha voz era rouca demais para ser compreendida. Ele mergulhou uma xícara em uma bacia de água ao lado da cama e me deu para beber. Engoli um pouco da água, mas a forte dor de cabeça impediu que eu sentisse algum alívio. Tentei falar novamente.

— O delegado? — perguntei.

— Ele está aqui.

— E o intendente?

O notário sacudiu a cabeça.

— Walter Watt não foi encontrado. Desapareceu antes que o delegado pudesse pegá-lo e quando os guardas dos portões da cidade foram avisados ele já estava longe. Saiu pelo Sandyhill Gate, galopando, e os vigias não ousaram enfrentá-lo. Quem desafiaria o intendente?

Outro homem, porém, ousou. Muito dos acontecimentos da noite passada permanecia trancado em algum esconderijo da minha

mente, mas me lembrei de que William Buchan tinha salvado minha vida. Podia vê-lo segurando o braço de Walter Watt enquanto ele jogava uma pedra pontiaguda na minha cabeça. Podia vê-lo sendo empurrado para trás por Walter Watt e se levantando para impedir que o intendente acertasse uma segunda pedra em mim. Nesse momento, tudo ficou nublado e nada mais vi.

— Ele está muito machucado? — perguntei.

— Alguns arranhões no rosto e um corte extenso na mão — não admitirá nada além disso —, mas a luta contra esse adversário furioso podia ter sido muito pior se não fosse pela providência misericordiosa da tempestade.

— Tempestade?

— Sim, a tempestade da noite em que Patrick Davidson morreu arrancou galhos de árvores em toda a região e foi um desses galhos que o delegado conseguiu atirar na cabeça do intendente antes que ele o atacasse novamente. O intendente fugiu e William Buchan só pôde segui-lo depois de estancar seu sangramento. — Então baixou a voz. — Ele não o teria apanhado, mal podia andar quando chegou até nós para acusar Walter Watt. Mas, o jardim, Alexander... Como você sabia?

Bebi mais um gole da água, sentindo menos dor e mais alívio. Finalmente podia falar a verdade.

— Patrick Davidson me contou.

Antes que o notário pudesse replicar, a porta atrás dele se abriu devagar e o delegado Buchan entrou, seguido de dois guardas.

Como eu expressaria com palavras tudo o que queria lhe dizer? Eu não tinha forças para falar, nem ele para ouvir. Seu rosto estava mais amarelado do que nunca e os ossos pareciam de um morto.

— Obrigado — foi tudo o que eu disse.

Ele me olhou por um longo minuto e finalmente falou:

— Deixemos os agradecimentos para Deus. Ele nos revelou a verdade através do senhor e preservou-o para Seu trabalho. Será

uma grande bênção para mim ver esse trabalho terminar.

— Como soube? — perguntei.

O delegado teve um de seus acessos de tosse e Thomas Stewart pediu que lhe trouxessem uma cadeira, mas William Buchan indicou que não queria se sentar.

— Sei há oito anos. E todos os dias implorei a Deus de joelhos para que Ele fizesse justiça a Helen neste mundo, como fará no próximo.

— Mas por que esperou tanto? Por que não o acusou antes? — perguntei olhando para os dois.

— Eu não tinha provas, apenas uma certeza no meu coração e na minha cabeça. Não podia acusar um homem de algo assim sem fundamentos reais; o demônio cria muitas armadilhas para os que não estão atentos à própria fraqueza, e eu conhecia a minha. Tive de esperar e de observá-lo por oito anos, mas ele nunca deu um passo em falso. Duas semanas atrás, quando se lançou mais uma vez em atos obscuros, eu soube que esse dia se aproximava, mas ainda não tinha provas: por mais que tentasse, nada encontrava. Então rezei para que o Senhor me ajudasse na minha busca e Ele ajudou, com a descoberta dos mapas de Patrick Davidson. Naquele momento percebi que devia chamá-lo. Quando veio até nós e provou que não se corrompera como se pensava, soube, apesar de suas fraquezas, que o senhor poderia fazer o que eu não pude. Muitas vezes me perguntei por que Deus lhe havia dado tantos dons desperdiçados por seus atos de fraqueza, porém esqueci que nosso verdadeiro chamado nem sempre é o que parece mais provável aos olhos dos homens.

— Não fui chamado a investigar assassinatos — eu disse com frieza.

— Não, mas para descobrir a verdade. Nos seus primeiros anos já se podia notar sua capacidade de buscar a verdade.

Nos meus primeiros anos. Suas palavras me levaram a três dias atrás, à sua sala despojada, ao baú guardado no chão, às notas que li enquanto ele e Charles dormiam, ao meu sermão na igreja de Boyndie. Como ele tinha esperança de me ver ministro, como agradecera pelos dons que eu recebi! E como zombei da fé que ele tinha em mim! Agora me dizia que eu fizera o que ele não fez: considere-me perdido para Deus neste mundo, e para Sua salvação no outro, algo que ele nunca fez. Jamais pensei que sentiria ternura por William Buchan ou desejaria ser digno de seus elogios, mas me senti humilde e honrado pelas palavras daquele homem que eu tanto desprezara.

Ele continuou:

— No momento em que o intendente decidiu lhe entregar os mapas, soube que o senhor iria aonde eu não podia ir, perguntaria o que não pude perguntar, encontraria o que não pude encontrar. Então passei a vigiá-lo e mandei que o vigiassem e o seguissem.

Lembrei-me então que me sentia vigiado e imaginava ouvir passos atrás de mim, mas não via ninguém quando me virava.

— Mandou Lang Geordie vigiar-me?

Pela primeira vez, ouvi William Buchan rir, um riso solto e alegre.

— Lang Geordie? — repetiu incrédulo. — Não, Sr. Seaton, eu não me associo a ladrões e a mendigos desocupados.

— Então, quem?

— Eu, Alexander — disse Thomas Stewart em voz baixa —, eu o vigiava.

Minha cabeça tentava esclarecer tudo o que ocorreu nos últimos dias, tudo o que eu não entendera. Eu tinha a impressão de ser vigiado, mas sem indícios de quem poderia ser. Em Aberdeen, na estrada para Straloch, até mesmo...

— Foi você, Thomas, quem me seguiu até Darkwater? — Fiquei espantado por aquele homem não ter morrido.

— Não — disse o delegado —, a vida do notário precisava ser poupada e eu temia que vocês corressem um perigo grande demais. Eu é que o segui até Darkwater, até a casa da velha. Ela me viu, claro, mas eu sabia que não lhe contaria nada. Faz muito tempo que ela pensa como eu.

O delegado e a bruxa? Isso estava além da minha compreensão! Mas, sim, ela o vira: o tônico que me deu e que esqueci de lhe entregar era para seus pulmões, portanto ela sabia que ele estava doente. Olhei para ele.

— Como o senhor sobreviveu àquela noite? — perguntei.

— Deus cuidou de mim. Muitas vezes tive de ir a Findlater a negócios e, quando percebi que você estava seguro com a velha, pedi que o vigia do castelo me abrigasse. Quando amanheceu e a névoa do mar se dissipou, eles me deram o melhor cavalo da estrebaria e cheguei a salvo a Banff muito antes do senhor. Eu não podia deixar o burgo enquanto Charles Thom estivesse preso, pois poderiam matá-lo antes que eu retornasse, então pedi que o notário o vigiasse. Depois que o professor de música foi solto e ficou sob a proteção do médico, pude vigiá-lo.

Teve outra crise de tosse convulsiva e, desta vez, resolveu se sentar. Aceitou um copo d'água e se virou para o notário. — A propósito, onde está o médico?

— Ele foi avisado, deve chegar em uma hora.

— Onde estamos? — Eu ainda não descobrira onde estávamos, sabia somente que não era em Banff.

— Inchdrewer, estamos em Inchdrewer. — O majestoso castelo dos Ogilvies, a uns seis quilômetros de Banff, de onde se via toda a região em volta. Ao ouvir aquele nome, lembrei-me de que em criança esse lugar me aterrorizava, achava que ali viviam os ogros das histórias da minha mãe. O notário continuou. — O delegado e eu achamos mais seguro trazê-lo para cá, para fora da cidade, ao menos até o promotor chegar. O médico foi contra, mas o burgo não

era seguro. Ele queria vir com você, mas ainda teme pela segurança do professor de música, então concordou em permanecer na cidade.

— E Ishbel?

— A moça está segura. E intacta — respondeu o delegado. — E George Burnett nunca mais encostará a mão em uma moça do burgo. O novo conselho e o novo intendente não tolerarão que um homem como ele viva em Banff.

— Novo conselho? — As eleições para o conselho seriam somente em novembro, no festival de S. Martinho, como em todos os anos.

O delegado respondeu.

— Metade dos membros do atual conselho está na cadeia ou na masmorra do senhor de Banff. E o intendente fugiu. Assim que o promotor retornar, um novo conselho e um novo intendente serão eleitos. Um bom magistrado governará a cidade e os dias de Babilônia acabarão. — Mas não se tratava do triunfo de um homem sobre um inimigo antigo, de William Buchan sobre Walter Watt. O delegado olhou para o notário e logo percebi que seria ele o novo intendente de Banff. — Que seja feita a vontade de Deus — disse ele, baixando a cabeça.

Em meio ao silêncio, ouvimos um estrondo e o som de cavalos. Thomas Stewart correu para bloquear a porta e ouviu os gritos dos guardas no castelo. O delegado não se esquivou, e eu, com a cabeça latejando a cada batida do coração, pensei imediatamente em Walter Watt. Quem sabe se ele não fora buscar reforços? Quem acreditaria em um professor caído em desgraça e em um delegado amargo, conhecido por se opor durante anos ao intendente de Banff, um homem honrado, franco e rico? Os cavalos chegavam mais perto, os gritos se tornavam mais insistentes e minha imaginação corria por caminhos que eu nunca vira. Seria Walter Watt um homem de Huntly? Os mapas de Patrick Davidson... Seu tio o teria convocado para Banff? O que haveria nas cartas para Straloch? E para

Jamesone? Não, George Jamesone me disse algo que eu sabia ser verdade: não era uma questão de espiões, mapas e tramas papistas; era um marido, sua esposa, um jovem e algumas flores. E pela boca das prostitutas de Banff, que acharam ter ouvido “James e as flores”, Patrick Davidson esclarecera tudo, desde o início, para mim. Minha apreensão desapareceu quando ouvi a voz de James Jaffray fora dos muros do castelo. Thomas Stewart foi encontrá-lo.

— Ele ainda está vivo? Está vivo?

O notário procurou acalmar o doutor.

— Ele está bem, doutor, está falando e compreendendo tudo, e tomou um pouco de água. Está vivo.

— Que Deus seja louvado! Eu não deveria ter permitido que ele fizesse essa viagem!

O delegado se levantou, respirando com dificuldade.

— Não havia escolha, Jaffray. Na confusão da noite de ontem, tivemos de trazê-lo para um lugar seguro.

O doutor não deu atenção ao delegado e se aproximou da minha cama. A tensão de seu rosto desapareceu.

— Então, Alexander Seaton, você levou uma pedrada na cabeça! Roubando maçãs do jardim na sua idade!

A risada fez minha cabeça doer.

— Não há maçãs para colher em abril, doutor. Não lhe ensinaram nada de útil na escola de medicina?

— Muito pouco, muito pouco... — respondeu ele, sorrindo. Tirou com cuidado os cabelos da minha testa. Algumas mechas estavam grudadas no sangue coagulado e eu estremeci quando ele as soltou.

— Esses cabelos deviam ter sido cortados antes de eu limpar e suturar sua cabeça... Está na hora da cidade ter um novo médico; um velho bêbado trabalhando com uma agulha à luz de vela! Você podia ter perdido um olho... E você, William Buchan, devia ter me mandado para a cadeia há muito tempo e ter colocado um médico jovem, sóbrio e decente em meu lugar.

O delegado riu novamente.

— Não há ninguém que possa tomar seu lugar, James Jaffray. Que Deus, que o mandou de volta para nós, preserve-o por muito tempo.

— Amém — eu disse.

Os olhos do médico se encheram de lágrimas e ele virou o rosto.

— Bem, você sobreviverá. Talvez uma pedrada na cabeça lhe dê algum juízo, porque nada mais funcionou.

Eu estremei.

— Levei muitas pancadas na cabeça, mas nenhuma com tais consequências: estou me sentindo muito pior do que na manhã seguinte a uma bebedeira. E sei que bebi muito pouco na noite passada.

Jaffray examinou-me, sério.

— Bebeu o suficiente, com uns goles a mais teria morrido.

Eu ri alto apesar da dor que sentia.

— Doutor, tomei apenas duas taças de vinho e uma delas caiu quase toda no chão. Já bebi muito mais com você antes de um jantar.

— Deveria agradecer a Deus por terem derramado seu vinho, Alexander, pois havia resíduos de veneno na taça quando o notário a apanhou do chão.

Olhei para Thomas Stewart.

— Eu estava atrás de você; vi uma mão lhe passando a taça e você a derrubando. Eu deveria estar mais atento aos seus movimentos, mas me distraí com a briga durante a dança. Quem achava que Charles Thom era incapaz de matar alguém, nunca o viu como na noite passada: foram necessários quatro homens para arrancá-lo da garganta de George Burnett. Quando a comoção terminou, você havia desaparecido. O delegado me mandou ficar no velório e saiu para procurá-lo. Tínhamos medo de que sua vida estivesse em perigo.

— E estavam certos — disse o médico. — Havia alta concentração de beladona na taça.

— Beladona? — perguntei.

— Sim, beladona. Posso ver nos seus olhos, suas pupilas estão dilatadas. Ele quis ter certeza de que você nãoalaria antes de matá-lo. Está com sede, Alexander?

— Muita!

— E do que se lembra depois que saiu do velório?

Fechei os olhos e tentei recordar. Lampejos vieram à minha cabeça, junto com uma sensação de apreensão, somente isso. Tentei novamente e, desta vez, a apreensão foi substituída por medo. Olhei para o médico e engoli em seco.

— Não há clareza nas minhas lembranças, mas creio que eu estava no cemitério da igreja. — Hesitei sem saber como o delegado reagiria ao que eu precisava dizer.

— Continue — falou Jaffray.

Olhei para o delegado por um instante.

— Creio que vi os mortos andando. — Eu esperava uma reação estrondosa, acusações de blasfêmia, de bruxaria, de associação com espíritos, mas William Buchan simplesmente olhou para o médico e ele balançou a cabeça.

— Visões, você teve visões. A beladona provoca alucinações. É o que as bruxas usam para entrar em suas orgias com os mortos e voar até Satã. Foi uma sorte, para sua cabeça e para sua alma, o delegado tê-lo encontrado.

— E para meu corpo... — acrescentei. — Não creio que o intendente me deixaria vivo para contar a história.

— Nem eu — disse Jaffray. Murmurou algo para o notário, que mandou um dos guardas descer a escada. O delegado, o médico e o notário discutiam e por um instante me deixaram de lado. Tentei ouvir o que diziam, mas entendi muito pouco. William Buchan pediu notícias do intendente a Jaffray, mas somente o ouvi dizer

“Carnousie”. Carnousie era mais perto de Turriff do que Banff, porém longe do mar. E, se ele quisesse fugir, deveria ter seguido por mar. Algumas outras instruções foram dadas no castelo e a atenção se voltou mais uma vez para mim.

— Sr. Seaton — disse o delegado —, duvido que Jaffray permita que o senhor saia daqui por alguns dias...

— Não permito mesmo! — interrompeu Jaffray num tom enfático.

— ... e o notário e eu não podemos ficar mais tempo longe de Banff, há muito a fazer. Antes de partirmos, porém, preciso saber algumas coisas.

— Por exemplo?

Ele me encarou por um momento, mal movendo a boca.

— Por exemplo, o que o senhor dizia ao notário quando cheguei.

Minha cabeça latejava ainda mais e tentei lembrar do que ele se referia. Olhei para Thomas Stewart, como que pedindo ajuda, e ele pegou um papel na prateleira e começou a ler. Nos meus primeiros momentos de semiconsciência, não notei que ele escrevia.

— Quando lhe perguntei como soube, você disse que Patrick Davidson lhe contara.

Então me lembrei.

Um homem morto falou comigo e eu escutei, eu o ouvi e finalmente compreendi o que não compreendera enquanto ele vivia. Expliquei isso a eles e, enquanto eu falava, o notário escrevia. Contei, envergonhado, mas com honestidade, da minha visão pouco nítida das prostitutas e de Patrick Davidson na sarjeta na noite de seu assassinato. Contei também que vira Janet Dawson ser expulsa do burgo ao ritmo do tambor e das palavras que ela me dissera, desesperada, antes de partir, as últimas que ouvira na noite da tempestade dos lábios de um homem que vomitava e morria: “James e as flores.” Mas não foram essas as palavras de Patrick Davidson, e sim “Jamesone e as flores”. George Jamesone e as flores — a

colchicum mortis — caindo das mãos abertas da tia de Patrick Davidson, morta oito anos antes. Quando finalmente entendi, no velório, as palavras do pintor voltaram à minha cabeça: “Você olha, mas não vê.” No dia em que estive no grande hall da casa do intendente, o corpo de Patrick Davidson sobre a mesa a meu lado, vi um quadro na parede. Era o retrato de um homem e de uma mulher, um homem altivo com sua esposa pálida e triste, e flores caindo das mãos dela, amassadas e sem vida. Representavam os filhos perdidos, cada um deles uma promessa perfeita de beleza e esperança que fugiu dela. Ao redor do casal, entre seus bens, realizações e aspirações, escondido em um canto escuro, quase imperceptível, havia um alaúde com uma corda quebrada. Desarmonia, um amor desgastado e extinto, que o pintor realmente percebeu e interpretou. O retrato foi terminado poucas semanas antes da morte de Helen Black, a primeira esposa de Walter Watt e tia de Patrick Davidson. A tia querida, que tinha sido quase uma mãe para ele.

O rapaz infeliz partiu então para estudar fora e prosperou no mundo. E, naquele mundo, apaixonou-se por botânica, influenciado pelas conversas, na casa de seu tio Walter Watt, com James Cargill, o médico e grande botânico. O intendente nos contou isso. O rapaz viajou, mas sua árida carreira de advogado — na qual faltavam a vida, o sol, a água, o ar, a cor, a textura e a fragrância dos quais tanto gostava — foi aos poucos deixada de lado e ele passou a se interessar cada vez mais pelo mundo da ciência, da medicina e, acima de tudo, das plantas. Patrick Davidson sentiu seu chamado para a arte da botânica. E que lugar melhor para um aprendiz do que aquele em que passara uma infância feliz, onde se encantara pela primeira vez com as pequenas perfeições da criação de Deus? Voltou, portanto, para Banff e foi acolhido pelo intendente como um filho, passando a pertencer a uma nova família. Sentou-se uma noite para jantar com o tio no grande hall e seus olhos pousaram por um instante no rosto da querida tia. Depois olhou para suas mãos, para sua saia e para o

chão, e viu o que não deveria ter visto, que não deveria estar naquela pintura, naquela cidade, naquela terra. As flores cujo único uso, por mais lindas que fossem, eram a morte, a morte de sua tia. Recusou-se a fazer essa associação, não quis ver, até ir com Marion Arbuthnott a Darkwater.

— E o que ele descobriu? O que o senhor descobriu? — perguntou o delegado com a voz estranha.

Ele conhecia a resposta, mas preferiria não saber.

Não precisei contar sobre a gravidez de Marion; se não sabiam, não mais lhes diria respeito. A imagem da minha mãe veio à minha cabeça, mas eu a afastei.

— Ele descobriu que sua tia Helen, em desespero, fora ver a curandeira depois de tudo o que Jaffray... — olhei para o médico e ele fez um sinal para que eu continuasse — ... o que Jaffray e outros médicos fizeram para que ela tivesse um filho, para que seu filho nascesse.

— Muitas outras mulheres fizeram o mesmo — disse o médico em voz baixa. — Quis que Deus me permitisse fazer isso, ainda que nada mais.

A esperada reprovação do delegado não veio; ele simplesmente pediu que eu continuasse. Ainda não chegáramos ao ponto crucial.

— Patrick Davidson descobriu também que há oito anos Helen Black quase perdera o juízo por causa de tanta tristeza e de tanto medo.

O notário parou de escrever.

— Quer dizer que ela tirou a própria vida?

Abri a boca para responder, mas o delegado falou antes de mim, como se falasse para si mesmo.

— Não, jamais, a vida lhe foi tirada.

Thomas Stewart nos olhou.

— A velha lhe disse isso?

Tentei negar com a cabeça, mas a dor me fez parar.

— Não, ela não disse... Mas acredito, estou quase certo de que, ao saber do medo e do desespero de sua tia antes de morrer, quando o retrato com as flores foi pintado, Patrick Davidson se convenceu de que ela fora envenenada.

O notário se virou para Jaffray.

— Doutor, como ela morreu?

Nos olhos de Jaffray estava a imagem que vira oito anos atrás, e depois duas semanas e quatro dias atrás. Ele respondeu com determinação conforme essa imagem lhe mostrava a verdade.

— Ela morreu rapidamente, em agonia, depois de vômitos violentos que lhe tiraram todas as forças. Foi isso o que me explicaram, pois cheguei tarde demais.

— Você não estava lá? — perguntei.

Ele fechou os olhos ao responder e compreender algo mais.

— Era verão e eu tinha ido visitar Glenlivet, nas montanhas. Demorei mais do que planejava porque ao retornar fui interceptado, a uns 30 quilômetros de casa, por Lang Geordie e seus companheiros, que imploraram para que eu tratasse dos seus doentes, que eram muitos, antes de voltar ao burgo. Naquela época, eles não tinham permissão para ir à cidade, então fiquei dois dias com eles. — Jaffray baixou a voz e falou quase que consigo mesmo. — Foi a única vez em que vi Walter Watt perturbado, com exceção da morte do sobrinho há duas semanas, mas pensei que fosse de tristeza. — Sentou-se na cabeceira da mesa, com a cabeça entre as mãos, e não consegui levantar o braço para consolá-lo.

— Ele se aproveitou de sua bondade, doutor. Lembre-se do bem que o senhor fez, não do mal fora de seu alcance.

Jaffray olhou para o delegado, cansado.

— E você não passou a vida lutando contra o mal, William Buchan?

— É o meu chamado — respondeu ele com simplicidade.

O notário pôs o caderno de lado.

— Há algo que não compreendo... Você nos diz, se entendi bem, que Walter Watt assassinou a primeira esposa, envenenando-a, e, quando seu sobrinho descobriu e o enfrentou, envenenou-o também?

— Sim — respondi —, acredito que sim.

— Mas ele amava Helen! Ainda chora por ela; eu o peguei desprevenido algumas vezes. Não posso acreditar que a tenha matado! Por que faria algo assim? Como sua tristeza pela perda dos bebês está relacionada a isso?

Fez-se silêncio na sala. Eu era capaz de imaginar a resposta, assim como os outros dois, e ela era fria, dura e envolveria problemas antigos. Não cabia a mim responder.

— Ele a matou — disse o delegado — porque ela não podia lhe dar filhos. E quando Helen percebeu o que ele faria, nos seus últimos meses de vida, ficou aterrorizada. — Sua voz sumia aos poucos. — Ele a matou porque não a amava o suficiente. — O silêncio era absoluto. As palavras do delegado o levaram a um tempo e a um lugar no passado, a um amor morto há muito tempo. Sua cabeça pendeu para a frente e os ombros subiram na sua luta para respirar. O médico se ajoelhou perto dele e tomou seu pulso. Nesse momento, soube quem era H.B. naquele lindo quadro na parede da sua sala, bordado há tantos anos. Como fui estúpido a ponto de não ter percebido isso antes?

O som de cavalos e rodas na estrada esburacada quebrou a conversa. Quando os cavalos chegaram ao pátio, uma voz chamou o médico. Depois de se assegurar de que o delegado respirava melhor, ele saiu para atender o novo paciente. Observei, em sigilo, William Buchan, tentando imaginar no que estaria pensando. Thomas Stewart puxou uma cadeira para perto da minha cama e falou em voz baixa.

— Fale mais das flores que mencionou antes e de como elas revelaram a Patrick Davidson o crime do tio.

Tentei me recostar para respirar melhor e falar.

— Lembra-se do quadro de Walter Watt e Helen no grande hall da casa?

O notário confirmou.

— Vi esse quadro muitas vezes, mas nunca me ative aos detalhes. Naquela pintura, Helen está segurando flores, um símbolo de sua esperança de ter filhos, mas elas caem de sua mão e muitas ficam amassadas no chão.

— Os bebês que ela perdeu — disse o notário.

— Sim, Jamesone me contou isso, mas não entendi. Essas flores não crescem, ou não cresciam, em nossa região. O senhor de Banff trouxe alguns espécimes de suas viagens ao exterior e as plantas não vingaram; somente Walter Watt conseguiu cultivá-las. E ele sabia, provavelmente pelas conversas com James Cargill, que eram plantas altamente letais. Creio que as plantou porque são flores muito bonitas e, por isso, aparecem no quadro. No entanto, quando não aguentou mais a tensão dos repetidos abortos da esposa, quando percebeu que aquela mulher que amava tanto, segundo diziam, não lhe daria um herdeiro, pegou as raízes da planta e envenenou Helen. A verdade foi descoberta quando alguém, enfim, olhou para o quadro e percebeu as flores no chão.

— Seu sobrinho — disse o notário, compreendendo. — E Walter Watt nunca pensou em retirar o quadro dali? Não pensou que talvez um dia descobrissem? Que arrogância monstruosa a desse homem!

— Monstruosa, sim, mas creio que ainda amava a esposa. Quando olhava para o quadro, via apenas aquele rosto querido, como ocorreu com Patrick Davidson ao ver a imagem da tia pela primeira vez. Ao voltar de Darkwater, contudo, pensou nas palavras da curandeira e questionou o estado de espírito da tia antes de morrer. Examinou melhor o quadro, pintado em suas últimas

semanas de vida, e percebeu as flores. Imagino que tenha enfrentado o tio e exposto suas suspeitas, mas não sei se pretendia fazer algo a respeito. Talvez nem ele soubesse, e acabou morrendo exatamente como a tia.

Thomas Stewart continuou a me questionar:

— Como você acha que tudo aconteceu?

— Não sei... — respondi.

— Talvez outra pessoa saiba — murmurou o delegado, prestando atenção às perguntas —, mas não importa. Continue, Sr. Seaton.

Thomas Stewart ajudou-me a beber mais um gole da água.

— Não sei se tenho algo mais a dizer — falei.

O notário queria mais.

— Você acha que Patrick Davidson contou o que sabia a Marion Arbuthnott? — Seu pensamento era lógico, era o que Marion temia e o que Charles Thom logo compreendeu: quem conhecesse a verdade seria morto.

— Não — eu disse —, tenho certeza que não.

— Por quê? — perguntou o notário.

— Porque ela não continuaria sua busca se ele tivesse contado.

O delegado me interrompeu, levantando-se e andando pela sala.

— Não precisaria continuar sua busca se soubesse a verdade.

Era exatamente o que eu pensava.

— Por isso ela voltou à curandeira de Darkwater depois que ele morreu — disse eu —, porque ainda não sabia. A velha me contou que Marion voltou à caverna perguntando sobre a *colchicum mortis* e que ela lhe explicou tudo sobre a flor que Marion vira pintada em vários quadros da casa de Geleis Guild. Se está morta, certamente também interpelou o intendente.

Mais uma vez o delegado me interrompeu.

— Creio que não... Assim que ela voltou de Darkwater, logo após o meio-dia, pediu ao pai para me avisar que queria me ver. O conselho se reuniu em caráter de emergência para discutir a defesa

do burgo no caso de um ataque estrangeiro. A reunião foi realizada em sigilo total, e o policial de guarda foi avisado que ninguém deveria ser incomodado. Eram quase 17h quando terminamos a reunião, e eu — como fui tolo! —, em vez de ir imediatamente à casa do boticário, fiz minha inspeção diária na cadeia da torre. — Ao falar, rememorava a cena. — Quando cheguei à casa de Arbuthnott, a moça não estava. A mãe disse que ela parecia perturbada e tinha saído para encontrar Geleis Guild. Ao voltar, ainda mais perturbada, disse que precisava me ver. Pouco depois das 16h, um mensageiro da casa do intendente pediu que ela voltasse lá com urgência. Marion partiu imediatamente e a mãe nunca mais a viu com vida. Marion foi encontrada duas horas depois, por Geleis Guild, no jardim do castelo. Morta.

Vieram à minha cabeça as imagens daquela jovem encarando as ondas do alto do Elf Kirk, cantando para as crianças de Geleis Guild no jardim da casa, e sendo queimada em uma fogueira na praça do mercado de Banff. Por fim as imagens se misturaram, terrivelmente, à lembrança indelével de Patrick Davidson, com grama na mão e na boca, esparramado na minha mesa de trabalho sobre uma poça de seu vômito.

Algo estava errado nessa história.

— Foi Geleis Guild quem a encontrou? — perguntei.

— Sim — disse o notário —, ela e as crianças.

E as crianças. Ela não teria levado as crianças ao jardim se soubesse o que seria descoberto. E por que somente na noite passada, no velório, pediu-me para continuar minhas buscas?

O delegado interrompeu meus pensamentos.

— Está intrigado com algo, Sr. Seaton?

— Sim, com o comportamento de Geleis Guild. Ela está perturbada, mas talvez tenha ajudado o marido nesse crime.

— Por que pensa assim? — perguntou o delegado.

Subitamente tudo se esclareceu para mim.

— Porque não vejo como o intendente poderia matar Marion Arbuthnott se estava com o senhor em uma reunião na Câmara.

Então o delegado explicou.

— Walter Watt não estava lá... Nossa descoberta sobre as atividades do sobrinho dele causaram alarme entre os que sabiam do assunto, e todos preferiram fazer uma reunião secreta, sem o intendente, até conhecermos claramente as atividades e os contatos de Patrick Davidson. Walter Watt não estava no conselho da Câmara quando Marion Arbuthnott morreu. A julgar pela atitude da esposa nos últimos dias, é pouco provável que ela seja cúmplice do marido.

Ouviu-se uma voz suave na porta.

— O senhor está enganado, delegado, está enganado. — Era Geleis Guild, como um espectro de outro mundo, de uma palidez total, olhos avermelhados e cabelos soltos sobre os ombros. Mais morta do que viva, mal podia se aguentar em pé e seus pulsos estavam cobertos de bandagens que o médico colocara horas atrás, como eu soube mais tarde, num esforço desesperado para estancar o ferimento que ela se infligira.

Jaffray vinha atrás.

— Sente-se, minha querida, você ainda não pode ficar em pé.

— Pouco importa — disse ela, mas fez o que o médico mandou.

O delegado a observava com cuidado e uma estranha curiosidade.

— Não posso imaginar, senhora, não posso acreditar! A senhora quer realmente que acreditemos que foi voluntariamente cúmplice dos crimes de seu marido?

— Voluntariamente, não. Isso nunca! — disse ela.

Pensei que havia enfim compreendido.

— Nem conscientemente? — perguntei.

Ela me olhou com um desespero terrível em seu rosto e tentou falar, mas parou sem saber o que dizer.

— Sabia o que seu marido planejava? — perguntou o delegado.

Ela negou com a cabeça.

— De início, não, de forma alguma. Soube quando Marion me contou. — Olhou para os pulsos e começou a mexer nas bandagens, falando quase que para si. — Eu deveria ter percebido há muito tempo, deveria ter imaginado. — Parou de falar por um instante perdida em pensamentos, e depois voltou ao presente. — Eu era uma menina quando Helen morreu. Na verdade, lembro-me muito pouco dela. Era casada com um dos magistrados que meu irmão, Robert, bajulava. Via-se que Walter seria um homem importante. Meu irmão tinha esperança de que eu causasse boa impressão a Helen, me tornasse sua acompanhante, ajudando-a com seus futuros filhos, que fosse para ela o que Marion era para mim. Mas Helen tinha suas amigas, mulheres mais velhas, como sua mãe — disse olhando para mim, tentando exprimir bondade. — Mas seus filhos não chegaram a nascer... Não havia de quem cuidar. — Parou de falar e de mexer nas bandagens. — Quando ela morreu, meu irmão demonstrou um sofrimento profundo, que eu sabia ser falso. Achou que seria eternamente requisitado na casa de Walter Watt, mas eu sabia que ele era desprezado por homens honrados e inteligentes, entre eles Walter Watt. Recebíamos, porém, convites frequentes do magistrado e logo percebi que era a minha companhia que ele desejava, não a de meu irmão. Eu não entendia, pois ele sofria muito a perda da esposa a quem amava profundamente; falava pouco dela, mas tinha os olhos sempre fixos em seu rosto. Eu ainda não completara 17 anos quando Robert e ele acertaram nosso casamento, com o intuito de eu tomar o lugar de Helen. — Ela riu de forma seca. — Que ironia! Tomar o lugar de Helen? Ele era bom para mim, não posso negar... Tinha prazer em estar comigo e eu cheguei a amá-lo intensamente, mas, a cada filho que nascia, eu sabia que jamais

tomaria o lugar de Helen. O tempo passou, graças a Deus nossa família floresceu e Walter se tornou cada vez mais importante no burgo. Nunca conheci alguém tão abençoado, mas havia um vazio dentro dele preenchido apenas quando olhava para o quadro de Helen. Pensei que ela o assombrasse, talvez fosse verdade, e a lembrança dela o atormentava.

— E todo esse tempo nunca teve suspeitas?

— Não, até Patrick voltar a Banff. Devo confessar — pela primeira vez se permitiu um sorriso verdadeiro — que isso me deixou um pouco ansiosa. Ele nos visitou uma vez e ficou alguns dias antes de partir para o continente, mas desta vez viria morar conosco. Durante anos ouvi elogios àquele rapaz, ao homem que ele seria. Para Walter, Patrick era como um filho. Disse-me sem pensar — era sempre cuidadoso para não me magoar — que se Helen lhe tivesse dado um filho como ele, nada mais pediria da vida. Sentiu uma felicidade que eu raramente via nele quando soube que Patrick voltava para casa. Arbuthnott não sabia como tratar o rapaz, mas claramente se sentia honrado em recebê-lo como aprendiz.

— E como era o relacionamento de Patrick com o tio?

Seus olhos iluminaram-se quando ela respondeu ao delegado.

— Era maravilhoso, como pai e filho, eu não conseguia sequer sentir ciúme. Walter ficou muito feliz e orgulhoso ao apresentar seus filhos a Patrick, que se tornou um irmão para eles. Poucas vezes conheci um rapaz tão bom e tão amoroso quanto ele e soube, por Walter e por Arbuthnott — e também por Marion —, que era igualmente talentoso. Eu nunca vira meu marido em tanta paz. Quando Patrick e Marion se aproximaram, fiquei muito contente, havia uma felicidade verdadeira em nossa casa. Foi nosso tempo de felicidade verdadeira.

Eu conhecia essa sensação.

— E então? — perguntei.

Ela me encarou e falou bruscamente:

— Então, veio o fim. Patrick estava convidado para jantar com Walter e o doutor, que acabara de chegar de Edimburgo e estava ansioso para encontrá-lo. — Jaffray deve ter insistido para ser convidado. — Patrick tinha ido com Marion a Sandend, depois a Findlater e a Darkwater, para colher plantas, como me dissera, e nem retornou à casa do boticário, foi direto para nossa casa. Estava transtornado, agitado e nervoso, não parecia o rapaz calmo que sempre foi, e insistiu em falar com Walter a sós, antes que o doutor chegasse. Sugeri que ele descansasse um pouco ou bebesse algo enquanto esperava, mas ele não quis, apenas olhava fixamente para o quadro de Walter e Helen.

— E eles conversaram a sós? — perguntei.

— Sim, conversaram. Não ouvi nada — eu estava na cozinha —, mas em pouco tempo a conversa terminou e Patrick partiu. Walter parecia doente e abalado, teria cancelado a visita do doutor se pudesse. Não me disse qual era o problema com Patrick nem por que ele partira. Explicou apenas que o sobrinho estava transtornado, mas que ele conseguira acalmá-lo e no dia seguinte conversariam novamente.

— E foi essa a última vez em que você viu Patrick Davidson? — perguntou o delegado, observando-a atentamente.

Ela olhou mais uma vez para as mãos e depois para William Buchan.

— Não, não foi.

— Ele voltou a sua casa?

— Creio que sim... Isto é — ela hesitou sem saber como continuar —, não o vi entrar, mas vi quando saiu.

— Quando foi isso? — perguntou o delegado.

Ela sacudiu a cabeça e começou a chorar.

— Na noite da tempestade, não foi? — perguntei.

Ela assentiu e voltou a chorar incontrolavelmente.

— Eu mal vira Walter naquele dia. Ele passou a manhã no escritório e à tarde ficou andando pelas ruas da cidade. Estava encharcado e enlameado quando voltou para casa e disse que não queria jantar nem ser interrompido, mas sei que foi à cozinha, onde eu deixara um ensopado no fogo. As crianças deram muito trabalho naquela noite, com medo da tempestade, e eu, preocupada com Walter, trabalhei em um bordado enquanto esperava que ele aparecesse. Pouco antes das 22h, estava exausta e resolvi ir para o quarto sem vê-lo. Enquanto subia a escada, vi um vulto encapuzado sair do escritório de Walter e deixar a casa pela porta lateral, que leva a Water Path, e, pela estatura e pelo andar, achei que era Patrick. Ansiosa para saber o que acontecera entre os dois, joguei uma capa nos ombros e fui atrás dele, sem levar ao menos uma lamparina. Não imaginei que a tempestade estivesse tão ruim e foi difícil segui-lo pelas ruas alagadas que se tornaram verdadeiros rios. Mantive certa distância e notei que ele começou a tropeçar, a cair, a se segurar nas paredes e nas árvores, tentando se equilibrar. Sabia que ele não estava bêbado, pois caminhava normalmente quando saiu da nossa casa. Corri para ajudá-lo e então vi... — Parou de falar e mordeu o lábio.

— E então me viu, certo?

— Sim, Sr. Seaton — respondeu ela com calma. — Achei que o senhor o ajudaria, mas...

— Mas eu não ajudei. — Sentia os olhos do delegado e do notário em mim, mas não consegui olhar para eles.

O raciocínio do delegado foi ágil.

— Então a senhora o ajudou a chegar à escola, esperando que a Sra. Youngson ouvisse o barulho e aparecesse?

— Não — disse ela, levantando os olhos, entre surpresa e temerosa. — Se eu tivesse chegado a ele, teria levado para a casa do boticário, do médico ou para a casa da escola, e teria pedido ajuda a alguém, gritado, implorado.

— Mas não chegou a ele? — perguntou o delegado.

— Não, não pude. Depois que o Sr. Seaton passou, vi duas pessoas virem do jardim da igreja e elas me viram.

— As irmãs Dawson — falei.

Ela concordou.

— Depois que o senhor virou na entrada da escola, elas se aproximaram dele. Levantaram-no e o arrastaram pelo mesmo caminho e, em poucos minutos, perdi-as de vista; esperei, pensando que chamariam o senhor. Quando voltaram, uma delas olhou para onde eu estava e se virou novamente antes de dobrar a esquina, como que dizendo que estava tudo bem, que eu podia ir embora. Então voltei para casa.

Afundou a cabeça nas mãos e percebi que, por duas semanas, outra pessoa carregara a mesma culpa que eu.

— Você não podia ter feito muito — falei. — Não poderia saber que elas não tinham me chamado, não foi sua culpa. — Minhas palavras não a consolaram muito.

O delegado silenciou, mas havia muitas perguntas a serem respondidas e cada minuto que se passava era um a mais para Walter Watt prosseguir em sua fuga.

— Ainda assim — recomeçou ele —, não suspeitou de seu marido? Mesmo quando soube que Patrick Davidson morrera?

Ela sacudiu a cabeça com um ar ausente, mostrando o rosto vermelho e inchado.

— Fiquei muito assustada quando nos avisaram, na manhã seguinte, que Patrick estava morto, e com medo de que sua visita a Walter tivesse alguma relação com a morte. Mas, ao ver o desespero de Walter quando recebeu a terrível notícia, não pude acreditar que ele tivesse participação nisso. E percebi muito bem que ele não queria conversar comigo sobre o assunto.

Lembrei-me que Walter Watt afastara a esposa de nós na manhã em que levamos o corpo de Patrick Davidson para sua casa e que

insistira em dizer que eu teria estado com seu sobrinho na noite anterior. Depois que Charles Thom foi preso como suspeito do crime, ele parou de sugerir que era eu o culpado.

— Contou a ele o que viu e que foi vista, não é? E disse que me viu?

Ela me olhou, um tanto confusa.

— Sim... contei.

Sem intenção, inadvertidamente, ela causou a expulsão de Janet e Mary de Banff. Mary foi avisada pelos homens do intendente a não mais pôr os pés na Escócia. E teria causado meu enforcamento se não fosse a má sorte de Charles Thom: eu estava destinado a ser o bode expiatório de seu marido. Mas por que ele confiou em mim e me encarregou de levar os mapas? Percebi, então, que meu orgulho me armara uma cilada: quando ele percebeu que os papéis encontrados no quarto do sobrinho não o incriminariam, os mapas não lhe importaram mais. Certamente meu encontro com Janet Dawson nos limites do burgo chegara a seus ouvidos, portanto só posso concluir que não fui encarregado de uma missão oficial, o intendente queria apenas se livrar de mim.

O delegado provavelmente vira muitas mulheres chorando copiosamente e fingindo não saber das atividades do marido. Além disso, talvez sua antipatia pelo reverendo Guild se estendesse à irmã dele. Sem demonstrar pena, continuou a interrogar Geleis Guild.

— A senhora tem conhecimento de flores, de botânica?

— Não, não mais do que aquelas usadas nas doenças infantis.

Marion entendia disso e eu não precisava me preocupar.

— E seu marido tinha conhecimentos nessa área? — insistiu ele.

Ela negou lentamente.

— Não que eu saiba. Nunca, em todo o tempo em que o conheci, ele mostrou interesse em plantas. O jardim da casa onde ele morou com Helen era maravilhoso, mas depois que ela morreu foi esquecido, e o zelador passou a plantar apenas ervas para uso

culinário. Parecia não se importar que o Éden de Helen fosse destruído para a construção da nova residência de meu irmão.

— O Éden de Helen foi destruído há muito tempo, senhora, e a serpente foi ele.

Geleis Guild não pôde responder às palavras do delegado, simplesmente mordeu o lábio e disse:

— Só quando Patrick voltou e eles rememoraram os velhos tempos é que soube que Walter gostava tanto de plantas, mas não dei muita atenção ao assunto. Achei que seu interesse estava ligado a Helen e que ele não dividiria isso com ninguém.

— Realmente estava, pois foi com elas que ele a matou. As flores que levaram Helen, seu sobrinho e Marion Arbuthnott à morte ainda crescem no jardim daquela casa.

— Mas Walter doou a casa e o terreno à igreja, a meu irmão e a outros ministros que viessem depois. Era seu desejo que a terra fosse preparada o mais cedo possível para a construção da nova residência. Ele supervisionava frequentemente as obras e ficou muito frustrado com os atrasos causados pelas penitências de George Burnett em consequência da fornicação com aquela criada.

“Aquela criada”! Como se ela não tivesse nome! Se Geleis Guild estivesse no lugar de Sarah Forbes, o que faria? Seria menos digna, disse a mim mesmo, e não se recuperaria.

O delegado falou friamente.

— Ele queria que a prova de seu crime fosse destruída antes que o sobrinho voltasse a Banff, mas não teve coragem de destruir o jardim com as próprias mãos, poderia precisar dele mais uma vez. Creio que desejava que decidissem por ele, então manteve as flores e as usou para matar Patrick Davidson e Marion Arbuthnott.

— Não me entenda mal, delegado — disse ela, sentindo-se forte subitamente. — Não duvido que ele tenha matado os três, mas não consigo compreender... ele amava Helen... certamente ainda ama e Patrick também.

— Mas, para alguns homens — respondeu ele, olhando para mim —, a ambição preenche o vazio deixado por um grande amor. Ele não a amava verdadeiramente.

Geleis não entendeu exatamente o que o delegado quis dizer e sua fraqueza se tornou mais evidente. O médico ficou calado o quanto pôde, mas a certa altura falou.

— Preciso levar essa moça para descansar, delegado. Pode voltar a interrogá-la amanhã.

O delegado concordou, mas continuou a falar:

— Mais uma coisa: quando a senhora finalmente compreendeu o que seu marido fazia e o que tinha feito?

Ela estava em pé, apoiada no braço do médico.

— Quando Marion veio a mim e contou o que sabia. Ela quis me avisar, pedir que eu tirasse as crianças dali, mas eu não acreditei e contei tudo a Walter, que me pediu para chamá-la novamente para tranquilizá-la. Fiquei comovida — ela sorriu amargamente — com preocupação dele com Marion. Ela parecia realmente doente. Quando ela chegou, ele foi buscar uma sopa para ela na cozinha e tentou acalmá-la com uma voz bondosa e gentil. Disse que a levaria para casa, mas antes eu deveria “convencê-la a comer algo”. Foi o que fiz e, com isso, condenei Marion à morte. — Essas palavras encerraram o interrogatório e Jaffray levou Geleis Guild, entregue ao desespero.

Fiquei sozinho com William Buchan.

— O senhor teve medo de que Marion descobrisse a verdade e a contasse a alguém antes que houvesse uma prova que a protegesse, por isso insistiu tanto em afastá-la de todos.

— Sim — concordou ele —, por ela e pelos outros. Se ela me contasse o que sabia, eu prenderia Walter Watt e ele não teria assassinado outras pessoas.

— Talvez não tenha sido a vontade de Deus — eu disse, não mais constrangido em falar sobre a vontade de Deus com aquele homem

que lutava diariamente para vê-la reconhecida nesta terra.

— Foi o julgamento de Deus a meu respeito, a respeito do meu orgulho e da minha atitude com os outros, que fez com que ela não me contasse tudo. Preciso melhorar, preciso melhorar. — William Buchan, que na noite anterior impedira que Walter Watt me matasse com uma segunda pancada na cabeça, saiu da sala tossindo, sem olhar para trás, deixando-me entregue a meus pensamentos.

Epílogo

Agosto de 1628

William Cargill riu quando tentei me equilibrar no barco.

— Você nunca poderia ser marinheiro ou mercador, Alexander.

— Ninguém mais notou meu desequilíbrio, não interessava aos vigias costeiros que aquele homem de capa preta, de alta cultura, não conseguisse se equilibrar a bordo. O carregamento de barris de salmão para Aberdeen tinha quase terminado e fomos até a proa do barco para sair do caminho dos estivadores e olhar a cidade.

— Não é uma paisagem ruim para um lugar como este.

— Você viajou mais do que eu, William, está mais qualificado para julgar.

— Talvez, talvez — disse ele. — Mas enquanto vejo casas, prédios e cabanas pobres, você vê a história de seus moradores. Vejo os tijolos e a argamassa, você vê a vida.

— E muitas vezes fechei, com prazer, os olhos para essa paisagem.

Olhei na direção de Sandyhill Gate, onde um rolo de fumaça negra subia no ar. O novo intendente e o delegado, com a saúde recuperada depois dos oito anos de grande tensão que quase lhe tiraram a vida, iniciaram uma limpeza geral no burgo: as casas de má reputação estavam sendo queimadas. Poucas pessoas perceberam as chamas, tinha havido muito fogo naquela cidade. Pensei nas crianças tiradas de suas mães e levadas para trabalhar na

limpeza de salmão, tudo a serviço de Deus e da estabilidade do reino.

O último barril foi carregado e restava apenas uma carga para o navio levantar âncora e partir. Observei, com certa aflição, os vigias costeiros passarem cordas em volta da minha grande arca de carvalho e fazerem um sinal para que ela fosse içada através da roldana. Todos os meus livros importantes estavam ali, com anotações antigas, teses e sermões, e a coberta de pele com a qual o médico me cobrira na noite anterior, que passei na casa dele. Na arca menor, estavam minhas duas mudas de roupa, uma capa de inverno, uma coberta de pele antiga e o copo e o prato de estanho que recebi de herança da minha mãe. Eu usava um cinto com uma grande fivela de prata, o último presente do meu pai. Em um embrulho a meus pés, os famosos bolinhos da Sra. Youngson. “Tente se alimentar bem, dizem que a cantina da faculdade tem pouca comida”, ela dissera ao me abraçar, ajeitando a gola do belo terno que eu usara no velório de Marion Arbuthnott, meses antes. “E tente não nos envergonhar. Eu saberei por Elizabeth como você está se comportando”, acrescentou. William garantira à minha antiga senhoria que sua mulher a manteria informada de todos os meus contratempos e más condutas.

No bolso do meu paletó, quando as amarras foram retiradas e o navio finalmente começou a se afastar da doca de Banff, estava a carta, a preciosa carta com o lacre do Marischal College de Aberdeen. Toquei o bolso e senti, pela centésima vez, o pergaminho fino e a cera dura do lacre. A carta tinha sido entregue em Banff por Robert Gordon de Straloch, enviada por seu patrono de Huntly, para assegurar ao novo intendente e ao conselho de Banff sua amizade e boa vontade. E quem ele enviaria nessa missão? Na noite em que passei acordado na casa de Robert Straloch, ele mandara seus homens a Strathbogie para saberem do marquês se ele tinha conhecimento de mapas ou invasões, mas de que valeria a palavra de Huntly? Somente o tempo diria. Os mapas de Patrick Davidson,

embora constituíssem um belo trabalho, foram reduzidos a cinzas. E nunca saberíamos se eram, como insistia Gilbert Grant, a busca inocente de um jovem ansioso para conhecer o mundo ou um talento dado por Deus corrompido e traído em nome dos agentes de Roma. Esses segredos foram levados com ele para o túmulo.

Straloch me procurara em sala de aula, onde eu explicava um texto de Buchanan a meus alunos. Não quis que eu interrompesse minha aula e se sentou quieto no fundo da sala, ora concordando com minhas opiniões, ora prestando atenção a uma pergunta, até os alunos serem liberados para o almoço. A carta que me entregou, porém, não dizia respeito a história, política ou tramas, mas a filosofia, lógica, retórica e matemática.

Em suma, era um convite de Patrick Dun, reitor do Marischal College do novo burgo de Aberdeen, para que eu me submetesse a um exame diante do reitor, dos professores, dos magistrados e dos ministros da nova cidade para o cargo de professor de filosofia naquela faculdade. A carta citava as recomendações do Dr. John Forbes de Corse, do bispo Patrick e do seu pai, e de Robert Gordon de Straloch. No fim da carta, havia uma pequena nota do Dr. Forbes, poucas palavras, que falaram dos Filipenses para a minha alma. *“E tenho plena certeza de que aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo Jesus.”* Enquanto eu lia e relia essas palavras, correntes e amarras se soltavam e caíam a meus pés. Depois que o senhor de Straloch partiu, subi os 37 degraus até meu quarto e rezei como não fazia há quase um ano. Rezei e soube que fui atendido.

Naquela noite, abri meus livros, empoeirados e mofados pela falta de uso, e recomecei a ler. Dois dias depois da vinda de Gordon de Straloch, chegou William Cargill que, em geral, sabia de tudo o que ocorria em Aberdeen antes dos próprios acontecimentos. Tinha tanto medo de que eu ainda estivesse preso a minha autopiedade que não me deixou responder a carta sozinho: veio respondê-la por

mim. Como eu poderia explicar que, antes de quebrar o lacre para ler a carta, sabia que aceitaria esse novo desafio e deixaria aquele lugar sem intenção de retornar?

Charles Thom não veio se despedir. Retomara seu cargo na escola de música e o delegado e seus colegas mantinham sob grande vigilância o jovem regente do coro, depois de aprenderem, finalmente, a olhar além do rosto para conhecer o coração de um homem. Jaffray também não apareceu. Fizera uma despedida para mim na noite anterior, regada ao melhor uísque, insistindo na minha ingratidão ao deixá-lo em uma casa onde sua criada não se importava se ele comia ou não, tamanha era sua animação com o novo morador. Falou também da inconstância das mulheres e da fraqueza dos homens, lamentou a distância entre Banff e Aberdeen e reclamou da minha teimosia em não seguir de navio até a Europa, onde eu poderia ter uma bela carreira. Por fim, disse que não teria tempo de se despedir de mim no cais, pois era um homem muito ocupado e o que era eu para ele além do filho ingrato de um ferreiro honrado e sua linda esposa irlandesa? Então me abraçou e me chamou de filho.

Olhei para o Gallow Hill, onde um mês atrás Walter Watt fora morto. Três dias depois de fugir, ele abandonou seu cavalo e tentou entrar sozinho em Aberdeen à noite, onde foi pego tentando embarcar em um navio cargueiro com destino aos Países Baixos. Ele nunca chegaria ao destino.

Quando olhei, pela última vez, o burgo onde nasci, algo no cais chamou minha atenção. Era uma figura solitária, entre a algazarra do porto, que observou nosso navio até desaparecemos no mar. Ele permaneceu ali, imóvel, na cidade onde nasceu, cresceu e se apaixonou, na cidade onde foi obrigado a se ocultar nas sombras e ver a mulher que amava se casar com um homem mais nobre e mais rico, na cidade onde presenciou seus sofrimentos e suas perdas até vê-la morta pelas mãos do marido, e precisou esperar oito anos para

que a justiça fosse feita. Levantei a mão em um adeus silencioso e finalmente compreendi. Demoraria muito tempo até que eu conhecesse outro homem como o delegado William Buchan.

FIM

Este livro foi composto na tipologia Minion Pro,
em corpo 11,5/15,6, e impresso em papel off-white 80g/m2
no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

Digitalização e correção: Carlos Viana
2020